



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA**

**KLERTIANNY TEIXEIRA DO CARMO**

**JUVENTUDE E ESCOLA: DIÁLOGOS SOBRE A RELAÇÃO COM O SABER E O**  
**PROGRAMA NÚCLEO DE TRABALHO, PESQUISA E PRÁTICAS SOCIAIS**

**FORTALEZA**

**2017**

KLERTIANNY TEIXEIRA DO CARMO

JUVENTUDE E ESCOLA: DIÁLOGOS SOBRE A RELAÇÃO COM O SABER E O  
PROGRAMA NÚCLEO DE TRABALHO, PESQUISA E PRÁTICAS SOCIAIS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação. Área de concentração: Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Eleni Henrique da Silva.

FORTALEZA

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária  
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- C285j Carmo, Klertianny Teixeira do.  
Juventude e escola : diálogos sobre a relação com o saber e o Programa Núcleo de Trabalho, Pesquisa e Práticas Sociais / Klertianny Teixeira do Carmo. – 2017.  
317 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2017.  
Orientação: Profa. Dra. Maria Eleni Henrique da Silva.
1. Experiência. 2. Aprendizagem. 3. Sentido. 4. Pesquisa. I. Título.

CDD 370

---

KLERTIANNY TEIXEIRA DO CARMO

JUVENTUDE E ESCOLA: DIALÓGOS SOBRE A RELAÇÃO COM O SABER E O  
PROGRAMA NÚCLEO DE TRABALHO, PESQUISA E PRÁTICAS SOCIAIS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação. Área de concentração: Educação.

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Dra. Maria Eleni Henrique Silva (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Profa. Profa. Dra. Tatiana Passos Zylberberg  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Profa. Profa. Dra. Luciana Venâncio  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Prof. Dr. Rogério Santos Pereira  
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

A Deus.

Aos meus pais, Clerton e Regiane.

Aos meus antepassados.

## **AGRADECIMENTOS**

À CAPES, pelo apoio financeiro com a manutenção da bolsa de auxílio.

A Profa. Dra. Maria Eleni Henrique da Silva, pela orientação.

Aos professores participantes da banca examinadora Tatiana Passos Zylberberg, Luciana Venâncio e Rogério Santos Pereira pelo tempo, pelas valiosas colaborações e sugestões.

Aos professores e aos jovens entrevistados, pelo tempo concedido nas entrevistas.

Aos colegas da turma de mestrado, pelas reflexões, críticas e sugestões recebidas.

Ao Grupo Saberes em Ação pelos debates sobre a área da Educação Física.

Ao Grupo de estudos GEAD pela possibilidade afetiva de me inserir e perceber o mundo acadêmico de outra maneira.

A minha família por compreender os momentos que não pude estar com eles.

Ao meu eterno amigo Gomes Júnior pela colaboração afetivo-amorosa durante toda esta caminhada.

A dona Graça pelo carinho e atenção durante minha formação na graduação e no mestrado me auxiliando a enxergar a vida sobre outros ângulos.

As minhas amigas Dayane Falcão, Beatriz Leão, Alexsandra Bandeira, Mariana Freitas, Jéssyca Juvêncio, Rafaella Bôto e Gardênia Brito pelo apoio.

A minha querida amiga Iraneide pela ajuda com o projeto e a inscrição para seleção do mestrado.

Ao Grupo Oré Anacã por me possibilitar grandes desafios corporais e formativos que me conduziram a um outro olhar para a juventude.

Ao Marcos Campos pela amizade, pelas breves conversas incentivadoras e por me ensinar a dançar a vida.

Ao Felipe “Dyno” por me ajudar com o material da pesquisa.

Ao grupo espírita pela oportunidade de ajudar e ser ajudada nesta transição da vida.

“A maior riqueza do homem  
é a sua incompletude.  
Nesse ponto sou abastado.  
Palavras que me aceitam como sou - eu não  
aceito.

Não agüento ser apenas um sujeito que abre  
portas,  
que puxa válvulas, que olha o relógio,  
que compra pão às 6 horas da tarde,  
que vai lá fora, que aponta lápis,  
que vê a uva etc. etc.

Perdoai  
Mas eu preciso ser Outros.  
Eu penso renovar o homem usando  
borboletas”

(Manoel de Barros, 1916-2014)

## RESUMO

A presente pesquisa aborda como **tema** a relação com o saber e a educação no Ensino Médio de escolas públicas de Fortaleza, Ceará, no Brasil. Como **objeto de pesquisa** foi abordado o sentido da proposta de reformulação curricular denominada de Núcleo de Trabalho, Pesquisa e Práticas Sociais (NTPPS) para os jovens. Esta proposta está em funcionamento desde 2012, no Ceará, utilizando a pesquisa e o trabalho como princípios educativos a fim de ressignificar a escola e a aprendizagem, contrapondo-se as abordagens educativas que insistem em não reconhecer os jovens como sujeitos ativos contribuindo para o fracasso escolar. Portanto, dialogar sobre a relação com os saberes construídos nesse programa é de extrema relevância para compreensão do sentido que os jovens estão atribuindo a escola. Dessa forma nosso **questionamento central** é como a experiência no programa NTPPS tem influenciado para mudança na relação com o saber dos jovens. Na busca de responder esta indagação, este estudo tem como **objetivo geral** compreender como a experiência no programa NTPPS pode influenciar para mudança na relação com o saber dos jovens no contexto escolar. E como **objetivos específicos**: **A)** Desvelar os saberes que são elaborados pelos jovens com o NTPPS; **B)** Desvelar as relações estabelecidas pelos jovens com a pesquisa e **C)** Propor reflexões que potencializem pensar uma escola de Ensino Médio com a “cara da juventude” a partir da contribuição dos jovens. Foram utilizados como **referenciais teóricos** os estudos sobre educação crítica (FREIRE, 1987, 2006, 2014); relação com o saber (CHARLOT, 2000; 2001; 2013). Uma pesquisa de **abordagem** qualitativa (BOGDAN; BIKLEN, 1994) de caráter descritivo e exploratório. Os **sujeitos/a(u)tores** participantes da pesquisa foram 27 jovens, do 2º ano do ensino médio, que desenvolveram projetos de pesquisa, em 2016, voltados ao macro campo esporte ou lazer e 5 professores do NTPPS, de duas escolas públicas em Fortaleza-CE. O **método de pesquisa** utilizado foi o Paradigma Indiciário (GINZURG; 1989). As **técnicas de coleta de dados** foram: observação participante (CHIZZOTTI, 1995) de aulas de NTPPS; entrevista individual e em grupo (GASKELL, 2007). Os instrumentos para apreensão foram: registro dos encontros pelas notas de observação, áudios e a produção de fotos, desenhos e cartas. Foi utilizado a Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011) e Análise Semiótica de imagens paradas (GEMMA PENN, 2007) como método e como técnica a Análise Categorical. Os resultados desta pesquisa mostraram que esta proposta de reformulação trouxe avanços na relação com o saber dos jovens produzindo outras formas de aprendizagens mais significativas dentro da escola, respeitando os saberes trazidos pelos jovens, no que se refere a escolha por temáticas de pesquisa de seu interesse; na necessidade de melhoria nas relações consigo e com os outros; como na aprendizagem de técnicas e instrumentos investigativos auxiliando na vida, contemplando as finalidades legais deste ensino, no entanto, trazendo consigo alguns entraves estruturais da organização escolar que ainda impedem sua maior efetividade quando pensamos na atividade docente e na forma como os jovens gostariam que a escola fosse.

**Palavras-chave:** Aprendizagem. Experiência. Pesquisa.



## ABSTRACT

The present research has as a theme the relationship between knowledge and Education in the secondary school, and as an object of the research, the significance and the proposal sense of the curricular reformulation called of the *Núcleo de Trabalho, Pesquisa e Práticas Sociais (NTPPS)* for the young people at two secondary schools. This proposal is functioning since 2012 in the Ceará state (Brazil), search to reframe of the school, the knowledge and the learning from the development of socio-emotional skills using the research as a pedagogical tool and stimulating the development of life and career projects. Since many educational approaches do not accompany contemporary changes, insisting in the not recognizing the young people as active subjects in the construction of school space, thus contributing to the lack of meaning to what is taught. Preclude the mobilization of the young person to learn, thus contributing to the school failure. Therefore, a dialogue about the relationship with the knowledge built in that program is extremely relevant for understanding the meaning that young people attribute to school. Thus, our central inquiry is knows how the experience in the NTPPS program can contribute to a change in the relationship between the learning of the youth. In the search of the get an answer this issue, this study has the main goal to understand how the experience in the NTPPS program can contribute to a change in the relationship with the learning of the young people in the school context. And as specific goals: A) Reveal the knowledge that is created by students with and in NTPPS; B) Reveal the relationship of youth with and in research and C) Propose reflections that enhance think about the secondary school as the "youth face" by means their contribution. Were used as theoretical references the studies about critical education (FREIRE, 1987, 2006, 2014); relation with the knowledge (CHARLOT, 2000; 2001; 2013). A research with the qualitative approach (BOGDAN; BIKLEN, 1994) of the descriptive and exploratory content. The participant subject/authors of the research were 27 youth, from the second year of secondary school, which developed research projects, in 2016, focused on the macro sports or leisure field and five teachers from the NTPPS, at two public schools in Fortaleza-CE. The method of research used was the *Paradigma Indiciário* (GINZURG; 1989). The techniques of data collecting the data were: observation participant (CHIZZOTTI, 1995) of the classes of NTPPS; individual interview (GASKELL, 2007) with teachers; group interview with young people, based on conference using photos, drawings, and letters. The analyses of data were realized following the methods of Bardin (2011) and Gemma Penn (2007). The results of this research showed that this proposal for reformulation brought advances in the relationship with the knowledge of young people producing other forms of more meaningful learning within the school, respecting the knowledge brought by young people, regarding the choice by research themes of their interest ; the need to improve relationships with you and with others; as well as in the learning of investigative techniques and instruments helping in life, contemplating the legal objectives of this teaching. However, it brings with it some structural obstacles to school organization that still prevent its greater effectiveness when we think about the teaching activity and how young people would like the school to be.

**Keywords:** Learning, Experience, Research.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Etapas da pesquisa para turmas de 1º ano no NTPPS.....	37
Figura 2 - Etapas da pesquisa para turmas de 2º ano no NTPPS.....	37
Figura 3 - Etapas da pesquisa para turmas de 3º ano no NTPPS.....	38
Figura 4 - Exemplos de atividades de pesquisa e transformação propostas para o Núcleo articulador. ....	42
Figura 5 - Cartão-postal: corpo-pensamento. ....	82
Figura 6 - Cartão-postal: corpo-processo. ....	84
Figura 7 - Cartão-postal: corpo-(no)mundo.....	86
Figura 8 - Cartão-postal: corpo-engajamento. ....	88
Figura 9 - Cartão-postal: corpo-possibilidade. ....	91
Figura 10 - Cartão-postal: corpo-pensamento. ....	92
Figura 11 - Cartão-postal: corpo-mudança. ....	94
Figura 12 - Cartão-postal: corpo-interesse. ....	96
Figura 13 - Cartão-postal: corpo-(des)interesse. ....	98
Figura 14 - Cartão-postal: corpo-expectativa. ....	100
Figura 15 - Cartão-postal: corpo-êxito. ....	102
Figura 16 - Cartão-postal: corpo-suspensão. ....	104
Figura 17 – Cartão-postal: corpo-relação. ....	106
Figura 18 - Cartão-postal: corpo-suspensão. ....	110
Figura 19 - Cartão-postal: corpo-possibilidades.....	112
Figura 20 - Mosaico de desenhos corpo-expressão. ....	123
Figura 21 - Mosaico de desenhos corpo-expressão. ....	126
Figura 22- Mosaico de desenhos corpo-espço. ....	132
Figura 23 - Mosaico de desenhos corpo-experiência. ....	138
Figura 24 - Mosaico de desenhos corpo-vida. ....	145

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Descrição dos grupos de jovens participantes da pesquisa .....	75
Tabela 2 - Composição dos grupos de entrevista para criação da fotografia. ....	76
Tabela 3- Categorias por grupo entrevistado.....	119
Tabela 4 - “Núcleos de sentido” referente categoria Esporte.....	120
Tabela 5 - “Núcleos de sentido” referente categoria Lazer. ....	120
Tabela 6 - “Núcleos de sentido” da categoria Metodologia NTPPS. ....	120
Tabela 7 - Categorias da análise semiológica dos desenhos. ....	120
Tabela 8 - “Núcleos de sentido” da categoria Corpo-caminho. ....	121
Tabela 9 - “Núcleos de sentido” da categoria Corpo-vida. ....	121
Tabela 10 - “Núcleos de sentido” da categoria Corpo-espaço. ....	121
Tabela 11 - “Núcleos de sentido” da categoria Corpo-experiência.....	121
Tabela 12 - “Núcleos de sentido” da categoria Corpo-expressão. ....	122
Tabela 13- Relação de identificação com a categoria Esporte e Lazer. ....	139
Tabela 14 - Relação entre categorias de análise sobre identificação com o tema. ....	143

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 - Resumo da proposta teórico-metodológica do NTPPS.....	35
Quadro 2 - Ambiente de investigação temático e itinerário formativo por ano letivo. ....	36
Quadro 3 – Calendário de encontros na E.E.F.M.W.S.C. ....	61
Quadro 4 - Calendário de encontros na E.E.F.M.J.M. ....	62
Quadro 5 - Relação entre codificação das categorias de análise E.F.M.W.S.C. ....	80
Quadro 6 - Relação entre categorias de análise E.E.F.M.J.M. ....	81

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CDD	Com.Domínio Digital
CREDE	Conselho Regional de Ensino e Educação
DPS/P	Desenvolvimento Pessoal, Social e Pesquisa
DCNEB	Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica
EM	Ensino Médio
EPT	Educação para Todos
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
IA	Instituto Aliança com o Adolescente
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação
NTPPS	Núcleo de Trabalho, Pesquisa e Práticas Sociais
OSCIP	Organização da Sociedade Civil de Interesse Público
PCEM	Protótipos Curriculares do Ensino Médio
SEDUC	Secretaria de Educação
SEFOR	Superintendência das Escolas Estaduais de Fortaleza
TIC	Tecnologia da Informação e da Comunicação
UNESCO	União das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

## SUMÁRIO

1	PRIMEIROS SENTIDOS .....	17
1.1	“CARTA-SOCORRO” .....	23
1.2	CARTA-(RE)ENCONTRO COM O DESEJO .....	27
2	(COM)TEXTO .....	33
2.1	Núcleo de Trabalho, Pesquisas e Práticas Sociais .....	33
2.2	Protótipos curriculares do Ensino Médio da UNESCO .....	38
2.3	Organização para implantação NTPPS .....	44
3	LEITURA(S) DE MUNDO(S): ENTRE O CORPO-CONSCIENTE E O CORPO-SUJEITO .....	48
4	CARTA-CAMINHO .....	56
4.1	Percurso geral .....	58
4.2	Percurso com as professoras e o professor de DPS/P .....	60
4.3	Carta-detalle: experiência docente com NTPPS .....	64
4.4	Percurso com as jovens e os jovens .....	73
5	CARTÕES-POSTAIS: EXPERIÊNCIA JUVENIL COM NTPPS .....	79
5.1	Do corpo-pensamento ao corpo-processo .....	82
5.2	Do corpo-(no)mundo ao corpo-possibilidade .....	86
5.3	Do corpo-pensamento ao corpo-mudança .....	92
5.4	Do corpo-interesse ao corpo-(des)interesse .....	96
5.5	Do corpo-expectativa ao corpo-êxito .....	100
5.6	Do corpo-suspensão ao corpo-relação .....	104
5.7	Do corpo-suspensão ao corpo-possibilidades .....	110
5.8	Indícios da experiência juvenil com NTPPS .....	114
6	MOSAICOS: EXPERIÊNCIA COM ESPORTE E LAZER .....	119
6.1	Corpo-expressão (pesquisa) .....	123
6.2	Corpo-caminho (esporte) .....	126
6.3	Corpo-espço (lazer) .....	132
6.4	Indícios da experiência juvenil com esporte e lazer .....	138
7	CARTA(Z): ORIENTAÇÕES JUVENIS PARA ESCOLA .....	145
7.1	Carta(z): corpo-panorama .....	149
7.2	Carta(z): corpo-espço .....	151

7.3	Carta(z): corpo-reforma .....	153
7.4	Carta(z): corpo-anárquico .....	154
7.5	Carta(z): corpo-arte .....	156
7.6	Indícios juvenis orientadores para escola .....	157
8	OUTROS SENTIDOS: CORPO DE INDÍCIOS (IN)CONCLUSIVOS .....	161
	REFERÊNCIAS .....	163
	ANEXO A - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM PROFA KÁTIA* E.E.F.M.W.S.C. ....	169
	ANEXO B - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM PROFESSORA JOYCE* E.E.F.M.J.M. ....	180
	ANEXO C - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM PROFESSORA FÁTIMA* E.E.F.M.J.M. ....	188
	ANEXO D - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM G01 .....	194
	ANEXO E - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM G02 .....	206
	ANEXO F - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM G03 .....	219
	ANEXO G - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM G04 .....	228
	ANEXO H - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM G05 .....	237
	APÊNDICE A - CARTA DE APRESENTAÇÃO DA PESQUISADORA A E.E.F.M.W.S.C. ....	246
	APÊNDICE B - CARTA DE APRESENTAÇÃO DA PESQUISADORA A E.E.F.M.J.M. ....	247
	APÊNDICE C - CARTA CONVITE PARA OS(AS) PROFESSORES .....	248
	APÊNDICE D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PROFESSORES(AS) .....	249
	APÊNDICE E - NOTAS DE OBSERVAÇÃO E.E.F.M.W.S.C. ....	250
	APÊNDICE F - NOTAS DE OBSERVAÇÃO DA E.E.F.M.J.M. ....	266
	APÊNDICE G - ROTEIRO DE ENTREVISTA-TESTE COM JOVENS .....	272
	APÊNDICE H - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA MENORES DE IDADE .....	273
	APÊNDICE I - ROTEIRO DE ENTREVISTA-PERFIL DOS JOVENS .....	275

APÊNDICE J - FICHA DE ANÁLISE SEMIOLÓGICA - FOTO SUB-G01.1 .....	276
APÊNDICE K - FICHA DE ANÁLISE SEMIOLÓGICA - FOTO SUB-G01.2 .....	281
APÊNDICE L - FICHA DE ANÁLISE SEMIOLÓGICA - FOTO SUB-G02.1 .....	288
APÊNDICE M - FICHA DE ANÁLISE SEMIOLÓGICA - FOTO SUB-G02.2 .....	292
APÊNDICE N - FICHA DE ANÁLISE SEMIOLÓGICA - FOTO SUB-G03 .....	294
APÊNDICE O - FICHA DE ANÁLISE SEMIOLÓGICA - FOTO SUB-G04 .....	296
APÊNDICE P - FICHA DE ANÁLISE SEMIOLÓGICA - FOTO SUB-G05 .....	300
APÊNDICE Q - FICHA DE ANÁLISE SEMIOLÓGICA - DESENHOS G01 .....	302
APÊNDICE R - FICHA DE ANÁLISE SEMIOLÓGICA - DESENHOS G02 .....	307
APÊNDICE S - FICHA DE ANÁLISE SEMIOLÓGICA - DESENHOS G03 .....	310
APÊNDICE T - FICHA DE ANÁLISE SEMIOLÓGICA - DESENHOS G04 .....	312
APÊNDICE U - FICHA DE ANÁLISE SEMIOLÓGICA - DESENHOS G05 .....	316



## 1 PRIMEIROS SENTIDOS

A presente pesquisa tem como tema a relação com o saber no Ensino Médio (EM) e como objeto de pesquisa o sentido da proposta de reformulação curricular denominada de Núcleo de Trabalho, Pesquisa e Práticas Sociais (NTPPS) para os jovens de duas escolas-piloto e públicas estaduais de Fortaleza-Ceará.

Esta proposta está em funcionamento desde 2012, no Ceará, surgiu como um ponto de partida para a revisão do projeto pedagógico da escola, a partir da inserção de duas disciplinas: Desenvolvimento Pessoal, Social e Pesquisa (DPS/P) e Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC), para desenvolver nos jovens:

[...]competências socioemocionais por meio da pesquisa, da interdisciplinaridade, do protagonismo estudantil, contribuindo fortemente para um ambiente escolar mais integrado, motivador e favorável à produção de conhecimentos (CEARÁ, 2012a).

Os projetos de pesquisa são desenvolvidos conforme o ambiente de investigação de cada ano letivo do EM, são eles: 1º ano, tema geral: Escola e Família - macrocampos: saúde do meio ambiente e saúde do aluno; 2º ano, tema geral: Comunidade - macrocampos: dimensões variadas referentes à comunidade (história; cultura; educação; saúde; lazer; esporte; meio ambiente; atividades econômicas e outros que os alunos queiram) e, 3º ano, Sociedade e Trabalho – macrocampo: a ser definido pela turma, mas relacionado ao mundo do trabalho.

Como nenhum trabalho de pesquisa surge do acaso, mas da inquietação que algo nos causa e nos faz caminhar, nesse sentido, algo que sempre me chamou atenção durante a graduação foi imensa produção científica sobre a educação e, mesmo assim, esta sofrer poucas mudanças efetivas. E quando olhamos para os processos educativos no EM os problemas aumentam, pois, a diversidade de finalidades cria abismos e contradições tanto para professores como para os estudantes.

No Brasil, somente a partir dos anos de 1990, que as políticas educacionais se intensificaram para este nível de ensino. Com a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) que estabelece a sua obrigatoriedade para faixa etária dos 15 aos 17 anos, tornando-se grau de escolaridade mínima exigida pelo mercado de trabalho.

Vale ressaltar que em 1997, por meio do Decreto nº 2.208/1997 o Ensino Técnico (formação profissional) foi defendido como independente do EM regular (formação geral) instituindo uma separação oficial (TARTUCE, 2007), posteriormente, foi revogado por meio do Decreto nº 5.154/2004 na busca de reintegrar legalmente essas modalidades de ensino (CUNHA, 2017).

Historicamente, este nível de ensino construiu uma identidade dicotomizada, voltada para uma formação para adentrar a universidade ou formação para o trabalho. Com o processo de expansão na década de 1990, houve aumento de matrículas exigindo da escola transformações para incluir um público tão heterogêneo. Conforme podemos observar o número de matrículas em 2000 foram 8.192.948 enquanto que em 2017 foram 6.643.661 (INEP, 2017) um decréscimo que nos revela a necessidade de um olhar aprofundado para temática.

Segundo Peroni e Caetano (2015) precisamos compreender o contexto macro, a partir da transformação no papel do Estado, em meio ao contexto econômico neoliberal vigente que incentiva a intervenção privada no ambiente público tendo como discurso a qualidade da educação pautada em um modelo de gestão gerencial.

Contribuindo para o diálogo Krawczyk (2011) nos direciona para o que ela denomina de “crise de legitimidade da escola” proveniente da expansão do acesso, em detrimento da qualidade do ensino comprovados pelos dados estatísticos relativos a evasão e reprovação, atestando um grande desafio aos diversos aspectos que influenciam o ambiente escolar como a formação docente e a valorização salarial dos professores; os conteúdos a serem ensinados; a melhoria na infraestrutura como na forma de gestão, portanto,

“que resulta não apenas da crise econômica ou do declínio da utilidade social dos diplomas, mas também da falta de outras motivações para os alunos continuarem estudando” (Idem, p.756).

O sentido que os estudantes e, os professores, dão a este espaço que muitas vezes parece esvaziado de suas finalidades educativas gerando esta insensibilidade e desmotivação ao processo de aprendizagem como na prática pedagógica. Dificultando a identificação dos jovens com a contexto escolar, já que o mesmo não leva em consideração suas próprias linguagens e culturas e, principalmente, não os reconhece como sujeitos ativos na construção deste espaço. Portanto, não atendendo aos interesses e, muito menos, estabelecendo relações de sentido para os jovens em relação a este ambiente (TOMAZETTI; SCHLICKMANN, 2016).

A negação dos sujeitos e dos conhecimentos à margem dos hegemônicos tem influência na produção do fracasso escolar, já que a fragmentação e a hierarquização dos conhecimentos são características do projeto de escola moderno, que “democratiza” o acesso, mas não respeita as diferenças culturais, naturalizando as desigualdades, encaminhando sua proposta para uma lógica da exclusão, da segregação e da subalternidade (ESTEBAN, 2009). Portanto, ficando claro que o grande desafio do EM é tornar a escola um espaço que desperte o interesse dos jovens, para que ingressem e nela permaneçam diminuindo esse descompasso entre escola e eles (TARTUCE; NUNES, 2009).

O contexto escolar ainda é baseado em conhecimentos fragmentados e abstratos, desvinculados das grandes questões humanas, sociais e planetárias, descontextualizado de raciocínio retirando a capacidade de relacionar a experiência particular com o todo da vida com um projeto social mais amplo (MOSÉ, 2013).

Esse descaso é fruto da compreensão limitada sobre o que é educação e o que é aprender (FREIRE, 2014), sem falar na manutenção de uma ordem política e econômica vigente que busca desumanizar os seres humanos (FREIRE, 1987) produzindo espaços educativos voltados a lógica de destruição generalizada da experiência. Importante ressaltar, que a aprendizagem está vinculada a experiência, pois é por meio dela que há uma elaboração do sentido (LARROSA, 2015).

Segundo Silva *et al* (2009, p. 16) “sem experiência não há atribuição de sentido ou significado pelos sujeitos envolvidos apenas repetição e conformação”. Portanto, nos faz pressupor que a falta de sentido ao que é ensinado inviabiliza a mobilização do jovem para aprender contribuindo assim para o fracasso escolar, já que:

"[...] talvez o pouco valor que os jovens conferem ao aprendizado de conteúdos curriculares não seja resultante do seu 'desinteresse', e sim, da sua dificuldade em encontrar um 'sentido' para aquilo que os professores ensinam"(CHARLOT, 2001, p. 47).

Ainda nas palavras deste autor, o fracasso escolar está mais para além de deficiências socioculturais ou de origem econômica, está ligado à relação com o saber que envolve as seguintes questões: Qual o sentido de ir à escola para uma criança? Qual o sentido de estudar? E, qual o sentido de aprender, dentro ou fora da escola? (CHARLOT, 2013).

Importante salientar que a palavra “sentido” esboça várias significações que fazem referência à capacidade humana de apreender a realidade,

“Ou seja, tudo aquilo que é imediatamente acessível a nós através dos órgãos do sentido, tudo aquilo captado de maneira sensível pelo corpo, já que carrega em si uma organização, um significado, um sentido” (DUARTE JÚNIOR, 2001, p.8).

Portanto, aprenderemos sempre tomando como base nosso “mundo vivido”, nossas experiências, que se constroem a partir da sensibilidade e da percepção que temos do real na construção de um sentido primeiro a respeito de um determinado objeto, pessoa ou espaço. Assim, “... nossos sentidos que nos revelam o mundo” (GONÇALVES, 2012, p.66) são constituintes do que somos, corpo, e por ele que estamos inseridos no mundo, sendo este o responsável pela nossa relação com o outro, com a natureza e com a cultura (MERLEAU-PONTY, 2011).

Portanto, é necessário pensarmos em trazer uma perspectiva educacional que se funde no respeito ao outro (FREIRE, 1987), na criação de novos saberes e novas relações e que seja amorosamente libertadora e potencializadora.

Desta maneira, resolvemos investigar a proposta de reorganização curricular do NTPPS, cujos pressupostos norteadores buscam ressignificar a escola e o conhecimento tornando a aprendizagem mais significativa para os jovens. Diante deste panorama, nos perguntamos: como a experiência no programa NTPPS, tem influenciado para mudança na relação com o saber dos jovens de duas escolas públicas?

Neste sentido, temos como **objetivo geral** deste trabalho compreender como a experiência no programa Núcleo de Trabalho, Pesquisas e Práticas Sociais (NTPPS) tem influenciado para mudança na relação com o saber dos jovens que fizeram pesquisas sobre esporte ou lazer em duas escolas-piloto e públicas, em 2016. Assim, foram estabelecidos três **objetivos específicos**:

- 1) desvelar a experiência dos professores com NTPPS;
- 2) desvelar os saberes que são elaborados pelos jovens com NTPPS;
- 3) desvelar as relações estabelecidas pelos jovens com a pesquisa NTPPS;
- 4) propor caminhos para escola pública de Ensino Médio com a “cara da juventude”.

Nesse intento, resolvemos partir das contribuições teóricas de Charlot (2000; 2001; 2002; 2009; 2013) e Freire (1987, 2006, 2014) para refletirmos, respectivamente, sobre a relação com o saber e a educação crítica. Duas visões que se entrelaçam pela importância que atribuem as relações de sentido para aprendizagem desmistificando o falso discurso midiático (CHARLOT, 2000) sobre a “evasão escolar”, que nas palavras do autor chama-se

de “fracasso escolar”, amplamente difundido como causa das desigualdades sociais ou pela ineficácia pedagógica. Fazendo-nos refletir sobre os caminhos necessários para uma educação de qualidade tendo como eixo investigativo a experiência dos seres humanos em situação de fracasso.

Portanto, escolhemos como referencial metodológico o Paradigma Indiciário de Ginzberg (1989) por tratar-se de uma epistemologia utilizada em pesquisas das Ciências Humanas baseada na identificação dos pormenores, o foco está no detalhe, na singularidade na construção de uma interpretação a partir do fenômeno observado, por meio de levantamento de hipótese iniciais registradas em notas de observação conforme os encontros iam acontecendo, auxiliando na entrada a campo contribuiu na articulações dos instrumentos investigativos.

Optamos por escrever esta dissertação tendo como pano de fundo um encontro ficcional entre uma professora de DPS-P, representada por mim, e Bernard Charlot e Paulo Freire. Uma narrativa dialógica e reflexiva composta por cartas, inicialmente, endereçadas a uma interlocutora afetiva, a Tiannyzinha, contando “minha história” como professora desmotivada com a educação no Ensino Médio buscando meios para continuar sua trajetória.

Na primeira seção iniciamos com a “Carta-socorro” e a “Carta-(re)encontro com o desejo” fazendo uma introdução e problematização.

Na segunda seção trazemos a contextualização da proposta NTPPS, documentos norteadores até sua implantação.

Na terceira seção “Leitura(s) de Mundo(s): entre o corpo-consciente e o corpo-sujeito”, tratamos de entrelaçar suas teorias de Freire e Charlot, por meio de um diálogo entre professora (Eu) e os autores-professores.

Na quarta seção “Carta-caminho” composta por direcionamentos metodológicos (métodos, sujeitos, análise) em diálogo reflexivo com Freire e Charlot; e, por “Carta-detalle: experiência docente com NTPPS”, carta ficcional entrelaçando as experiências dos professores de DPS-P sendo representados pela figura da professora Klertianny. Vale ressaltar que foi criada a partir das entrevistas e das notas de observação feita durante estes momentos com os professores reais das respectivas escolas pesquisadas.

Na quinta seção “Cartões-postais: experiência juvenil com NTPPS” trata-se de uma escrita analítica e descritiva articulada a partir das fotos produzidas pelos jovens colaboradores organizadas tematicamente pela pesquisadora-professora, evidenciando os indícios da experiência inicial e ao final das atividades NTPPS. Neste momento, há uma

transição das cartas para outros recursos como o uso dos cartões-postais que foram criados na intenção de manter o diálogo com os autores.

Na sexta seção “Mosaicos: experiência com esporte e lazer” trata-se de uma escrita analítica e descritiva articulada a partir dos desenhos produzidos pelos jovens colaboradores organizadas tematicamente pela pesquisadora-professora em mosaicos temáticos

Na sétima seção “Carta(z): orientações juvenis para escola” trata-se de um espaço voltado as reivindicações dos jovens para uma escola significativa segundo o sentido que atribuem a mesma, um momento de convite a reflexão sobre as características dos grupos pesquisados.

Na oitava seção “Outros sentidos: corpo de indícios (in)conclusivos” refere-se a articulação de todos os indícios existentes no estudo em confronto com os objetivos delineados. Mostrando resultados e possibilidades futuras para novos caminhos investigativos.

Esperamos que as reflexões trazidas aqui possam conduzi-los para multiplicidade de sentidos e possibilidades educativas.

## 1.1 “CARTA-SOCORRO”

Fortaleza, 13 de fevereiro de 2017.

A Paulo Freire e Bernard Charlot,

Estimados professores sou Klertianny Teixeira do Carmo, trabalho como professora da rede estadual de ensino de Fortaleza, no Ceará, há dez anos. Venho por meio desta carta, pedir-lhes ajuda para reencantar-me com a educação, pois embora esteja a pouco tempo nesse contexto, sinto uma grande apatia que me envolve e me desconecta de meus ideais. Trago no corpo deste texto alguns trechos de obras que sustentam esta busca pessoal, enumerados e citados no rodapé de cada página.

Há quatro anos desenvolvo um programa chamado Núcleo de Trabalho, Pesquisas e Práticas Sociais (NTPPS), com jovens do Ensino Médio em duas escolas-piloto. Basicamente este programa propõe ressignificar a escola, o conhecimento e a aprendizagem, por meio do desenvolvimento de competências socioemocionais, estimulando os jovens ao desenvolvimento de projetos de vida e carreira<sup>1</sup> por meio da pesquisa.

Para isto, é feita uma reorganização do tempo escolar para inclusão de dois componentes curriculares: Desenvolvimento de Práticas Sociais e Pesquisa (DPS/P) e Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC). Os professores responsáveis são escolhidos conforme perfil exigido pela Secretaria de Educação do Ceará (SEDUC/CE), para ambas as áreas. A minha diretora aceitou o desafio e me convidou, pois tinha o perfil e a experiência necessária para dar aulas de DPS/P.

Passei estes quatro anos buscando meios e formas de ajustar os conteúdos, os desafios pessoais de cada aluno e o cronograma escolar, a fim de obter êxito, mas parece que fiquei no ativismo, dando conta do processo com algumas dificuldades e sem documentar. Exibindo sempre ao final dos bimestres as notas dos estudantes, sem refletir sobre questões maiores que conseguia captar durante a experiência.

Estou me sentindo cansada buscando encontrar sentido para minha profissão nos dias atuais, cada vez mais desvalorizada socialmente. Acredito que estamos numa profunda crise de(dos) sentido(s)<sup>2</sup>. Não sabemos: nos relacionar, ouvir, sonhar, agir, estamos nos anestesiando. Recuso esta condição, mas sinto as forças se esvaindo.

Atualmente, me encontro sem ânimo. Perguntando-me até quando a escola continuará da mesma forma: dividida em disciplinas que não se comunicam entre si<sup>3</sup>; com

---

<sup>1</sup> (CEARÁ; 2015a)

<sup>2</sup> (DUARTE JÚNIOR, 2000)

<sup>3</sup> (MOSÉ, 2013)

tempo de permanência cada vez maiores<sup>4</sup>; num espaço físico opressor e de relações opressoras. Ancorada na figura do professor, o detentor do saber, que expõe um conteúdo para o aluno “aprender”<sup>5</sup>, cuja obrigação é demonstrar o que aprendeu fazendo uma prova. Rezando para alcançar a média escolar, que muitas vezes, não condiz com a realidade, não demonstra de fato uma apreensão. Isso ainda existe na minha escola mesmo com o NTPPS em funcionamento.

Sem falar na precarização do trabalho do professor que o coloca numa situação de desesperança, impossibilitando-o de ultrapassar suas situações-problema, por estar imerso num contexto cheio de mazelas sociais que reverberam diretamente em sua forma de estar sendo. Já ouvi muitos professores falarem sobre os pais que delegam a eles sua função de educação e que quanto mais tempo passam na escola é melhor; como do aluno que não quer nada com a vida, ou que os jovens não são mais como antigamente.

Percebo que os jovens, quando eu tinha entre 15 a 18 anos, não se comportavam como se comportam os jovens de hoje na mesma idade. Querer que as coisas sejam do jeito que foram naquele momento, para mim é não levar em conta as (novas) relações que os jovens estabelecem para aprender. É compreender educação e o aprender de forma limitada<sup>6</sup>. Já que, aprender é um conjunto de relações e processos<sup>7</sup> que se vincula a uma experiência que gera um saber, um sentido<sup>8</sup>. Portanto, uma forma de apreender o mundo sendo que existem muitas formas para isso, como dominar saberes científicos, saberes do cotidiano, a dominar objetos e a se relacionar com os outros, com o mundo e consigo mesmo<sup>9</sup>.

As ciências sempre se debruçaram pelas questões voltadas ao processo de ensino e de aprendizagem. Às vezes, colocando o professor como centro outras colocando o aluno. E atualmente, percebo que a relação que se estabelece entre um e o outro é a chave da questão e merece nosso olhar cuidadoso.

No entanto, o que tenho percebido é uma grande empreitada Estatal em investir economicamente na escolarização, empreendendo um tipo de educação de qualidade baseada na formação de pessoas mais eficientes economicamente, com mais habilidades e flexibilidade para mudanças. Em outras palavras, personalizando os percursos formativos dos

---

<sup>4</sup> (LARROSA, 2015)

<sup>5</sup> (FREIRE, 2014)

<sup>6</sup> (FREIRE, 1987)

<sup>7</sup> (CHARLOT, 2000)

<sup>8</sup> (LARROSA, 2015)

<sup>9</sup> (CHARLOT, 2001)



estudantes como se fossem um capital humano a ser investido<sup>10</sup>. Dessa maneira, cerceando cada vez mais o agir do professor, impondo a ele uma escola que o impossibilita de pronunciar sua leitura de mundo<sup>11,12</sup>.

Vistos como máquinas, os estudantes devem operar durante cinquenta minutos seu “raciocínio fagocitador” para se apropriar de um mundo que não é seu, que não tem suporte em suas experiências, pois se descola após ser descarregado na primeira prova bimestral. Que se irrita quando se fala em prova com retorno aos conteúdos de todo um semestre. Que não quer assistir aula e pega o celular para trocar mensagens com os amigos nas redes sociais e, espera fajutamente o tempo passar, já que, a escola é vista como a única porta para “tornar-se alguém”<sup>13</sup>.

Acho que não contei a vocês, mas eu acredito muito na força das juventudes<sup>14</sup>. Eles são versáteis, inovadores, transformadores e, o melhor de tudo, desafiadores. Basta observá-los alguns minutos. Mesmo de uniforme imprimem sua marca seja no cabelo, no *piercing*, na cor do cadarço do tênis, na tatuagem, no jeito de olhar e de falar.

Andam em bando entrelaçados pelos braços, bocas, cabelos, risos. São intensos, vão da alegria extrema a profunda tristeza. Parecem não conseguir tapar os buracos causados pelas transformações da vida, quando veem estão agindo violentamente. Buscam alegrias momentâneas nas drogas, nas festas, no sexo, agem como se ninguém os entendessem e, na verdade, quem os entende? Quantas vezes paramos para ouvi-los? O que a escola do século XXI pode oferecer a eles?

Fica claro que a escola tem sentido dificuldade de identificar os jovens com este espaço, já que a mesma não leva em consideração suas próprias linguagens e culturas e, principalmente, não os reconhece como sujeitos ativos, em outras palavras, não atende aos seus interesses e, muito menos, auxilia na construção de relações de sentido por parte dos jovens<sup>15</sup>.

Isso me faz pressupor que a falta de sentido tem inviabilizado a mobilização do jovem para aprender contribuindo assim para o fracasso escolar<sup>16</sup>. Mostrando que o grande

---

<sup>10</sup> (CARVALHO; SILVA, 2017)

<sup>11</sup> (FRIGOTTO, 2016)

<sup>12</sup> (FREIRE, 1987)

<sup>13</sup> (CHARLOT, 2001)

<sup>14</sup> (PAIS, 2005)

<sup>15</sup> (TOMAZETTI; SCHLICKMANN, 2016)

<sup>16</sup> (CHARLOT, 2000)

desafio é tornar a escola mais significativa para o jovem. Para que nela ingressem e permaneçam diminuindo esse descompasso entre escola e eles<sup>17</sup>.

Olhando para o a realidade da juventude, o Ceará é o 4º estado brasileiro com situação de alta vulnerabilidade juvenil à violência e a desigualdade racial. Com destaque para o maior risco de mortalidade por homicídio entre jovens negros<sup>18</sup>. Temos cerca de 80 mil adolescentes de 15 a 17 anos fora da escola, cuja faixa etária corresponde ao Ensino Médio<sup>19</sup>. Quando investigamos mais a fundo a capital, os indicadores que compõem o índice de vulnerabilidade social, mostra que bairros onde existe elevado número de homicídios dolosos apresentam uma elevada densidade de jovens de 11 a 29 anos, baixa escolaridade e elevada pobreza<sup>20</sup>.

Mesmo diante disso tudo, eu sempre busquei fazer uma leitura positiva<sup>22</sup>, buscando olhar para as potencialidades e não para as deficiências, acreditando que cada um pode ser mais, já que, nascemos inacabados<sup>23</sup> e estamos submetidos a necessidade de aprender. Mas, diante deste panorama tenho sentido muitas dificuldades para ser a professora que gostaria de ser. Então, pergunto a vocês: o que posso fazer para ressignificar a escola para esses jovens e, por conseguinte, para mim? Preciso enxergar aquilo que aparentemente está à frente do meu nariz, mas não vejo com detalhes. Preciso de vocês.

Peço ajuda. Socorro!

*P.S.:* Gosto muito de escrever por meio de cartas e, geralmente, no intuito de manter o vínculo e construir um caminho em parceria deixo para mais a diante o envio das referências.

---

<sup>17</sup> (TARTUCE; NUNES, 2009)

<sup>18</sup> (BRASIL, 2014).

<sup>19</sup> (TRIBUNA DO CEARÁ, 2014)

<sup>20</sup> (CEARÁ, 2012)

## 1.2 CARTA-(RE)ENCONTRO COM O DESEJO

Fortaleza, 13 de maio de 2017.

A Tiannyzinha,

Querida amiga faz anos que não nos falamos. Nem sei se você ainda mora no mesmo endereço. Acabei me mudando para Fortaleza e acredito que é hora de nos reencontrarmos.

Essas primeiras quatro páginas iniciais contextualizaram o que sentia diante dos desafios da escola pública de Ensino Médio, era um pedido de ajuda explícito que culminou no (re)encontro com duas pessoas importantes que fortaleceram a minha construção como ser humano e professora, portanto, algo importante de ser compartilhado.

Ah! Antes que eu esqueça, pois acredito que preciso relembra-la de nosso trato: colocar em cada carta a indicação da obra que li para incentivar a sua caminhada acadêmica, no entanto, percebi em nossos últimos contatos que precisaríamos melhorar nossa comunicação, então, estou colocando em cada página a indicação do autor e o ano de sua obra. Portanto, quero que observe no corpo do texto algumas numerações que te indicarão a necessidade de olhar ao final da página para saber sua autoria. Assim, quando construirmos um caminho sólido de nossas reflexões enviarei uma carta com todas as referências dessas obras.

Estive esses dias buscando fôlego para continuar a caminhada como professora de jovens do Ensino Médio. Eis que você me surge como um presente. Estou numa outra fase profissional, diretamente na escola e faço pesquisa dentro dela. Isto tem me garantido alguns momentos felizes, no entanto, tenho andado bastante desmotivada parecendo quando lhe relatei sobre minha experiência de estágio supervisionado na graduação, ocorrida na escola dos sonhos e na escola dos desafios<sup>21</sup>.

Quando estou assim, busco ler livros que me possibilitam a re(in)spirar. Então, fui até a estante e peguei aqueles que mais me identifico: Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire<sup>22</sup> e a relação com o saber de Bernard de Charlot<sup>23</sup>, já que, eles me fazem ter uma leitura esperançosa sobre o outro e sobre mim. Era o que precisava naquele momento. Quando puxei o primeiro livro da prateleira, percebi que em cima dele havia um pequeno baú, com um desenho em sua tampa, era uma borboleta. Automaticamente você me vem a memória, pois

---

<sup>21</sup> (CARMO, 2013)

<sup>22</sup> (FREIRE, 1987)

<sup>23</sup> (CHARLOT, 2000)

este foi o símbolo que carinhosamente atribui a você. Percebo que a vida quer me dizer algo. Então, sento no chão, abro-o e começo a ler cada conversa nossa, muitas cartas havia ali.

Percebo que uma pergunta feita por você na “fio-carta 12: o olhar do outro” que voltava a me invadir, sendo que com outro sentido, de acordo com o que estou vivendo agora, trabalhando na “escola de projetos”: “como aquietar a intensidade do desânimo durante o estágio supervisionado, para manter o necessário desejo pulsante de ser professora?”<sup>24</sup>”

As minhas respostas começaram a surgir numa manhã de sábado, um dia incomum para se estar na escola, exceto em dia de reposição de aula; aula-extra; planejamento e reunião com familiares. Minha diretora havia me dito que dois pais pediram para vir a escola falar com ela, mas por motivo de viagem e por saber que eram familiares de meus alunos, ela pediu que falassem comigo. Ainda um pouco relutante e extremamente desmotivada não queria falar com eles. Estava tão fraca que não sabia o que dizer, mas fui.

Ao chegar, senti um grande vazio. Tão vazio quanto a escola naquele dia. Enquanto caminhava até a sala 07, pensava o que ia dizer para esses homens se nem eu mesma tinha forças para mim, ou pelo menos achava. Quando cheguei em frente a sala, respirei fundo, levantei a cabeça e olhei pelo vidro da porta. Buscava avistar as pessoas na sala. Eis que quando olho e vejo Paulo Freire rindo. Passo a mão nos olhos como se tivesse vendo uma miragem, então, torno a olhar. Eis que vejo Charlot sorrindo com Freire.

Nessa hora, fiquei “sem chão”. Um filme passou pela minha cabeça, já que, há mais ou menos dois meses atrás, num momento de profundo desespero e angústia, fiz uma carta para eles falando sobre a educação, sobre o que venho enfrentando na escola.

Literalmente fiz um apelo. Imagino que quando fiz isso me sentia naufragando como a personagem Rose do filme Titanic. Quando ela, em cima de uma porta de madeira sobre a água do mar, acorda e percebe que havia perdido seu grande amor, mas sabia que precisava continuar vivendo. Avistou um barco salva-vidas, mas não tinha força para gritar. Estava em meio a inúmeros corpos sem vida, em um espaço gélido, parecia silenciosamente estar se tornando mais um, então, olhou adiante e viu um homem congelado com apito no pescoço, avistou ali sua oportunidade para continuar vivendo. Caiu na água e foi até o homem, pegou o instrumento e soou-o repetidas vezes e assim foi salva.

Eu simplesmente soei meu apito o mais alto que pude. Enviei as cartas aos dois renomados professores e teóricos. Eu esperava que me dessem ânimo para continuar. Assim,

---

<sup>24</sup> (CARMO, 2013, p. 58)

se passaram dois meses e nenhuma resposta. Mas no fundo de meu coração acreditava que a luz viria, só não sabia ao certo quando.

Então, estava eu diante da sala que leciono com dois outros professores, que me inspiraram desde a graduação com suas escritas sobre a educação e a forma de aprender e ensinar, rindo como bons amigos. Assim, entrei na sala e Freire em sua simplicidade me convida a rir junto dizendo: — Estávamos eu e Bernard rindo de como a escola em pleno século XXI ainda tem o formato medieval, basta olhar para organização da sala. Sem falar nos ideais modernos de igualdade, liberdade e fraternidade e com urgências contemporâneas como as drogas e a violência que encharcam a escola.

Charlot com sorriso levemente contido balançava a cabeça confirmando o que Freire dizia. Enquanto ele falava eu pensava na magia daquele momento. Era chegada a hora de “lutar com” e assim iniciamos nosso diálogo profundo e amoroso.

Como em um momento de orientação científica, Freire pega um papel em suas mãos e diz: — Essa é a sua carta que tive o prazer de nomear de “Carta-socorro”. Proponho que façamos juntos uma investigação temática por meio de sua releitura. Para assim dialogarmos com maior profundidade. O que acham?

Charlot complementa: — Acho importante e acrescento neste diálogo a questão da relação com o saber, por meio da sua experiência com os jovens, em um programa denominado de Núcleo de Trabalho, Pesquisa e Práticas Sociais (NTPPS), que se propõe a fazer uma reformulação curricular por meio da pesquisa. Podemos a partir desses dados, enxergar outras possibilidades em sua situação.

Eu sem titubear afirmo que sim e Freire continua: — Peço que vocês dois anotem a ideia central que emerge nesta carta-socorro, o que ela nos anuncia como caminhos possíveis para nosso aprofundamento em grupo.

Desta forma, Freire pede que eu faça a leitura, em voz alta.

Assim, quando terminei a catarse, lembrei-me do dia em que um jovem, chateado com a vida, foi extremamente rude comigo, descontando em mim suas frustrações. Eu parecia fazer o mesmo com esses dois homens, como se dissesse a eles que havia uma discrepância em suas teorias e a escola real. Embora soubesse que eles partiam de questões de sua própria experiência.

Perdida em meus pensamentos, sou chamada por Charlot: — Você consegue enxergar que relações e saberes estabelece consigo, com os jovens e com professores?

Eu fico em silêncio tentando organizar os pensamentos porque são muitos. E Freire continua: — Que temas emergem desta carta que podem norteá-la?

Com estes questionamentos indiciários eu respondo: — Preciso compreender melhor a relação com saber.

Charlot retoma: — Pensar a relação com o saber é pensar em um ser humano (criança, jovem, adulto) em confronto com um determinado saber. Então, quem é o ser humano e qual é o saber?

Rapidamente digo: — Jovens do 2º ano do Ensino Médio em relação à pesquisa na escola.

Charlot sorrateiramente retoma: — Afinal o que você pretende com isso? Qual o seu desejo? O que te mobiliza?

Freire, antes que eu começasse a responder, pede: — Transforme esse desejo em pergunta. Ela vai nos nortear nos próximos passos.

Nessa hora, se instala um hiato, uma pausa vocal. Fiquei tentando transformar meus pensamentos numa pergunta, mas três insistiam em me rodear. Charlot percebe que estou formulando e pede que fale o que pulsa.

Eu digo as quatro perguntas que me assolam insistentemente: — Já que, estamos falando do programa que busca mudar as relações na escola com o conhecimento e com a aprendizagem. É importante que saibamos: como tem sido essa experiência? Que relações são possíveis de serem estabelecidas pelos jovens? Quais os saberes possíveis de serem adquiridos pelos jovens? Sem esquecer também, de saber quem são esses jovens e que sonhos trazem consigo para sua escola?

Freire em sua amorosidade pede que sintetize em uma só pergunta.

Assim, a pergunta geradora sai: — **Como a experiência no Programa NTPPS pode contribuir para mudança na relação com o saber dos jovens no contexto escolar?**

Neste instante começo a rir, pois seus questionamentos eram meus também, estavam presentes em um projeto de pesquisa que ficou parado. Eu sempre quis concluir, mas perdi o fôlego com a greve e, logo em seguida retomei-o, mas sentia que faltava algo. Parecia que eles me incentivavam ao retorno deste caminho e me davam elementos para isso.

Então, digo a eles sobre o projeto e sinteticamente sobre os motivos que me fizeram pensar e fazer uma pesquisa sobre aquela experiência: — Charlot e Freire há um ano e meio atrás, iniciei um projeto de pesquisa nesse sentido, mas fiquei parada afogada nas atribuições que a escola nos impõe. Fui deixando de lado meus sonhos, mas vocês acabaram

me reconectando com aquele momento. Eu tinha três caminhos bem definidos: primeiro, dizia respeito a forma como significamos as disciplinas, o que vivemos nela, o que nos marca e que sentido damos a tudo isso. Para mim era importante saber como eles viam aquela nova experiência, já que, como professora eu tinha minhas percepções da realidade e poderia aliar as suas informações fazendo uma espécie de confluência investigativa.

Segundo, dizia respeito à experiência dos jovens com a pesquisa dentro dos campos esporte e lazer. Isso referia-se aos meus anseios como formada em Educação Física, em potencializar a visão dos estudantes sobre a área, resgatando o cotidiano, os laços afetivos e as histórias pessoais, já que, que no Ensino Médio a mesma quase foi retirada do currículo obrigatório, em 2016<sup>25</sup>.

Terceiro, sempre acreditei que toda mudança deveria levar em consideração as pessoas envolvidas. Para isso, seria necessário ouvi-las. Assim, queria saber o que esses jovens tinham como proposições para a “escola com a cara da juventude”. Para que pudessemos favorecer o diálogo com a escola, frente as questões que cada um pode trazer.

Pedi licença para ir até meu armário, pegar uma pasta onde tinha um conjunto de papéis encadernados sob o título de “projeto de pesquisa”, enquanto andava fui explicando que tinha sido uma tentativa de fazer essa investigação, no mesmo período que estava orientando o trabalho dos estudantes. Peguei os papeis em minhas mãos, fui até próximo a eles e comecei a ler os objetivos do mesmo:

— O **objetivo geral** é compreender como a experiência no Programa NTPPS pode contribuir para mudança na relação com o saber dos jovens no contexto escolar. E os **objetivos específicos**:

- 1) desvelar a experiência dos professores com NTPPS;
- 2) desvelar os saberes que são elaborados pelos jovens com NTPPS;
- 3) desvelar as relações estabelecidas pelos jovens com a pesquisa NTPPS;
- 4) propor caminhos para escola pública de Ensino Médio com a “cara da juventude”.

Quando parei de tagarelar, porque quando a gente gosta de algo ou quer defender acaba falando muito, sentei na cadeira, olhei para eles dois, suas fisionomias atentas e esperançosas sem dizer nenhuma palavra confirmavam e confiavam no percurso idealizado.

---

<sup>25</sup> (BRASIL, 2016; 2017) Esta referência diz respeito a Medida Provisória nº 746/2016 foi apresentada pelo presidente Michel Temer e sancionada como a lei 13.415, de 16 de fevereiro de 2017, retirando a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) a obrigatoriedade das disciplinas: Filosofia, Sociologia, Artes e Educação Física, no entanto, devido a comoção social na versão final da lei seguiram como obrigatórias.

Nesses entreolhares Freire diz: — É por aí que vamos seguir com você.

*P.S.:* Minha amiga achei melhor dividir e colocar um título em cada parte desta carta para que fique mais fácil a condução do seu olhar.



## 2 (COM)TEXTO

Fortaleza, 13 de maio de 2017.

A Tiannyzinha,

Quando li os objetivos que tinha traçado para meu projeto de pesquisa, Freire deixou claro que estava no caminho certo e continuaríamos dali. Assim, Charlot compreendendo a necessidade de caminharmos perguntou-me: — Entendo suas inquietações e compreendo seus primeiros passos, mas gostaria que nos falasse mais detalhadamente sobre este programa, pois percebo que é o ponto central para articularmos nossas teorias.

Assim, folheeí as páginas até chegar nesta descrição, existente no projeto de pesquisa. E dei continuidade na leitura, trazendo a proposta NTPPS e os documentos que inspiraram processo de organização para implantação.

### 2.1 Núcleo de Trabalho, Pesquisas e Práticas Sociais

Na busca de reorganizar o currículo do EM no Ceará, desde 2012, foi criado o NTPPS:

[...] um componente curricular integrador e indutor de novas práticas que tem como finalidade o desenvolvimento de competências sócio emocionais por meio da pesquisa, da interdisciplinaridade, do protagonismo estudantil, contribuindo fortemente para um ambiente escolar mais integrado, motivador e favorável à produção de conhecimentos (CEARÁ, 2012a).

Uma proposta que se mantém até os dias atuais, conforme adesão voluntária das escolas que se candidatam e passam por um processo de análise, formação dos professores e professoras e da gestão, até sua implantação. Esses são os números de escolas que aderiram ao NTPPS durante sua vigência em: 2012, 12 escolas; 2013, 42 escolas; 2014, 87 escolas; 2015, 116 escolas; 2016, 130 escolas (PONTES NETO, 2017a; CEARÁ, 2015a).

Após esse processo é inserida no currículo escolar a disciplina de Desenvolvimento Pessoal, Social e Pesquisa (DPS/P), com duas aulas semanais de duas horas, acompanhada de duas horas de aula de Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) para auxiliar na elaboração de pesquisas, totalizando 160 horas/ano (CEARÁ, 2015b; ELLERY, 2015). Contribuindo para:

[...] a superação da fragmentação dos conteúdos escolares, o envolvimento dos estudantes em práticas de pesquisa e intervenção sob a orientação de seus educadores, o estímulo do protagonismo estudantil, fincado nos princípios da aprendizagem cooperativa (CEARÁ, 2012a).

Vale ressaltar que existe um perfil exigido para a atuação do professor e professora de DPS/P, corroborando com os objetivos e caminhos delineados pela proposta (CEARÁ, 2015c):

- Nível superior completo;
- Habilidades para trabalhar com grupos e em grupo;
- Experiência de regência em sala de aula;
- Experiência ou disposição em trabalhar com competências na área de Desenvolvimento Pessoal e Social (identidade, autoestima, integração, comunicação, ética, saúde, etc.);
- Experiência com atividades de pesquisa e/ou desejo de aprender, estudar e pesquisar;
- Identidade com metodologias participativas;
- Atributos pessoais: flexibilidade, receptividade para supervisão, criatividade, iniciativa, resolutividade e firmeza;
- Pontualidade, assiduidade e zelo pelas responsabilidades assumidas;
- Capacidade de articular e integrar ações com professores das diversas áreas;
- Capacidade de planejar e articular ações com equipe gestora, Conselho Regional de Ensino e Educação (CREDE) da Superintendência das Escolas Estaduais de Fortaleza (SEFOR) e Instituto Aliança (IA);
- Capacidade de construir vínculos positivos com os alunos;
- Visão realista e positiva sobre o jovem protagonista.

Segundo o coordenador pedagógico do Instituto Aliança Pontes Neto (2017a) o NTPPS tem sua proposta pedagógica orientada por pedagogias participativas oportunizando o envolvimento de todos de forma democrática sobre todos os assuntos; pela pedagogia da pergunta, que viabiliza a construção coletiva de conceitos e o desenvolvimento de posturas investigativas e críticas; a abordagem por competências por buscar associar os conteúdos ao cotidiano do grupo; pela associação entre conteúdos, vivências e práticas estabelecendo assim acordos de convivência, na perspectiva da corresponsabilidade em todas as fases do aprendizado levando o jovem a sentir prazer em conhecer, em aprender; estimulando a pensar, a refletir e a construir saberes.

Ele acrescenta que, para isso, conta com uma de suas propostas centrais o desenvolvimento do Protagonismo Juvenil, na perspectiva da crescente autonomia, preparando-os para fazer escolhas. Trabalhando com a pesquisa na busca de estimular a descoberta e curiosidade do aluno com vistas a uma intervenção na realidade social.

Compreendendo a grande profusão de caminhos teóricos-metodológicos para formulação da proposta NTPPS narrados acima, fizemos um resumo relacionando-os com os pressupostos do projeto CDD, descritos na seção anterior (QUADRO 1).

Quadro 1 - Resumo da proposta teórico-metodológica do NTPPS.

<b>ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>
Pesquisa	Desenvolvimento de postura investigativa e crítica, por meio da participação, problematização e intervenção na realidade social conforme o eixo de interesse temático (Pedagogia da Pergunta)
Protagonismo Juvenil	Desenvolvimento para construção e sistematização dos conhecimentos (Pedagogia de projetos)
Competência socioemocionais	Desenvolvimento social, cognitiva e emocional, integrando as diversas dimensões da vida (Interdimensionalidade) com suas diversas formas de expressão (Texto-sentido), auxiliando na transição para vida adulta (Ritos de passagem).
Aprendizagem cooperativa	Desenvolvimento de princípios para convivência e corresponsabilidade entre os membros do grupo de pesquisa.
Interdisciplinaridade e transdisciplinaridade	Integração das áreas de conhecimento preservando sua essência na construção e apresentação de projetos.

Fonte: autoria da pesquisadora.

Os projetos de pesquisa são desenvolvidos conforme o ambiente de investigação de cada ano letivo, são eles: 1º ano, Escola e Família; 2º ano, Comunidade; e, 3º ano, Trabalho e Sociedade. Conta com um itinerário formativo específico a ser desenvolvido por meio de oficinas temáticas, direcionadas pelo material de apoio tanto para o aluno como para o professor de DPS/P. É importante ressaltar, que este material mescla atividades voltadas ao desenvolvimento pessoal, social e para a pesquisa. Fazendo com que a pesquisa seja a confluência das aprendizagens cotidianas do NTPPS.

As oficinas buscam orientar e ampliar a visão dos estudantes para o desenvolvimento de competências para atuação nos macros campos investigativos pré-determinados para cada ano, são eles: 1º ano, saúde do meio ambiente e saúde do aluno; 2º ano, dimensões variadas referentes à comunidade (história; cultura; educação; saúde; lazer; esporte; meio ambiente; atividades econômicas e outros que os alunos queiram); e 3º ano, dimensão a ser definida por turma relacionada ao mundo do trabalho. Para que assim possam escolher o tema e objeto de pesquisa conforme seu interesse pessoal, e assim se reúnam em grupos de curiosidades similares.

Em síntese, trazemos o QUADRO 2 para melhor compreensão entre os ambientes de investigação e o itinerário formativo por ano.

Quadro 2 - Ambiente de investigação temático e itinerário formativo por ano letivo.

<b>1º ANO</b>	<b>2º ANO</b>	<b>3º ANO</b>
<b>ESCOLA E FAMÍLIA</b>	<b>COMUNIDADE</b>	<b>TRABALHO E SOCIEDADE</b>
Projeto de Vida I – Pessoal	Projeto de Vida II – Integrando a comunidade	Projeto de Vida III – Carreira Acadêmica e Produtiva
Projeto de pesquisa	Projeto de pesquisa	Projeto de pesquisa
Identidade pessoal	Identidade e integração	Identidade profissional
Integração	Identidade social	Liderança e trabalho em equipes
Família	Cidadania	As diversas dimensões do trabalho
Escola	Participação juvenil	Simulações de processos seletivos
Saúde e valorização da vida	Saúde e sexualidade	Educação Financeira
Ética na escola e na família	Ética na sociedade	Ética no mundo do trabalho
Comunicação	Comunicação	Comunicação no mundo do trabalho

Fonte: ELLERY (2015).

Respeitando cada itinerário formativo, normalmente, a pesquisa é desenvolvida em sete etapas: elaboração do projeto; escolha do orientador; apresentação para a banca; realização da pesquisa; relatório final; apresentação dos resultados (evento interno ou externo); realização de uma prática social. Esta última etapa não é obrigatória para o 3º ano. Vale ressaltar, que não há financiamento para nenhum momento do processo (PONTES NETO, 2017b). E cada etapa varia seu período de realização, por ano letivo.

No 1º ano, o tema geral é saúde na escola e nele contém duas possibilidades: saúde do meio ambiente e saúde do aluno. Dentro do macro campo saúdes do meio ambiente, pode-se pesquisar os seguintes temas: resíduos sólidos; água; saneamento. E no macro campo saúde do aluno, pode-se pesquisar os seguintes temas: prevenção e doenças mais comuns; saúde comportamental (saúde da mente; evasão escolar; saúde na relação entre pessoas; *bullying*, etc.); sexualidade e afetividade (CEARÁ, 2016d, p. 82-90).

Trabalha-se com pesquisa qualitativa utilizando diversas técnicas para coleta de dados. Desenvolve as setes etapas da pesquisa que ocorrem durante todo ano, culminando na realização de uma prática social dentro da escola. A figura a seguir mostra essa divisão.

Figura 1 - Etapas da pesquisa para turmas de 1º ano no NTPPS

SÉRIE	AMBIENTE DE INVESTIGAÇÃO	TEMA GERAL	MACRO CAMPOS	METODOLOGIA	ETAPAS	PERÍODO DE REALIZAÇÃO	PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS
1ª	Escola	Saúde	Saúde da escola e Saúde do aluno	Pesquisa qualitativa utilizando as seguintes técnicas: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Estudo bibliográfico</li> <li>• Pesquisa de campo;</li> <li>- Observação,</li> <li>- questionários</li> <li>- entrevistas.</li> </ul>	1. Elaboração do Projeto 2. Escolha do orientador; 3. Apresentação para a banca; 4. Realização da pesquisa; 5. Relatório final 6. Apresentação dos resultados - Evento 7. Realização de uma prática social.	Do 1º ao 4º bimestre	Eventos da escola Feiras Regionais Feiras estaduais

Fonte: PONTES NETO (2017b).

No segundo ano, o tema geral é comunidade, portanto, a ideia de macro campo é levada para o bairro permitindo revelar suas mais diferentes dimensões: história; cultura; educação; saúde; lazer; esporte; meio ambiente; atividades econômicas e outros que os alunos queiram propor (CEARÁ, 2016e, p. 34-38). Desenvolve as setes etapas da pesquisa que ocorrem durante todo ano, culminando na realização de uma prática social fora da escola (FIGURA 3).

Figura 2 - Etapas da pesquisa para turmas de 2º ano no NTPPS

SÉRIE	AMBIENTE DE INVESTIGAÇÃO	TEMA GERAL	MACRO CAMPOS	METODOLOGIA	ETAPAS	PERÍODO DE REALIZAÇÃO	PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS
2ª	Comunidade (bairro, município ou distrito)	Comunidade	1.Saúde 2.Educação 3.Cultura 4.Esporte 5.lazer 6.Atividades econômicas 7.Meio ambiente 8. outros.	Pesquisa qualitativa utilizando as seguintes técnicas: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Estudo bibliográfico</li> <li>• Pesquisa de campo;</li> <li>- Observação,</li> <li>- questionários</li> <li>- entrevistas.</li> </ul>	1. Elaboração do Projeto 2. Escolha do orientador; 3. Apresentação para a banca; 4. Realização da pesquisa; 5. Relatório final 6. Apresentação dos resultados - Evento 7. Realização de uma prática social.	Do 1º ao 4º bimestre	Eventos da escola Feiras Regionais Feiras estaduais

Fonte: PONTES NETO (2017b).

No terceiro ano, o tema geral é trabalho, visto sob a perspectiva formativa buscando assim desvendar o mundo do trabalho e conhecer melhor a realidade do mercado de trabalho para a juventude. É escolhido um macro campo por turma buscando uma maior

variedade temática. Já que após a escolha, é feita a problematização com a sua turma e, posteriormente, com toda a escola (CEARÁ, 2016f, p. 48-49). Portanto, desenvolve uma pesquisa do tipo bibliográfica executando somente seis etapas da pesquisa que ocorrem prioritariamente no primeiro semestre do ano, deixando de fora a etapa da ação. O relato a pesquisa é feito em forma de resumo expandido (FIGURA 4).

Figura 3 - Etapas da pesquisa para turmas de 3º ano no NTPPS

SÉRIE	AMBIENTE DE INVESTIGAÇÃO	TEMA GERAL	MACRO CAMPOS	METODOLOGIA	ETAPAS	PERÍODO DE REALIZAÇÃO	PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS
3ª	Sociedade	Trabalho	A ser definido um por cada turma da escola	Pesquisa bibliográfica	1. Elaboração do Projeto 2. Escolha do orientador; 3. Apresentação para a banca; 4. Realização da pesquisa; 5. Relatório final - Evento 6. Apresentação dos resultados	Do 1º ao 2º bimestre	Eventos da escola Feiras Regionais Feiras estaduais

Fonte: PONTES NETO (2017b).

Na busca de provocar a interdisciplinaridade entre o que está sendo trabalhado no NTPPS com os outros componentes curriculares contam com o apoio dos professores da escola como orientadores auxiliando nos processos intersubjetivos (entre alunos; alunos e professores; alunos e comunidade). Isto se diferencia conforme o direcionamento dos gestores da escola.

Evidenciando a importância da aprendizagem ativa e mediada pelo contato com o professor e os demais estudantes e com sua própria realidade, unindo áreas do conhecimento (Ciências Humanas, Ciências da Natureza, Matemática e Códigos e linguagens) com eixos entendidos como integradores trabalho, cultura e pesquisa na aquisição de conhecimento, conforme proposto nos protótipos curriculares da UNESCO e pelas DCNEB.

**E assim, encerro o que poderia ser dito a eles sobre o NTPPS. Já esperando, alguma pergunta.**

## 2.2 Protótipos curriculares do Ensino Médio da UNESCO

Os Protótipos Curriculares do Ensino Médio (PCEM), elaborado pela União das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) pela sua representação no Brasil (KÜLLER, 2011), é um documento que renova o compromisso internacional em favor da Educação para Todos (EPT). Propondo um referencial de reorganização curricular para integração de componentes curriculares no EM regular ou na educação profissional.

Adequando-os às demandas da juventude e às finalidades do mesmo que de acordo com o Art. 35, da Lei nº 9.394/96, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) são: proporcionar continuidade dos estudos, preparar para a vida cotidiana, para convivência em sociedade e para o mundo do trabalho (BRASIL, 1996).

O PCEM teve como base os estudos feitos pela UNESCO sobre o Ensino Médio na América Latina, cuja conclusão, referente ao contexto brasileiro, mostrou fragilidade das propostas e a pouca efetividade na implantação de cursos de EM integrado à educação profissional (REGATTIERI; CASTRO, 2009).

Partindo dessas inferências criou-se um projeto intitulado ‘Currículos de Ensino Médio’, apoiado pelo Ministério da Educação (MEC), tinha como objetivo elaborar modelos curriculares integradores da educação geral, educação básica para o trabalho e educação profissional que fossem possíveis ao contexto brasileiro (KÜLLER, 2011).

Justificando-se pelas necessidades concretas de uma sociedade, em acelerado processo de transformação, e de um público multifacetado como a juventude que reivindica uma preparação simultânea para o mundo do trabalho, para continuidade dos estudos e para prática social. Estas são finalidades do ensino médio que ainda não foram atingidas conforme demonstram os índices avaliativos ligados a repetência e a evasão escolar. Nos direcionando a necessidade de uma formação articulada em formação geral e específica. Justificativas que estão presentes no texto das Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica (BRASIL, 2013, p.146):

A elaboração de novas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio se faz necessária, também, em virtude das novas exigências educacionais decorrentes da aceleração da produção de conhecimentos, da ampliação do acesso às informações, da criação de novos meios de comunicação, das alterações do mundo do trabalho, e das mudanças de interesse dos adolescentes e jovens, sujeitos dessa etapa educacional.

Neste sentido, o PCEM foi articulado em formação geral atendendo as finalidades da LDBEN e formação específica conforme os eixos cognitivos e a matriz de competências e habilidades do novo Exame Nacional do Ensino Médio (BRASIL, 2009), orientando para aprendizagem, cujo foco curricular está no trabalho e na prática social, por meio da pesquisa.

O trabalho é entendido como produtor e transformador da realidade e deve ser articulado com o saber acumulado na humanidade produzindo conhecimento. Portanto, uma educação por meio do trabalho alicerçada no protagonismo. Buscando assim reduzir a distância entre as atividades escolares, o trabalho e as demais práticas sociais.

O desenho curricular do protótipo segue as DCNEB (BRASIL, 2012) organizado por áreas de conhecimento e orientado para a compreensão de um problema sob vários pontos de vistas (interdisciplinaridade); abrindo todas as disciplinas para o que as atravessa e ultrapassa (transdisciplinaridade), estabelecendo uma forma de compreensão complexa da realidade para um determinado fato (contextualização). Propondo mecanismos operacionais integradores dos componentes curriculares que são: núcleo articulador; áreas de conhecimento; dimensões articuladoras (trabalho, cultura, ciência e tecnologia). Sem falar em formas específicas de estruturar e organizar o currículo, sua metodologia de ensino e aprendizagem; e avaliação dos resultados de aprendizagem.

Com relação aos eixos articuladoras da educação, segundo a resolução nº 2, de 30 de janeiro 2012 do Conselho Nacional de Educação (BRASIL, 2012 p.2) em seu Art. 5º alínea VIII referente a integração entre educação e as dimensões do trabalho, da ciência, da tecnologia e da cultura como base da proposta e do desenvolvimento curricular:

§ 1º O trabalho é conceituado na sua perspectiva ontológica de transformação da natureza, como realização inerente ao ser humano e como mediação no processo de produção da sua existência.

§ 2º A ciência é conceituada como o conjunto de conhecimentos sistematizados, produzidos socialmente ao longo da história, na busca da compreensão e transformação da natureza e da sociedade.

§ 3º A tecnologia é conceituada como a transformação da ciência em força produtiva ou mediação do conhecimento científico e a produção, marcada, desde sua origem, pelas relações sociais que a levaram a ser produzida.

§ 4º A cultura é conceituada como o processo de produção de expressões materiais, símbolos, representações e significados que correspondem a valores éticos, políticos e estéticos que orientam as normas de conduta de uma sociedade.

Vale ressaltar, que no Art. 13 desta mesma resolução, deixa claro cinco fundamentos que devem estar presentes na proposição curricular de qualquer estado brasileiro: a articulação dos eixos trabalho, ciência, tecnologia e cultura contextualizando-os conforme sua dinâmica histórica e social; o trabalho como princípio educativo; a pesquisa como princípio pedagógico possibilitando o protagonismo estudantil; tendo os direitos humanos como norteador para convivência humana e como meta a sustentabilidade socioambiental (*idem*, p. 4-5). Algo que pode ser percebido quando os protótipos propõem um núcleo articulador diferente para cada ano do ensino médio.



O núcleo articulador comum a todas as áreas responsável pela preparação básica para o trabalho e demais práticas sociais. Auxiliando no desenvolvimento de conhecimentos, atitudes, valores, e capacidades necessárias a todo tipo de trabalho, por meio de projetos que envolvem a participação de todos. Conforme o contexto de pesquisa e intervenção para cada ano letivo: no 1º ano, é a escola e moradia como ambientes de aprendizagem, escola como espaço comuns a todos e a moradia como oportunidade de ampliação de alternativas de investigação.

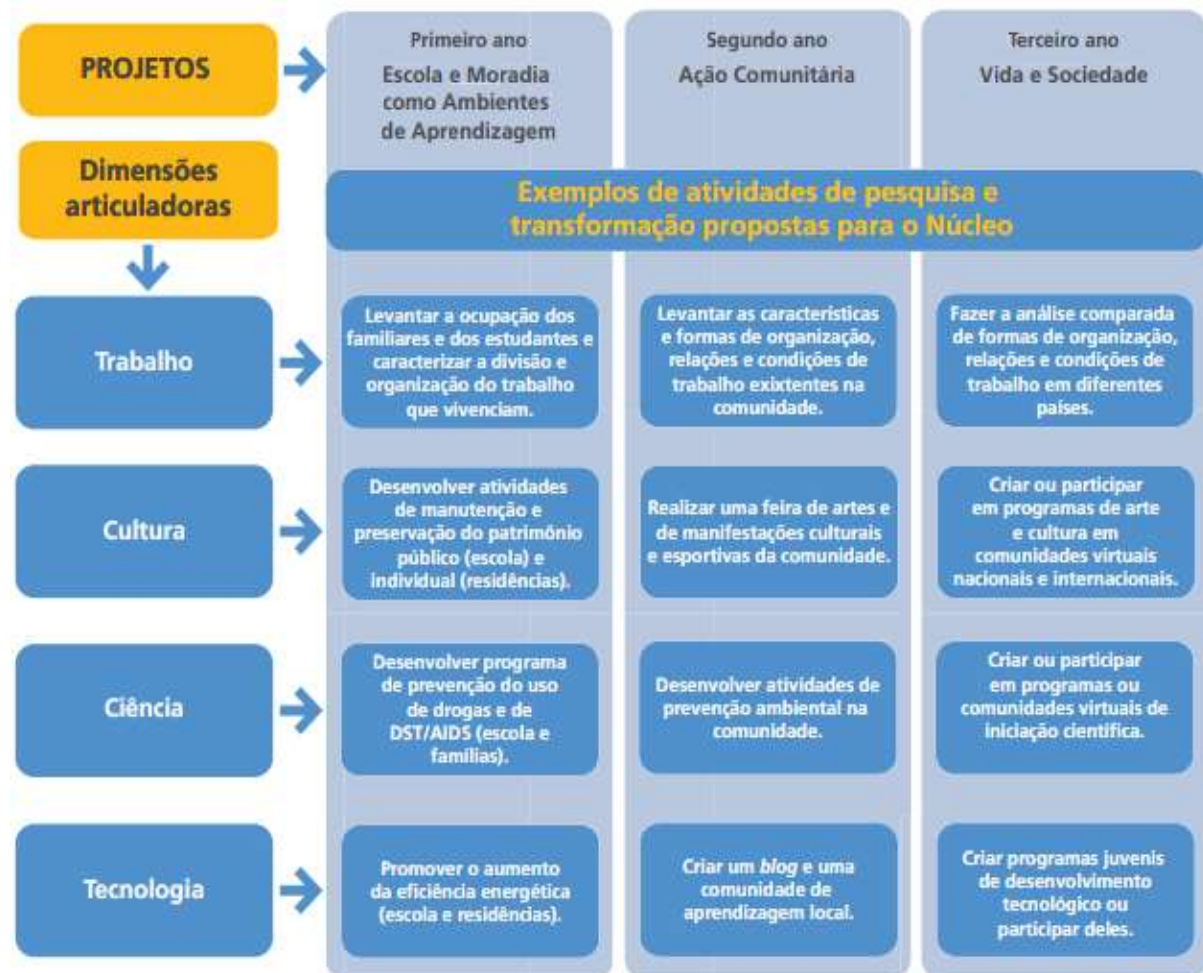
No 2º ano, é o projeto de ação comunitária, a comunidade como espaço de aprendizagem e protagonismo, passível de ser compreendido pela ação transformadora dos jovens. E, no 3º ano, é projeto de vida e sociedade cujo espaço de transformação é o mundo situado historicamente, complementado pelo autoconhecimento com a elaboração de uma trajetória individual e uma proposta de transformação social. Portanto, envolvem aspectos referentes a carreira profissional, encaminhamentos de vida e suas perspectivas de engajamento em ações de desenvolvimento social.

As áreas de conhecimento são Linguagens, Códigos e suas Tecnologias; Matemática e suas tecnologias; Ciências da Natureza e suas tecnologias; Ciências Humanas e suas tecnologias. Articulam-se conforme os objetivos de aprendizagens comuns para área como um todo e conforme a matriz de competências e habilidades do ENEM (BRASIL, 2009).

A organização é diferente para cada área: nas Ciências Humanas os focos temáticos integram as disciplinas da área; na Matemática segue objetivos referente a preparação para o trabalho e outras práticas sociais; na Códigos e Linguagens não há divisão por disciplina ou objetivos, mas respeitando a origem disciplinar; e na Ciências da Natureza segue os objetivos gerais para área e possui objetivos específicos para cada disciplina. Integrando assim, atividades voltadas a aprendizagem, superando a fragmentação curricular sem perder a contribuição de cada área em particular.

As dimensões articuladoras (trabalho, cultura, ciência e tecnologia) são responsáveis pelas atividades de diagnósticos (pesquisa) e pelas atividades de transformação (trabalho) por meio de questões originárias dos objetivos das áreas, dando origem a grupos de trabalho que irão necessitar de conhecimentos específico para posterior reflexão dos resultados. A FIGURA 1 a seguir exemplifica essas atividades.

Figura 4 - Exemplos de atividades de pesquisa e transformação propostas para o Núcleo articulador.



Fonte: Küller (2011, p. 15).

A forma específica de estruturar e organizar o currículo: núcleos, áreas de conhecimento e dimensões articuladoras. Para essa articulação é necessário seguir algumas ações: revisão anual do currículo e do projeto pedagógico; semana de integração entre família-estudantes-professores; semana de diagnóstico (pesquisa); semana de planejamento das atividades de intervenção; a execução do projeto do núcleo e das atividades de aprendizagem das áreas; semana de apresentação dos resultados dos projetos; currículo variável a necessidade de ampliação da carga horária para o grupo; atividades de monitoria pelos próprios estudantes ou por graduandos de licenciatura para auxiliar nas dificuldades no processo de diagnóstico e intervenção.

A metodologia de ensino e aprendizagem proposta de integração curricular pela interdisciplinaridade, contextualização e transversalidade e outras centradas na aprendizagem e na ação do estudante, portanto, a opção metodológica fundamental é o protagonismo.

Neste sentido, a avaliação dos resultados de aprendizagem é uma combinação de processos internos e externos. Internos articulados ao projeto pedagógico da escola cujos instrumentos, procedimentos e critérios são comuns a todos os professores e integra os estudantes; externo com bases em referenciais nacionais e internacionais, sendo este segundo coadjuvante.

Dessa forma, a avaliação da aprendizagem dos e pelos estudantes, a avaliação das atividades de ensino, a avaliação da realização do projeto pedagógico e a participação estudantil mutuamente constrói uma comunidade que aprende e ensina num constante processo de aperfeiçoamento, condizente com as grandes transformações contemporâneas.

Vale ressaltar, que no decorrer deste longo processo que se vem debatendo a respeito da educação no Ensino Médio, vem sendo construída a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2017) para o Educação Básica no Brasil, documento que deverá nortear a construção dos currículos escolares de todo território nacional, trazendo consigo direitos fundamentais à aprendizagem e ao desenvolvimento do trabalho conforme cada etapa na Educação Básica.

Esses direitos são explícitos em formas de princípios éticos, políticos e estéticos fundamentados nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (BRASIL, 2009) visando à formação integral, a construção de uma sociedade mais justa, na qual, todas as formas de discriminação, preconceitos e discriminação sejam combatidas.

Trazemos aqui os direitos e seus respectivos princípios, presentes na 2ª versão da BNCC (BRASIL, 2016) para que possamos refletir mais à frente sobre os caminhos que estão seguindo a proposta de reformulação curricular do Ensino Médio, no Ceará, a partir do NTPPS. Os direitos à aprendizagem e ao desenvolvimento que se afirmam em relação a princípios éticos:

- Ao respeito e ao acolhimento na sua diversidade, sem preconceitos de origem, etnia, gênero, orientação sexual, idade, convicção religiosa ou quaisquer outras formas de discriminação, bem como terem valorizados seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, reconhecendo-se como parte de uma coletividade com a qual devem se comprometer;
- À apropriação de conhecimentos referentes à área socioambiental que afetam a vida e a dignidade humanas em âmbito local, regional e global, de modo que possam assumir posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmos, dos outros e do planeta (*Idem*, p.34).

Os direitos à aprendizagem e ao desenvolvimento que se afirmam em relação a princípios políticos:

- Às oportunidades de se constituírem como indivíduos bem informados, capazes de exercitar o diálogo, analisar posições divergentes, respeitar decisões comuns para a solução de conflitos, fazer valer suas reivindicações, a fim de se inserirem plenamente nos processos decisórios que ocorrem nas diferentes esferas da vida pública.
- À apropriação de conhecimentos historicamente constituídos que lhes permitam realizar leitura crítica do mundo natural e social, por meio da investigação, reflexão, interpretação, elaboração de hipóteses e argumentação, com base em evidências, colaborando para a construção de uma sociedade solidária, na qual a liberdade, a autonomia e a responsabilidade sejam exercidas.
- À apropriação de conhecimentos e experiências que possibilitem o entendimento da centralidade do trabalho, no âmbito das relações sociais e econômicas, permitindo fazer escolhas autônomas, alinhadas ao seu projeto de vida pessoal, profissional e social (*Idem*, p.34).

Os direitos à aprendizagem e ao desenvolvimento que se afirmam em relação a princípios estéticos:

- À participação em práticas e fruções de bens culturais diversificados, valorizando-os e reconhecendo-se como parte da cultura universal e local;
- Ao desenvolvimento do potencial criativo para formular perguntas, resolver problemas, partilhar ideias e sentimentos, bem como expressar-se em contextos diversos daqueles de sua vivência imediata, a partir de múltiplas linguagens: científicas, tecnológicas, corporais, verbais, gestuais, gráficas e artísticas (*Idem*, p.35).

Importante lembrar que são princípios que devem nortear todas as áreas curriculares.

## 2.3 Organização para implantação NTPPS

A Secretária de Educação do Estado (SEDUC) do Ceará, em 2011, durante um seminário para construir o Plano de Gestão 2011-2014, criou um relatório com eixos norteadores, objetivos gerais e estratégias transversais, além de um levantamento dos projetos educacionais desenvolvidos nas escolas estaduais buscando identificar pressupostos das metodologias exitosas que pudessem inspirar uma nova proposta de reorganização curricular no Ceará foram eles, projetos: e-Jovem; Com.Domínio Digital (CDD); Jovem de Futuro; Professor Diretor de Turma, dentre outros (ALMEIDA, 2014; CEARÁ, 2012b).

No processo de construção da proposta gestores, técnicos da SEDUC, coordenadores do Instituto Aliança (IA) sistematizaram eixos da proposta: autonomia estudantil; protagonismo juvenil; aprendizagem cooperativa; maior engajamento na vida escolar; comunicação social; tecnologia educacional; ampliação de possibilidades de aprendizagem; ruptura com a linearidade das informações; experimentação de processos produtivos; qualificação para o mundo do trabalho; trabalho como princípio educativo; e a

pesquisa como princípio pedagógico (CEARÁ, 2012b). Assim, utilizaram a pesquisa como principal estratégia didático-metodológica combinando possibilidades de aprendizagem autônoma e protagonista para o desenvolvimento de competências.

A SEDUC buscou orientar sua reorganização curricular mesclando pressupostos metodológicos do CDD para adequá-la aos protótipos curriculares da UNESCO. Já que foram identificados bons resultados deste programa em sua etapa piloto realiza no período de 2004 a 2006, no Ceará, no contexto do Programa Rede Entra 21. Tal programa teve grande repercussão por beneficiar 460 jovens, de quatro municípios cearenses, em sua inserção no mercado de trabalho, um percentual de 62,63% desta população (INSTITUTO ALIANÇA, 2015a).

O CDD tinha uma proposta de formação e inserção de jovens no mercado de trabalho, com foco nas habilidades para a vida e para o trabalho por meio das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs), desenvolvida pelo IA (NOBRE, 2015).

Sua orientação metodológica é baseada na abordagem por competências conforme orientações UNESCO (DERLORS, 1996) que são: aprender a ser, aprender a conviver, aprender a fazer, aprender a aprender. Possui “marcos” estruturantes temáticos para o desenvolvimento das competências são eles: identidade, integração, comunicação, trabalho, ética e cidadania e educação. Além de contar com princípio da resiliência buscando auxiliar os jovens em seus enfrentamentos cotidianos.

Desta maneira, os pressupostos pedagógicos CDD são: pedagogia de projetos; educação pelo trabalho; ritos de passagem; interdimensionalidade; participação e problematização, que tem como referências conceitual e metodológica as teorias de Paulo Freire, Anísio Teixeira, Antônio Carlos Gomes da Costa e Edgar Morin. Descritos em síntese, com base no documento repassado pela coordenadora geral do NTPPS (BRANDÃO, 2015) e pelo Resumo executivo avaliativo de implantação do CDD, em Simões Filho na Bahia (ACTOS, 2016, p.16):

A pedagogia de projetos constitui numa ferramenta importante de protagonismo juvenil, possibilitando ao jovem a construção e sistematização de conhecimentos, em função de um desejo de intervenção social e produtiva, que o instrumentaliza na identificação e formalização dos aprendizados adquiridos com a execução do projeto, através da avaliação e apropriação dos resultados obtidos com a sua ação.

A educação pelo trabalho tem por objetivo ampliar no jovem a sua concepção do que é o trabalho, levando-o a perceber e experimentar a realização pessoal a partir daquilo que

é capaz de produzir. Nesse processo, os aprendizados e as percepções contribuirão para a sua inserção e permanência no mundo do trabalho, dando continuidade à construção do seu projeto de vida.

O rito de passagem no contexto do programa, eles se constituem celebrações positivas que ajudam os jovens no encaminhamento para a vida adulta que simbolicamente, indicam o avanço nas diferentes etapas do processo de formação e na preparação mais segura e madura para o Mundo do Trabalho. São marcos fundamentais, incentivando a produção e valorização das conquistas pessoais e coletivas, levando ao reconhecimento grupal e comunitário.

A interdimensionalidade é a integração das diversas dimensões da vida: a razão, a emoção, a corporeidade e a transcendência são partes constitutivas desta proposta, que procura recuperar ou instaurar, pela sua metodologia, formas diversas de expressão, de reflexão e de produção de riquezas moral e material.

A interdisciplinaridade e transdisciplinaridade é a integração entre as diferentes áreas de conhecimento, preservando a essência de cada uma. O conhecimento integrado é utilizado de forma transdisciplinar na construção de projetos e na apresentação de produtos associados aos temas estudados.

O texto-sentido é compreendido como a escrita (ou a expressão) capaz de dar sentido, de fazer sentido, de fazer sentir, de direcionar, de emocionar; os jovens expressam sua compreensão mobilizando não apenas sua capacidade cognitiva, de discernir, elaborar uma “redação”, ou responder mecanicamente, mesmo que com nexos, ao que lhe é perguntado; o jovem expressa suas emoções, sintetiza suas percepções, simboliza os nexos apreendidos e cria significantes e significados para o que lhe chega, como conteúdo, como sentimento, como novidade.

Vale ressaltar, que o documento enviado por Brandão (2015) não traz as referências textuais, então, buscamos aproximar a descrição com a pesquisa sobre o termo “texto-sentido” e encontramos o Método (Con)texto de Letramentos Múltiplos: a (L)eitura, a (E)scrita e a (R)ecriação (CAVALCANTE JÚNIOR; GONDIM, 2008), uma abordagem psicoeducativa de desenvolvimento humano, que por meio dos múltiplos modos de expressão da palavra, objetiva desvelar potenciais subjetivos dos indivíduos que em um de seus estágios faz o uso do texto-sentido.

A participação e a problematização são a base de toda a metodologia trabalhada e mola propulsora para a construção coletiva de saberes e conhecimentos. Parte-se das

realidades vividas, num processo ascendente e ampliado de trocas, levando sempre a novas descobertas e construção de outros saberes e conhecimentos. Participação envolve aprendizagem, que deve ser estimulada e constantemente aprimorada. Envolve também compromisso, responsabilidade e olhar crítico sobre as ações e os fatos.

Alguns destes pressupostos metodológicos do Programa CDD foram importados para o NTPPS, são eles: pedagogia de projetos, a interdimensionalidade, a interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, o texto-sentido, a participação e problematização e o protagonismo juvenil, acrescentando a pesquisa e o trabalho como princípios educativos (INSTITUTO ALIANÇA, 2015b).

Dessa maneira, a SEDUC orientou a reformulação curricular trazendo consigo alguns dos pressupostos do projeto CDD, como também resolveu escolher doze escolas-piloto na rede estadual de ensino, que já participavam do mesmo facilitando inserção da proposta NTPPS, em 2012.

**Então, chego ao fim desta leitura dizendo que assim foi construída a proposta NTPPS até sua implantação buscando um diálogo com Freire e Charlot.**

### **3 LEITURA(S) DE MUNDO(S): ENTRE O CORPO-CONSCIENTE E O CORPO-SUJEITO**

Fortaleza, 13 de maio de 2017.

A Tiannyzinha,

Minha amiga vou contar a você o que aconteceu após ter feito a contextualização do que vinha acontecendo comigo na escola; o (re)encontro com os autores e, principalmente, o esclarecimento sobre o NTPPS para que pudéssemos sair do fosso em que me encontrava. Assim, continuamos nosso caminhar buscando entrelaçar suas teorias e a minha vida profissional.

Charlot retomando sua ideia inicial, em compreender o que era o NTPPS para assim articular as teorias dele como de Freire diz: — Quero que agora você caminhe conosco. Proponho que você agora nos escute para que assim possamos pensar nos caminhos que iremos tomar. O que você acha?

Prontamente respondo que sim.

Ele continua: — Outra coisa, ao final desse diálogo acho importante deixarmos para você, por escrito, as referências de nossas obras para que você faça sua leitura e possa articular a seu modo esse caminhar. Tudo bem assim?

Respondo somente balançando a cabeça e com um sorriso extremamente aberto.

Dessa forma, Charlot inicia brincando: — Como sou mais novo eu começo. Sabendo que íamos nos conhecer me detive a buscar informações a seu respeito e algo que me chamou atenção foi sua inquietude com a alfabetização de adultos que aqui no Brasil, ainda utilizava o mesmo método para alfabetização de crianças. E com isso você começou a se indagar sobre como o ser humano aprende? Porque ele aprende? Qual a relação entre o que queremos ensinar e o mundo desses alunos? Sem falar também nas reflexões que você fez sobre a evasão escolar apontando que realmente o que acontece é uma “expulsão escolar”, pois os alunos quando não são impedidos de ingressar devidos a razões internas e externas a escola, que se colocam como obstáculo, não conseguem se manter e fazer o percurso que tem direito, portanto, sendo expulsos. Você mostra sua preocupação com as classes populares sonhando com uma escola pública de qualidade que minimize as razões dessa expulsão.

Ele continua: — Eu posso dizer que nossas inquietações se aproximam, pois eu ensinei por muito anos e desenvolvi projetos de pesquisas a partir da equipe ESCOL (Educação, Socialização e Comunidades Locais) voltados a elaboração dos elementos básicos da teoria da relação com o saber tendo como base a escola de jovens que estudam na periferia,



na França, sempre tendo foco sobre a relação que as pessoas estabelecem com o aprender. No entanto, o que sempre despertou meu interesse era saber porque alguns alunos fracassam na escola? E mais frequentemente, os de famílias de categorias populares? E o que fazem crianças dessas categorias mais populares alcançarem êxito nos estudos? Ao meu ver nossas inquietações se complementam. Nós acreditamos na importância fundamental das relações.

Então, Freire se pronuncia: — Assim como você busquei saber um pouco mais sobre a pessoa que despertava nesta mulher-professora uma leitura positiva diante do mundo e do outro, conforme ela disse em sua carta-socorro. Coloquei na internet, naquela potente ferramenta, o Google, a palavra leitura positiva de Bernard Charlot e compreendi que olhamos para a “feiura” e buscamos o “belo” dela. Algo incomum para o cotidiano escolar acostumado a ver o que falta, a feiura. Como você mesmo disse alicerçados pelas teorias sociológicas da diferença. Claro que tendo algumas ressalvas, pois não podemos esquecer dos contributos das mesmas. Em outras palavras, é necessário que tenhamos uma postura mais esperançosa diante das vidas que estão em nossas mãos, daqueles educandos que se confinam conosco no mínimo durante cinquenta minutos e que ingenuamente pensamos que estão conosco, mas muitas vezes estão mergulhados em suas questões, que para mim, também são nossas.

Freire continua: — Por isso, acho relevante trazer alguns de seus questionamentos conforme sua orientação teórica: qual o sentido desses alunos irem para escola? Qual o sentido que eles conferem ao que é ensinado e a quem o ensina? Como eles se enxergam nesse processo? Como os outros o enxergam nesse processo? Por isso que, antes de tudo, nós acreditamos no inacabamento dos seres humanos e na sua necessidade de aprender. Olhamos para todos com olhar de quem tem tudo para aprender, mas que precisam muitas vezes de um olhar mais atento para reconhecer os caminhos mais fecundos para que isto ocorra. Acreditamos que as relações entre o sujeito, o mundo e os outros e os processos que desencadeiam dessas relações constituem o ser humano. Por isso, peço que aprofunde mais a respeito disso, pois desenvolvemos este pensamento de modos diferentes, mas que ao meu ver se complementam em alguns pontos. Assim vamos dialogando.

Nesse momento, me sinto em êxtase estava e aproximando deles e eles estavam se aproximando de mim. Então, contribuindo para o que Freire havia colocado, reforço o pedido sobre a explicação da teoria formulada por Charlot, pois queria compreender melhor. Dessa forma ele entra em cena buscando nos aproximar de sua teoria e diz: — Para que vocês compreendam basicamente a teoria sobre a relação com o saber precisam ter em mente três questões centrais: a desmistificação do fracasso escolar; a relação com o saber e a experiência

do fracasso. Primeiramente, a necessidade do retorno a um tema “tão batido” para olhá-lo sob outra lente que não seja pela ineficácia pedagógica e nem pelas desigualdades sociais que assolam o contexto familiar produzindo as deficiências do aluno. E posteriormente, pelas condições de apropriação de um saber, pois sucesso ou fracasso está na forma como o ser se relaciona com a atividade a ser desempenhada e suas regras.

Charlot ressalta: — Utilizo o termo aprender e saber como também as expressões relação com o saber e relação com o aprender. Aprender é muito amplo refere-se a todos os tipos e natureza de atividades, enquanto que o saber se relaciona com atividade de natureza intelectual. No entanto, quando se busca pelo saber o sujeito mantém um processo de aprendizagem composto por várias formas de aprender, por diversos modos de apropriação do mundo. Tenho preferência pelo termo relação com o saber pelo seu significado compreender tudo que se aprende que não é somente conteúdos intelectuais. Vale lembrar que a relação como o saber é uma forma específica de relação com o aprender.

Charlot continua: — Dessa maneira, o que está em jogo é a construção do sujeito e no seu fazer cotidiano na forma como ele se relaciona com o saber escolar, com as atividades específicas do contexto escolar a partir de sua experiência pessoal que também é social. Pensar desta maneira nos induz a um movimento contrário ao fatalismo do fracasso escolar fazendo-nos enxergar um horizonte profícuo de possibilidades. É um convite a fazermos uma leitura positiva. Aqui eu relaciono com você Freire quando fala sobre o movimento contrário ao fatalismo que se ancora as relações opressor e oprimido que os impedem de lutar pela transformação, que começa nele, na sua compreensão de sua situação de opressão. Já que a situação que o aluno fracassado vive é uma situação de opressão que o coloca sem se reconhecer como sujeito e sem estabelecer sentido ao que é ensinado.

Para ocorrer a mudança ou melhor, aprendizagem é necessário que ele se enxergue como capaz, já que todo indivíduo por mais dominado que seja age, transforma se afirmando não como consciência de classe como você propôs Freire, mas como sujeito que participa de grupos, coletividades humanas estruturadas por relações sociais (isto é, por determinadas formas de divisão do trabalho, por instituições, organizações).

Falo sobre isso pois vivemos em momentos históricos diferentes e deixo claro que isso não quer dizer que seja indiferente ao outro até porque falo sobre a questão da alteridade que compõe essa interação e interdependência com o outro para aprendizagem. Acredito que a educação por muito tempo trabalhou questões gerais sem se deter ao sujeito “em relação a”, em sua situacionalidade. Então, reavivo esta possibilidade.

Dessa forma propus a construção de uma teoria interdisciplinar, ideia de uma sociologia do sujeito a partir dos estudos críticos da Teoria do Pierre Bourdieu; de François Dubet e de um livro que a equipe de pesquisa coordenada por Jacky Beillerot dedicou a relação com o saber, numa perspectiva psicanalítica. Introduzindo dois conceitos pertencentes a antropologia, o conceito de hominização e o desejo como condição humana, capaz de impor ao homem sua apropriação do mundo, sua construção, sua educação por outrem e por si.

Portanto, considerando o sujeito como um conjunto de relações (eu-mundo, eu-outro) baseadas no desejo de si, de ser o que lhe falta. Portanto, o desejo do outro, aquele que auxilia na sobrevivência e em um triplo processo construtivo (hominização, singularização e socialização). Sendo assim, “obrigado a aprender para ser” cuja essência está ancorada na *ausência do ser* que nasce inacabado que está fora no mundo das relações sociais.

Desse modo, a educação é esse movimento de construção do ser mediado pelo outro e ancorado no desejo que sustenta o processo. Vale ressaltar, que aprender nem sempre tem o mesmo sentido para os docentes como para os alunos. Por isso, que ninguém pode educar o outro sem seu consentimento. Parafraseando Freire, e contribuindo para uma compreensão de minha teoria, ninguém educa ninguém, e ninguém se educa sozinho, mas em comunhão de recursos e desejos, respeitando as normatividades e as respectivas metas da atividade a ser desenvolvida como pelo desejo que se tem tanto em oferta-la como em cumpri-la.

Assim, toda relação com o saber é uma relação: consigo mesmo, com o outro e com o mundo, portanto, um relação indissociavelmente singular e social. Consigo mesmo em confronto com o que ele aprende e com ele mesmo. Com o outro que está presente sob três formas: mediador do processo cuja mediação produz no sujeito a imitação, identificação e oposição; fantasma do outro que cada um carrega em si, já que, somos seres sociais e estamos sempre ligados uns aos outros e essas relações geram efeitos sobre o sujeito constituindo-o; e por fim, no outro que existe como humanidade nas obras produzidas pelos seres humanos ao longo de sua história.

Com o mundo, é uma relação de apropriação sempre parcial marcada por um determinado momento da história humana, lugar, cultura, sociedade, a partir da atividade do sujeito sob formas mais importantes para ele, e que correspondem aquilo que ele é e pode ser. E por fim, social a relação com o aprender é sempre uma relação de um sujeito que se apropria do que foi produzido por atividades fundadas por relações sociais.

Desse modo analisar a relação com o saber é levar em consideração o sujeito numa determinada relação com o mundo que implica numa relação com o saber a partir de três conceitos fundamentais: mobilização, atividade e sentido.

Mobilização promove ação/movimento desde o primeiro momento pois ‘vem de dentro’ e gera engajamento; é composta por dois outros conceitos recursos e móbil (desejo). Recursos são meios para se colocar algo em movimento ou a si mesmo em movimento. Móbil são desejos que se desencadearam em atividades. Atividade é engajamento de um sujeito no mundo por meio, de suas ações que são operações implementadas durante as atividades. Meta é o resultado das ações. A atividade quando é posta em movimento gera um desejo, um valor, um sentido que está na relação entre sua meta e seu desejo, entre o que incita a agir e o que orienta a ação.

Nessa hora fiquei querendo falar mais ainda um pouco refugiada numa postura comum quando estamos diante daqueles que achamos que sabem mais do que nós. Como tinha certa dificuldade para compreender as palavras de Charlot me atrevi a tomar a palavra antes dele para assim ser corrigida caso fosse necessário. Estava ali para ser ajudada e não para que os outros fizessem por mim. Então, pedi a palavra dizendo: — Gostaria muito de me desafiar neste instante, a colocar em minhas palavras o que compreendi da teoria de Charlot, se estiver errada, por favor me corrija.

Ele simplesmente se mostrou feliz pela minha vontade. Então, comecei: — Quando penso na sua teoria Charlot eu me imagino no meio de uma roda de Carimbó dançando. Primeiro, por ser uma dança de roda muito sensual que contém um momento específico chamado de desafio onde a mulher desafia o homem a pegar um pequeno lenço que é colocado no chão e o mesmo não pode pegá-lo com as mãos, deve baixar-se e pegar com a boca, sem colocar nenhuma outra parte do corpo no chão, exceto os dois pés.

Continuo o raciocínio: — Penso assim pelo seguinte motivo: minha mobilização depende de recursos como saber dançar minimamente e ter alguém para dançar e do desejo de querer dançar. Por ser uma atividade e um dispositivo relacional tem ações como dançar com outra pessoa e com um grupo de pessoas cujas metas é se divertir, ser sensual, executar passos básicos como rebolar, desafiar com o lenço. E tem um sentido tanto para mim como para o outro composto pelo desejo de estar ali e querer dançar como pela meta de desafiar ou ser desafiado com o lenço. E tudo ocorrendo em um espaço-tempo compartilhando um mesmo código linguístico.

Nessa hora, senti um sorriso afirmativo de quem conseguiu fazer uma transposição de uma teoria para um momento cotidiano e significativo para si. Algo que sempre busco com meus educandos. Freire então diz: — Gostei de sua ousadia!

E Charlot complementa: — Você conseguiu exemplificar com riqueza de detalhes até mesmo para uma pessoa que não sabe o que é Carimbó se sentirá curioso para saber o que é de fato. Muito intrigante a questão do lenço. Você conseguiu mostrar para si mesma que sua relação com o saber é uma relação que se ampara pela ligação com suas experiências mais significativas. Você sabe sobre o que fala, demonstra isso, demonstra interesse. Pelo simples motivo que isso se ampara na sua função como professora, dar sentido ao que vai ser ensinado aos alunos.

Freire amplia nossa visão dizendo: — Educar é encharcar de sentido cada ato cotidiano.

E rapidamente o indago: — Então, o professor é um profissional das relações entre o mundo-outro-eu?

Ele responde: — Sim, se levarmos em conta que ensinar significa um caminho, um sentido.

Freire retoma: — No entanto, vale lembrar que educação é um processo que envolve co-intencionalidade entre educador e educando. Deve ser baseada no diálogo, na comunicação. Portanto, por meio da linguagem o sujeito objetiva sua subjetividade. E nosso processo intersubjetivo aprende mais. Dessa maneira, o educador é educando e educando também é educador nesse processo. Retomando sobre o fato de desde o nascimento sermos obrigados a aprender que nos coloca numa posição permanente busca para sermos mais do que vínhamos sendo. Para isto temos que levar em conta os seres em situação, suas percepções e seus sentidos prévios. Por isso não podemos nos relacionar com o educando achando que ele é depósito de conhecimentos ou uma folha em branco, pois além da escola existem outros espaços formativos que os jovens também aprendem.

Assim, eu volto a perguntar: — Então, as relações nos remetem as formas variadas para aprender, correto?

Charlot busca explicar: — Todo ser humano aprende e esta relação possui formas diferentes para se apropriar do mundo quando se confronta com ele, chamo-as de figuras do aprender (do saber) são: objetos-saberes, um conteúdo intelectual incorporado em objetos, obras de arte, programas de televisão, ente outros; objetos-uso, aprender a dominar um objeto utilizado no cotidiano como até os mais elaborados ou atividade a ser dominada e, os

dispositivos relacionais utilizados para agradecer, iniciar uma relação amorosa, a se relacionar.

Charlot ressalta e aprofunda o tema: — Juntamente com a Equipe Escol fizemos pesquisas para saber quais as aprendizagens mais significativas para os jovens, a partir dos seguintes questionamentos: “o que eles aprenderam desde que nasceram” e “o que eles gostariam de aprender” nos deparamos com três categorias: aprendizagens ligada a vida cotidiana; aprendizagens relacionais, afetivas, pessoais com forte conotação ética e moral; aprendizagens intelectuais e escolares basicamente “ler-escrever-contar”. Entre todas estas categorias a dominante é o “cotidiano” de forma geral e no âmbito racional-ético. E o que é mais importante para eles, que faz sentido para os jovens aprende-se com a família, mais que na escola.

Ele sintetiza suas ideias com bases no aporte teórico da noção da relação com o saber, em cinco pontos: 1) a questão da mobilização como aspecto central; 2) o sujeito que se mobiliza um ser humano portador de desejos e envolvido em relações sociais; 3) a problemática da relação com o saber estabelece uma dialética entre interioridade e exterioridade entre sentido e eficácia da aprendizagem; 4) o sujeito que aprende apropria-se de uma parte do patrimônio humano que se apresenta de formas múltiplas e heterogêneas; 5) a problemática da relação com o saber implica numa determinada metodologia que visa identificar processos e construir a reunião de dados empíricos (constelações) sem categorizar os sujeitos. Devendo centrar no problema da mobilização do sujeito no campo do saber (ou do aprender), nas fontes e na forma que ela assume, captando assim o processo conforme a dimensão privilegiada.

Acreditando na necessidade de síntese para compreensão dos fundamentos antropológicos da noção da relação com o saber, sintetiza e os enumera em três: — 1) o inacabamento do homem em um mundo pré-existente e já estruturado, educação como triplo processo (humanização, subjetivação-singularização e de socialização); 2) análise do termo sujeito (homem ausente de si mesmo; construção de si num determinado tempo; atividade de apropriação do mundo e de mediadores entre o mundo e o sujeito); a indistinção entre sujeito, o mundo e o outro; apropriação parcial do mundo para se construir e partilhar com os outros; a construção de si e o acesso aos símbolos (linguagem); 3) análise do mundo pré-existente, que não foi construído para ser aprendido em sua totalidade; composto por atividades humanas realizadas por sujeitos que pertencentes a grupos específicos produzindo “obras” variadas que visavam assegurar a sobrevivência. Portanto, uma atividade que produz

simultaneamente obras e relações, não como produções distintas, mas que pela lógica diferente não se reduzem um ao outro.

O autor finaliza: — Assim, a análise da relação com o saber deve ser feita captando o processo conforme a dimensão evocada para análise: o processo do aprender considerando o sujeito em confronto com o patrimônio humano; a mobilização considerando a entrada e a manutenção do sujeito na atividade; e a aprendizagem considerando o desenrolar da atividade já que aprender é mudar, é se socializar.

Então, digo para Charlot e Freire: — Desde o início de nossa conversa vinha pensando em como ajudar meus educandos, mas ainda não tinha conseguido transpor totalmente a teoria ao meu favor, eis que de uma forma relacional consigo perceber com maior clareza meus próximos passos.

Assim continuo falando sobre meu raciocínio: — Se o programa é um novo componente curricular da escola e eu sou responsável pela relação que os educandos estabelecem com este saber, que traz consigo novas formas de se relacionar tanto entre educando e educador como entre educandos e entre educando e novo componente curricular tendo como foco a pesquisa, posso buscar investigar o valor que os alunos atribuem a entrada desse novo componente curricular e daí posso compreender como se dão estas relações. Como posso também as relações eles estabelecem com a pesquisa. Já que ela é central nesse novo caminho escolar. No entanto, não basta isso. É necessário buscar as expectativas desses jovens frente à escola que gostariam de ter. Já que pensar numa proposta que busca melhorar a relação com o saber para os jovens é importante fazê-los sonhar e mais ainda lutar por isso.

Charlot ri dizendo: — E agora Klertianny, o que pode nos propor para continuar essa investigação?

Freire nesse momento me olha e continua em silêncio, como se me incentivasse a continuar. Parecia que estava em constante inquietude, mas em sua sabedoria ficava a escutar mais que falar. Parecia estar esperando o momento certo para agir.

Eu, então, assumo meu caminhar e trago mais uma vez para nossa conversa o projeto de pesquisa em construção para colocá-lo em prática, o qual descreverei na próxima carta.

#### 4 CARTA-CAMINHO

Fortaleza, 13 de maio de 2017.

A Tiannyzinha,

Fiquei muito pensativa com a pergunta feita por Charlot sobre o que propor para continuar essa investigação. Não sabia que caminho seguir, mas tinha algumas possibilidades. Peguei o papel que estava escrito o objetivo geral que tínhamos proposto no início de nossa conversa. Então, fiz sua leitura em voz alta: — Compreender como a experiência no Programa NTPPS pode contribuir para mudança na relação com o saber dos jovens no contexto escolar.

Então, Freire me auxilia dizendo: — Para chegar a esse objetivo é preciso definir seus passos, então, faça um esboço escrevendo o passo a passo enumerando as etapas. Primeiro me diga a abordagem que você usará com o seu grupo pesquisado?

Eu: — Abordagem qualitativa, principalmente por trabalhar com entrevista e questões subjetivas.

Freire: — Qual método de pesquisa utilizará?

Eu: Paradigma Indiciário, pelo fato de me ajudar a pensar nos detalhes, naquilo que capto e que exerce possibilidade de olhar novamente para o mesmo objeto por relações diferentes.

Freire: — Já que você vai se inserir num espaço e vai trabalhar com um grupo de pessoas, que espaço é esse? E que pessoas são essas?

Eu: — Quero trabalhar nas duas escolas que leciono e tem o NTPPS desde sua fase piloto, são elas: E.E.E.M.W.S.C. com 12 jovens e 3 professores; e na, E.E.E.M.J.M. com 15 jovens e 2 professoras, portanto, 27 jovens e 5 professores.

Freire: Que critérios você utilizou para fazer estas escolhas?

Eu: — Utilizarei como critério para escolha (inclusão), para os jovens: aqueles que participaram em 2016 com pesquisas voltados ao macrocampo Esporte e/ou Lazer, nas turmas de 2º ano do EM. Vale ressaltar que suas pesquisas são planejadas e executadas em grupo, dessa maneira serão compostos grupos de entrevista: G02 e G03 (E.E.E.M.W.S.C.); G01; G4 e G5 (E.E.E.M.J.M). Para os professores E.E.E.M.W.S.C., ter experiência mínima de 1 ano na disciplina de DPS-P e/ou lecionado DPS-P em turmas de 2º ano; e da E.E.E.M.J.M., ter experiência mínima de 3 anos na disciplina de DPS-P e lecionado DPS-P em turmas de 2º ano.

Freire: — Qual método você utilizará para o desvelamento das informações?



Eu: — Como farei entrevista em grupo com os jovens, utilizarei diferentes recursos (fotos, desenhos e carta) para tematizar nosso diálogo; e individual com os professores, além da observação de aulas.

Freire: — Caso tenha etapas dentro do processo de entrevista em grupo, como irá conduzir sua observação. É importante deixar claro como as etapas se sucederão. Tens alguma ideia de como?

Eu: — Quero primeiro usar a criação de fotos, já que, gostam e são acostumados. Depois, a criação de desenhos, porque é uma atividade que eles costumam fazer dentro das aulas/oficinas de DPS-P embora alguns não gostem, por conta de não saberem. E por fim, a escrita de uma carta reivindicando o que eles gostariam dentro da escola.

Freire: — Tudo bem. E como você fará para analisar todos estes dados?

Eu: — Farei a Análise de Conteúdo dos áudios transcritos referente as entrevistas e a Análise Semiológica dos desenhos e fotos, escolhidos pela experiência em outros trabalhos e pela necessidade de ampliar o olhar analítico.

Freire: — Após tudo apreendido deverá pensar na forma como fará para transformar esses dados brutos num texto fluído e que seja estimulante ao leitor. Tens algum caminho para isso?

Eu: — O que será obtido com os jovens são os seguintes materiais: fotos que serão transformadas em cartões-postais temáticos e reflexivos compostos pela análise das imagens, portanto, pelo meu olhar; com relação aos áudios transcritos durante a entrevista em grupo, serão trazidos para compor uma reflexão descritiva sem o uso do referencial teórico, para que o leitor possa partir da fala dos sujeitos; e como síntese desse material uma composição indiciária com uso do referencial teórico. Com relação aos professores eu criei um texto composto por múltiplas vozes representado por um “corpo-docente”.

Freire: — Entendo. Sei que é possível, mas tens muito a fazer. Por isso torne esse esboço numa escrita. E sempre que quiser dialogar conosco a respeito, basta entrar em contato. Infelizmente eu e Charlot temos a necessidade de irmos embora, devido os compromissos que temos agendado, mas queremos manter o contato, esses nossos endereços eletrônicos para facilitar, pois você enviou sua “carta-socorro” para minha antiga residência e faz tempo que não tenho andado por lá. Foi Charlot que entrou em contato comigo me chamando para esta missão, parecia dizer “Acorda Freire precisamos de você”. E aqui, chegamos. Acredito que em breve retornaremos a nos ver.

Charlot carinhosamente me diz: — Professora você tem o principal ao seu favor, o desejo. Pegue ele e se encoraje a chegar ao fim. Estamos com você.

Freire após um abraço fraterno me diz: — Reorganize seu caminhar. Parta de sua experiência, escreva sobre ela. Isso lhe ajudará a seguir.

**De repente eu acordo de um sono profundo, ainda sem acreditar na experiência que se fizera presente em meu ser. Levanto da cama em busca de meu projeto de pesquisa, pois sinto que este sonho era um chamado para documentar os momentos que passei com aqueles jovens e professores, algo que se fortaleceu com a lembrança de minha querida Tiannyzinha e com a possibilidade de dialogar com professores tão especiais em minha formação acadêmica.**

**Agora é preciso bater asas! Vou descrever tudo que foi feito.**

#### **4.1 Percurso geral**

Na busca de compreender como a experiência no programa NTPPS pode influenciar para mudança na relação com o saber dos jovens no contexto escolar. Foram escolhidas duas escolas-piloto que desenvolvem a proposta de reorganização curricular do Ensino Médio, NTPPS, desde 2012. São elas:

A primeira Escola de Ensino Fundamental e Médio Walter Sá Cavalcante (E.E.F.M.W.S.C.) que em alguns momentos será também chamada de WSC, situada na SEFOR 2, Regional VI, de Fortaleza. Cujo número de estudantes do Ensino Médio matriculados em 2016, foi 731: no 1º ano 260; 2º ano, 263; 3º ano 208 (INEP, 2016).

A segunda, Escola de Ensino Fundamental e Médio João Mattos (E.E.F.M.J.M.) que em alguns momentos será também chamada de JM, situada na SEFOR 4, Regional IV, de Fortaleza. Cujo número de estudantes do Ensino Médio matriculados em 2016, foi 665: no 1º ano 268; 2º ano, 210; 3º ano 187 (INEP, 2016).

Optamos pela abordagem do tipo qualitativa por suas estratégias de investigação terem as seguintes características: fonte de dados ser o ambiente natural tendo o investigador como instrumento principal no entrelaçamento dos diversos aspectos da pesquisa; por ser descritiva e considerar as minúcias; por preocupar-se mais com o processo do que os resultados; por sua análise de dados ser de forma indutiva partindo da imersão na realidade para perceber as questões mais importantes que devem ser levantadas e por fim, por utilizar o

significado a partir dos participantes para melhor compreensão do contexto (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

Assim, o método de pesquisa escolhido foi o Paradigma indiciário (GINZBURG, 1989). Trata-se de uma epistemologia recente utilizada em pesquisas das Ciências Humanas que tem raízes na atitude do caçador que aprendeu a decifrar os sinais deixados pelos animais. Sua base histórica é alicerçada em três especialistas na busca de indícios: Giovanni Morelli, médico italiano especialista em identificar autoria de quadros por meio da análise dos detalhes como unha e forma dos dedos; Sherlock Holmes o detetive que descobria crimes, por meio de pistas irrelevantes, criado por Conan Doyle que era médico antes de ser escritor; e, Freud o médico psicanalista que trabalha com a investigação da psique humana através de elementos pouco notados ou despercebidos.

É um método baseado na identificação de pormenores, o foco está no detalhe, na singularidade na construção de uma interpretação a partir do fenômeno observado, por meio de levantamento de hipóteses iniciais. Os princípios que norteiam este método são: valorizar as especificidades de cada objeto; reconhecer o caráter indireto do conhecimento; inferir as causas a partir dos efeitos e exercitar a conjectura e a imaginação criativa durante a análise e a pesquisa. Procedimentos a serem utilizados: prática interpretativa interdisciplinar situada no âmbito da microanálise; o pluralismo documental, teórico e metodológico – pesquisa erudita e eclética; a análise microscópica referida a redução de escala na observação do objeto. A dimensão micro diz respeito a uma postura metodológica de observação, e não ao objeto de pesquisa em si mesmo; estudo minucioso e exaustivo do material pesquisado.

Esse método possibilitou durante os primeiros momentos de observação fazer algumas inferências a respeito do contexto analisado que culminando no melhor direcionamento das perguntas a serem feitas aos professores como aos jovens em suas respectivas entrevistas. Partimos da seguinte ideia: se o NTPPS é uma proposta que busca ressignificar a escola, o conhecimento e a aprendizagem incluindo disciplinas que integram as áreas de conhecimento, por meio da pesquisa e do desenvolvimento de competências socioemocionais, podemos pressupor que a atribuição de sentido se refere as relações estabelecidas pelos jovens no contexto escolar, como dos mediadores do processo educativo.

Nesse sentido, optamos por ir à escola e fazendo registro em notas de observação (APÊNDICE E-F), denominado dessa maneira por tratar-se de uma anotação de um indício temático percebido no cotidiano para melhor descrição ao final do dia, fora da escola. Buscando assim manter uma relação mais horizontal com os participantes da pesquisa.

Esses foram os primeiros indícios temáticos: primeiro - o problema na relação professor DPS-P com o corpo docente e gestão escolar; segundo - o conhecimento de si (dos jovens) para adentrar no processo de pesquisa; terceiro, a mediação do professor de DPS-P nas atividades propostas pelo material NTPPS como o reconhecimento do que significa “ser jovem” na atualidade.

Como método de análise, utilizamos da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011) e Análise semiótica de imagens paradas (PENN, 2007) e como técnica, a análise categorial. Buscando sempre o entrelaçamento entre os dados. Respeitando as diferentes fases da análise de conteúdo: pré-análise, exploração do material (codificação, decomposição ou enumeração) e o tratamento dos resultados, inferências e a interpretação.

Na primeira fase, de pré-análise, foi feita uma leitura flutuante das notas de observação (APÊNDICE E-F) e dos áudios transcritos: professoras e professor (ANEXO A-C), gerando a produção de um texto narrativo entrelaçando seus indícios.

Com relação ao material produzido pelos jovens, a leitura dos áudios transcritos (D-H); e das imagens: fotos (APÊNDICE J-P) e para os desenhos (APÊNDICE Q-U), geraram inventários de análise semiológica. Para posterior reorganização dos objetivos dado a frequência de alguns temas relativos a outros até sua digitação.

Na segunda fase, de exploração do material, foi feita a codificação que é o recorte da resposta em unidades de registros subdivididas conforme o tipo de material: com relação ao material transcrito, unidade de registro temática (URT); com relação as imagens: unidade de registro corporal (URC) para as fotos e unidade de registro representacional (URR) referente aos desenhos. Esse recorte foi feito a partir de palavras-tema que contenham “núcleos de sentido” e unidades de contexto, por meio de frases que melhor contextualizariam as inferências posteriores, para os dois tipos de material (áudios e imagens).

Foi escolhida a regra de enumeração por frequência. A classificação e a agregação foram feitas a partir da escolha das categorias conforme o isolamento dos elementos para sua classificação. A escolha das categorias foi feita conforme o quadro teórico definido para esta pesquisa para, assim, desenvolver a técnica de análise categorial a partir das palavras-tema. A análise buscou relacionar categorias, afim de desvelar as relações com o saber e o NTPPS a partir dos jovens. Trazendo trechos das entrevistas para contextualizar a discussão e os resultados.

#### **4.2 Percurso com as professoras e o professor de DPS/P**

Optamos pela observação participante pelo contato direto da pesquisadora com o fenômeno observado, por apreender as ações dos atores em seu contexto natural, a partir de suas perspectivas e seus pontos de vista buscando descrever “os sujeitos e seus aspectos pessoais e particulares, o local e suas circunstâncias, o tempo e suas variações, as ações e suas significações, os conflitos e a sintonia de relações interpessoais e sociais, e as atitudes e os comportamentos diante da realidade” (CHIZZOTTI, 1995, p. 90).

Primeiramente, ao chegarmos na escola foi feita uma conversa inicial e o pedido de autorização para fazer a pesquisa aos gestores, por meio da assinatura da carta de apresentação do pesquisador (APÊNDICE A). E, posteriormente, uma conversa com os professores e entrega da carta convite (APÊNDICE B) e do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE C) para autorização e esclarecimentos sobre sua participação.

Assim, foi possível articular os encontros diretamente com os professores conforme suas disponibilidades e da pesquisadora. Vale ressaltar, para resguardar a identidade desses interlocutores foi utilizado ao longo da pesquisa nomes fictícios, descritos a seguir juntamente com a caracterização de sua escola.

Na WSC haviam três professoras e um professor: 1º ano, Luna (Português) e PJ (História) e do 2º ano, Fernanda (Português) e 3º ano, Kátia (Português), todas(os) lecionam somente DPS/P na escola. Para garantir maior aproximação com o campo para as primeiras observações demos a preferência aos que eram do 1º ano e do 2º ano. Ao total foram 15 encontros distribuídos dessa forma: em 2015, dois dias; em 2016, sete dias; em 2017, seis dias.

Importante ressaltar que a maior contato com o 2º ano, nesta escola, foi uma experiência pessoal da pesquisadora, melhor detalhada na nota de observação Nº 6 (APÊNDICE D), embora tenha ocorrido em dias diferentes foi percebido ao longo da semana que poucos foram os registros então, ficou resolvido para dar maior qualidade a descrição juntar em um único documento (QUADRO 3). Vale ressaltar que essa experiência culminou na decisão pela escrita de um texto ficcional de uma professora de DPS-P juntamente com a reflexão de seus colegas de trabalho “Carta-detelhe: indícios da experiência docente com NTPPS”.

Quadro 3 – Calendário de encontros na E.E.F.M.W.S.C.

Nº	DIAS	ATIVIDADE
1º	13/10/2015	NOTA 1: Ida à escola para conversar com diretor e profa. DPS/P

2º	27/11/2015	NOTA 2: I Feira do NTPPS
<b>GREVE DE PROFESSORES E ESTUDANTES (25/04/2016 – 09/08/2016)</b>		
3º	22/09/2016	NOTA 3: Ida a escola para fechar compromisso mediante assinatura de autorização (gestão e professores) para pesquisa e conversa com todos os professores de DPS/P
4º	24/10/2016	NOTA 4: Participei de uma aula do 1º ano com profa. Luna*
5º	31/10/2016	NOTA 5: Banca avaliadora de trabalhos da turma 1º A
6º	22/11/2016	NOTA 6: Aula da pesquisadora na turma 2º A, B e E
7º	23/11/2016	NOTA 6: Aula da pesquisadora na turma 2º C, D e F
8º	24/11/2016	NOTA 6: Aula da pesquisadora na turma 2º A, B e E
9º	25/11/2016	NOTA 6: Aula da pesquisadora na turma 2º C, D e F
10º	11/01/2017	NOTA 7: Entrevista pré-teste com os jovens (pela tarde)
11º	12/01/2017	NOTA 8: Entrevista pré-teste com professora Kátia*
12º	18/01/2017	NOTA 9: Entrevista pré-teste com professora Luna* e prof. PJ*
13º	19/01/2017	NOTA 10: Visita a escola e conversa com jovens no pátio
14º	27/01/2017	NOTA 11: II Feira NTPPS (fotografando o evento e vendo alguns trabalhos) e convite para pesquisa e entrega do TCLE aos jovens
15º	03/02/2017	NOTA 12: Entrevista em grupo G02(manhã) e G03 (tarde)

Fonte: autoria da pesquisadora com base nas notas de observação (APÊNDICE D).

Na JM haviam quatro professoras e um professor: 1º ano, Fátima (Geografia), Rita (Português) e Ed (Física); 2º ano, Fátima e Joyce (Artes/dança) e 3º ano, Roberta (sem contato). Todas(os) lecionam somente DPS/P na escola. Para garantir maior aproximação com o campo deu-se a preferência aos que eram do 1º ano e do 2º ano. Foram 13 encontros distribuídos dessa forma: em 2015, um dia; em 2016, dois dias; em 2017, dez dias (QUADRO 4).

Quadro 4 - Calendário de encontros na E.E.F.M.J.M.

Nº ENC.	DIAS	ATIVIDADES
1º	22/09/2015	NOTA 1: Fui a escola para falar com professora-coordenadora do NTPPS na E.M.M.J.M. para solicitar a sua monografia de especialização referente ao NTPPS e possível entrevista.
2º	20/09/2016	NOTA 2: Ligação para o novo coordenador NTPPS para marcar o melhor dia a ir na escola para assinatura do termo de autorização para pesquisa
3º	22/09/2016	NOTA 3: Ida a escola para fechar compromisso mediante assinatura de autorização para pesquisa
<b>GREVE DE PROFESSORES E ESTUDANTES (25/04/2016 – 09/08/2016)</b>		
4º	10/01/2017	NOTA 4: Acompanhei professora Fátima* em um dia de aula

5º	11/01/2017	NOTA 5: Entrevista pré-teste com os jovens. Assinatura do TCLE e entrevista com professora Fátima* (pela manhã)
6º	12/01/2017	NOTA 6: Assinatura do TCLE e entrevista com professores: Joyce* e Ed* Banca de uma turma do professor Ed
7º	17/01/2017	NOTA 7: Banca de uma turma professora Fátima*
8º	19/01/2017	NOTA 8: Entrevista pré-teste com professora: Rita e banca de uma turma professora Joyce (manhã)
9º	24/01/2017	<i>NOTA 9: Conversa com jovens em sala de aula para convite para pesquisa e entrega do TCLE</i>
10º	26/01/2017	<i>NOTA 9: Conversa com jovens em sala de aula para convite para pesquisa e entrega do TCLE</i>
11º	02/02/2017	<i>NOTA 10: Entrevista em grupo com jovens G01 (tarde)</i>
12º	06/02/2017	<i>NOTA 10: Entrevista em grupo com jovens G04 (manhã)</i>
13º	07/02/2017	<i>NOTA 10: Entrevista em grupo com jovens G05 (manhã)</i>

Fonte: autoria da pesquisadora com base nas notas de observação (APÊNDICE E).

Vale ressaltar, foi escolhido pela pesquisadora, em alguns momentos aglutinar notas de observação, em ambas escolas, quando as mesmas não eram feitas no mesmo dia da observação. Havendo diferença entre a quantidade de dias em comparação com as notas. Optando analiticamente pela quantidade de dias. Outra questão importante, refere-se aos espaçamentos entre os encontros. Eles demonstram as dificuldades e as rearticulações ocorridas durante o processo da pesquisa, pois inicialmente não foi pensado em observações eram somente entrevistas com professores. Assim, foram feitas as adaptações necessárias até o período da qualificação dia 06 de outubro de 2016, dentre elas a mudança do quadro teórico.

Durante esse período, optou-se pela entrevista individual aberta ou em profundidade (MINAYO, 2010) onde o professor é convidado a falar sobre um tema e as perguntas do pesquisador, quando são feitas buscam dar mais profundidade as reflexões. Nesse intuito, foram escolhidos dentre o total de nove educadores e educadoras somente cinco conforme os critérios de inclusão das respectivas escolas.

Na WSC foram três, duas professoras (Luna e Kátia) e um professor (PJ). O critério para escolha foi ter experiência na disciplina de DPS/P acima de um ano e/ou lecionado em turma de 2º ano, em qualquer ano. Essa adaptação foi feita por conta da saída, em 2016, da professora do 2º ano como pela receptividade do corpo docente.

Na JM foram duas professoras (Fátima e Joyce). O critério para escolha foi ter experiência na disciplina de DPS/P acima de três anos e lecionado em turma de 2º ano em 2016.

Com isso, foi traçado um tópico guia para nortear tendo como base os documentos referente a proposta NTPPS e alguns indícios durante as primeiras observações na escola, esses são os pontos: aspectos positivos e negativos da implantação do NTPPS na escola; a escolha dos temas de pesquisa pelos jovens e o processo de orientação; relação do NTPPS e as áreas de conhecimento; as diferenças entre as turmas do ensino médio no decorrer da pesquisa; Núcleo e sua relação com as características da juventude.

Importante ressaltar, que a primeira pergunta sobre os aspectos positivos e negativos foi escolhida por possibilitar uma visão geral dos mesmos sobre o NTPPS. Permitindo aprofundamento por tópico de interesse da pesquisadora com base nos caminhos narrados por cada educadora e educador.

Nesse caminho, buscou-se compor a descrição analítica da seção posterior “Carta-detalle: experiência docente com NTPPS” deste estudo, a partir das transcrições dos áudios (ANEXO A-C) das entrevistas como pelas notas de observação feitas após cada momento (APÊNDICE D-E). Fazendo confluência entre pesquisadora, educadoras e educador formando um “corpo-docente” ficcional personificado na professora Klertianny que enviou a “carta-socorro” para Charlot e Freire. Para identificar cada colaborador desta pesquisa basta ficar atento a numeração de referência ao final de cada frase.

#### **4.3 Carta-detalle: experiência docente com NTPPS**

Quando Freire disse, no sonho, para começar pela minha experiência com NTPPS resolvi criar um texto contando minha história nas duas escolas que leciono o componente curricular Desenvolvimento Pessoal, Social e Pesquisa (DPS/P) trazendo algumas reflexões que eu<sup>1</sup> tenho feito com os outros professores em suas respectivas escolas (Luna<sup>2</sup>, Kátia<sup>3</sup>, PJ<sup>4</sup>, Joyce<sup>5</sup> e Fátima<sup>6</sup>). Após escrever fiz uma nova leitura e percebi que era importante refletir sobre algumas questões. Resolvi evidenciar as palavras que despertam minha atenção.

Minha história com o NTPPS tem muitas peculiaridades conforme cada escola que trabalho. Então, começarei por aquela que tenho tido mais reflexões a **W.S.C.** Faço um convite para adentrem comigo este espaço, uma escola que tem uma fachada lateral muito bonita, cheia de arte feita com grafite. De frente para escola, nos deparamos com uma divisão entre o mundo de fora e mundo de dentro por grades onde é possível olhar e ver bem como a escola é. Passando pelo segundo portão, temos um corredor enorme, à direita temos a biblioteca; sala de vídeo; banheiro da gestão, sala do diretor, sala da coordenação; sala de apoio (utilizada para armazenamento e confecção de provas como também para guardar



material NTPPS); e, por fim, sala de professores com seu respectivo banheiro, bebedouro de mesa e armários.

Retornando ao início do corredor, olhando para esquerda temos a secretária, salas de 1º ano e 2º até a metade do corredor e na outra metade salas de terceiros anos. O que divide esse corredor ao meio é um outro corredor, que em sua parede (do lado direito) tem um grande flanelógrafo com horários dos professores, avisos e notas; andando nesse corredor chegamos ao pátio da escola que fica bem no meio interligando os espaços.

De frente para esse pátio passamos por uma rampa ou escada, que dá acesso ao primeiro corredor lado direito, salas que em sua frente tem um espaço amplo, mas sem bancos e com poucas plantas, quase nenhuma na verdade. No lado esquerdo temos grudada ao pátio a cantina, banheiros, bebedouro e acesso para quadra poliesportiva, tanto por escada como por rampa. Para passar para quadra tem que se ter uma chave de um portão, pois ela não é um espaço aberto para passagem ou uso, principalmente após uma parte do teto ter caído e estar sem manutenção. Um espaço muito amplo, que ao seu redor tem muitas árvores e um canto para armar rede de vôlei (chão de terra). Isso quer dizer que: aulas de Educação Física estão impossibilitadas.

Retornando ao pátio temos mais a frente, a sala de Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) e à esquerda salas de 2º ano. Lembro-me quando andei por estes espaços pela primeira vez pareceu que estava entrando numa casa algo que até comentei com a diretora quando ela me recepcionou na primeira vez que fui a escola. Toda escola tem uma cor característica a desta era azul claro<sup>1</sup>.

Partindo para o componente curricular DPS/P, que sou responsável e tenho 3 anos<sup>3</sup> de experiência, posso dizer que não tem um espaço específico. Ocorrendo suas atividades conforme todas as outras disciplinas nas suas respectivas turmas. Portanto, tendo que perder alguns minutos da aula colocando as cadeiras e mesas em formato de semicírculo. Importante falar disso, pois percebo que eles gostam dessa **mudança no layout da sala**, no início eles acham ruim, mas depois sentem falta quando não faço<sup>2</sup>.

É uma disciplina muito importante, mas que nesta escola não teve ainda a oportunidade de ser o que se propõe, pelo fato de que **falta apoio da gestão e dos professores das outras disciplinas**. A gestão mudou recentemente e mantém uma postura neutra tentando não se posicionar frente os problemas de relacionamentos que a escola tem, principalmente, na relação entre professores<sup>2</sup>. Estes pouco ajudam nas orientações tanto por motivos pessoais, relativos a professora que encabeçou o movimento dentro da escola, como

por não quererem mesmo se envolver. Já que nossa profissão é cheia de demandas como existem também professores que trabalham em outras escolas<sup>3</sup>.

Na verdade, a maioria dos professores não vê o Núcleo com bons olhos e, geralmente, são professores mais antigos, que tem a mente mais fechada. Pode nem ser culpa deles talvez tenha sido a forma como foi inserida aqui. Isso não acontece somente nessa escola, pois em algumas capacitações ouvi relatos que tem sempre alguns que não aceitam, acredito que por ser algo novo e **tudo que é novo causa estranhamento**<sup>3</sup>.

Essa desagregação tem **impossibilitado os estudantes de fazerem as relações** entre os saberes<sup>4</sup>. Sendo que quando os professores se permitem são aqueles que percebem que o Núcleo pode agregar conhecimento a sua disciplina e que vai contribuir com a aprendizagem dos alunos, mas são poucos. Nesse sentido, tenho o exemplo da professora Lurdes de Espanhol, que nesse ano resolveu trabalhar em sua aula o tema das Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs) fazendo a extensão do tema sob o olhar de sua área, algo que partiu dela que tem uma visão que aprender uma língua quando se parte de algo que se conhece facilita a aprendizagem, mas nem todos buscam fazer esse movimento. Sem falar que por ser tema de pesquisa de alguns eles trazem um certo aprofundamento<sup>3</sup>.

O Núcleo é formado pela disciplina de DPS/P e TIC com professores diferentes<sup>1</sup>. Na DPS/P eu trabalho com oficinas temáticas que ajudam a desenvolver as práticas sociais e a pesquisa, como o próprio nome da disciplina, já deixa claro. Aqui nesta escola **eu acompanho a mesma turma durante os três anos do Ensino Médio, mesmo sem ter formação**. Por exemplo, eu tenho formação do 2º ano, que por sinal é muito boa<sup>4</sup>, mas este ano dei aula para o 3º ano sem ter formação, mas tinha a experiência nos anos anteriores<sup>3</sup>. E isso tem acontecido, acredito que por corte de verba pública, devido a situação que o país se encontra<sup>4</sup>.

Com relação aos estudantes, eu percebo que eles **gostam, embora sintam dificuldade**, mas eles fazem e fazem com gosto<sup>3</sup>. Para isso temos que ganhar a confiança deles. Cada ano tem seu foco de pesquisa 1º ano (escola e família); 2º ano (comunidade) e 3º trabalho, eu sempre faço com que eles busquem um tema que dê prazer<sup>4</sup>. O que mais chama minha atenção nesse processo é a **evolução deles** na desenvoltura pessoal como na pesquisa, melhoria na escrita na forma de se posicionar para apresentar um trabalho que é avaliado por uma banca, que tem ação em todos os anos, mas que nesse ano devido à greve de professores e estudantes tivemos somente de fazer uma projeção da ação, fazê-los refletir sobre o que fariam se fossem realmente articular uma ação. Na verdade, a ação propriamente dita quase

nunca dá tempo de colocar em prática. No entanto, a ação é a prática da pesquisa. Tenho percebido que **eles se motivam bastante quando chegam na pesquisa de campo**<sup>3</sup>.

Outra coisa bacana que me lembrei, foi de um trabalho sobre drogas que uma menina acabou relatando para todos a sua experiência com as drogas, além de fazer um panfleto para conscientizar os outros jovens a não seguir este caminho. Essa menina demonstrou uma nova percepção que ela adquiriu pesquisando sobre o tema, algo que ela mesmo me relatou<sup>3</sup>. Acredito que **a pesquisa tem contribuído para evocar neles esse lado crítico**, a opinar a se sentirem parte como uma aluna que me disse “Poxa professora! Eu nem sabia que eu tinha uma opinião”<sup>2</sup>.

O Núcleo tem sido isso um espaço onde eles têm voz, o direito de opinar, ao meu ver é uma disciplina de relacionamentos, se observarmos todas as disciplinas propõem seminário, trabalho em grupo ou atividade em dupla, mas não ensinam como um aluno se aproximar um do outro, o Núcleo faz isso a partir do trabalho com a pesquisa, com as oficinas de conhecimento de si e de práticas sociais para dentro do espaço escolar fazendo os alunos saírem dessa “bolha” que é a escola<sup>4</sup>.

Acho importante lembrar que nem tudo é mar de rosas, é muito **difícil trabalho em grupo**, lidar com conflitos, até mesmo dentro do Núcleo. **Eles reclamam que os temas deveriam ser mais abertos**, que não fosse definido macro campo que é como eu entendo, mas aí entra no quesito que se não define macro campo fica complicado para eles trabalharem, pois eles têm uma certa dificuldade. Trabalhar com pesquisa não é fácil, mesmo chegando ao 3º ano, ainda é necessário nosso auxílio, embora achem que não. No 1º e 2º anos eles têm muita dificuldade em fazer os questionários e, no 3º ano, fazer o referencial teórico<sup>3</sup>.

O Núcleo possibilitou **conhecer eles de forma mais particular gerado cumplicidade** e parceria, criando um elo muito forte, mais que na disciplina de Formação Cidadã que sou Professora Diretora de Turma, conhecido como PDT. Eu gosto de me aproximar e compreender o mundo deles. No entanto, vale ressaltar que cabe ao **professor ter a sensibilidade para a juventude**. Já que ela é múltipla e diferenciada. Portanto, ser aberto as múltiplas juventudes ter a capacidade de adaptação que o professor tem que ter diante das demandas de cada turma, pois são muito diferentes. Você não pode negar as potencialidades que cada um tem. Isso não é fácil, mas só em perceber é um primeiro passo para entender porque muitas vezes eles não são compreendidos. No entanto, eles precisam reconhecer isso nos professores<sup>4</sup>.

Acredito que colocando a gestão escolar junto com o Instituto Aliança para na semana pedagógica esclarecer os professores sobre a proposta do Núcleo<sup>2,3,4</sup>, sobre os temas trabalhados e os objetivos poderia melhorar a relação. Mostrando que o mesmo não está na escola para fazer que o aluno vire homossexual, mas que é trabalhado temas variados onde um deles é sobre sexualidade e que isso não vai ensinar o menino virar gay. Talvez ele tenha se descoberto nesse processo de autoconhecimento que isso não tem relação com o Núcleo, tem relação com ele, com ele se conhecer mais<sup>3</sup>.

Com relação, a **E.E.F.M.J.M.** tem um espaço aparentemente menor que a primeira escola, é mais compacta, mas com mais espaços possíveis para encontro com banquinhos debaixo da sombra de árvores. Primeiramente, quando estamos do lado de fora, e olhamos para sua faixa percebemos uma limpeza visual, cor verde muito forte. Muro alto. Estacionamento pequeno dentro da escola que necessita de uma certa parceria para entrada e saída, já que não permite manobras, deixando sempre os carros enfileirados.

Passando pelo porteiro temos um pequeno corredor que parece nos levar para algumas ilhas, blocos de salas. Indo para esquerda, temos primeiramente a biblioteca, e um agrupamento de salas. A frente delas, temos dois blocos cortados por um espaço de convivência cheio de bancos sob à sombra de uma árvore de grande porte. O bloco da esquerda é um laboratório de Física e Química. O bloco da direita são salas de aula. Entrando nesse espaço temos mais um bloco de salas, bem maior que indo para direita passa pelo bebedouro e retorna a portaria, e indo para esquerda vai para sala de NTPPS e de TIC, uma ao lado da outra, bem recuadas.

Retomando a portaria, olhando para direita, temos um corredor muito interessante, formado por dois bancos de alvenaria que são utilizados pelos jovens para ficar conversando, esperando professor, ou liberação para ir embora. Quando os pais vão à escola também ficam sentados lá. É um espaço aconchegante e também intimidador, principalmente quando está lá enquanto deveria estar dentro da sala de aula, algo que os jovens adoram fazer.

Passando por este corredor dos bancos, damos de cara com outro espaço muito legal. Um pequeno pátio bem arborizado com umas quatro árvores de pequeno porte (Nin indiano) e banquinhos em baixo. Ao redor são salas sendo que à direita temos: sala de professores, bem pequena com dois sofás médios, uma mesa grande ao centro com cadeiras; bebedouro de mesa e armários individuais; salas de planejamento bem pequena utilizada também pelas professores de NTPPS para arquivar material dos estudantes; sala da secretária; dá acesso para sala da coordenação que dá acesso à diretoria e tem um banheiro para os

professores; banheiros dos estudantes; e uma sala de multimídia que inicia um outro corredor que dá acesso a cantina, espaço cheio de mesas e bancos de alvenaria.

Retornando ao pátio, voltando o olhar agora para à esquerda temos mais salas, mas em menor quantidade e um acesso a quadra poliesportiva com uma arquibancada e um pátio sem cobertura, cheio de arte em grafite onde geralmente os estudantes improvisam uma rede para jogar vôlei. Dois espaços que eles utilizam com frequência, pois pegam os materiais e são responsáveis por devolver. É uma escola muito aconchegante.

Com relação ao NTPPS, estou aqui há 4 anos<sup>5</sup>, tenho mais tempo de experiência aqui do que na outra escola, mas também com todos os anos. Por isso, pode ser que eu acabe repetindo alguma coisa me perdoe. Talvez isso queira indicar algo significativo. Primeiramente, nesta escola temos uma sala própria para o NTPPS, isso já modifica a relação. Pois ela sempre se encontra em forma de semicírculo diferentemente da outra escola. Temos notebooks embora muitos defeituosos e sem baterias, pois os alunos ou até mesmo os professores acabam perdendo. Eles têm liberdade para usar esses computadores dentro da escola, é só solicitarem a um de nós professores do NTPPS, que nesta escola são ao total cinco. Sendo dois do 2º ano, três do 1º ano e uma do 3º ano.

Com relação aos temas de pesquisa, aqui nós já modificamos várias vezes esse caminho. No começo utilizávamos os temas gerais que já vinham nos planos, daí começou a ficar repetitivo os meninos fazendo sempre a mesma coisa, temas como a homossexualidade, bullying, entre outros. Assim, a gente começou a pensar de formas diferentes. No primeiro ano que eu estava aqui, os professores juntamente nas suas respectivas disciplinas se reuniam com os alunos e daí tiravam alguns temas e repassavam para gente. Sendo na única aula do NTPPS dedicada a escolha do tema já trazíamos os que foram escolhidos em conjunto com os professores. Isso foi feito assim pensando na orientação. Sendo que deu certo para uns e para outros não.

No ano posterior, a gente escolheu o tema solto mesmo, o professor que quisesse daria o seu tema ao professor de Núcleo, então, era levado para aula de Núcleo para eles escolherem. Nesse ano eu fiz diferente, eu perguntei logo para os alunos o que eles gostariam de pesquisar, eles que escolheram a temática em sala juntamente comigo na oficina e depois foi levado para os professores. Acabei pedindo sugestão a alguns professores e mesmo assim, **não houve envolvimento dos professores**. Vale ressaltar, que este ano passamos pela greve de professores e estudantes, a nossa escola foi ocupada e após o retorno da greve todos voltaram desestimulados e isso pode ter contribuído também<sup>6</sup>.

O processo de orientação, para mim, caiu demais a maioria dos grupos ficaram nas minhas costas, eu não tenho como dar conta 100% de uma pesquisa, a pesquisa não vai sair perfeita, bonita da forma que era para sair, eu não digo nem perfeita não, mas de uma forma mais bacana, mais completa, por que ele não tem um outro acompanhamento<sup>5</sup>. Sem falar que mesmo os professores não ganhando para isso, esse programa faz parte da escola, o sistema da escola é esse. Esse para mim continua sendo um ponto negativo. Falando estes dias com a outra professora ela disse que para ele tem melhorado a questão da orientação, acredito que por ela ter menos turmas e somente de 2º ano. Eu tenho mais turmas de 1º ano, somente duas do 2º ano<sup>6</sup>.

**Antes a coordenação ela realmente sistematizava isso**, pedia ao professor, cobrava mais do professor do Núcleo e, também, ela divulgava, colocava na sala dos professores os temas, os que estavam sem orientação. Então, o professor se sentia de certa forma cobrado vendo o título dos trabalhos e seus respectivos orientadores e somente o dele de fora. Houve a mudança de coordenação que ainda está meio assim, um pouco distante parece que não se encaixou direito ainda na ideia, por que também “caiu de paraquedas”. Claro que uma pessoa que vem coordenando desde o primeiro ano de experiência como escola-piloto vai ter é outra visão do uma pessoa que entra assim<sup>6</sup>.

Mesmo com tudo isso, não posso negar a importância dessa disciplina para os alunos que mesmo ainda com alguma rejeição por parte deles por olharem pela **dificuldade da pesquisa**, porque não é fácil ainda mais que antes eles liam um papelzinho e era a sua fala no trabalho. Eles liam só aquilo ali e não aprendiam nada. Hoje, eles são obrigados por que a gente exige que eles tenham essa postura profissional de vir aqui na frente, ter os 20 minutos de apresentação, cronometrado como é numa monografia, apresentação de artigo. Então, alguns sentem dificuldade, mas vão se desenvolvendo<sup>5</sup>.

No 1º ano do EM a gente tem uma abordagem diferenciada, os meninos entram muito “verdes” e aí a gente vai começa resgatando essa parte familiar neles, depois a gente já vai para o segundo ano pra parte da sociedade, eles inseridos na comunidade. Então, eles começam a se **desenvolver não só como pessoa**, mas como um indivíduo inserido no meio. E, no 3º ano com toda essa experiência, eles vão ter a possibilidade de entrar no mercado de trabalho, como estudar tudo do mundo do trabalho que eles quiserem, tudo isso pra eles se desenvolverem por completo<sup>5</sup>.

Eles pegam um tema, uma temática do interesse deles, algo que eles queiram desenvolver e vão trabalhando o ano inteiro em cima dessa pesquisa, juntamente com as

competências sócio emocionais. Então, além deles se desenvolverem nas pesquisas, eles vão se desenvolver na comunicação com o outro, na integração de grupo, na liderança, cooperação. Agora, estou fazendo a oficina de ética e cidadania, onde ele vai se desenvolver como ser humano e como cidadão também, com ainda vão ter, para finalizar, a oficina de projeto de vida, fazendo com que ele pense um pouco sobre a sua vida e caminhe. Por ter a experiência com todos os anos, pude ver de fato o amadurecimento deles do primeiro ano até chegarem no terceiro ano. Hoje a gente chega para o aluno do terceiro ano e nem pergunto o que é metodologia, por que eles já sabem. Eles já têm o protagonismo frente à equipe e ao trabalho. Assim, todos os professores ganham alunos mais participativos, aquele menino era inibido, agora ele já consegue apresentar um trabalho de forma legal<sup>5</sup>.

Agora assim, continua sendo **complicado o trabalho em grupo** se perguntarmos a eles sobre esse assunto eles vão dizer que é muito ruim no começo, que os meninos não se encaixam, que os meninos não querem participar, mas que depois eles aprendem muita coisa como o que é a **liderança**. Saber **escutar o outro**, que muitas vezes sempre tem um ou dois que quer impor e nem sempre todo mundo está de acordo. Então, essa coisa deles perceberem isso, perceber que precisa ouvir o outro, que ele não pode ser autoritário, acho riquíssimo<sup>6</sup>.

No entanto, o que se observa é que geralmente eles ficam em cima de um, ou dois ou três do grupo. Agora a gente tem que entender que as habilidades são diferentes, quem sabe mexer no computador nem sempre é o mesmo sabe fazer um bom resumo e nem sempre é aquele que está disposto em aplicar questionário, que tem “o jeito” de chegar na sala e convidar para pesquisa. Então, cada um tem o seu “pedaço” e eles tem que entender isso dentro do grupo, que nem todo mundo vai se engajar em tudo. É claro que sempre tem aqueles que carregam nas costas, por que não querem deixar de fazer por causa da pontuação deles<sup>6</sup>.

Importante falar novamente sobre a escolha da temática conforme o interesse. Já que eles sempre são chamados a isso. Tenho os exemplos daqueles que buscam o esporte e o lazer, todo ano. Praticamente, em toda sala tem trabalho voltado à área da **Educação Física**. Primeiro por que é algo do dia a dia **deles**, a aula que eles gostam demais, a aula onde eles vão jogar bola, onde eles vão jogar vôlei, apesar deles verem como recreação. E assim, muitos já relataram que é uma faculdade que eles gostariam de fazer, que tem tudo a ver com eles. A parte do **lazer** que é onde eles gostam de ir ao shopping, é onde eles gostam de ir para uma praça brincar de skate, enfim, **é algo do dia a dia deles**. Então, eles acabam puxando mais para isso do que outros temas "professora é mais perto para mim falar de esporte que é algo que eu pratico, do que falar sobre meio ambiente. Sei lá... sobre a poluição, que eu ainda

tenho que estudar mais sabe", então eles acabam pendendo mais para esse lado, pela afinidade<sup>5</sup>.

Outra questão que acho importante tocar, o núcleo não era para ser visto como uma disciplina que reprova que os alunos correm atrás de pontos. Sem falar, que tenho percebido nestes últimos dois anos, uma maior valorização a pesquisa em detrimento das oficinas ligadas as questões pessoais. Eu acho que mesmo com a greve e com o prazo curto, não era para forçar a concluir colocando aulas seguidas somente de pesquisa, isso sem dúvida pode contribuir para que eles cheguem no 2º ano dizendo, que o Núcleo é horrível. A tendência é essa. Embora eles gostem de no final que ver o trabalho feito, é algo gratificante para eles, mas é chato. A gente que desenvolve pesquisa sabe que é chato<sup>6</sup>.

Ia esquecendo algo muito interessante, a **reivindicação por parte deles**, algo que no 2º ano tem mais, por que eles sabem desde o começo do ano que eles têm que fazer uma ação na comunidade, algo de positivo para a comunidade de acordo com a conclusão da pesquisa que eles fizeram. Então, digamos que é um tema sobre esporte e lazer, onde eles veem que no bairro deles não tem área para praticar, não tem gente incentivando, que não tem aquelas praças de reabilitação aqueles equipamentos. Eles começam a pensar nisso e já veem como reivindicação.

A ação eles vão no bairro fazer algo de positivo. Então, eles vão lá desenvolver alguma ação, por exemplo vão fazer um momento de lazer com as crianças, utilizar uma quadra do bairro para fazer um momento de lazer, algumas brincadeiras, isso é uma reivindicação. Eu já tive por exemplo de um trabalho sobre infraestrutura, que eles me disseram “professora eu não vou ter como pavimentar a minha rua, é algo muito grandioso”. Daí eu digo, mas você pode estar fazendo um abaixo assinado e pode estar encaminhando para secretaria regional do seu bairro. Assim eles fizeram, bateram de casa em casa, naquela rua e conseguiram fazer um abaixo assinado bem bonitinho e encaminhar para a regional, agora você me pergunta, foi pavimentada? Não foi pavimentada, mas eles não fizeram algo de positivo, estão ou não reivindicando? Eles estão reivindicando.

Então, eu acho que para ficar mais a cara dos jovens, eles têm que ter acesso, pois são poucas escolas que tem o Núcleo. Eles já entendem, eles já gostam, eles já acham legal. A gente escuta “professora a senhora mudou a minha vida”, é engrandecedor demais. Acho que todo professor devia passar por essa experiência. Embora haja brincadeira eles têm que entender a reflexão por detrás disso tudo, dos conteúdos que não se vê no dia a dia, nem em toda aula. Sem falar na preocupação somente com aquela parte conteudista, vestibular. Eu



acho que a parte humana influencia muito mais, se eles se desenvolverem como pessoa, eles vão se desenvolver em outros âmbitos também. A partir do momento que **eles se conhecerem mais, eles vão estar melhorando em todos os outros aspectos**<sup>5</sup>.

O fato deles saírem da sala de aula para vir para **outro ambiente**, já muda; o fato de eles estarem aqui com as cadeiras não enfileiradas, mas em semicírculo, já muda a visão; o fato de terem **mais dinâmicas na sala** já muda, o fato deles fazerem pesquisa com o tema que eles gostam já muda. Então, é algo positivo. O que tem que ter é mais apoio dentro da escola para fortificar e ampliar<sup>5</sup>.

Desse modo, percebo cada vez mais a necessidade de relatar o que vivi com os jovens dessas escolas. Descreverei todo o percurso feito com eles conforme foi planejado e executado.

#### **4.4 Percurso com as jovens e os jovens**

Com relação aos jovens, o critério utilizado para escolha dos atores sociais, durante projeto de dissertação, foram os seguintes: jovens do 1º ano do ensino médio que tivessem pesquisa voltado ao macro campo esporte e lazer. No entanto, ao participar de algumas bancas de avaliação, assistir a aula de DPS/P e ouvir alguns professores em suas entrevistas, optamos por fazer uma entrevista-teste para perceber aqueles que poderiam contribuir qualitativamente para reflexão sobre o objeto de estudo.

Para isso, foi feito um roteiro de entrevista-teste (APÊNDICE G) para seleção dos jovens participantes da pesquisa. Foram convidados três jovens de cada escola, sendo um de cada ano letivo, sem preocupação com o macro campo de pesquisa e sem distinção por sexo ou idade. Conforme chegávamos à escola, solicitávamos de cada professor de DPS/P, a entrada em sala de aula para falar da pesquisa e assim conseguir um jovem de sua turma que se mostrasse interessado em ajudar respondendo a algumas perguntas.

As perguntas envolviam cinco eixos, parecidas com as que foram feitas com as educadoras e o educador: aspectos positivos e negativos do NTPPS; a escolha do tema de pesquisa; relação professor e estudante; relação NTPPS e Educação Física (e com outras áreas) e sobre o trabalho em grupo. Com isso, observamos que a melhor consistência nas respostas vinha daqueles estudantes que se encontravam no meio do processo, os do 2º ano, que já tinham passado pela experiência no 1º ano e que ainda não estavam imersos na correria do vestibular do 3º ano.

Posteriormente, foi feito o levantamento referente a quantidade de grupos de projeto de pesquisa voltados ao macrocampos (eixos) Esporte e Lazer dentro do 2º ano, nas duas escolas, totalizando 11 trabalhos com a participação de 51 jovens. Vale ressaltar, que não fizemos um mapeamento geral por eixo, pela dificuldade de conseguir estes dados com os professores.

Na escola W.S.C haviam 22 jovens, subdivididos em 6 grupos de pesquisa, voltados estritamente a temática do lazer. Na escola J.M. haviam 29 jovens, subdivididos em cinco grupos de pesquisa: um voltado a temática do lazer e quatro voltados ao Esporte.

Com isso, foi feito um convite e entrega do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para participação voluntária na entrevista em grupo. O convite foi feito dentro das aulas de NTPPS, com autorização do professor regente, buscando conseguir o maior número de jovens pedimos a contribuição dos líderes das equipes para entrar em contato com seus companheiros. Fizemos adequação de horários conforme a realidade dos mesmos.

Assim, sensibilizamos quinze (15) participantes da JM, que foram subdivididos em G01 (8 jovens); G04 (4 jovens) e G05 (3 jovens). Seus temas de pesquisa:

- A influência do esporte no bairro Parangaba;
- Limitações e possibilidades do lazer para os jovens no bairro Montese;
- O esporte na comunidade da Serrinha benefícios físicos e sociais;
- As modalidades esportivas no bairro do Montese a partir das Paraolimpíadas de 2016.

Na WSC sensibilizamos doze (12) participantes, sendo que foram subdivididos em G02 (8 jovens) e G03 (4 jovens). Seus temas de pesquisa:

- A importância das atividades de lazer nas comunidades Barroso/Castelão;
- Zumba no Passaré;
- O lazer na Cidade dos Funcionários;
- Conhecendo o movimento de arte urbana na Cidade dos Funcionários;
- Projetos Sociais: ritmos e movimentos.

Em síntese, trabalhamos com 5 grupos formados para entrevista e os a(u)tores participantes da pesquisa foram 27 jovens do 2º ano do ensino médio que desenvolveram projetos de pesquisa, em 2016, voltados ao macro campo Esporte ou Lazer nas duas escolas-piloto, totalizando nove (9) trabalhos (TABELA 1).

Tabela 1 - Descrição dos grupos de jovens participantes da pesquisa

LÓCUS DA PESQUISA	PARTICIPAÇÃO DOS GRUPOS DE PESQUISA			PARTICIPAÇÃO DE JOVENS		
	LAZER	ESPORTE	TOTAL	FEM	MASC	TOTAL
E.E.F.M.W.S.C.	5	0	<b>5</b>	8	4	<b>12</b>
E.E.F.M.J.M.	1	3	<b>4</b>	7	8	<b>15</b>
TOTAL	6	3	<b>9</b>	14	12	<b>27</b>

Fonte: autoria da pesquisadora.

Buscando mapear mais características sobre os jovens deste estudo, foi feito um roteiro de entrevista-perfil dos jovens (APÊNDICE I), com oito questionamentos por meio das redes sociais (*Facebook e Whastapp*). Chegou-se a um perfil para além de dados iniciais (sexo e idade). Algo percebido como de extrema relevância quando optamos pela modificação do referencial teórico pós-qualificação em outubro de 2016.

## ETAPAS DA ENTREVISTA EM GRUPO

Optamos por esta técnica na busca de mapear e compreender o mundo da vida dos jovens, a relação entre os atores sociais e sua situação num período limitado (GASKELL, 2007). Tendo como inspiração a 2ª fase do Círculo de Cultura Freireano (FREIRE, 1987) na organização das etapas e escolha dos recursos potencializadores para o diálogo (foto, desenho e cartas). Esse momento trouxe consigo a possibilidade de reflexão sobre temas geradores obtidos durante a observação permitindo adentar o universo da objetividade das produções construídas pelos a(u)tores participantes da pesquisa.

Para isso, criamos um roteiro de entrevista-teste em grupo (APÊNDICE G) composto por três eixos de ação subdivididos em cinco atividades, três de produção e duas de compartilhamento, para apreensão do fenômeno. Os eixos são: experiências no NTPPS; experiências voltadas ao lazer e ao esporte (as pesquisas) e, por fim, experiência da juventude.

No dia da entrevista, era solicitado autorização para uso de sala disponível, avisado aos jovens e feita a organização do espaço. A sala era organizada no formato de semicírculo que ficava praticamente no meio da sala, próximo a mesa do computador, para assim colocar somente o número exato de cadeiras conforme o número de participantes. No centro deste círculo se encontrava uma mesa com folhas A4 coloridas, lápis de escrever e de

cor, giz de cera e dois gravadores de voz, sendo que um deles transitava entre os estudantes nos momentos de fala e o outro ficava fixo na mesa.

Utilizou-se um computador para reproduzir as músicas, com o auxílio de pequenas caixas de som, como para a apresentação das fotos que eram projetadas com a utilização do Datashow, além de, duas máquinas fotográficas, uma básica e outra semiprofissional para criação das fotografias.

Com a entrada dos jovens na sala, pedia-os que sentassem nas cadeiras para as primeiras explicações sobre a pesquisa, seus objetivos, o processo de entrevista e suas etapas como o esclarecimento referente ao uso do gravador e a necessidade de escolherem um pseudônimo para si, para serem suas identificações no decorrer da escrita do trabalho resguardando sua identidade real (conforme Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde). Vale ressaltar, que muitos esqueceram de colocar ou não quiseram colocar seus pseudônimos nos desenhos, dessa forma foi escolhido conforme características percebidas pela pesquisadora durante a entrevista.

Muitas vezes, fazia-os lancharem enquanto organizava o material. Quando o tempo era mais curto eles lanchavam enquanto faziam a primeira atividade, mas sempre havia lanche bolo de chocolate, biscoitos, refrigerante e salgados de pacote.

Dessa forma, era solicitado a eles que se organizassem em subgrupos quando haviam mais de quatro jovens presentes, de no máximo quatro componentes, de diferentes grupos de pesquisas, conforme a escolha dos participantes e sem distinção por sexo. Após isso, era iniciado as atividades.

A **primeira atividade**, era tirar duas fotos para cada um ou para o grupo, com o antes e o depois do NTPPS, respondendo aos seguintes questionamentos: Como eu me sinto quando entro nas atividades no NTPPS? Como eu sinto quando termina as atividades do NTPPS? Em alguns casos, uns não queriam aparecer na foto, assim foi colocado como critério pelo menos a participação de dois do grupo. No entanto, eles teriam que pensar juntos o que seria melhor e quando retornassem à sala me diriam o critério utilizado. Quando retornavam à sala, entregavam-me as câmeras e falavam seu critério. Abaixo segue a tabela 2 com a composição dos grupos.

Tabela 2 - Composição dos grupos de entrevista para criação da fotografia.

GRUPO ENTREV.	GRUPOS DE PESQUISA	JOVENS	CRITÉRIO PARA ESCOLHA DA QUANTIDADE DE FOTOS	QUANT. FOTOS
------------------	--------------------------	--------	--	-----------------

(GE)	NTPPS			
<b>G01 - JM</b>	2	8	SUB-G01.1: duas fotos (início e fim para o grupo) SUB-G01.2: três fotos (início, meio e fim para o grupo)	5
<b>G02 - WSC</b>	3	8	SUB-G02.1: duas fotos (início e fim para o grupo) SUB-G02.2: duas fotos (início e fim para o grupo)	4
<b>G03 - WSC</b>	2	4	SEM SUBGRUPO: quatro fotos (duas no início e duas no fim para o grupo)	4
<b>G04 - JM</b>	1	4	SEM SUBGRUPO: oito fotos (quatro início e quatro fim sendo duas para cada pessoa sem distinguir início ou fim)	8
<b>G05 - JM</b>	1	3	SEM SUBGRUPO: sete fotos (três no início; três no fim e uma para o grupo)	7
<b>TOTAL</b>	9	27		28

Fonte: autoria da pesquisadora.

Em síntese, referente ao eixo experiência NTPPS que está relacionado com o primeiro objetivo específico: desvelar os saberes que são elaborados pelos jovens com o NTPPS, proposto na busca de compreender o que esse programa tinha acrescentado nas vidas dos jovens. Teve como recurso para apreensão do fenômeno a fotografia e o compartilhamento dos motivos que levaram a sua criação. Optamos por fazer o diálogo sobre a produção em um outro momento, pela necessidade de organizar a apresentação das fotos para projeção como pela possibilidade de motivá-los ao verem a si mesmos representando uma opinião (ver atividade 4).

Posteriormente, já era explicado **segunda atividade**, a criação de um desenho que mostrasse o motivo que o fez escolher o macro campo de pesquisa esporte ou lazer respondendo aos seguintes questionamentos: O que fez vocês escolherem este macro campo? Que experiências na vida de vocês, fez com que escolhessem o esporte ou lazer para pesquisar? Trazendo assim a realidade atual ou de outros momentos de sua vida que poderiam justificar sua escolha.

Com isso, após o termino dos desenhos partíamos para a **terceira atividade** que era o compartilhamento dos desenhos. Esse momento embora quisesse que fosse mais

dialógico eles escutavam os colegas, mas não queriam perguntar nada. Muitas vezes acabei fazendo muitas perguntas na intenção de manter o diálogo respeito as individualidades, já que, demonstravam-se tímidos e observadores. Acredito que pelo pouco contato que tivemos.

Sempre os deixava livres para quem quisesse compartilhar tanto é que em um grupo uma menina não apresentou embora tenha feito o desenho e participado ativamente dos outros momentos. Geralmente, essa apresentação era muito linear, um terminava, eu fazia perguntas até conseguir o máximo de informações e, posteriormente, outro começava. Ao final, todos passávamos para etapa posterior.

Em síntese, o eixo experiências voltadas a área da Educação Física, Lazer e Esporte que está relacionado com o segundo objetivo específico: desvelar as relações estabelecidas pelos jovens com e na pesquisa NTPPS, teve como recurso para apreensão do fenômeno o desenho e o compartilhamento dos motivos que levaram a sua criação.

A **quarta atividade**, que era o compartilhamento em grupo das fotos tiradas. Era uma estratégia de socialização reflexiva buscando uma maior interação. Primeiro um subgrupo se voluntariava para começar mostrando as fotos enquanto que o outro subgrupo buscava interpretar a intenção por trás da criação da foto, a partir do seguinte questionamento: como vocês interpretam esta foto? E em seguida, por volta de uns dois minutos, até menos, o grupo que tinha a foto exposta apresentava o significado da sua foto, respondendo o seguinte questionamento: porque vocês tiraram esta foto? Assim, era feito com o outro grupo. Uma atividade muito instigante, pois eles riam, interagiam e falavam bastante. Com isso, partia para última etapa.

A **quinta atividade**, referente ao quarto objetivo específico: propor reflexões que potencializassem pensar a escola de Ensino Médio com “a cara da juventude” a partir da contribuição dos jovens. Assim, era solicitado que escrevessem uma carta para o secretário de educação do estado do Ceará dizendo o que seria uma “escola com a cara da juventude” e o que a escola deles precisariam ter para ser uma escola com a cara da juventude. Quem ia terminando podia sair da sala, era feito um agradecimento.

Estas cartas compuseram a seção “Carta(z): orientações juvenis para escola” formando um “corpo-juvenil” ficcional personificado para cada grupo de entrevista. Para identificar cada colaborador deixamos ao final de cada frase uma numeração de referência indicando em notas o nome fictício dos jovens, alguns escolhidos por eles e outros pela pesquisadora.

## 5 CARTÕES-POSTAIS: EXPERIÊNCIA JUVENIL COM NTPPS

### CAMINHOS ANALÍTICOS: FOTOS E ÁUDIOS

Os dados apreendidos nas entrevistas referente ao eixo 1: experiência NTPPS, por meio de perguntas mobilizadoras foram subdivididos conforme suas respectivas atividades:

- Atividade 1: criação da foto.

Primeira parte: sobre a experiência inicial com e no NTPPS;

Pergunta: Como eu me sinto quando entro nas atividades do NTPPS?

Segunda parte: sobre a experiência com e no NTPPS (ao final de suas atividades).

Pergunta: Como eu sinto quando termina as atividades do NTPPS?

Material para análise: inventário de análise semiológica.

- Atividade 4: compartilhamento da experiência.

Primeira parte: sobre a experiência inicial com e o NTPPS;

Pergunta ao grupo externo (não criador da foto): Como vocês interpretam esta foto?

Pergunta ao grupo interno (criador da foto): Porque vocês tiraram esta foto?

Segunda parte: sobre a experiência com e no NTPPS (ao final de suas atividades).

Pergunta ao grupo externo (não criador da foto): Como vocês interpretam esta foto?

Pergunta ao grupo interno (criador da foto): Porque vocês tiraram esta foto?

Material para análise: áudios transcritos.

Na E.E.F.M.W.S.C. (12 participantes – G02.1/G02.2/G03):

**Na atividade 1 (primeira parte)**, chegamos a 3 categorias: corpo-pensamento (G02.1); corpo-interesse (G02.2); corpo-expectativa (G03).

**Na atividade 1 (segunda parte)**, chegamos a 3 categorias: corpo-mudança (G02.1); corpo-(des)interesse (G02.2); e corpo-êxito (G03).

**Na atividade 4 (primeira parte)**, chegou-se as seguintes subcategorias: incômodo (CD02.1) indiferença (CD02.2) e interesse (CD03) que reorganizados conforme o “núcleo de sentido” foram estabelecidas 2 categorias: desmobilização (G02.1/G02.2) e mobilização (G03).

Na **atividade 4 (segunda parte)**, chegamos a 3 subcategorias: aprendizagem (CD02.2; CD03) e interação (CD02.1) que reorganizados conforme os “núcleo de sentido” foram estabelecidas 2 categorias: mobilização (CD02.1; CD02.2; CD03).

Segue abaixo a síntese desses dados articulando categorias de análise por grupo de entrevista (QUADRO 5).

Quadro 5 - Relação entre codificação das categorias de análise E.F.M.W.S.C.

<b>RELAÇÃO DE CATEGORIAS DE ANÁLISE (CONTEÚDO E SEMIOLÓGICA DAS FOTOS) E.E.F.M.W.S.C.</b>				
<b>GE</b>	<b>SUB-GE (QT JOV.)</b>	<b>(DES)MOBILIZAÇÃO</b>	<b>SEM CAT</b>	<b>(DES)MOBILIZAÇÃO</b>
		<b>ANTES (CORPO)</b>	<b>DURANTE (CORPO)</b>	<b>DEPOIS (CORPO)</b>
<b>G02</b>	SUB-G02.1 (4)	SONHO (1) ISOLAMENTO (1) AGORA (1)	SEM CAT	(NO)PROCESSO PRODUÇÃO INTERAÇÃO
	URC:	<b>CORPO-PENSAMENTO</b>	SEM CAT	<b>CORPO-MUDANÇA</b>
	SUB-G02.2 (4)	INTERESSE (2)	SEM CAT	(DES)INTERESSE (2)
	URC:	<b>CORPO-INTERESSE</b>	SEM CAT	<b>CORPO-(DES)INTERESSE</b>
<b>G03</b>	SEM SUBGRUPO (4)	EXPECTATIVA [PROF] (1) EXPECTATIVA [JOV] (1)	SEM CAT	ÊXITO [PROF] (1) ÊXITO [JOV] (1)
	URC:	<b>CORPO-EXPECTATIVA</b>	SEM CAT	<b>CORPO-ÊXITO</b>

Fonte: autoria da pesquisadora.

Importante ressaltar que nesta escola o G02.2 apresentou um aspecto destoante entre a composição da foto e o compartilhamento sobre a criação gerando assim a similaridade de categoria (des)mobilização tanto para experiência inicial como final com e no NTPPS. Como pode ser observado no quadro acima. E o G03 apresentou mobilização tanto para experiência inicial como final com e no NTPPS, se diferenciando dos outros grupos.

Na E.E.F.M.J.M. (15 participantes – G01.1/G01.2/G04/G05):

Na **atividade 1 (primeira parte)**, chegou-se a três categorias: corpo-pensamento (G01.1); corpo-(no)mundo (G01.2); corpo-suspensão (G04; G05).

Na **atividade 1 (segunda parte)**, chegou-se as seguintes categorias: corpo-processo (G01.1); corpo-método e corpo-possibilidade (G01.2); corpo-relação (G04) e corpo-possibilidade (G05).

Na **atividade 4 (primeira parte)**, chegou-se as seguintes subcategorias: dúvida, confusão e incerteza (CD01.1); vazio (CD01.2); desinteresse (CD04; CD05). Reorganizando



conforme o “núcleo de sentido” foram estabelecidas as seguintes categorias: desmobilização (CD01.1; CD01.2; CD04; CD05).

Na atividade 4 (segunda parte), chegou-se as seguintes subcategorias: aprendizagem (CD01.1; CD01.2; CD03); envolvimento (CD04) e interesse (CD05). Reorganizando conforme o “núcleo de sentido” foram estabelecidas as seguintes categorias: mobilização (CD01.1; CD01.2; CD03; CD04; CD05).

Segue abaixo a síntese desses dados articulando categorias de análise por grupo de entrevista (QUADRO 6).

Quadro 6 - Relação entre categorias de análise E.E.F.M.J.M.

<b>RELAÇÃO DE CATEGORIAS DE ANÁLISE (CONTEÚDO E SEMIOLÓGICA DAS FOTOS) E.E.F.M.J.M.</b>				
<b>GE</b>	<b>SUB-GE (QT JOV)</b>	<b>DESMOBILIZAÇÃO</b>	<b>MOBILIZAÇÃO</b>	
		<b>ANTES (CORPO)</b>	<b>DURANTE (CORPO)</b>	<b>DEPOIS (CORPO)</b>
<b>G01</b>	SUB-G01.1 (4)	PREOCUPAÇÃO (1) DESCONFIANÇA (1) DÚVIDA (2)	SEM CAT	ENCONTRO (2) (EM)PROCESSO (1) (IN)TENSÃO (1)
	URC:	<b>CORPO-PENSAMENTO</b>	SEM CAT	<b>CORPO-PROCESSO</b>
	SUB-G01.2 (4)	(NO)MUNDO (1) NÃO PRESENTE (3)	HORIZONTE (1) BASE(1) CONVITE(1) (AUTO)ANÁLISE (1)	FLEXÍVEL (1) TRANSVERSO (2) SUBMISSÃO (1)
<b>G04</b>	SEM SUBGRUPO (4)	DESLIGAMENTO (1) (IN)TENSÃO (1) RESISTÊNCIA (1) (IN)DIFERENÇA (1)	SEM CAT	HARMONIA (1) ESPAÇO (2) INTERAÇÃO (1)
	URC:	<b>CORPO-SUSPENSÃO</b>	SEM CAT	<b>CORPO-RELAÇÃO</b>
<b>G05</b>	SEM SUBGRUPO (3)	DESLIGAMENTO (1) (IN)DIFERENÇA (1) ISOLAMENTO (1)	SEM CAT	HORIZONTE (1) DOMÍNIO (1) EXPANSÃO (1) POSSIBILIDADES (1)
	URC:	<b>CORPO-SUSPENSÃO</b>	SEM CAT	<b>CORPO-POSSIBILIDADES</b>

Fonte: autoria da pesquisadora.

Devido à grande quantidade de categorias preferiu-se compor a discussão dos dados em três seções agrupadas: primeiro, uma foto transformada em cartão-postal com uma descrição sintética do Inventário de Análise Semiológico (IAS) buscando convidar o leitor para imagem produzida; segundo, foi feita uma descrição direta das entrevistas sem uso de

referenciais bibliográficos, colocando em **negrito** a palavra-chave que cada grupo trazia; e terceiro, a criação de uma seção síntese “indícios da experiência juvenil com NTPPS” com auxílio do referencial teórico.

### 5.1 Do corpo-pensamento ao corpo-processo

Figura 5 - Cartão-postal: corpo-pensamento.



#### CORPO-PENSAMENTO

*“Juntos olhamos para um horizonte de incertezas que não estão na base, mas nas possibilidades colocadas, que por hora estão em cima de nossas cabeças. Temos energia, mas está represada, querendo continuar seu fluxo. Queremos ver (ir) além, precisamos caminhar...”*

Em breve conversaremos mais,

Um forte abraço.



De: Klertianny  
Para: Bernard Charlot

Rua: Desejo, nº 1  
Bairro: Mobilização  
Aracaju - SE

4 1 9 4 4 9 9 7

Fonte: autoria da pesquisadora (APÊNDICE J).

## GRUPO ENTREVISTADO 01.1.

No primeiro momento, o grupo identificou como sendo um espaço-tempo confuso e duvidoso pela falta de conhecimento sobre o que é de fato o programa. Buscam nos mostrar que somente pela experiência que se consegue significar, nos direcionando para a relação que existe entre a experiência do 1º ano e do 2º ano mostrando suas diferenças a partir das suas **atividades**, que se diferenciam pela necessidade de aprofundamento e, por isso, se torna mais difícil.

“Porque aí, foi como se a gente tivesse quando a gente tá entrando, como se tivesse confuso no que a gente ainda ia querer, que a gente ia começar a fazer ainda. O que era o Núcleo? Era uma matéria nova que tava entrando e a gente tava confuso procurando saber. É como eu falei, no 1º ano é negócio de só escrever, só falar entendeu? Só pegar coisas da internet e jogar no papel e dar pro professor, era mais isso, pesquisar mais na internet, pra mim eu achei isso” (IARA).

Agora assim, no 2º ano você tem que saber sobre um tema, querer descobrir algo mais pra falar pras pessoas do colégio o eu está acontecendo na comunidade através do seu tema... É um negócio mais difícil” (CIDA).

Quando o grupo externo foi indagado sobre como eles interpretavam a foto, antes do próprio grupo interpretar, relataram aspectos semelhantes: a dúvida, a confusão, a falta de significado e, trouxeram um aspecto reflexivo, sobre o motivo de se ter colocado na escola.

“Tipo: o que é o Núcleo? O que é que tá acontecendo? O que é que eu vou ter que fazer? O que é isso? O que isso vai influenciar na nossa vida? ” (NAY).

Portanto, a relação com o NTPPS no início é marcada por incertezas, confusões e falta de significado por ser algo novo e eles não terem **experiência** gerando preocupação, desconfiança e muitas dúvidas como pode ser observado nas posturas nas fotos. Com um indício, este grupo lança a questão sobre as atividades e sua relação com o saber. Quando os jovens fazem comparações e reconhecem as diferenças entre um ano e outro tendo como base as atividades.

## CARTÃO-POSTAL: CORPO-PROCESSO

Figura 6 - Cartão-postal: corpo-processo.



### CORPO-PROCESSO

*“... caminhar não é fácil, mas fica menos “hard” quando nos apoiamos em algo tangível, quando desbravamos lugares, principalmente, a vida com seus espaços estreitos rodeados por desafios que nos impelem a integração, a proximidade, a mudança de posição. Horas estamos no controle que nos exige uma postura firme, horas não estamos tão seguros assim. No entanto, com o desejo, com o encaixe transformamos nosso “sofrimento” em arte. Dali Frida!”*

Um forte abraço.



De: Klertianny  
Para: Bernard Charlot

Rua: Desejo, nº 1  
Bairro: Mobilização  
Aracaju - SE

4 1 9 4 4 - 9 9 7

Fonte: autoria da pesquisadora (APÊNDICE J).

## CRUPO ENTREVISTADO 01.1.

O grupo identificou como sendo uma possibilidade de **aprender questões da dimensão escolar e questões da vida** ensinando a como fazer o trabalho de pesquisa e como agir no mundo com seus enfrentamentos mostrando outras possibilidades.

Vocês vão mostrar felizes porque encontrou o caminho” (IARA)  
É... também... É... O núcleo, ele também, me ensinou não somente no trabalho em si, é... ele nos ajuda a ensinar como vai ser lá fora, o que a gente vai enfrentar, o que vai ser, é... como a gente deve agir, é isso (VIDA).

Quando o grupo externo foi indagado sobre como eles interpretavam a foto, disseram identificar como sendo um processo de criar, preparar, relatar e apresentar que culminou na aprendizagem que inicia com muitas dúvidas, mas que ao final chegam com outros conhecimentos.

Gostaram. E tem interesse em continuar. É... resolveu muita coisa. Ensinou a eles a agir, a apresentar trabalho, criar o trabalho, a preparação toda, o relatório, saber o que tava fazendo, enfim (NAY).  
Acabaram conhecendo, aprendendo (BONECA).

Dessa forma, a relação com o NTPPS no decorrer do processo vai se ressignificando fazendo com que os jovens atribuam sentido tanto para vida como para a escola como pode ser observado nas posturas nas fotos, antes era corpo-pensamento e transforma-se para corpo-processo.



## 5.2 Do corpo-(no)mundo ao corpo-possibilidade

Figura 7 - Cartão-postal: corpo-(no)mundo



### **CORPO-(NO)MUNDO**

*"Sozinha... (im)paciente... buscando um futuro que ultrapassa os limites da visão. Estou entre um mundo de esperança fincado nas minhas experiências, mas estou na iminência de descobrir outros espaços... um pouco distante do que conheço. Preciso de proteção, acolhimento..."*

Em breve conversaremos mais,

Um forte abraço.



De: Kkerttianny  
Para: Paulo Freire

Rua: Consciência, nº 1  
Bairro: Engajamento  
Recife - PE

5 1 9 2 1 - 9 9 7

Fonte: autoria da pesquisadora (APÊNDICE K).

## GRUPO ENTREVISTADO 01.2.

No primeiro momento, o grupo sendo representado por uma única voz falou sobre a desinteresse que acontece no início pela falta de conhecimento relacionado com os sentimentos de falta de sentido a esta situação que não se apoia em experiências anteriores como acontece com as outras matérias no decorrer da vida estudantil. Vale ressaltar, a **visão que se tem de si como estudante** como alguém sem conhecimento como se aprendizagens anteriores não pudessem ajudar nesse novo espaço.

“Ela sozinha sem sentido, sem saber de nada, sem nenhum tipo de conhecimento” (NAY).

Quando o grupo externo foi indagado sobre como eles interpretavam a foto, corroboraram com o grupo produtor da foto:

“É tipo que, como se tivesse sozinha [...]” (VIDA).  
[...] essa outra tá fora de tudo...” (CIDA). “Essa daí, ela tá sozinha no mundo (risos)” (IARA).

Portanto, fazendo-nos inferir que a falta de experiência com NTPPS anteriormente, deixam os jovens sem atribuir sentido ao que a escola propõe ressaltando aqui que este sentimento causa nesses jovens o não reconhecimento de si como **seres para si**.

## CORPO-ENGAJAMENTO

Figura 8 - Cartão-postal: corpo-engajamento.



### CORPO-ENGAJAMENTO

*“Passagem... agem... movimentos que convidam pelo apoio e pelo contato. Mesmo com profundas incertezas alguns braços esperançosos se direcionam para dentro solicitando movimento para fora, estão em busca de agarrar o sonho que vive neste território de passagem que precisa somente de condução a um horizonte uno, mas múltiplo de possibilidades entre o ideal e o sonho”.*

Até breve,  
Um forte abraço.



De: Klertianny  
Para: Paulo Freire

Rua: Consciência, nº 1  
Bairro: Engajamento  
Recife - PE

5 1 9 2 1 - 9 9 7

Fonte: autoria da pesquisadora (APÊNDICE K).



## GRUPO ENTREVISTADO 01.2.

O grupo formado por 4 jovens tiveram como percepção do processo e final, o **engajamento** e a **aprendizagem**. Sendo que durante o processo, o NTPPS instituiu uma forma de aprender por meio do aprofundamento fazendo-os agir da forma certa dentro do contexto escolar, aprendendo.

Na segunda foto, digamos que o Núcleo foi o que a fez levantar, a aprender, a se aprofundar, etc. Depois a gente estava sabendo agir da forma certa”. E aí a gente continuou a pensar, quer dizer, a gente começou a pensar, a ir atrás do conhecimento, atrás do saber. A gente estava refletindo sobre tudo (NAY).

A percepção do grupo externo, corroborando com o grupo produtor identificou que a **interação** e o **trabalho em grupo**, que fazem parte da metodologia NTPPS, favoreceram a saber mais sobre o assunto, tema de pesquisa e a comunicar a respeito fazendo com que o NTPPS ganhasse uma identidade por meio do que pesquisam no ano, aquilo que buscam aprofundamento.

[...]e... no meio ela já tava unida trabalhando com o grupo” (VIDA).  
Já tava interagindo com o grupo, sabendo mais do assunto e tal... [...] essa eles tão interagindo, tão se comunicando mais, sabendo do assunto [...] (CIDA).

No terceiro momento, relativo a percepção final do processo NTPPS, o grupo percebeu que estavam **refletindo e agindo** não só sobre o NTPPS, mas sobre todo o processo.

“E aí a gente continuou a pensar, quer dizer, a gente começou a pensar, a ir atrás do conhecimento, atrás do saber. A gente estava refletindo sobre tudo” (NAY).

No entanto, a percepção do grupo externo gerou um certo conflito, pois os mesmos se perguntavam como poderiam terminar o processo ainda com cara de perdidos, uma pessoa do grupo falou que eles estavam pensando, pensando sobre o processo. É interessante perceber que quando eu olho para imagem eu faço referência ao que eu penso e que acredito ser a resposta, se torna estranho quando o outro me demonstra algo diferente, fazendo-nos supor que o processo encerra com a entrega do trabalho com “o encontro do caminho” conforme dito no grupo anterior (G01.1) e por esse grupo, ele ganha força quando transcende o espaço-escola e possibilita outros momentos reflexivos.


Agora, essa aqui ficou meio confusa, porque parecem que eles estão pensando... acho que fiquei confusa não entendi... [...] Parece que essa é o começo que eles estão perdidos [...] (CIDA).  
Tão ainda pensando... (IARA).

Portanto, nos induz a olhar para esse processo compreendendo que existem processos educativos diferenciados que são percebidos pelos **jovens** e que se tornam meios eficazes para chegar ao objetivo final que é a finalização das oficinas e a apresentação dos trabalhos.

## CARTÃO-POSTAL: CORPO-POSSIBILIDADE

Figura 9 - Cartão-postal: corpo-possibilidade.



<b>CORPO-POSSIBILIDADE</b>	
<i>Quando abro a porta, eu me fecho, eu me abro (eu-submisso).</i>	
<i>Shiiiiiii... silêncio!</i>	
<i>É preciso ir mais (para o) fundo. Sugiro que não vá em linha reta.</i>	
<i>[Alguém grita lá no fundo: ATR ÆV Æ(R)SE!]</i>	
<i>Até breve, um forte abraço.</i>	
	De: Klertianny Para: Paulo Freire  Rua: Consciência, nº 1 Bairro: Engajamento Recife - PE
	5 1 9 2 1 9 9 7

Fonte: autoria da pesquisadora (APÊNDICE K).

### 5.3 Do corpo-pensamento ao corpo-mudança

Figura 10 - Cartão-postal: corpo-pensamento.



#### CORPO-PENSAMENTO

*"Passei um tempo isolado, buscando ao longe o que de fato estava tão perto. Agora, mudar é necessário... Mas como?"*

Em breve conversaremos mais,

Um forte abraço.



De: Klertianny  
Para: Paulo Freire

Rua: Consciência, nº 1  
Bairro: Engajamento  
Recife - PE

5 1 9 2 1 - 9 9 7

Fonte: autoria da pesquisadora (APÊNDICE L).

## GRUPO ENTREVISTADO 02.1.

No primeiro momento, a percepção inicial do grupo era de desinteresse relacionado com a falta de conhecimento do processo NTPPS concebido por eles como algo que aparentemente incômodo, possivelmente pela forma como foi expresso, não iria lhes trazer vantagens e sim **mais trabalho**, sem falar na **relação conflituosa com a professora**.

A primeira foto a gente quis basear como era uma matéria nova, pensou em ‘Ah, mais trabalho! Não gostei’. Uma coisa monótona. A primeira foto quis dizer que a gente não tava com interesse na matéria, que a gente não achava benefício do núcleo quando falaram pra gente [...] (ARI).

A professora também não favorecia (ELÉTRIKA).

A gente nem sabia que existia Núcleo, nem TIC. E como ele disse né? Pensava ser uma coisa chata...” (MAJÚ)

A percepção do grupo externo, se coadunou com as do grupo produtor da foto, no entanto, trazendo um elemento corporal para comprovar a insatisfação como uma postura atualmente muito utilizada pelos jovens para demonstrar sua insatisfação que é ficar com celular no meio da aula, vale ressaltar que está última não está presente na foto, nos reportando a uma conduta pessoal significativa para a jovem que a descreveu.

É desinteresse puro aí (LÚCIA).

Nesta foto parece que eles não estão levando tão a sério! [...] No começo não tinha interesse ficava brincando, dormindo, com celular [...] (FLOR DE LIZ)

Portanto, fazendo-nos inferir que a falta de experiência com NTPPS anteriormente, deixam os jovens sem atribuir sentido sem falar que somente a verbalização, o “falar sobre”, induz a uma reflexão referente ao que vem sendo vivido na **escola** como grade curricular, a relação com os professores e a grande quantidade de atividades cotidianas fazendo-os ter uma visão negativa inicialmente sobre o novo programa.

## CORPO-MUDANÇA

Figura 11 - Cartão-postal: corpo-mudança.



### CORPO-MUDANÇA

*"Mudar... o jeito de estar com os outros, interagir, dividir atividades, dar dinâmica ao processo".*

Até breve,  
Um forte abraço.



De: Klertianny  
Para: Paulo Freire

Rua: Consciência, nº 1  
Bairro: Engajamento  
Recife - PE

5 1 9 2 1 - 9 9 7

Fonte: autoria da pesquisadora (APÊNDICE L).

## GRUPO ENTREVISTADO 02.1.

No segundo momento, a percepção final do grupo foi diferente do que achavam, a possibilidade de **interação** relacionada com a possibilidade de se relacionar com o outro e suas ideias mesmo sendo divergentes.

[...] transmitiu uma coisa totalmente diferente. A gente pode interagir, ter outras ideias” (ARI).

A gente nem sabia que existia Núcleo, nem TIC. E como ele disse né? Pensava ser uma coisa chata, mas é bem legal. Faz a gente ter novos coleguinhas ou arranjar novos inimigos (MAJÚ).

A percepção do grupo externo, identificaram melhoria nas relações entre o grupo de trabalho e na identificação de que não era tão chato quanto se pensava.

Parecem que estão debatendo. Vamos dividir o trabalho! (LÚCIA).

[...] só rindo, felizes, pois eles viram que o Núcleo não era tão chato quanto eles pensavam” (FLOR DE LIZ).



#### 5.4 Do corpo-interesse ao corpo-(des)interesse

Figura 12 - Cartão-postal: corpo-interesse.



##### **CORPO-INTERESSE**

*"Cotidianamente estou contigo, em (com) todos os sentidos. Estar contigo é mais que interagir. Tú és meu refúgio. Quero guarda-te junto a mim para que eu não te perca".*

Em breve conversaremos mais,

Um forte abraço.



De: Klertianny  
Para: Bernard Charlot

Rua: Desejo, nº 1  
Bairro: Mobilização  
Aracaju - SE

4 1 9 4 4 - 9 9 7

Fonte: autoria da pesquisadora (APÊNDICE M).



## GRUPO ENTREVISTADO 02.2.

No primeiro, a percepção inicial do grupo era de **desinteresse** representado pelo uso do celular e relacionado com a **falta de conhecimento** e com o que ainda não se mostra **útil à vida** trazendo consigo **mais trabalho**.

A primeira foto é o desinteresse porque na hora da aula ninguém presta atenção, fica mexendo no celular [...] só no começo, antes da gente conhecer a matéria” (LÚCIA). A gente perguntava ‘Ah! Núcleo? O que diabéisso? Pra que que isso vai servir para nossa vida? Nada. É inútil. A gente vai perder tempo aqui. E principalmente no começo a gente só lia aquela apostila, tem texto ou a gente fazia um desenho, então, no começo era só besteira. Não tinha importância [...] (FLOR DE LIZ)  
Achava que era só mais trabalho pra gente fazer, pra atrapalhar... (ROSA).

A percepção do grupo externo, confirma o desinteresse pela representação social que o celular tem dentro do contexto escolar, quando utilizado pelos jovens.

Ai que aula chata! Ai que matéria chata!” (MAJÚ).  
Ela não tava nem aí para a matéria. Achava a matéria muito .... Tosca. Ela não tava nem aí pra matéria, tá focada no celular. [...] na primeira elas não tinham interesse estavam só esperando a mensagem do boy” (ARI).  
“Tosca”(ELÉTRIKA).

Portanto, fazendo-nos inferir, igualmente ao grupo anterior (G02.1) que a falta de experiência com NTPPS anteriormente, deixam os jovens sem atribuir sentido sem falar que somente a verbalização, o “falar sobre”, induzindo-os a refletir referente ao que vem sendo vivido na **escola** fazendo-os ter uma visão negativa inicialmente sobre o novo programa.

No entanto, este grupo em sua composição fotográfica saiu da sala de aula e foi para o corredor fazendo o uso do celular, induzindo-nos a problematizar os **instrumentos e os espaços de sociabilidade** dentro da escola que muitas vezes se restringe a determinados momentos e espaços fora da sala de aula. A diferença entre este grupo e o anterior está na relação com a professora que por não ter sido tocada suponhamos que não seja conflituosa sem falar na exposição da simbologia que o uso do celular conota no ambiente.

## CORPO-(DES)INTERESSE

Figura 13 - Cartão-postal: corpo-(des)interesse.



### CORPO-(DES)INTERESSE

*"Podes ver em mim: preciso estudar, interagir, mas algo me falta. Ela diz: Olha bem aqui amiga! A outra sussurra: Não me basta".*

Até breve,  
Um forte abraço.



De: Klertianny  
Para: Paulo Freire

Rua: Consciência, nº 1  
Bairro: Engajamento  
Recife - PE

5 1 9 2 1 - 9 9 7

Fonte: autoria da pesquisadora (APÊNDICE M).

## GRUPO ENTREVISTADO 02.2.

No segundo momento, a percepção final do grupo mostra que aprender a fazer gerou conhecimentos que antes não tinham, portanto, **aprendizagem** relacionado ao domínio do processo de pesquisa (método) e das formas de se relacionar em grupo.

[...] depois a gente aprendeu coisas novas, conceitos. Eu pelo menos aprendi a ser mais comunicativa, aprendi até a usar e-mail, eu não usava e aprendi com a Célia. Aprendi o que é resiliência. Aprendi a ter mais senso crítico né? A ver as coisas diferentes, a fazer trabalho científico. Aprender a trabalhar em equipe também”. (FLOR DE LIZ). Aprender a fazer trabalho científico” (LÚCIA).

A percepção do grupo externo, a percepção do grupo externo sem qualquer fala do grupo proponente nos revelou que mesmo com formas diferentes de falar sobre o fenômeno conseguiram se aproximar do que no fundo elas relatavam o início desinteressado e posteriormente um final fecundo de interesse.

As provas estão chegando a gente tem que estudar” (ELÉTRIKA).  
A segunda mostra o interesse delas [...] (ARI).

Portanto, este grupo que o começo do processo NTPPS era extremamente desmotivado pela falta de utilidade e a visão de que teriam mais trabalho, no entanto, ao final compreenderam a importância do que foi proposto. Vale ressaltar, que olhando para foto percebemos uma certa insatisfação de uma jovem fazendo-nos retomar a questão dos **espaços de socialização** na escola, pois nesta segunda foto as jovens estão no mesmo lugar, no corredor da escola, usando ao invés do celular o livro do NTPPS. Existem duas possibilidades aqui: primeira - a insatisfação mesmo tendo aprendido com o processo; segundo - o NTPPS consegue tomar a atenção dela até nos espaços livres fazendo-os não aproveitarem seus momentos livres.

## 5.5 Do corpo-expectativa ao corpo-êxito

Figura 14 - Cartão-postal: corpo-expectativa.



### CORPO-EXPECTATIVA

*“É pelo olhar do outro que aponta e explica que sinto necessidade de realinhar-me. Um movimento insistente e necessário que me coloca em expectativa. É preciso ver também por outros ângulos...”*

Em breve conversaremos mais,

Um forte abraço.



De: Klertianny  
Para: Bernard Charlot

Rua: Desejo, nº 1  
Bairro: Mobilização  
Aracaju - SE

4 1 9 4 4 - 9 9 7

Fonte: autoria da pesquisadora (APÊNDICE N).

## GRUPO ENTREVISTADO 03

No primeiro momento, grupo formado por quatro jovens, não contou com a participação de grupo externo para leitura das fotografias. Assim, a percepção inicial do grupo era de **interesse**, pois eles diferentemente dos grupos anteriores tomaram como base a **experiência** no início do ano em que estavam, o 2º ano. Indicando-nos um olhar positivo dos jovens para o programa, principalmente quando conseguem trazer um **tema de seu interesse**. Somente uma integrante trouxe a perspectiva de quando se entra no NTPPS, sem ter passado pela experiência, com o olhar questionador buscando saber o que é, confirmando o que foi dito anteriormente pelos outros grupos.

Caraca velho! Como eu entrei no Núcleo? Interessado.[...] A gente entrou curioso. [...] No primeiro ano foca mais na gente. [...] Tipo quando a gente entra a gente demonstra curiosidade né? O que eu vejo de mais curiosidade em grafite, essas coisas que é a minha área, é isso aqui, curiosidade. Geralmente a pessoa morde a caneta quando entra” (JB).

“Bem. Eu achei bem interessante no começo porque ajuda nas outras matérias. O Núcleo ensina o que as outras matérias não ensinam. Tipo, sobre nossa própria identidade esse tipo de coisa” (JANE).

Ano passado eu já tinha gostado. E esse ano não fiquei tão interessada devido a troca de professoras. Aí, isso foi incentivante e tal (VALENTE).

Ou então, aquele olhar de não entendi (ANE).

Portanto, o interesse relacionado a curiosidade, a abertura ao novo e a dúvida sobre um processo que quando se conhece possibilita se ancorar em aspectos significativos como o conhecimento de si, então, fazendo-os se perguntar o que vem por aí, diferenciando-a dos outros componentes curriculares.

Vale ressaltar, que uma jovem apontou que a mudança de professores do NTPPS, no ano da pesquisa, a deixou desmotivada mostrando que a **relação com a professora** direcionava bastante sua percepção sobre o componente curricular algo que foi apresentado anteriormente por uma jovem do G02.1 como motivo para seu desinteresse.

## CORPO-ÊXITO

Figura 15 - Cartão-postal: corpo-êxito.



### CORPO-ÊXITO

*“Por um instante me sinto desconfiado  
parecendo que o sonho está muito perto e ao  
mesmo tempo na iminência de se desfazer.  
Lateralmente me inclino. Basta um sinal e eu  
serei ‘feliz’. Ufa...”*

Um forte abraço.



De: Klertianny  
Para: Bernard Charlot

Rua: Desejo, nº 1  
Bairro: Mobilização  
Aracaju - SE

4 1 9 4 4 9 9 7

Fonte: autoria da pesquisadora (APÊNDICE N).

## GRUPO ENTREVISTADO 03

A percepção do grupo estava relacionada a **aprendizagem** a partir das **atividades** trazendo justificativas geradas pelo carga de trabalho relativo ao passo-a-passo da pesquisa, mas reconhecidas como importantes como o conhecimento de si e do outro.

Como eu terminei? Com raiva porque é muita coisa cara (risos). [...] Ajudar, ajuda. Mas é muita coisa. Enche o saco demais. Em casa você fica ‘Tem que entregar não sei o que, não sei o que’ a gente aprende, a gente aprende muita coisa, mas é trabalho demais. Deus me livre! Pra quem quer ser jornalista, o Núcleo é perfeito. Porque trabalha com pesquisa, com questionário, entrevista, apresentação. [...] jornalista precisa mais dessas coisas. [...] Quando a gente saiu, saiu com um pouco de noção, de conhecimento. Já tem uma base para pesquisa, questionário, essas coisas” (JB).

Não. Eu acho que o Núcleo ajudou a gente em muita coisa. [...] O Núcleo quer fazer com que a gente aprenda. Pra gente é essencial pra poder aprender mais de como é uma pesquisa dentro ou fora da escola, de como a gente tem que elaborar os conteúdos, essas coisas tudo” (ANE).

A da identidade, da gente se autoconhecer. Teve uma brincadeira que eu não sei quem foi que fez. Acho que foi tú. A gente ficou cada um no seu lugar e aí a gente foi conhecendo, tu falava uma coisa que era ou tinha preconceito e tal e cada um ia pra frente. Eu conheci coisas das pessoas que eu estudo desde o ano passado e não sabia” (VALENTE).

Tem que ter na escola” (JANE).

Vale ressaltar aqui, a associação que o jovem JB faz entre o NTPPS e a profissão de jornalista por trabalhar com pesquisa, questionário, entrevista e apresentação. Aqui ele nos induz a refletir sobre esse processo que requer idas e vindas afim de chegar em um documento final com qualidade, que ensina bastante, mas não condiz com aquilo que quer para vida. É como se o NTPPS tivesse preparando para este momento agora, concluir o 2º ano do Ensino Médio e para alguém que pretende ser jornalista.

No entanto, todos que já tinham trazido a percepção referente ao ano anterior continuam a encontrar no NTPPS a aprendizagem mesmo no 2º ano, claro que com suas diferenças como o aprofundamento e o maior rigor, além da ação na comunidade. É visível que eles conseguem identificar suas experiências e por conseguinte o diferencial deste programa como: aprender a pesquisar a partir do fazer, do trabalho para assim aprender sobre si e sobre os outros na relação com grupos de interesse temático.



## 5.6 Do corpo-suspensão ao corpo-relação

Figura 16 - Cartão-postal: corpo-suspensão.



### CORPO-SUSPENSÃO

*"Estou num espaço de encontro e não me encontro. O que falta? Não quero diálogo. Desligo-me na (in)tensão do choque."*

Em breve conversaremos mais,

Um forte abraço.



De: Klertianny  
Para: Paulo Freire

Rua: Consciência, nº 1  
Bairro: Engajamento  
Recife - PE

5 1 9 2 1 - 9 9 7

Fonte: autoria da pesquisadora (APÊNDICE O).



## GRUPO ENTREVISTADO 04

No primeiro momento, o grupo formado por 4 jovens, não contou com a participação de grupo externo para leitura das fotografias. Assim, a percepção inicial do grupo era de **desinteresse** relacionado a não lidar bem com as **regras escolares e do NTPPS (sua atividade central a pesquisa)** e pelo interesse por **espaços mais relacionais** como o corredor e a quadra como também **não ver importância** nesta nova matéria.

Antes do Núcleo só molecagem (BRISA).

Quer dizer molecagem, que a gente não assistia aula. [...] Aí é desinteressado!

[...]Ano passado eu não tava nem vendo pra Núcleo eu. [...]Era chato demais mã.

Um trabalhão gigante (BOB).

Ficava só passeando pelo corredor, andando na galeria como a gente sempre fica” (DYLAN).

Que no começo não dava muita importância (MISS MODEL).

Portanto, mostrando-nos que a falta de sentido estava ligada principalmente, a **experiência com as regras escolares** que, por conseguinte são regras do NTPPS, já que este se assemelha a composição das outras disciplinas (atividades e suas regras, sala de aula, professor responsável) com o diferencial na forma de se relacionar e nos conteúdos trabalhados, cuja atividade central é a pesquisa.

No entanto, a composição da foto no induz a refletir sobre os **espaços de sociabilidade da escola** em relação a aprendizagem; os motivos de escolhas por outros ambientes externos à sala de aula para poder interagir, ou fugir daquilo que requer uma mobilização contínua, sem falar na forma como as atividades deste componente se iniciam ao ponto de não atribuir importância no contexto. Algo que nos incita também o G02.2 em suas afirmações.

## CORPO-RELAÇÃO

Figura 17 – Cartão-postal: corpo-relação.



### CORPO-RELAÇÃO

*“Agora, prefiro resistir no diálogo. Meu espaço de encontro (re)existe no diálogo. Ouçam-nos!”*

Um forte abraço.



De: Klertianny  
Para: Bernard Charlot

Rua: Desejo, nº 1  
Bairro: Mobilização  
Aracaju - SE

4 1 9 4 4 - 9 9 7

Fonte: autoria da pesquisadora (APÊNDICE O).

## GRUPO ENTREVISTADO 04

A percepção do grupo estava relacionada com **envolvimento** que tiveram não somente com o NTPPS, mas com o movimento grevista na escola. Deixa explícito a relação com não assistir aulas normalmente e assistir com a escola-ocupada:

Aí a gente tá mais concentrado nos estudos. [...] Esse ano não foi muito trabalhoso. Que foi o tema que nós se encaixa. Mas ano passado o tema foi muito mais difícil” (BOB).

Aí eu comecei a me interessar. [...] Depois da ocupação. Assim, teve um período que eu comecei a assistir aula, aí eu comecei a me interessar e não querer repetir” (BRISA).

Depois da ocupação nós amadurecemos, a gente ficou um pouco mais responsável (DYLAN).

Portanto, este grupo no início, do processo, falou que não conseguia ver importância, e não conseguiam se adequar as regras escolares como as do NTPPS buscando sempre espaços alternativos como o corredor ou a quadra de esportes para vivenciar a escola. No entanto, buscando compreender o que mais eles traziam referente este processo os indaguei sobre questões que eles trouxeram como indícios para pesquisa como a ocupação da escola durante a greve. Assim, trouxeram questões profundas que merecem um olhar bastante reflexivo.

Primeiramente, com relação a ocupação da escola onde três jovens desse grupo participaram e tiveram essa experiência como um caminho para ressignificar os processos educativos, principalmente, no empenho em assistir aula. Este foi um momento onde estiveram junto com outros estudantes ocupando a escola exigindo seus direitos e refletindo sobre a “atual” situação do ensino público. Tiveram contato com pessoas externas à escola, de universidades que trouxeram temas pouco debatidos nesse contexto. Trouxeram outras formas de se ver os componentes curriculares um exemplo marcante, a matemática. Como podemos ver nos trechos a seguir:

[...]Ocupar uma coisa porque o Estado não dá conta, tudo deteriorado. Aí nós ocupamos. Aí nós arca com tudo, alimento. Teve dia que a gente ficava sem comer. Passamos três meses dormindo na ocupação. Isso meio que gerou um meio de responsabilidade nas pessoas (DYLAN).

“Teve umas oficinas que abriu mais nossa mente” (BRISA).

História, matemática, física... (DYLAN).

Teve de matemática, uma matemática libertária, não essa aprisionadora que é do sistema [...] “Tiveram professores de slack line, yoga, de gênero, transexualidade, transfobia. (BOB).

Outra questão pertinente, relacionada ao trabalho de pesquisa. Eles falam sobre a experiência do 1º ano comparando-a com a do 2º ano, dizendo que no 2º ano embora fosse

trabalhoso era um **tema que eles se encaixavam**. Enquanto que no 1º ano foi trabalhoso e não foi um tema que gostaram, como pode ser visto:

[...](o NTPPS) treina a gente pra sociedade. Ajuda, mas é trabalhoso. [...] Esse ano não foi muito trabalhoso. Que foi o tema que nós se encaixa. Mas ano passado o tema foi muito mais difícil. [...] eu me arrependi (do tema). [...] Já no 2º ano é fora do colégio da uma coisa melhor[...] É que a gente não fez uma escolha que desse muito certo” (DYLAN).

Se compararmos com o grupo anterior G03 que trouxe também a discussão sobre o trabalho ser muito exaustivo, porém reconhecem a importância das atividades conforme o que mais é significativo, o grupo anterior pelo que se aprendeu no processo e este pela escolha do tema como também pelo **trabalho em equipe**:

Muito (interessante) porque a gente aprende a trabalhar em equipe. Mas é muito estressante né? Tinha vez que eu ia dormir 06:00h da manhã pra acordar as 06:30h pra vir pro colégio. [...] Sim (ajuda), mas também atrapalha. [...] Porque tira seu lazer e transforma numa coisa chata. Mas age na sua formação e na sua interação social com todas as outras pessoas do planeta terra (BOB).

Vale ressaltar que Bob traz, sarcasticamente, um discurso que é bastante difundido no contexto escolar, a interação, fazendo-nos olhar para o que a escola vem propondo como mudança ao ponto de torná-lo uma brincadeira para o jovem. Embora ele mesmo ressalte que o programa é interessante porque aprende a trabalhar em equipe.

Outras questões surgem quando indago a eles sobre o que eles mudariam no processo NTPPS. Falam sobre os gastos e sobre a forma como é feita a apresentação, conforme podemos ver:

A parte escrita. [...]As apresentações muito formais. Tipo assim, como a gente tá se apresentando aqui. Como se a gente tivesse aqui apresentando um trabalho pra senhora, seria melhor, menos formal (BOB).  
A pessoa poder escolher seu próprio tema, tipo o que a pessoa quiser falar (BRISA).  
A parte escrita também sem entregar, só falar o que entendeu. Não sei escrever. Mudaria o referencial teórico (DYLAN).

Podemos perceber que existem questões muito pertinentes para se pensar na efetividade de um programa, que pretende mudar a relação do jovem com a escola. Deixando indícios como: uma escola que ultrapasse a velha forma de trabalhar antigos conteúdos (exemplo: a matemática); a adequação do tema ao grupo de pesquisa, portanto, sendo um trabalho mobilizado pelo seu interesse, amplo aqui tomando como base o que foi dito por Brisa sobre a possibilidade de escolher temas que sejam fora dos macros campos definidos;

a abertura de outras possibilidades mais baratas e que explorem outras formas para apresentar os resultados de uma pesquisa.

## 5.7 Do corpo-suspensão ao corpo-possibilidades

Figura 18 - Cartão-postal: corpo-suspensão.



### CORPO-SUSPENSÃO

*“Acordada ou dormindo não me sinto em conexão. Estou não estando. Tudo ao meu redor é vazio. Refugio-me às margens, no fundo (de mim). Por favor, percebam-me!”*

Em breve conversaremos mais,

Um forte abraço.



De: Klertianny  
Para: Bernard Charlot

Rua: Desejo, nº 1  
Bairro: Mobilização  
Aracaju - SE

4 1 9 4 4 - 9 9 7

Fonte: autoria da pesquisadora (APÊNDICE P).

## GRUPO ENTREVISTADO 05

No primeiro momento, o grupo formado por 3 jovens não contou com a participação de grupo externo para leitura das fotografias. Tiveram como percepção inicial o desinteresse ocasionado pela **falta de conhecimento** gerado pela falta de **experiência** de um componente curricular que não se conhece e que se diferencia dos outros, como acontece com a maioria dos grupos anteriores; na própria falta de sentido entre o **projeto de vida** com o que é proposto pela escola, como também, pelas **relações pessoais e interpessoais** que não se estabelecem positivamente.

Essa minha foto... Antes do Núcleo eu era desinteressada. Tipo assim, não tinha o Núcleo e eu não tava nem aí. As matérias normais de sempre, beleza né? Tinha mesmo que estudar pra alcançar a média e tudo, beleza (BIANCA).

Desinteressado. Não quer saber de nada da vida (MIKE).

Primeira foto foi antes do Núcleo. Cheguei aqui no 1º ano, já tinha o Núcleo. Antes do Núcleo eu era um pouco antissocial e também como ele disse, eu era bem desinteressado. O Núcleo ajudou mais eu era bem desinteressado e antissocial e tinha muita timidez na frente do público (GUERRINHA).

Portanto, suas percepções mostram que não consideravam o NTPPS como uma disciplina como as outras que merecia esforço para conseguir nem que fosse alcançar a média como se faz com as outras disciplinas do currículo referente a falta de conhecimento. Além de não fazer parte de um projeto de vida como também não conseguir ser estabelecida pelo **pouco desenvolvimento pessoal** nas relações sociais dentro da escola.

Vale ressaltar, neste grupo a questão do desenvolvimento pessoal que nos remete ao que Charlot (2000) fala sobre a ausência do ser por nascer inacabado e sempre ser necessário a busca por essa completude que está no desejo de si, desejo de ser o que lhe falta, o desejo do outro aquele que auxilia na sobrevivência, portanto, o ser humano é uma presença fora de si e a educação é esse processo de apropriação sempre parcial daquilo que falta no ser e está fora dele.

## CARTÃO-POSTAL: CORPO-POSSIBILIDADES

Figura 19 - Cartão-postal: corpo-possibilidades.



### CORPO-POSSIBILIDADES

*“A frente, pareço enxergar melhor o que antes via embaraçado. Não eram os outros, eu precisei mudar e refletir sobre isso. Hoje, domino coisas que não dominava, interajo, articulo, sei ensinar e aprender. Enxergo inúmeras possibilidades.”*

Um forte abraço.



De: Klertianny  
Para: Bernard Charlot

Rua: Desejo, nº 1  
Bairro: Mobilização  
Aracaju - SE

4 1 9 4 4 - 9 9 7

Fonte: autoria da pesquisadora (APÊNDICE P).



## GRUPO ENTREVISTADO 05

A percepção final do grupo estava relacionada com o **interesse** na relação das disciplinas da escola com o NTPPS e na preparação para faculdade; na aprendizagem de como estudar; e por fim, nas formas de relação entre as pessoas. Como podemos ver:

Depois que entrou a matéria do Núcleo ‘Minha filha! Mudou tudo’. Porque descobri que o Núcleo iria ajudar nas outras matérias. Se eu tivesse uma boa nota no Núcleo com certeza teria uma boa nota também na média. Só que a gente não pode pensar ‘Ah, beleza. Eu tiro dez e fico com dez nas outras matérias’. Você também tem que tirar notas boas nas outras matérias. Matemática e tudo. Isso ajuda um pouco. E eu me interessei muito mais. Fora que isso é tipo um preparatório. Quando você entrar na faculdade porque tem apresentações e tudo. Esse trabalho de pesquisa que a gente encontra na faculdade. A partir do 1º ano que começou a ter eu me dediquei mais” (BIANCA).

Essa daí foi depois do Núcleo, depois que eu descobri né? Ai... é isso aí (risos tímidos). Eu tive que me interessar mais porque o Núcleo, ela exige de todas as matérias. Todas as matérias exige dela na verdade. Aí você tem que se esforçar mais, aí como eu antes era desinteressado tô aprendendo agora a estudar por causa do Núcleo” (MIKE).

Vale ressaltar que Mike assim como Bianca fala sobre a relação entre as disciplinas: Mas, o primeiro, nos revela sobre ter aprendido a estudar com o NTPPS. No entanto, ele já está na escola por mais de 10 anos, isso nos faz refletir sobre o que vem sendo ensinado na escola pública e sobre os índices que em sua maioria das vezes não mostram a realidade escolar, além de questionar a relação entre disciplinas por nota e não como um processo interdisciplinar:

Outro aspecto extremamente relevante são as relações entre jovens e deles consigo mesmos, algo que contribui para o processo de aprendizagem conforme ressalta o jovem:

Com o Núcleo ‘Eu sou de todos (risos)’. É... Tenho amizade com todo mundo, não tenho inimizade com ninguém, eu falo com todo mundo pode ser inimigo eu falo oi. Falo com todo mundo, não tenho mais isso. A timidez perdi total, porque o Núcleo ajudou muito, foi ele que tirou a timidez. Eu apresento tranquilo, porque perdi a timidez. E me interessei mais pelos estudos” (GUERRINHA).

## 5.8 Indícios da experiência juvenil com NTPPS

### EXPERIÊNCIA AO INICIAR AS ATIVIDADES NTPPS

Podemos observar que dos sete grupos entrevistados, seis fizeram alusão a falta de conhecimento identificadas a partir dos sentimentos de dúvida, confusão e incerteza (G01.1); vazio (G01.2); incômodo (G02.1) indiferença (G02.2) e desinteresse (G04; G05) atreladas ao início das atividades NTPPS. Conseguimos compreender que neste momento os jovens obtêm somente a informação sobre o que é o NTPPS e, por ser, uma metodologia diferenciada com pouca possibilidade de referências anteriores na escola, embora os alunos tenham passado mais de 10 anos neste ambiente, é um grande desafio a ser superado.

Revelando-nos que experiência se diferencia da informação pelo fato de que, saber coisas ou estar informado não quer dizer que houve aprendizagem. Já que, aprender é mais que adquirir e processar informação, portanto, a aprendizagem está vinculada a experiência que nos gera um saber, uma elaboração do sentido (LARROSA, 2015) que é um sistema composto por um conjunto de relações e processos que caracteriza o sujeito, o mundo e os outros em um determinado espaço-tempo (CHARLOT, 2000).

Nesse sentido, superar este desafio inicial parece ser possível quando os jovens pesquisam temáticas que sejam significativas. Já que, somente um grupo atribuiu a entrada do NTPPS como algo positivo, demonstrando interesse (G03). No entanto, este diferentemente dos grupos anteriores levaram em consideração a entrada no 2º ano do EM, sua segunda experiência com NTPPS, demonstrando para nós que ter passado por este primeiro momento garantiu nas palavras desses jovens a mobilização para recomeçar no ano seguinte.

O que, a maioria, traz para nós são significações diferentes para nomear a desmobilização que ocorre quando são colocados diante daquilo que “parecem” não ter conhecimento. Já que para eles “só se pode aprender o que já se sabe; quando não se sabe, não se pode aprender” (CHARLOT, 2000, p.66). No entanto, os jovens estão sendo chamados ao exercício da pesquisa e isso pressupõe atitudes diferentes tanto para eles quanto para os professores diante do que é aprender e ensinar dentro da escola (FREIRE, 2014).

Em outras palavras, a visão que cada um tem de si durante o processo, um exemplo trazido por uma jovem relativo a se reconhecer como alguém sem conhecimento no início da atividade NTPPS (G01.2) como se fosse possível chegar a escola como uma “folha em branco”. Para modificar essa relação é necessário instituir novas formas para estar sendo.

Vale ressaltar, que aprender não tem o mesmo sentido para professores e para os estudantes (CHARLOT, 2000). Para os jovens aprender tem um significado antropológico que está relacionado a “tornar-se alguém”, portanto, aprender as “coisas da vida” (CHARLOT, 2001, p.147). Por isso, alguns apontam como motivo para sua desmobilização a não utilidade (G02.2) e por não estar relacionado com seu projeto de vida (G05).

Se tomarmos como base que vamos a escola para continuar aprendendo e que a aprender é uma exigência dos seres humanos, compreendemos que a escola é um espaço de instrução, de educação, mas principalmente de vida (CHARLOT, 2000). Portanto, ninguém chega a escola sem referências, sem valores, sem experiências, sem desejos. Embora possuam mesmas características biológicas que os identificam em momentos formativos iguais (séries), são sujeitos únicos. Para haver mobilização é necessário que o sujeito se envolva em uma atividade movida por um desejo, em outras palavras, ações que propiciem chegar em uma meta (CHARLOT, 2001).

Vale ressaltar, que não se trata de aumentar o número de atividades (G02.1; G02.2), mas de fazê-las girarem em torno de um eixo comum que justifique a organização do currículo escolar. Já que a escola cada vez mais tem elevado o tempo permanência diária, fazendo com que os jovens não tenham experiências significativas pela falta de tempo, assim nada os acontece (LARROSA, 2015), impossibilitando a construção de um sentido mobilizador.

Por isso, que alguns jovens apresentaram relações entre um ano e outro tendo como base nas atividades e os seus desafios (regras), um exemplo disso acontece quando falam sobre o primeiro ano ser voltado mais a técnica, o como fazer e, no segundo ano, ser voltado ao aprofundamento (G01.1); e quando demonstram não lidar com as regras escolares e as regras das atividades NTPPS se evadindo das salas de aula para outros espaços mais relacionais (G04), ou até mesmo para fora da escola.

Algo que Freire (2006) relatou quando buscou falar sobre a questão da “evasão escolar” deixando claro que o que acontece é a “expulsão escolar”, pois os alunos acessam, mas não conseguem se manter por questões externas e internas a escola. Mostrando-nos que é possível, em suas palavras, organizar ações ao nível da Secretaria de Educação na prática escolar em conjunto com aqueles que fazem este espaço, afim de minimizar as negatividades da escola que contribuem para a “expulsão” dos mesmos.

Por este motivo um jovem apontou seu desinteresse referente as relações que estabelecia dentro da escola e a forma como ele se via, como alguém antissocial (G05).

Embora pareça algo que não influencie na aprendizagem está intrinsecamente ligada a mesma, pelo fato de que não se pode aprender se eu não me reconheço como sujeito em processo de aprendizagem e se eu não reconheço o outro como presença formadora que incita a reconhecer-me como diferente (FREIRE, 2014).

Aprender é exercer uma atividade *em situação*, isto é, “em um local, em um momento da história e em condições de tempos diversas, com ajuda de pessoas para a aprender” (CHARLOT, 2000, p. 67). Mostrando-nos a importância da intervenção do professor, algo que pode ser percebido quando os jovens citam que o desinteresse se estabelece pela relação conflituosa com a professora (G02.1) e pela troca de professores durante o ano provocando desmotivação (G03).

Em síntese, os aspectos trazidos pelos jovens estão relacionados com: a experiência NTPPS (a atividade do sujeito); o professor e a escola.

## EXPERIÊNCIA APÓS O TÉRMINO DAS ATIVIDADES NTPPS

Para realizar uma análise da relação com o saber devemos fazê-la tomando como base duas dimensões, a epistêmica e a identitária. Por ser uma relação que se estabelece a partir de um sujeito, portanto, um ser humano, social e singular que age sobre o mundo, cuja presença pré-existente o produz e é produzido por ele, pela necessidade de aprender (CHARLOT, 2000). Portanto, é necessário considerar o sujeito no desenvolvimento e na manutenção de uma determinada atividade e em confronto com as normas específicas da mesma.

Dessa forma, todo ser humano aprende e esta relação possui formas diferentes para se apropriar de um saber conforme podemos observar por meio dos grupos entrevistados (com suas respectivas subdivisões), quando indagados sobre como se sentiam no final do processo NTPPS, fizeram alusão referente: a aprendizagem (G01.1; G01.2; G02.2; G03); a interação (G02.1); ao envolvimento (G04) e ao interesse (G05). Portanto, sabemos que são formas diferentes como cada sujeito avaliou o percurso vivido a partir de suas experiências no NTPPS, trazendo assim a influência de aspectos pessoais e interpessoais amparado pelo outro durante a entrevista.

Assim, todos os grupos fizeram alusão a aprendizagem sob três aspectos: o primeiro, referente a atividade de pesquisa (G01.1; G02.2; G03; G04) ao domínio do processo (escolher tema, criar, preparar, aprofundar, relatar, apresentar); o segundo, a interação pelo

trabalho em grupo (G01.2; G04; G05) e suas formas de relacionamento entre si (G02.2); o conhecimento de si e do outro (G03) e do mundo escolar (G04) e das interações entre as disciplinas (G05); e, o terceiro, referente a preparação para a vida fora da escola (G01.1; G05). Em outras palavras, aprendizagens relacionadas: a interação (7); a atividade de pesquisa (4) e por fim, a vida (2).

Estes dados corroboram com as três categorias classificadas por Charlot (2001, p.145-146) referente a aprendizagem dos jovens, são elas: aprendizagens ligadas a vida cotidiana (aprendizagens de base como andar e falar; cuidados pessoais; lazer; esportes); aprendizagens relacionais, afetivas, pessoais, com forte conotação ética e moral (comunicar-se; ser educado; distinguir o bom e o mau); e, as aprendizagens intelectuais e escolares (ler, escrever e contar).

Vale ressaltar, que estas categorias surgem a partir de pesquisas (SCHNEIDER *et al*, 2009) que questionam os jovens sobre “o que eles aprenderam desde que nasceram” e “o que eles gostariam de aprender”. Fazendo uma transposição para este estudo seriam as seguintes perguntas: “o que vocês aprenderam desde que entraram no NTPPS até o fim do ano letivo” e “o que vocês querem aprender dentro da escola”, importante frisar que esta última pergunta se refere a uma outra atividade dentro desta pesquisa que será desenvolvida mais à frente.

É evidente que nos diferenciamos neste estudo pelo fato de tomarmos como base um fragmento da experiência humana, vivida em um espaço-tempo escolar, com pessoas que desempenham determinadas funções para chegar a um objetivo específico que é educar, segundo as legislações educativas. No entanto, chamamos atenção para a constituição do sujeito que não se fragmenta conforme o espaço em que se encontra, mas que se potencializa mais ou menos conforme solicitações externas e internas feitas ao mesmo.

Quando justificamos o motivo deste estudo partimos das deficiências escolares que relativas especificamente, a aquisição de conceitos e que pouco dizem sobre como é estar nesse espaço com as pessoas que o compõem. Para alguns isto é desnecessário, no entanto, a teoria da relação com o saber tem demonstrado a necessidade de nos interessarmos pela atividade do educando e do professor.

Assim, retomando os estudos sobre a relação com o saber de jovens analisado por Charlot (2001) percebemos que quando são solicitados a refletir sobre a aprendizagem durante vida, direcionaram suas respostas para uma maior confluência as aprendizagens

ligadas ao cotidiano e, quando nós relacionamos a aprendizagem ao programa NTPPS tivemos maior convergência com aprendizagem ligada a interação, aos aspectos relacionais.

Algo que pode ser percebido quando os jovens relatam sobre as interações que ocorrem a partir do NTPPS, em suas atividades voltadas tanto a pesquisa como ao desenvolvimento das competências sócio emocionais (G05), possibilitando o jovem se confrontar com as ideias do outro e mesmo sendo divergentes conseguirem conviver modificando o significado que o NTPPS tinha no primeiro momento (G02.1).

Outro ponto elucidado pelos jovens, foi o envolvimento com o processo embora iniciado por outras vivências dentro da escola como o movimento grevista, que em sua experiência possibilitou outras reflexões sobre a escola e consecutivamente sobre a pesquisa, almejando assim outras formas possíveis para se desenvolver um conteúdo como matemática como para melhorar o processo NTPPS, com a ampliação dos temas de investigação e das formas de apresentação (G04). Assim, conseguimos compreender como um processo extremamente mobilizador por instituir formas mais relacionais dentro da escola.

## 6 MOSAICOS: EXPERIÊNCIA COM ESPORTE E LAZER

### CAMINHOS ANALÍTICOS: DESENHOS E ÁUDIOS

Os dados apreendidos nas entrevistas em grupo por meio dos desenhos e da transcrição dos áudios deste momento, referente ao eixo investigativo experiência com esporte e lazer. Este eixo foi composto por dois momentos: de criação do desenho e de compartilhamento buscando compreender os motivos da escolha pelo macro campo esporte e lazer, que estão intimamente ligados à área da EF. Portanto, atividades individuais que poderiam ter intervenção de outros no compartilhamento. Eram feitas duas perguntas-temáticas mobilizadoras para as duas atividades do eixo: O que fez vocês escolherem este macro campo? Que experiências na vida de vocês fez com que escolhessem o esporte ou lazer para pesquisar?

Ao analisarmos os áudios transcritos chegamos a 3 categorias gerais, que se diferenciam conforme o grupo entrevistado e as suas respectivas frequências das unidades de registro temática (URT) são elas: metodologia NTPPS; esporte e lazer.

Tabela 3- Categorias por grupo entrevistado.

GE	CATEGORIAS DA ANÁLISE DE CONTEÚDO		
	ESPORTE	LAZER	METODOLOGIA NTPPS
<b>G01</b>	11	0	15
<b>G02</b>	0	6	11
<b>G03</b>	0	1	8
<b>G04</b>	3	0	7
<b>G05</b>	0	3	6
<b>F(URT)</b>	14	10	47

Fonte: autoria da pesquisadora.

Cada categoria contém seus respectivos “núcleos de sentido”:

Tabela 4 - “Núcleos de sentido” referente categoria Esporte.

NÚCLEOS DE SENTIDO CATEGORIA:	GRUPO DE ENTREVISTA	
<b>ESPORTE</b>	G01	G04
Esporte e drogas	1	1
Esporte e lazer	1	1
Esporte e seus benefícios	1	0
Esporte e vida	2	0
Esporte na atualidade	1	1
Esporte na visão social	4	0
Esporte para comunidade	1	0

Fonte: autoria da pesquisadora.

Tabela 5 - “Núcleos de sentido” referente categoria Lazer.

NÚCLEOS DE SENTIDO CATEGORIA:	GRUPO DE ENTREVISTA		
<b>LAZER</b>	G02	G03	G05
Representações do lazer	6	1	3

Fonte: autoria da pesquisadora.

Tabela 6 - “Núcleos de sentido” da categoria Metodologia NTPPS.

NÚCLEOS DE SENTIDO CATEGORIA:	GRUPO DE ENTREVISTA				
<b>METODOLOGIA NTPPS</b>	G01	G02	G03	G04	G05
Identificação com o tema	8	8	4	4	3
Pesquisa	7	3	4	4	3

Fonte: autoria da pesquisadora.

Ao analisarmos semiologicamente os desenhos chegamos a quatro categorias gerais que se diferenciam conforme o grupo entrevistado, e suas respectivas frequências das unidades de registro de representação (URR): corpo-caminho (8URR); corpo-espaco (4 URR); corpo-experiência (7 URR); corpo-expressão (2URR) e corpo-vida (6 URR).

Tabela 7 - Categorias da análise semiológica dos desenhos.

CD	CATEGORIAS DA ANÁLISE SEMIOLÓGICA				
	CORPO-CAMINHO	CORPO-ESPACO	CORPO-EXPERIÊNCIA	CORPO-EXPRESSÃO	CORPO-VIDA
<b>CD01</b>	2	1	1	0	4
<b>CD02</b>	3	2	1	0	2
<b>CD03</b>	1	1	0	2	0
<b>CD04</b>	0	1	3	0	0
<b>CD05</b>	0	0	0	3	0
<b>J(URR)</b>	6	5	5	5	6

Fonte: autoria da pesquisadora.

Cada categoria contém seus respectivos “núcleos de sentido”:



Tabela 8 - “Núcleos de sentido” da categoria Corpo-caminho.

NÚCLEOS DE SENTIDO CATEGORIA: <b>CORPO-CAMINHO</b>	GRUPO DE ENTREVISTA		
	G01	G02	G03
Escolhas	1	2	1
Busca	1	0	0
Cuidado	0	1	0
<b>J(URR)</b>	2	3	1

Fonte: autoria da pesquisadora.

Tabela 9 - “Núcleos de sentido” da categoria Corpo-vida.

NÚCLEOS DE SENTIDO CATEGORIA: <b>CORPO-VIDA</b>	GRUPO DE ENTREVISTA	
	G01	G02
Cuidado	0	2
Fases	1	0
Escolhas	1	0
Desejo	1	0
Respeito	1	0
<b>J(URR)</b>	4	2

Fonte: autoria da pesquisadora.

Tabela 10 - “Núcleos de sentido” da categoria Corpo-espço.

NÚCLEOS DE SENTIDO CATEGORIA: <b>CORPO-ESPAÇO</b>	GRUPO DE ENTREVISTA			
	G01	G02	G03	G04
Reprodução	0	2	1	0
Marca	0	0	0	1
Desejo	1	0	0	0
<b>J(URR)</b>	1	2	1	1

Fonte: autoria da pesquisadora.

Tabela 11 - “Núcleos de sentido” da categoria Corpo-experiência.

NÚCLEOS DE SENTIDO CATEGORIA: <b>CORPO-EXPERIÊNCIA</b>	GRUPO DE ENTREVISTA		
	G01	G02	G04
Memórias	1	1	1
Eu e o outro	0	0	2
<b>J(URR)</b>	1	1	3

Fonte: autoria da pesquisadora.

Tabela 12 - “Núcleos de sentido” da categoria Corpo-expressão.

NÚCLEOS DE SENTIDO CATEGORIA: <b>CORPO-EXPRESSÃO</b>	<b>GRUPO DE ENTREVISTA</b>	
	G03	G05
Sentimentos	0	3
Manifesto	2	0
<b>F(URR)</b>	2	3

Fonte: autoria da pesquisadora.

Devido à grande quantidade de categorias foi criado um mosaico por “núcleos de sentido” para cada categoria com uma descrição sintética dos Inventários de Análise Semiológica (IAS) (ver APÊNDICE Q – U) buscando convidar o leitor para imagem produzida, composta pela junção de imagens de diferentes grupos de entrevista que visualmente demonstram: caminho (GE 01; GE02; GE03); espaço (GE 01; GE02; GE03); experiência (GE 01; GE02; GE04); expressão (GE03; GE05) e, vida (GE 01; GE02).

Assim, atrelamos uma categoria semiológica com uma categoria temática ficando dessa forma: corpo-caminho com esporte; corpo-espaço e lazer; corpo-experiência com metodologia NTPPS (identificação com o tema); corpo-expressão com Metodologia NTPPS (pesquisa) e corpo-vida com juventude, uma categoria proposta pela pesquisadora utilizada na seção posterior “Orientações juvenis para escola”. Buscamos atrelar características específicas fazendo a união entre elas.

Por tratar-se ser um eixo que tem como objetivo desvelar as relações estabelecidas pelos jovens com e na pesquisa NTPPS, trazemos aqui as variadas formas com que cada jovem nos revelou sua identificação. Dessa maneira, nossa discussão dos dados será dividida em quatro etapas: primeiro, trazendo o relato dos jovens para problematizar a **pesquisa** e suas características; segundo, trazendo os relatos dos jovens sobre sua identificação com o tema **esporte**; terceiro, trazendo relatos com relação a identificação com o **lazer**; e, quarto, a análise destes três processos anteriores.

## 6.1 Corpo-expressão (pesquisa)

Figura 20 - Mosaico de desenhos corpo-expressão.



Fonte: desenhos produzidos por Guerrinha, Jane, Mike e Bianca; organizados pela pesquisadora (APÊNDICE Q - U).

Iniciamos trazendo aqui três recortes da fala de alguns jovens que nos fazem refletir sobre a pesquisa nesse processo de identificação com o tema: o jovem Brisa traz algo interessante a ser refletido que é a questão do domínio sobre o tema esporte possibilitar melhor desenvoltura na apresentação por ser “mais fácil pra falar”, algo parecido com o que foi dito por Bianca e Vida, respectivamente: “achei que ia ser fácil” e “o tema ia ser fácil da gente aprender”. Eles partem de algo que julgam conhecer ou que parece ser mais fácil, eles partem da vida.

Pesquisar é aprender a duvidar, a perguntar, a querer saber mais e melhor (DEMO, 2011), descobrem que pouco sabem de si e se inquietam por saber mais (FREIRE, 1987), conforme podemos ver nesses trechos:

[...]Lá no Castelão tem a Zumba e de vez em quando eu vou, porque eu gosto. E é isso. E também, outra coisa, eu escolhi esse tema pra poder **pesquisar e saber sobre as áreas de lazer** que tinha nos bairros para poder usufruir delas. Depois da pesquisa deu pra conhecer mais (FLOR DE LIZ).

[...] Não tipo assim, eu pensava que não tinha lugar entendeu? Pra se praticar, mas depois do Núcleo que **a gente se aprofundou mais, a gente pesquisou mais sobre o nosso bairro** né? Que eu tive a **certeza** que não tem (BIANCA).

[...] **Eu aprendi a ver a arte de uma forma diferente** porque é diferente das que ficam no museu e tal. Eles fazem por aí para demonstrar o que eles pensam. Mostra nossa realidade. É isso. [...] Eu via como vandalismo. Eu via alguns. Não era todas. [...] Achei interessante (JANE).

[...]mas eu fui fazer negócio lá no Montese. Eu fui falar com o pessoal se sabiam mais de cultura. Fomos atrás de pessoas, e do fundador do negócio de cultura do Montese, só quando **a gente descobriu um pouco** (GUERRINHA).

Pesquisar não é somente dominar métodos e procedimentos, é uma atitude política que aparece na formação do sujeito crítico e criativo que questiona e problematiza alternativas (DEMO, 2011) possibilita ao jovem conhecer o que ainda não se conhece colocando-o numa busca permanente (FREIRE, 2014):

Na minha cabeça quando eu estava fazendo o questionário uma das perguntas que fiz, foi **que se a Zumba ela atividade física cuidava tanto do físico como do psicológico** e é o que me limita muito entendeu? Porque não só com seu corpo é com seu psicológico, o modo de pensar e [...] quando eu emagreci eu falei que eu emagreci não por mim, mas pelos outros porque eu era muito rotulado e isso ficava isso na minha cabeça. Só que hoje em dia não, sou muito saudável graças a Deus e eu perdi de uma maneira extraordinária, onde eu posso crescer e a pessoa que tá deixando pra baixo ainda pode precisar de mim, então, é por isso que penso assim, tão alto assim.[...] Tanto meu relato com o das pessoas que praticavam a Zumba foi bom, tipo as respostas que a gente recebeu (ARI).

**Além de aprender a trabalhar com pesquisa, questionários** e essas coisas eu pude responder também. Eu fiquei nos dois lados. Tanto na área da pesquisa como responder também. Achei muito interessante, porque além de aprender, falei com meu grupo para fazer parte da pesquisa. Eu tenho colegas que a gente se reúne e aí, se reunia pra gente... fazer grafite, Parkour, ..." [...] Até que foi interessante, ajudou bastante. Quem viu (apresentação do trabalho) sabe o que a gente sente. **Eu tentei mudar a cabeça das pessoas**, mas tem algumas que não... (JB).

[...]Porque ano passado foi negócio de livro (falando sobre sua pesquisa do ano anterior), leitura e eu não sou muito bom de ler aí não tive um bom desempenho. Agora não, já que é esporte, tive melhor desempenho, mais conhecimento. [...] Foi, por causa do tema, é algo em comum.

Pesquisar é ação-reflexão-ação, já que, "só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens e mulheres fazem no mundo, com o mundo e com os outros" (FREIRE, 1987, p.33).

[...] Nós fizemos um momento de lazer no bairro Montese. Nós botamos pula-pula pras crianças, fizemos brincadeiras com os pais e as crianças, demos brindes aí foi no Pátio do Círculo Operário. Aí chamou a comunidade, era aberto pra comunidade, pras pessoas de outro bairro também. Fizemos momento de música, de dança, teve competições, algodão doce, pipoca, tudo pras crianças. [...]O responsável pelo espaço né? Que ele cuida de lá, no pátio que é pra comunidade. **Ele queria que a gente viesse quase todo mês fazer esta ação**. Disse que amou, que pessoas saíram contentes de lá muito bom a ação. Tava precisando daquilo lá. Porque não tava tendo há muito tempo (GUERRINHA).

[...]Aplicamos **questionários**, fomos na quadra, a nossa boa ação foi juntar toda a galera, comer biscoito. Tipo um torneiozinho (DYLAN).

O trabalho em grupo não se reduz ao fato de contribuir com a socialização, mas contribui com dinamicamente com fins comuns a partir da solidariedade e a ética política (DEMO, 2011), já que, os seres humanos se educam em comunhão mediatizados pelo mundo (FREIRE, 1987):

“Todos os grupos estavam formados e minha vontade era fazer sozinha, porém, a professora me falou que eu não podia, aí como **o único grupo que eu era mais chegada**, eu fui para esse do esporte na comunidade (NAY).

O trabalho em equipe né professora? Que nem todas as pessoas vão ter o mesmo foco que você, aquela mesma força de vontade, que... **você tem que fazer sua parte independente do outro**, torcer pra dar certo” (SARADO).

Este tema a gente escolheu também mais pelo acaso, porque eu **mudei de grupo faltando duas semanas para poder apresentar o trabalho**. Aí foi, a gente acabou fazendo o trabalho, deu certo lá. Só que aí o tema ficou um pouco meio ... Ficou centrado na Cidade dos Funcionários por ser um lugar conhecido que tinha mais coisas pra falar. A gente acabou escolhendo lá (GABIRU ALADO).

[...]Foi tipo assim tia, eu e ela era de um grupo diferente, não era esse. Nós não tinha formado esse grupo. Aí nesse grupo que a gente tava era cultura da Cidade dos Funcionários. Aí tipo as pessoas estavam falando ‘Aí, será que elas vão fazer?’, isso e aquilo outro, tipo **menosprezando eu e ela**. Aí a gente, nós não pode ficar assim não pois vamos fazer nosso grupo com algo que a gente goste e que a gente dependa só da gente e não deles. Porque se eles estão menosprezando a gente é porque eles acham eu a gente não consegue (ANE).

**Vamos dizer que eu não escolhi, tive um grupo que não deu certo**. Aí teve que... antes era sobre saúde, eu acho. Aí acabou que a gente desinteressada, aí eu decidi sair aí como a outra pessoa ia ficar pressionada desfez o grupo. Aí quando elas três me chamaram Ane, Jane e Ká eu fiquei muito admirado. A Jane me conhecia. Antigamente, ela sabia que eu fazia essa arte. Eu fiquei honrado, eu me senti valorizado quando elas me chamaram (JB).

Promover o processo de pesquisa no aluno, que deixa de ser objeto de ensino para torna-se parceiro de trabalho para isso o professor deve orientar o aluno permanentemente para: expressar-se de maneira fundamentada; exercitar o questionamento sempre; exercitar a formulação própria; reconstruir autores e teorias e cotidianizar a pesquisa (DEMO, 2011). Para isso é necessário diálogo entre educador e educando e isso pressupõe fé, amor e humildade com o outro (FREIRE, 1987):

Todos os grupos estavam formados e **minha vontade era fazer sozinha, porém, a professora me falou que eu não podia**, aí como o único grupo que eu era mais chegada, eu fui para esse do esporte na comunidade. Eu não tenho muita coisa pra falar, porque não foi uma coisa que eu queria, eu teria escolhido outro tema, outro bairro (NAY).

“Eu cheguei o grupo tava formado, eu faltei a aula que tava formando os grupos, daí eu **tive a oportunidade de entrar em todos**, só que eu optei pelo esporte por conta que eu gostava, por ser uma paixão. Eu gosto de praticar esporte, futebol, eu tento né? (PAIXÃO)

“Cheguei no meio do ano, então, não fiz parte da escola, mas tirando a música, o esporte é uma coisa que já faz parte da minha vida (MOTA).

[...] **A professora mostrou o macro campo e nós escolhemos** (MISS MODEL).

A pesquisa direcionada ao aprofundamento do conhecimento sobre a comunidade possibilita aliar o cotidiano dos educandos ao contexto escolar, induzindo a busca de sentido por parte do jovem, que muitas vezes está na relação com o outro, no desejo de ser o que lhe falta, o desejo do outro (CHARLOT, 2000), já que nascemos inacabados e vamos nos construindo reconhecendo o que nos falta a partir deste confronto.

Assim, enumeramos quatro possibilidades de identificação com as temáticas de pesquisa, a partir dos relatos feitos pelos 27 jovens: pessoal (12); múltipla (14) e não opinou (1). Vale lembrar, que isso não é feito afim de usar como determinante buscando classificar a forma como cada jovem aprende, já que, o desenvolvimento dos seres humanos acontece cotidianamente e, por conseguinte, suas relações vão se modificando, mas possibilitar um olhar mais aprofundado acerca das relações que fazem para se apropriar desta atividade, para que assim possamos pensar em passos futuros. Serão descritos com maior detalhamento nas seções posteriores.

## 6.2 Corpo-caminho (esporte)

Figura 21 - Mosaico de desenhos corpo-expressão.



Fonte: desenhos produzidos por Flor de Liz, Lúcia, Valente, Ari, Paixão e Nay; organizados pela pesquisadora (APÊNDICE Q - U).

Alguns trechos, referente a **questões pessoais** pela escolha do tema **esporte**:

Eu particularmente gostei desse tema porque é algo que **quero para minha vida**, trabalhar com esporte também (SARADO).

Eu cheguei o grupo tava formado, eu faltei a aula que tava formando os grupos, daí eu tive a oportunidade de entrar em todos, só que eu **optei pelo esporte por conta que eu gostava**, por ser uma paixão. Eu **gosto de praticar esporte**, futebol, eu tento né? (PAIXÃO).

Cheguei no meio do ano, então, não fiz parte da escola, mas tirando a música, o esporte é uma coisa que já faz parte da minha vida. Como eu fiz no desenho né, ó? Fiz o desenho do skate, da piscina da natação, jogo basquete, academia, arte marcial, vôlei, corrida, **tudo faz parte da minha vida e eu gosto** (MOTA).

Aqui é quando eu era pequeno e ficava jogando bola com os amigos na chuva, lá na rua. Jogava era de muito. Praticamente a gente foi criado numa quadra. O que eu **mais gosto** é de jogar bola. [...] Todo dia tem racha na quadra (da escola). [...] Gostei logo. É que é **mais em comum comigo**, o esporte (DYLAN).

Desde de pequeno fui acostumado a ser... fui criado numa quadra de verdade. [...] Porque é como se fosse o que eu mais conheço. O que eu tenho mais concepção, **o que eu sei mais**, o que sou acostumado aqui (BOB).

Nestes cinco relatos, podemos observar que a escolha foi feita por influência do desejo que ganhou força nas ações cotidianas vividas no passado e no presente auxiliando numa projeção futura, portanto, fazendo do esporte um ponto de partida que já se sabe, mas que se quer continuar aprendendo. Desse ponto de vista, dizer que pesquisar um tema ligado ao esporte tem sentido, não é dizer simplesmente que tem uma significação (que pode inscrever-se em um conjunto de relações); é dizer que, também que ele pode provocar um desejo, mobilizar, pôr em movimento um sujeito que lhe confere um valor (CHARLOT, 2000). Por isso, que uma escolha pode ser mobilizada também por um gostar associado a um benefício trazido pelo esporte, como é relatado por uma jovem:

Meu desenho é esse. É... Esse tema eu achei interessante porque o esporte sempre foi **presente na minha vida**. Não só na minha vida, mas na de amigos que eu tinha. Desde pequena eu sempre acompanhei isso porque o esporte trouxe muita coisa pra mim, muito benefício na minha vida. E esse tema eu achei super importante, bacana, curti muito. Porque através dele quando eu era bem pequena tinha problema de saúde e foi através do esporte que consegui me manter. [...] Eu tinha arritmia aí através da natação, vôlei, essas coisas... Educação Física ajudou bastante. [...] Aqui (mostrando seu desenho) é quando eu era bem pequenininha que eu fazia natação. Aqui é **o incentivo do esporte que ajudou muito a me recuperar**. Aqui é quando eu brincava na escola. As meninas e os meninos da outra escola brincavam juntos. Aí a gente brincava de vôlei, tudo que era atividade que tinha relação ao esporte a gente estava lá, curtindo muito (MISS MODEL).

Neste caminho, outros jovens relataram a escolha da temática esporte trazendo a **multiplicidade de relações** (6) subdivididos em duas categorias: pessoal-pesquisa-comunidade (3) e interpessoal-pesquisa (3).

Primeiro, **relação pessoal-pesquisa-comunidade**:

[...]Eu particularmente **queria esporte no meu bairro** porque eu até escrevi aqui ‘Eu moro no bairro Montese, mas com pouco local para pratica de esporte’, eu vejo crianças na rua, até desenhei dois meninos, jogando bola, na rua, em frente de casa. Espaço tem, só que prefeitura e governo não se mobilizam pra colocar pessoas pra incentivar o esporte gratuito na comunidade. Porque o que tem é pago [...]Aqui representa que na comunidade do Montese tem espaço, só que não tem ninguém, **ninguém se sensibiliza em ir atrás do poder público** para ajeitar a quadra que tem, o campo (CIDA).

Eu resolvi falar do esporte porque o esporte é visto como se fosse pelo lado masculino, só os homens que pudessem praticar, mas **eu também acho que o esporte não é só voltado para os homens**, ele também é voltado pelas crianças, como jovens e também, para as mulheres, porque todos podem fazer o esporte e eu fiz um desenho como se fosse uma menina jogando bola. **Ela é uma menina. Ela brinca de balanço, mas também pode jogar bola.** Como ela falou (cida), **a gente não conhece o bairro** pra saber o que é que tem de esporte e qual era o tipo de pessoas faziam. **A gente viu que os homens praticam mais do que as mulheres.** Tipo assim, **eu queria** que as mulheres praticassem mais porque elas são muito sedentárias, essas coisas, é assim. (IARA).

Nos trechos acima, podemos observar a problematização de questões sociais como o gênero e o esporte; o descaso governamental e, até mesmo, da própria sociedade civil e a comprovação de que os homens praticam mais o esporte que as mulheres. Sem falar na problematização da falta de espaços de lazer para a prática do esporte:

“É... Tipo assim... No começo a gente achou que o tema ia ser fácil da gente aprender, mas ao longo do trabalho eu vi que o esporte não era somente a questão de lidar com o trabalho... Eu nunca me esqueci da apresentação do trabalho que **o menino disse que cada esporte tem suas regras.** E com isso a gente aprende com o esporte, regras, ter limites pra tudo. E outra, é... A questão do lazer é como a Cida disse, **não tem um canto específico para as crianças e os jovens se interterem**, ocupar a mente, não tem nada! (VIDA).

Percebemos nos relatos dessas jovens, denúncias cheias de indignação e desejo por mudanças que influenciam em suas vidas, mas na vida de todos. Fazem parte do mesmo grupo de pesquisa mediatizado pela problematização de sua realidade desafiadora, exercendo uma análise crítica do problema, “um encontro que proporciona a denúncia do mundo para sua transformação” (FREIRE, 1987, p. 98).

Vale ressaltar, no relato da jovem Vida, a referência feita ao trabalho de pesquisa de outro grupo, no tema esporte, que a marcou pelo fato de trazer uma relação entre as regras do esporte e os limites na vida, fazendo-nos refletir sobre o aprender para a vida, já que, segundo Charlot (2001) é fundamental para os jovens. A pesquisa tem contribuído neste sentido, quando percebemos a problematização das suas relações com o mundo, já que não pode haver conhecimentos se os educandos não são chamados a conhecer (FREIRE, 1987).

Desse modo, percebemos que a relação escolar se modifica, os educandos se tornam investigadores críticos em diálogo com o educador que também, é um investigador crítico. Vale lembrar, que as pesquisas são em grupos de trabalho formados



prioritariamente, pelo interesse temático, no entanto, percebemos que existem outras formas de identificação que não são ligadas diretamente ao tema, mas por relações afetivas interpessoais.

Algo que pode ser percebido em menor quantidade se comparados a relação pessoal, no entanto, traz reflexões pertinentes ao exercício da docência. Relativo ao esporte houveram escolhas baseadas na **relação interpessoal-pesquisa (3)** dentro como fora da escola, pelo laço afetivo com determinadas pessoas que são interessadas pelo tema e conseguem gerar mobilização, pelo fato de que aprender é um processo relacional. Para nossa reflexão, trazemos os trechos relacionados:

“Todos os grupos estavam formados e minha vontade era fazer sozinha, porém, a professora me falou que eu não podia, aí **como o único grupo que eu era mais chegada**, eu fui para esse do esporte na comunidade (NAY).  
E no decorrer da escolha do tema, eu fiquei indecisa pra escolher porque **eu não tinha muita relação com o esporte** entendeu? Mas aí no meio do ano, quando **a gente ficou pesquisando** fazendo os trabalhos é... eu consegui me habituar ao tema pois eu achei muito importante pra sociedade (BONECA).

Estas duas jovens induzem o nosso olhar para a formação dos grupos para construção do processo investigativo, que auxilia nesse desejo por fazer um trabalho mesmo sem haver interesse aparente sobre o tema fazendo sua ressignificação. Retomamos aqui uma questão importante, o outro como presença fora de si percebida pelo inacabamento humano que busca tanto na relação eu-outro como no engajamento na construção de si e de um mundo pré-existente ser reconhecido pelo outro enquanto sujeito (CHARLOT, 2000). Já que, é na ‘outredade’ do não-eu, ou do tu, que me faz assumir a radicalidade do meu eu” (FREIRE, 2014, p.42).

Temos aquele jovem que tomou para si o sonho do outro, ao ponto de torna-lo seu:

Aqui é eu com **meu tio**. Meu tio sempre me influenciou nessa parte no esporte. Desde quando era pivete, pequeno mesmo. **Ele sempre queria que eu jogasse**. Só isso mesmo. [...]Já pela questão do bairro da gente ser **a Parangaba, lá tem uma quadra que a gente é acostumado a jogar** e só isso mesmo. Aí como a gente acha **mais fácil pra falar**, aí nós escolhemos o esporte mesmo. [...] A gente tirou de letra. (BRISA).

Nesse caminho, é importante refletirmos sobre algumas questões que extrapolam a escolha do tema, mas que estão diretamente ligadas a ela: como a visão que os jovens têm sobre o esporte, a relação que eles atribuem ao uso de drogas e a prática esportiva; os benefícios para si como para a comunidade e a relação com o lazer no cotidiano. Importante

refletirmos sobre a problematização dessas questões, fazendo com que os jovens passem da curiosidade ingênua para curiosidade epistemológica (FREIRE, 2014), compreendendo a história como possibilidade e não como determinismo. No entanto, percebemos que muitos continuam transmitindo visões sobre esporte com pouca reflexão, embora trabalhem com esse tema ligada à sua pesquisa, isto é, ao aprofundamento.

Segundo Bento (2013) estamos vivendo uma “conjuntura corporal” associada a estreita relação entre desporto e a saúde veiculados em campanhas de promoção de estilo de vida saudável orientando para prevenção de doenças, fomento a saúde e aumento da quantidade e da qualidade de vida. Nesse sentido, podemos observar que alguns discursos trazidos pelos jovens para justificar sua problematização estão em questões veiculadas pela mídia, que muitas vezes, mistifica as práticas esportivas como possibilidade de ascensão social:

[...]o esporte, ele muda nossa vida em diversas coisas, também assim, é... se ele não é deficiente e vira deficiente, aquilo dali é um bairro muito grande, mas através do esporte tem vários paraolímpicos, teve paraolimpíada, com várias pessoas que não tem uma perna, um braço, mas fazem esporte e isso fazem elas superarem aquilo. O esporte ajuda muito, o esporte nos ajuda a vencer na vida (CIDA).

Como também, ser a salvação do corpo doente:

O esporte em si não é só futebol, ele nos ensina também regras... tudo. É o tipo da coisa ele, tem gente que pensa que ‘sofri um acidente, minha vida acabou, eu não vou mais poder praticar a mesma coisa que antes’ e o esporte ensina que não é isso, a gente pode sim, lutar, persistir nos sonhos da gente como passa muitas vezes no Globo Esporte pessoas que doentes psicologicamente e passam a mudar de vida por causa do esporte (VIDA).

Importante nos questionarmos sobre a necessidade de desmistificar questões que interferem diretamente no acesso desses jovens, das camadas populares, a prática esportiva. Sem dúvidas estes jovens trazem preocupações como fazer a comunidade refletir nos benefícios da prática cotidiana:

Quando fala em esporte, imagina que vai jogar uma bola, vai andar de skate, vai fazer com a própria coisa e não procura saber do resto, é um assunto bem complexo né? Sobre os benefícios que a pessoa vai poder estar adquirindo em exercícios é... a prática... E, também, é algo que está relacionado envolvendo a sociedade né? As pessoas, devido saber iam se botar em prática no seu dia-a-dia. (SARADO).

No entanto, na prática não é possível para todos, pelas horas de trabalho excessivas, pela falta de alimentação adequada, por inúmeras questões que podem ser vivenciadas com eles, fazendo-os refletir corporalmente. Eles mesmos apontam algumas questões como o uso de drogas e o esporte:

A questão do lazer é como a Cida disse, não tem um canto específico para as crianças e os jovens se interterem, ocupar a mente, não tem nada! Então, é por isso que tem muita criança envolvida com coisas que não era nem pra saber, os jovens já envolvidos com drogas, essas coisas (VIDA).

[...] algumas crianças que poderiam estar usando drogas podiam estar jogando bola. [...] No meu bairro as pessoas fazem os dois. Fuma primeiro e depois vai jogar. [...] Se droga não. Fuma maconha. Maconha não, mas o que os traficantes vendem é (BOB).

Isso pode ajudar tanto o físico como o emocionalmente a pessoa, pode ocupar a cabeça com outra coisa, pode também tirar das drogas (IARA).

Quando contrastamos esses relatos acima pensamos sobre essas duas visões: primeiro, a falta de lazer/esporte influenciando no envolvimento com as drogas e, o segundo, as pessoas se drogam e praticam esporte do mesmo jeito. Um estudo recentemente difundido no portal eletrônico de notícias da Universidade de São Paulo (REDAÇÃO CIÊNCIAS DA SAÚDE, 2017) falando sobre o esporte não afastar os adolescentes do consumo de drogas evidenciou que a maioria dos jovens praticam esportes em academias e clubes não pela valorização da saúde, mas pela aparência física. Embora o sentido que estes jovens trazem não se refere de fato a questões estéticas, é importante ser problematizado no contexto escolar, no caso das escolas deste estudo, uma possibilidade está nas aulas voltadas a saúde do aluno, podendo se estender a oficinas temáticas.

Outra questão, que foi trazida o uso das tecnologias em detrimento das práticas corporais:

[...] na nossa sociedade as crianças não suportam, por exemplo, brincadeiras. É... elas se importam mais com as novas tecnologias enfim, celulares, tablets (BONECA).

Sedentarismo e internet (afastando os jovens dos esportes) (BRISA).

Mas se perguntarmos a estes jovens se todos têm computador e acesso à internet em casa ou em suas escolas, vamos perceber que isso não é uma realidade da grande maioria. Todas estas questões nos mostram que o esporte por ser fenômeno social com regras, exigências morais e éticas podem contribuir para alguns problemas na educação atual, já que ele pode fomentar desejos, trazer preceitos e deveres para nós motivando nossas ações (MOREIRA; SIMÕES; MARTINS, 2011) como pode ser observado no relato desses jovens:

Eu nunca me esqueci da apresentação do trabalho que o menino disse que cada esporte tem suas regras. E com isso a gente aprende com o esporte, regras, ter limites pra tudo (VIDA).

Traz muitos benefícios para sua vida. Mesmo que seja praticado ou como lazer (BOB).

[...]acho que o esporte não é só voltado para os homens, ele também é voltado pelas crianças, como jovens e também, para as mulheres, porque todos podem fazer o esporte e eu fiz um desenho como se fosse uma menina jogando bola (IARA).

### 6.3 Corpo-espço (lazer)

Figura 22- Mosaico de desenhos corpo-espço.



Fonte: desenhos produzidos por Cida, Muleke, JB, Bob Marley, Gabiru alado e organizados pela pesquisadora (APÊNDICE Q - U).

Com relação ao **lazer**, trazemos alguns trechos referente a **questões pessoais** para sua escolha ligadas, principalmente, a lembrança da infância e a necessidade de atividade física prazerosa para ajudar no emagrecimento:

O meu desenho representa o lazer aqui é uma bola, aqui era pra ser um balançador. [...]Porque **na minha infância eu brincava de tudo isso**. Isso tudo eu brinquei na minha infância (ela se remetia ao balançador, escorregador e a bola) (ROSA).  
Aqui era quando eu era criança. Aqui é uma criancinha gorda que vivia comendo coxinha e coca-cola. Eu gostava do Cheppitos (uma lanchonete), aí, um belo dia começou a vir um som. Foi a Zumba. Olha, a gata ficou só a tripa. Engordou de novo, mas de vez em quando dá uma dançadinha e fica coisada. Minha vida é a Zumba ou não. **Eu gosto demais** da Zumba. Meu Deus, que é isso? (MAJÚ).  
[...]Tá aqui o meu desenho né? AH, meu nome é Ari, todo mundo sabe. Só que esse desenho representa muito pra mim. Que foi na época da minha infância. E todas as coisas tem um significado grande pra mim. [...] quando eu emagreci eu falei que eu emagreci não por mim, mas pelos outros porque eu era muito rotulado e isso ficava isso na minha cabeça. [...] Quando a gente sentou para escolher a temática da pesquisa a gente falou diversos temas aí a gente parou na Zumba. E a Zumba pra mim, ela é uma atividade física aonde **proporciona benefícios** que é o emagrecimento (ARI).

Vale ressaltar, que o lazer está estritamente ligado ao cotidiano e ao prazer:

Eu desenhei uma pracinha por causa do tema de lazer. [...] Isso aqui é parecido com a praça do condomínio. A gente se encontra lá pra falar besteira, a gente joga muita bola lá no condomínio, o restante é mais coisa do **meu dia-a-dia**" (GABIRU ALADO).

Eu desenhei um campo e o lago. Lago Jacaréi. Porque eu **gosto** tanto de futebol, como gosto de ir para o Lago (MULEKE).

Podemos observar que tanto os que pesquisaram esporte quanto lazer trouxeram identificações pessoais baseando-se prioritariamente no prazer ou no desejo, que segundo Charlot (2002) em conjunto com sentido e a atividade intelectual do estudante são pontos chaves para o ensino. Ele afirma que se um docente puder resolver estas questões referente ao desejo, a atividade e sentido ele será bem-sucedido, no entanto, reconhece que não é uma tarefa fácil.

Nesse sentido, Freire (2014) propõe a necessidade do respeito aos saberes do educando, algo que podemos observar neste estudo referente a escolha pelas temáticas investigativas feitas pelos jovens. No entanto, ele acrescenta a necessidade de ser estabelecido uma relação de “intimidade” entre experiência social e os saberes curriculares, fazendo com que o mesmo aprenda e ressignifique o que já sabe. Algo que muitos não compreendem em sua teoria do conhecimento, por achar que ele privilegia a experiência em detrimentos dos saberes-conceito construídos pela humanidade.

Vale ressaltar, que cada um de nós tem uma história singular na escola que se constrói a partir de relações sociais, por isso, o ser humano é 100% social e 100% singular, chegando ao total de 100% que o compõe, já que, a ideia não é de soma e sim de multiplicação quando se olha para um ser humano em seu processo de saber/aprender (CHARLOT, 2002).

Neste caminho, outros jovens relataram a escolha da temática de pesquisa trazendo a **multiplicidade de relações** (14) subdivididos em duas categorias: pessoal-pesquisa-comunidade (8) e interpessoal-pesquisa (6).

Com relação ao **lazer**, percebemos que há implicação pessoal com as diferentes formas de práticas de lazer e suas respectivas fases da vida, como também, a conscientização pela necessidade de trabalhar com a comunidade buscando desvelar outros espaços possíveis:

Aqui está representando eu, a menina aqui, aqui uma caixa de som, não sei se dá pra entender, aqui o símbolo da música. [...] **E quando eu era pequena** queria ser dançarina profissional, e eu já participei de dança entendeu? Isso era na escola municipal, depois parou de ter as aulas de dança e como eu não tinha dinheiro, condições financeiras para pagar eu desisti. Nunca mais procurei nada. Mas eu continuo **gostando muito de dança**. Só que agora por diversão. Lazer porque eu gosto de música. Lá no Castelão tem a Zumba e de vez em quando eu vou, porque eu gosto. E é isso. E também, outra coisa, eu escolhi esse tema pra poder **pesquisar**

**e saber sobre as áreas de lazer** que tinha nos bairros **para poder usufruir** delas (FLOR DE LIZ).

Eu desenhei um caminho com duas plaquinhas, qualidade de vida e sedentarismo. **O caminho que escolhi foi qualidade de vida**, o lazer. A gente escolheu esse tema mais por ser uma área bem próxima da gente, porque no Barroso/Castelão a área que a gente pegou, o foco lá é mais lazer na comunidade. [...] A busca do tema foi pela **qualidade de vida da comunidade**. Tanto idosos, crianças e adolescentes. Eu desenhei uma bicicleta, um peso, uma bola de vôlei, que eu jogo vôlei, futebol que eu já joguei [...] (LÚCIA).

Nos trechos acima, reafirmamos a necessidade do diálogo com os educandos, que como fenômeno humano se revela pela palavra, portanto, esta não é privilégio de uns, mas direito de todos. Assim, a existência humana não pode ser muda, existir humanamente é pronunciar o mundo, que se volta aos que pronunciaram exigindo um novo pronunciamento, sua modificação (FREIRE, 1987).

Importante ressaltar o olhar para o lazer como direito como para a problematização da falta de espaços:

[...]Aqui é um bairro, no caso o Montese, aqui é a árvore, a casa e a mocinha. Uma jovem aqui e ela está pensando. Vou ler o pensamento dela ‘Fico triste em saber que no meu bairro não tem lugar para praticar o lazer’ Porque eu escolhi o tema lazer? Porque que **aqui no bairro é muito difícil ter lugares pra gente praticar o lazer**. Muitas pessoas tem que se deslocar da sua casa para outros bairros em busca disso e os que tem é mais quadra pros meninos e pras mulheres assim, tem Zumba que é uma prática de lazer, a dança né? E para as crianças também é muito difícil. De vez em quando é que tem um pula-pula lá na rua e tudo. **Porque parque aqui mesmo não tem, é por isso que tem pessoas que tem que se deslocar de sua casa em busca do lazer, sendo que no seu bairro era pra ter né?** É isso, o que representa porque escolhi o tema. Eu vou ser sincera. Eu lembrei disso que não tem e também que eu achei fácil. Achei que ia ser fácil (risos pesarosos). E a mais difícil foi a nossa. (BIANCA).

Percebemos que há o reconhecimento de um direito negado tanto pela falta de lugares para prática do lazer como, a necessidade de escolher um tema mais fácil para investigar dado a realidade escolar marcada por muitas atividades. Como também, a necessidade de espaços seguros para sua utilização:

Eu escolhi o tema lazer porque **lazer é tudo de felicidade na vida. E eu me identifico com isso**. Eu já queria isso desde o início do Núcleo, eu ia escolher ou cultura ou lazer. Porque no primeiro ano eu escolhi cultura. Aí eu quis investigar mais sobre o lazer. [...] Lá no Pátio do Círculo Operário em frente a praça. Que tem a praça, o pátio e a praça do Círculo Operário no Montese. Fica lá pra banda do Montese chegando no Vila União. Foi como ela disse, eu aprofundi mais no bairro Montese no primeiro ano. Aí eu vi que **não tinha tantos lugares pra praticar lazer** e o povo não sabia que era lazer, porque envolveu lazer e cultura no primeiro ano. Porque a cultura também envolve o lazer. (GUERRINHA).

Aqui é ele fazendo uma prática de lazer com seu animal de estimação, cachorro. **Porque aqui no Montese não tem muito canto**, mas tem poucos que ainda da pra fazer a prática, só que hoje, em dia, é muito perigoso. No Montese na quadra aqui os meninos marcaram de jogar bola pra assim sair da rotina de casa. A gente começou a jogar, na primeira partida houve uns três tiros, só que eu não sei pra onde foi. Aí a

galera não bate racha por isso aí. Não joga bola por isso aí. [...] Porque assim, mesmo sendo perigoso você ainda pratica o lazer, mas tendo uma cautela, um cuidado, indo cedo, voltando cedo, não indo muito tarde, não demorando muito, não fica dando bobeira (MIKE).

Estes dois relatos acima, são de jovens que fizeram parte do mesmo grupo de pesquisa, no entanto, a significação que trouxeram foram diferentes. O primeiro levou em conta a experiência positiva do ano anterior com pesquisa; a relação com o lazer caracterizada como “felicidade” e o problema da falta de espaços para o lazer, enquanto que, o segundo, trouxe a experiência cotidiana de insegurança que impossibilita a prática de lazer em espaços públicos fazendo uma cobrança indireta por segurança para assim poder ter o direito a usufruir desses lugares.

Percebemos claramente diferentes meios para olhar para o mesmo fenômeno dentro de uma mesma comunidade, possibilitando incluir a diversidade de relações existente no aprender conforme cada sujeito. A pesquisa pelo seu caráter puramente reflexivo impulsiona constantemente no desvelamento da realidade, quanto mais problematizam mais se sentem desafiados, já que, o desafio inicia na própria captação do problema, pois ele se conecta a outros fazendo-os enxergar questões mais amplas que interferem diretamente sobre o que investigam (FREIRE, 1987).

Algo que pode ser percebido em menor quantidade se comparados a relação pessoal, no entanto, traz reflexões pertinentes ao exercício da docência. Tanto no esporte quanto no lazer houve escolhas baseadas na **relação interpessoal-pesquisa (6)** dentro como fora da escola, pelo laço afetivo com determinadas pessoas que são interessadas pelo tema e conseguem gerar mobilização, pelo fato de que aprender é um processo relacional.

Percebemos a influência da família reverberando no contexto escolar tanto relacionado ao **lazer**, como podemos ver:

Eu me interessei em procurar esse projeto por causa da minha mãe que me via dentro de casa e não tinha muito lazer. Aí ela mandou eu ir e eu fui. Desde então, não parei mais. **Eu não convivia muito com gente da minha idade.** [...] a gente ficou amiga, por causa da dança e tal. Aí **minha mãe pediu pra ela me incentivar a ir pra dança** já que ela fazia a mais tempo que eu (VALENTE).

Vale ressaltar, que ninguém pode aprender a partir da experiência do outro, “a menos que essa experiência seja de algum modo revivida e tornada própria” (LARROSA, 2015, p. 32), em outras palavras, que o sujeito se torne receptivo, sensível ao que vai lhe acontecer, se torne, portanto, em sujeito da experiência. Desse modo, percebemos também a influência entre os membros de um grupo, conforme podemos observar:

Aqui, o que desenhei. Eu ia desenhar uma ex mas só que... terminei a pouco tempo. Vamos dizer que **eu não escolhi**, tive um grupo que não deu certo. Aí teve que... antes era sobre saúde, eu acho. Aí acabou que a gente desinteressada, aí eu decidi sair aí como a outra pessoa ia ficar pressionada desfez o grupo. **Aí quando elas três me chamaram Ane, Jane e Ká** eu fiquei muito admirado. A Jane me conhecia. Antigamente, ela sabia que eu fazia essa arte. **Eu fiquei honrado, eu me senti valorizado** quando elas me chamaram (JB).

Aqui é **um menino que expressa no desenho o que ele sente**, então, ele tá tipo expressando, ele desenhou uma mulher [...] Eu aprendi a ver a arte de uma forma diferente porque é diferente das que ficam no museu e tal. Eles fazem por aí para demonstrar o que eles pensam. Mostra nossa realidade. É isso. [...] Eu (antes da pesquisa) via como vandalismo. Eu via alguns. Não era todas.[...] Achei interessante. (JANE).

**Aqui eu fiz um meninozinho grafitando** né? Ai as pessoas achando ruim, os policiais, sei lá o que diabo é. Aí depois, como **obrigaram ele a limpar lá porque acharam que era pichação**, alguma coisa assim. Aqui é tipo um carro com grafite, com nome grafite é arte porque muitas pessoas acham que é só em muro, essas coisas, só nessas coisas pode grafitar mas não é não. Tem várias outras coisas. Com minha vida nada (tem a ver), até porque eu não grafito. Assim, **eu não sou muito de desenhar. Porque eu não sei, mas sempre achei bonito, gosto né?** Porque é interessante ver as pessoas fazendo um grafite demonstrando o que ela sente. Ai a professora deu um palpite ai a gente 'Pois vamos falar de grafite'. Ela falou arte urbana, mas a gente especificou no grafite, porque é diferente dos outros e é uma arte que a gente gosta e a Jane desenha (ANE).

Estas duas jovens fazem parte do mesmo grupo de pesquisa e se complementam em suas palavras, para justificarem os motivos que as levaram a fazer tal escolha, no entanto, Ane demonstra mais claramente o desejo por aquilo que lhe falta, que é saber desenhar e se ancora na potencialidade desenvolvida por um dos membros do seu grupo, enquanto que Jane demonstra a ausência de expressão em si, que ela consegue captar no outro quando ele faz o grafite.

## REPRESENTAÇÕES DO LAZER

Importante trazer à tona questão que estão relacionadas com a identificação com o lazer que são: as fases da vida, muitos trazem lembranças da infância, os objetos usados para o lazer:

O meu desenho representa o lazer aqui é uma bola, aqui era pra ser um balançador [...] Como se fosse um menino de rua, aqueles que ficam brincando de bola na rua. (ROSA).

E outros, trazem questões mais atuais, referente a fase da juventude em que se encontram:

[...] Porque a Zumba é mais para idosos. Mas tem gente jovem fazendo. [...] Porque o jovem pode fazer academia, tem mais disposição e o idoso não. Também depende das condições financeiras da pessoa. Às vezes, a pessoa que não tem condição vai para uma Zumba que é grátis (MAJÚ).



Eu desenhei um campo e o lago. Lago Jacaré. Porque eu gosto tanto de futebol, como gosto de ir para o Lago (MULEKE).

Eu desenhei uma pracinha por causa do tema de lazer. [...] Isso aqui é parecido com a praça do condomínio. A gente se encontra lá pra falar besteira, a gente joga muita bola lá no condomínio [...] (GABIRU ALADO).

Eu desenhei uma bicicleta, um peso, uma bola de vôlei, que eu jogo vôlei, futebol que eu já joguei [...] (LÚCIA).

[...] Conheci umas pessoas legais também que é a galera do CCT, um grupo no whatsapp que nós criamos para fazer reuniões e encontros, encontros mensais e reuniões semanais, são encontros para dançar. A gente vai pra dançar que é dia de terça e quinta. Aí depois que acaba a dança aí nós faz reunião, aí a gente toca violão, faz brincadeira, dança, essas coisas. [...] Nosso lema é fazer reuniões e encontros pra é, pra cantar, tocar violão, dançar, essas coisas (VALENTE).

Outros transcendem trazendo em suas palavras o que incorporaram sobre lazer:

[...] Não é só você sair. Você pode praticar o lazer dentro de casa e é isso (BIANCA).

Porque o lazer é tudo de bom na vida. É alegria, felicidade, tudo. Tudo que nós pratica de lazer é bom. [...] Aí, eu faço tudo de lazer. Tudo pra mim é lazer. Eu saí muito pra festa, pra shopping, também pratico lazer dentro de casa, danço muito dentro de casa, assisto filme, faço tudo de lazer. Tudo de lazer eu tô querendo fazer. A toda hora. [...] É apenas ser feliz. Justamente o lazer traz felicidade, alegria. Se a pessoa pratica o lazer, ela vai se sentir alegre, ela vai se divertir naquele momento. [...] Tenho muito (lazer na escola). Conversando com os amigos, brincando toda hora (GUERRINHA).

[...] Eu jogo bola, saí com os amigos, saio por aí, saio pro shopping, pra beber, eu saio pra curtir com eles (MIKE).

Embora saibamos que o lazer é um direito garantido por lei, pela Constituição de 1988, ele não é experimentado igualmente por todos. Algumas barreiras contribuem para isso como a econômica como a social. Por isso, que reforçamos o caráter pedagógico que o lazer traz na fala desses jovens.

## 6.4 Indícios da experiência juvenil com esporte e lazer

Figura 23 - Mosaico de desenhos corpo-experiência.



Fonte: desenhos produzidos por Dylan Marley, Miss Model, Brisa, Boneca, Rosa e organizados pela pesquisadora (APÊNDICE Q - U).

Buscando fazer uma síntese sobre a questão da identificação com o tema esporte e lazer, apresentamos um resumo dissertativo tendo como base a tabela abaixo, em três etapas: primeira etapa, trazendo indícios entre as categorias de identificação, aspectos de cada uma delas (pessoal; pessoal-pesquisa-comunidade; interpessoal-pesquisa), como também, uma breve discussão da relação entre categorias, sendo a primeira em relação a segunda (**pessoal** com **pessoal-pesquisa-comunidade**) e a segunda em relação a terceira (**pessoal-pesquisa-comunidade** e **interpessoal-pesquisa**), escolha feita pela proximidade categorial em negrito; segunda etapa, trazendo indícios da identificação por tema; e, terceira, a relação entre os indícios, uma síntese trazendo questões pertinentes da duas etapas anteriores.

Tabela 13- Relação de identificação com a categoria Esporte e Lazer.

TEMA	RELAÇÕES (CATEGORIAS)				TOTAL
	NÃO OPINOU	ASPECTO PESSOAL		ASPECTO INTERPESSOAL	
		PESSOAL (P)	PESSOAL- PESQUISA- COMUNIDADE (PPQC)	INTERPESSOAL- PESQUISA (IPQ)	
<b>ESPORTE</b>	0	6	3	3	12
<b>LAZER</b>	1	5	5	4	15*
<b>TOTAL</b>	<b>1</b>	<b>11</b>	<b>8</b>	<b>7</b>	<b>27</b>

Fonte: autoria da pesquisadora.

### INDÍCIOS ENTRE CATEGORIAS DE IDENTIFICAÇÃO

Como podemos observar, com relação a questão da identificação com **aspectos pessoais (11 jovens)** foi a forma mais relatada pelos jovens sob os seguintes tópicos: o desejo; o prazer; o gostar pelos benefícios que o tema traz consigo e, por retratar o cotidiano. Vale ressaltar, que subdividindo pelas temáticas: o esporte (6) trouxe somente dois aspectos centrais o desejo e o benefício, enquanto que o lazer (5) trouxe consigo aspectos ligados ao gostar, ao benefício, ao cotidiano na infância, aos espaços específicos carregados de conotação afetiva e relacional como ao prazer. Fazendo-nos supor que quanto mais próximo da realidade do educando do “saber de experiência feito” (FREIRE, 1987), maior será seu comprometimento com a atividade investigativa, já que, para haver atividade o jovem deve se mobilizar e para que se mobilize a situação deve apresentar um significado para ele (CHARLOT, 2000).

Com relação a questão da identificação com **aspectos pessoal-pesquisa-comunidade (8 jovens)** com a categoria anterior, os mesmos trouxeram um número menor, referente ao esporte (3), e igual referente ao lazer (5). Eles trouxeram a problematização sobre gênero e esporte; os espaços de lazer no bairro evidenciando um olhar para o esporte como lazer; a lembrança do trabalho apresentado por outros amigos na mesma temática; citam diferentes formas de lazer conforme as fases da vida; a necessidade do lazer para comunidade e a investigação de espaços possíveis para o mesmo; além, do aprofundamento trazendo uma relação emocional. Fazendo-nos supor que o tema esporte devido suas características de superação, competição atraíam mais identificação pessoal, enquanto que, o lazer traz mais características referente ao envolvimento coletivo, algo extremamente importante no processo

de pesquisa NTPPS devido aos trabalhos em grupo, possibilitando uma maior aproximação com a comunidade.

**Fazendo a relação entre a duas categorias**, pessoal (11) e a pessoal-pesquisa-comunidade (8) percebemos que a diferença se encontra prioritariamente na relação que os primeiros não fazem com a comunidade, eles fazem menção ao tema em si, embora seja um movimento relativo a pesquisa ligada a mesma, enquanto que o segundo grupo, pessoal-pesquisa-comunidade eles trazem essa relação muito forte com a comunidade, embora não tragam um desejo explícito, mas arraigado de denúncia sobre aquilo que se deveria ter.

Em síntese, percebemos que a primeira parte da tabela compreendida com aspectos referentes a identificação pessoal nos faz inferir que a imbricação do sujeito é extremamente importante dentro do processo educativo, no entanto, são necessárias ferramentas que auxiliem na transformação desse conhecimento e, mais ainda, que todo esse processo inicie a partir da pesquisa do “universo vocabular do educando”, os temas do cotidiano que despertam interesse investigativo, mas que ultrapasse o conhecimento que se tem contribuindo eticamente para transformação pessoal e, consecutivamente, social. Portanto, é necessário um mediador do processo.

Com relação a identificação aos **aspectos interpessoal-pesquisa (7 jovens)**, buscando seu correspondente na primeira parte da tabela, referente aos aspectos pessoais que seria pessoal-pesquisa não encontramos. Isso nos gera a seguinte reflexão: quando se trata de uma atividade gerada por um desejo pessoal ela já tem ações e metas estabelecidas para continuar, enquanto que, quando incorporamos a vontade do outro na busca de saciar o desejo do que nos falta, graças a nossa incompletude humana, é necessário suporte para que consigamos ampliar a percepção que tínhamos e, assim, seja reestabelecido um sentido pessoal fortalecido tanto na relação tanto com o conteúdo/tema como com outras pessoas. Portanto, mostrando-nos a relevância do outro dentro do processo educativo, sob diversas formas (familiar, grupo, professor), como da atividade de pesquisa com suas normatividades e o seu fazer gerando mobilização.

**Relacionando as categorias**, pessoal-pesquisa-comunidade (8) e a interpessoal-pesquisa (7) percebemos que a diferença se encontra nas relações humanas, onde o primeiro grupo traz fortemente uma relação com a pessoal com a comunidade a partir de suas denúncias, enquanto que, o segundo grupo traz prioritariamente a relação com pessoas que estimulam a pesquisa, o desejo pela investigação de tal tema.

Em resumo, percebemos que, em termos quantitativos, aqueles que foram mobilizados por questões pessoais total de 11 jovens foi menor do que aqueles que tinham identificação múltipla: pessoal-pesquisa-comunidade (8 jovens) e interpessoal-pesquisa-comunidade (7 jovens) totalizando 15 jovens.

## INDÍCIOS DO ESPORTE

Os doze (12) jovens que pesquisaram o tema esporte fizeram parte de dois grupos de entrevistados (G01 e G04), pertencentes a mesma escola e foram subdivididos conforme sua categoria de análise. O maior índice foi de na categoria pessoal (6), no entanto, quando passamos para categoria pessoal-pesquisa-comunidade (3) houve uma queda considerável mantendo-se estável na categoria interpessoal-pesquisa (3).

Dessa forma, buscando fazer uma síntese trouxemos trechos de falas relativos a experiência de cada jovem que revelou os motivos pela escolha dos temas de pesquisa esporte, a partir de seus significados, sublinhando aquele que foi percebido pela pesquisadora como mais expressivo durante as entrevistas e pela análise semiológica dos desenhos, deixando sempre ao final o nome de cada jovem. Importante ressaltar que nenhum dado foi descartado, sendo utilizados no processo dissertativo-argumentativo desta pesquisa na seção “corpo-caminho”, já que, estamos trabalhando com a relação com o saber.

Primeiramente, o **esporte** conforme suas categorias teve sua relação sob questões variadas, chegando a ter mais de duas características por jovem e nas diferentes categorias: querer para vida como profissão e trabalhar com esporte (SARADO); gostar de praticar (PAIXÃO); fazer parte da vida e gostar de vários esportes (MOTA); ser um tema em comum consigo e gostar de jogar bola (DYLAN); ser criado numa quadra e o que mais sabe (BOB); auxílio na recuperação de doença (MISS MODEL), relacionados a categoria pessoal (6); querer esporte no bairro como critica a falta de atuação do povo (CIDA); querer esporte para as mulheres, crianças e jovens além, de desconhecer o próprio bairro (IARA); relação entre as regras do esporte e vida e a falta de espaços para prática do esporte (VIDA), relacionadas a categoria pessoal-pesquisa-comunidade (3); a escolha do tema motivada pela relação com pessoas do grupo (NAY) no decorrer do processo de pesquisa (BONECA) como pelo tio e o costume de jogar bola (BRISA), relacionados a categoria interpessoal-pesquisa.

Em síntese, compreendemos que se tratam de relações sob três questões centrais, que não precisaram ser especificadas individualmente, pois conseguiu-se manter eixos

centrais por categoria: primeira relação, **o desejo a partir da experiência pessoal com a prática do esporte**, relacionado a categoria pessoal (6 jovens) e, segunda relação, **o desejo a partir da relação interpessoal**, relacionado a categoria interpessoal-pesquisa (3 jovens) e terceira relação, **a problematização**, relacionada a categoria pessoal-pesquisa-comunidade (3).

Podemos observar que, prioritariamente, a mobilização para pesquisar esporte vem da **experiência e do desejo de continuar a praticar**, em outras palavras, para continuar aprendendo e, neste caso, a atividade esportiva e, em segundo plano os saberes-conceito, já que, poucos trouxeram a problematização do tema frente aos motivos que os levaram a pesquisar. Vale ressaltar, que mesmo sendo poucos, conseguiram se colocar enquanto desejo tanto para si como para os outros, por meio, da reivindicação por espaços para prática para mulheres, crianças e jovens como a percepção do que é trazido pela pesquisa do outro sobre o mesmo tema.

## INDÍCIOS DO LAZER

A identificação com o **lazer** nos desvelou relações variadas, chegando a ter mais de duas por jovem, e nas diferentes categorias de análise, algo que já esperado conforme defendemos uma perspectiva relacional do sujeito. No entanto, tomando como base a percepção da pesquisadora foram sublinhados aqueles que eram centrais: espaço do lazer na infância, parquinho e seus instrumentos (ROSA); espaço do lazer (pracinha) e a conversa (GABIRU ALADO); gostar de jogar bola e passear no lago (MULEKE); benefício do lazer, emagrecimento (ARI); gosto pela zumba e o emagrecimento (MAJÚ), relacionados com a categoria pessoal (5); a prática da dança na infância, gosto pela dança na juventude e a pesquisa sobre espaços para prática de lazer (FLOR DE LIZ); benefício do lazer, qualidade de vida (LÚCIA); benefício do lazer, felicidade e falta de espaços para lazer (GUERRINHA); falta de espaço para lazer (BIANCA) e falta de espaço seguro para o lazer (MIKE), relacionados a categoria pessoal-pesquisa-comunidade (5); incentivo de outras pessoas a pesquisa sobre a temática, pelo tio e o gosto pelo futebol; incentivo da mãe e da amiga para prática de dança e busca por projetos sociais (VALENTE); incentivo por um integrante do grupo de pesquisa (JB, JANE e ANE), relacionados a categoria interpessoal-pesquisa (4).

Em síntese, chegamos a três questões centrais contendo jovens de diversas categorias: **primeira relação, o desejo a partir da experiência pessoal com lazer** (8)

relativa aos relatos sobre: benefícios do lazer, emagrecimento (ARI), a qualidade de vida (LÚCIA) e o sentimento de felicidade na prática do lazer (GUERRINHA); as formas de lazer: como a prática do futebol (MULEKE); da dança, a Zumba (MAJÚ, FLOR DE LIZ); espaços do lazer: pracinha do condomínio (GABIRU ALADO), a pracinha do bairro (ROSA); **segunda relação, problematização do lazer (2)**, falta de espaço (BIANCA) e seguro (MIKE); e, **a terceira relação, desejo a partir da relação interpessoal com lazer (4)**, a experiência do outro que se torna minha, trazida pelo incentivo da mãe (VALENTE) e de entre os participantes do grupo (JB, JANE, ANE).

Podemos observar que, a mobilização para pesquisar o lazer vem do desejo advindo da experiência pessoal (8), que envolve benefícios; a referência aos espaços e as formas de lazer; e do desejo advindos da experiência interpessoal (4) que incentiva a prática por ter uma relação instigadora com o tema ou simplesmente por saber os benefícios que a mesma traz; e, pela, problematização do tema (2) que vem também da experiência, mas existe um olhar mais crítico que reivindica tanto para si como para os outros mais espaços com mais segurança.

## INDÍCIOS ENTRE ESPORTE E LAZER

Trazendo a relação entre categorias de análise sobre a identificação dos jovens com seus temas (TABELA 14).

Tabela 14 - Relação entre categorias de análise sobre identificação com o tema.

<b>IDENTIFICAÇÃO COM O TEMA</b>	<b>CATEGORIA DE ANÁLISE</b>	<b>JOVENS</b>
<b>ESPORTE</b>	Desejo a partir da experiência pessoal com a prática do Esporte	6
	Desejo a partir da relação interpessoal com o Esporte	3
	Problematização do Esporte	3
<b>LAZER</b>	Desejo a partir da experiência pessoal com Lazer	8
	Desejo a partir da relação interpessoal com o Lazer	4
	Problematização do lazer	2

Fonte: autoria da pesquisadora.

**Comparando o tema esporte com lazer**, podemos observar proximidades entre as unidades de registro temático: desejo a partir da experiência – esporte (6) e lazer (8); desejo a partir da relação interpessoal – esporte (3) e lazer (4); problematização do tema – esporte (3) e lazer (2). Isso nos sugere que trabalhar com temas que partam da realidade do educando requer mais que identificação pessoal, requer desejo, conhecimento e uso de ferramentas investigativas e permanente mediação do outro (seja com professor ou com outros jovens) para que assim, ampliem o conhecimento que trazem, algo que acreditamos ser função do espaço escolar.



## 7 CARTA(Z): ORIENTAÇÕES JUVENIS PARA ESCOLA

Figura 24 - Mosaico de desenhos corpo-vida.



Fonte: desenhos produzidos por Iara, Mota, Elétrika, Majú, Vida, Sarado e organizados pela pesquisadora (.

Trouxemos acima um mosaico de desenhos para refletirmos sobre os desenhos relacionados as experiências de vida das mais diversas possíveis, que se referem: a vontade de emagrecer, o olhar para o futuro, as escolhas sejam para fazer atividades físicas como para profissão, a vontade de dançar e continuar dançando na “melhor idade”. Inúmeras questões que nos convidam a refletir sobre as características das juventudes, ou melhor, desses jovens que resolveram caminhar conosco neste percurso investigativo.

Após as entrevistas percebemos que pouco sabia sobre estes parceiros, no máximo os nomes, idade e sexo. Precisávamos saber muito mais, entramos em contato com eles pelas redes sociais e reafirmamos nosso laço.

Esse é o perfil dos colaboradores da pesquisa da **E.E.F.W.S.C.**: jovens na faixa etária entre 16 e 18 anos de idade, em média passaram no mínimo 3 anos nesta escola. Moram em bairros próximo a escola sendo eles: Cidade dos Funcionários; Barroso; Jardim das Oliveiras; Castelão; Passaré; Cambeba e Cajazeiras. Dentre os 12 participantes da pesquisa seis passaram por reprovação, quatro do sexo feminino e dois do sexo masculino; reprovação no ensino fundamental (6<sup>a</sup>, 7<sup>a</sup> e uma não lembra qual foi) foram todas do sexo feminino e no ensino médio do sexo masculino (1<sup>o</sup> ano). Com relação ao gosto musical, disseram gostar:

Sertanejo (4); Forró (2); Rap (2); Pop/nacional pop (2); Rock (1); Gospel (1); Funk (1) e eclético (1). Vale ressaltar que a maioria disse mais de dois estilos.

Com relação a sua orientação religiosa apontaram: católico (4); evangélico (2); crê em Deus (1); nenhuma (3); não tem (1) e não tem preferência (1). Com relação a profissão dos pais percebemos uma grande variedade de serviços, relacionados a mãe: doméstica; diarista; recreadora; supervisora; cabelereira; doceira e copeira de hospital. Relacionados ao pai: eletrotécnico; técnico de informática; carpinteiro; motorista; mecânico; comerciante. Sendo que cinco jovens apontaram não saber a profissão do pai (1); não tem pai (2); foi embora (1) e falecido (1).

Um último tópico relacionado aos sonhos que estes jovens trazem consigo: ter uma família; ter uma linda família; chalé no Alasca; viajar o mundo; fazer intercâmbio; ser famoso na internet e na televisão; ser bem-sucedida; terminar os estudos; ser uma grande esteticista; fazer faculdade; fazer faculdade de Enfermagem; fazer faculdade de Psicologia; fazer faculdade de Educação Física; formar em Advocacia e formar em jornalismo de moda.

Com relação aos colaboradores da **E.E.F.M.J.M.**: jovens na faixa etária entre 16 e 17 anos de idade, em média passaram no mínimo 3 anos nesta escola. Vale ressaltar, que um jovem e uma jovem não quiseram responder. Moram em bairros próximo a escola sendo eles: Montese, Itaoca, Vila União, Maraponga, Vila Betânia. Dentre os 15 participantes da pesquisa somente quatro passaram por reprovação em algum ano escolar sendo duas jovens no 1º ano do ensino médio; uma na 9ª série e um no 2º ano do ensino médio. Com relação ao gosto musical, disseram gostar: Forró (3), Rock (2), Rock Classic (1), Reggae (2), Funk (2), Rap (2) e ecléticos (3). Vale ressaltar que uma jovem citou dois estilos musicais.

Com relação a sua orientação religiosa apontaram: nenhuma (3); Evangélico (3); Católico (3); Espírita (1); Mórmon (1); Cristã (1); Jesus (1). Com relação a profissão dos pais percebemos uma grande variedade de serviços, relacionados a mãe: costureira; doméstica; conselheira tutelar; cabelereira; atendente de telemarketing; cuidadora de idosos; agente administrativo; gerente de padaria e depiladora. Relacionados ao pai: reciclador; moto táxi; auxiliar de coordenação; motorista; vigilante; eletricista; mecânico; gari coletor; sendo que três jovens não têm contato com o pai e um diz ter contato, mas não saber a profissão.

Um último tópico relacionado aos sonhos que estes jovens trazem consigo: ser bem-sucedido; ter um bom emprego; ter uma boa renda; conquistar planos e objetivos; ajudar a família; casar; ter filhos; fazer faculdade; se tornar enfermeira; ser lutador de Muay Thai; se

formar em Direito; se formar em Educação Física; abolir o capitalismo; ser feliz em todos os aspectos.

Vale salientar que uma jovem quando foi indagada sobre qual seria seu sonho ela iniciou sua fala dizendo disse ter metas e não sonhos, como se sonhar fosse algo ruim. Sem falar no jovem que falou sobre abolir o capitalismo está foi sua justificativa: “esse sonho vem pelo preconceito que existe pela divisão de classes sociais e mal distribuição das riquezas do país além do capitalismo se próprio se destruir”.

Além disso queríamos trazer alguns trechos de seus relatos, alguns até utilizados em outros momentos no estudo, mas aqui com mais sensibilidade. Acreditamos na nossa transformação após termos ficado contemplando tudo o que eles me ajudaram a enxergar.

Primeira questão, o auxílio do outro para concluir uma atividade de pesquisa, até mesmo quando o tema não é de seu interesse:

[...] aí como o único grupo que eu era mais chegada, eu fui para esse do esporte na comunidade (NAY, G01).

Ou quando tem preconceito com o jeito de uma pessoa ao ponto de não querer amizade, mas quando se permite encontra possibilidades maiores para se estar sendo:

[...] eu não tinha antigamente, eu não tinha muitos amigos, não ai até então, minha melhor amiga, que é agora, a gente fazia três anos que morava perto uma da outra, eu conhecia ela, assim, de vista né? Não falava com ela porque achava besta, ela também me achava besta. [...] a gente ficou amiga, por causa da dança e tal (VALENTE, G03).

Ou quando eles assumem o dever de cuidar do outro quando os colegas fazem chacota:

[...] aí esse aqui é em consideração a minha amiga (refere-se a Jane) que eu amo que o povo fica chamando ela de antissocial, dizendo que ela é diferente que nunca faz nada assim, é porque ela é diferente, porque ela não é igual a outra pessoa. Tipo assim, eu botei aqui assim oh: ‘Não é que eu seja diferente até porque eu sou igual a você’, entendeu? É tipo assim, tú é do teu jeito e aquela pessoa do jeito dela. Ela fica falando contigo ‘Aí tú é antissocial’, fala aquilo, isso e isso outro, não é porque é o jeito da pessoa. Porque na sala fica todo mundo falando sobre ela. Queriam que ela fosse amiga de todo mundo (ANE, G03).

Quando se deparam com os sentimentos confusos quando se pede para desenhar o motivo da identificação com o tema lazer e pensa na ex-namorada ou quando é convidado a falar de algo que o marcou profundamente precisa tomar folego:

Aqui, o que desenhei. Eu ia desenhar uma ex mas só que... terminei a pouco tempo (JB, G03).  
Deixa eu respirar (ARI, G02).

Sem falar na resistência em trazer aspectos da sua vida pessoal, aquilo que lhe desperta para mobilização, para dentro da escola por não julgar certo:

[...] é porque eu nunca gostei de misturar a vida particular com o colégio ou com o trabalho. Porque eu acho que se mistura, eu acho que tipo vai ficar tudo confuso, gosto de separar as coisas, o mundo fictício da realidade. [...] Eu não expresso minha arte aqui no colégio, porque eu tenho medo de ser discriminado (JB, G03).

Isto tudo nos faz pensar no que a escola e os professores vem sendo para estes jovens que foram convidados a participar da pesquisa, isto é, não eram obrigados e quando iniciamos o segundo processo o compartilhamento dos desenhos diz assim: “Deixa eu falar logo pra me livrar disso” (FLOR DE LIZ, G03).

Além disso, no pouco incentivo ao uso das múltiplas linguagens. Nesse ponto me recordo do Pequeno Príncipe quando pede ao aviador que desenhe para ele um carneiro e ele diz não saber recordando que tudo que havia feito era estudar geografia, história, matemática e gramática:

Tentei ser desenhista, mas não deu certo (ARI, G02).  
Meu desenho eu vou explicar o que é. Eu fiz... Por favor não fiquem rindo (BIANCA, G05).  
Tentei fazer um desenho. Que eu não sei fazer desenho (GUERRINHA, G05).

As pessoas com quem eles se identificam são pessoas que podem nos revelar questões pessoais muito importante como aquela que escolheu como seu pseudônimo uma repórter de um jornal em rede aberta, que sofreu insultos por conta do preconceito racial que ainda existe e é bastante forte no Brasil:

Escolha do codinome da pesquisa por gostar da “Maria Júlia Coutinho, a garota do tempo do Jornal Nacional da Rede de televisão Globo” (MAJÚ, G02).

Diferentemente do que a maioria diz, eles pensam sobre o futuro, tem seus planos de vida, que muitas vezes para os adultos soam como pequenos:

Eu pensava, eu penso até hoje que todo mundo tem que ser seu ideal e que nada pode interferir na sua vida pessoal, profissional, a gente tem que viver nossa vida como a gente é, não ligando pra comentários. E essa estrelinha aqui na minha cabeça, todo dia que tô em casa que eu sou uma pessoa que tem muitas metas. Minha meta é ser reconhecido, minha meta é poder trabalhar num lugar que eu me sintam bem, eu quero trabalhar não só para ter o dinheirinho pra pagar minhas contas, não. Essas estrelinhas me lembram o que? Sucesso, maturidade, crescimento, evolução [...] (ARI, G02).  
[...]porque eu achei interessante Zumba para os idosos. Quando eu ficar velha quero fazer Zumba pra ficar magra e ter saúde (MAJÚ, G02).  
[...] basquete que eu ainda vou jogar, só não sei quando ainda (LÚCIA, G02).

Não podemos esquecer que são seres humanos eles têm dúvidas, dificuldades, já sofreram por preconceitos ou outras questões que podem interferir em sua aprendizagem:

[...]eu coloquei o nome dúvida porque eu tinha muita dúvida do que o mundo era, do que ele podia possibilitar pra mim e do que não podia, os benefícios e malefícios. [...] e esse preso aqui significa pra mim que na época que eu era muito pequeno eu vivia na escuridão aonde eu não me aceitava, mas não me aceitava em relação a gênero ou sexo, mas sim com meu corpo. E aqui foi uma parada (de ônibus) que eu fazia reforço lá no Ari de Sá, tinha uma parada onde todos os meninos que faziam reforço pagavam a mensalidade e eles entravam dentro do ônibus e nesse ônibus eu não falava com ninguém. Porque eu tinha muita vergonha. Eu era muito antissocial, não parece, mas eu era. Eu sentava na primeira cadeira e toda vez que eu descia, eu escutava um comentário, que é isso que eu coloquei como censura, comentário como gordo, como apelidos né? Que eu nem gosto de lembrar. Toda vida no caminho eu pensava que tinha que emagrecer. E outra que mesmo você sendo gordinho, ou você sendo gay, ou você sendo alto, magro eu achava que ... [...]e esse é o meu desenho que murmurando, quando eu era muito pequeno sofria bullying, meu peso não era medido na medida certa da minha altura e eu ficava muito apreensivo com isso. [...] quando eu emagreci eu falei que eu emagreci não por mim, mas pelos outros porque eu era muito rotulado e isso ficava isso na minha cabeça (ARI, G02).

Sei que são muitas questões que levantamos alguns dirão que são desnecessárias, que nossa função como professores é somente ensinar tal conteúdo e pronto, mas não acreditamos que seja somente isso. No último dia de encontro com os jovens fizemos uma oficina da criação da carta reivindicando uma escola com a cara da juventude. A atividade referia-se ao terceiro eixo da pesquisa: experiência da juventude. Resolvemos trabalhar com a criação de uma carta, sem compartilhamento, para o Secretário de Educação do Estado do Ceará. Relatando o que seria uma escola com a cara da juventude e o que a escola deles precisariam ter para ser uma escola com a cara da juventude. Embora tenha sido uma atividade individual observamos que muitas coisas se repetiam. Assim, criamos uma síntese unindo todas as cartas de um mesmo grupo entrevistado, ou melhor, carta(zes) pelo seu conteúdo reivindicador buscando encontrar um sentido amplo e abrangente para maioria. Dessa forma, chegamos a cinco categorias: corpo-panorama (G01); corpo-espço (G02); corpo-reforma (G03); corpo-anárquico (G04) e corpo-arte (G05). Após fizemos uma síntese chamada “Indícios juvenis orientadores para a escola”.

## **7.1 Carta(z): corpo-panorama**

Senhor Secretário,

Chamo-me JUVENTUDE estudo aqui no J.M., onde venho garantindo conhecimentos muito importantes para o meu caminho até a faculdade. Aqui os professores

são ótimos<sup>26</sup>, não tenho nada a reclamar, mas venho aqui por meio desta carta<sup>27</sup> lhe falar um pouco sobre a Educação dos jovens no Ensino Médio, que cá pra nós não é essas coisas toda<sup>28</sup>, em outras palavras, pedir por um ensino médio melhor, onde os jovens possam ter mais **prazer de estudar e sair do mundo da criminalidade** que não leva ninguém a nada. O senhor mesmo sabe que o mundo do crime está acabando com os nossos jovens, levando eles para um caminho que não tem mais volta<sup>29</sup>.

Precisamos de uma **escola desenvolvida**, com algo que nos chame a atenção durante a aula, algo que desperte o nosso interesse em relação aos estudos e ao que temos que aprender pra vida<sup>30</sup>, portanto, com atividades que irão preparar para o mundo que existe do lado de fora do portão da instituição<sup>31</sup>.

Tem muitas coisas que podem melhorar nesse ensino, no meu colégio particularmente existe o “Núcleo”, ele nos ajuda muito em relação a tudo, do desenvolvimento dentro do colégio até o desenvolvimento na sociedade, seria muito bom que isso fosse acrescentado em todos os colégios não só do estado mais das prefeituras também<sup>32</sup>, além disso, eu gostaria que muitas coisas fossem diferentes na minha escola começando com a grade curricular que é muito grande e também nas coisas que se ensinam em um colégio<sup>33</sup>.

Para isso, as escolas precisam estar adaptadas ao público jovem<sup>34</sup>, as melhorias que poderiam haver, era que pudéssemos ser quem somos. Ser tratados da forma que desejamos<sup>35</sup>. Na escola, o objetivo é educar e formar cidadãos de bem, mas o que ocorre hoje é que criam robôs para responder provas<sup>36</sup>.

Muitas coisas poderiam ter no colégio<sup>37</sup> coisas que chamem mais a atenção para que possamos terminar os estudos<sup>38</sup> como aula de **teatro** para aquele aluno que é mais extrovertido e acaba sendo reprimido pelo professor, ou aula de **música** para aumentar a cultura dos alunos, ou até aula de **culinária** para ensinar coisas que a pessoa use na vida dela,

---

<sup>26</sup> BONECA

<sup>27</sup> IARA

<sup>28</sup> CIDA

<sup>29</sup> IARA

<sup>30</sup> VIDA

<sup>31</sup> SARADO

<sup>32</sup> CIDA

<sup>33</sup> MOTA

<sup>34</sup> SARADO

<sup>35</sup> NAY

<sup>36</sup> MOTA

<sup>37</sup> MOTA

<sup>38</sup> IARA

comer a pessoa faz isso todo dia, agora uma fórmula matemática, poucas vezes a pessoa vai se deparar em uma situação que ela precise usar, embora seja importante também <sup>39</sup>.

Além disso, gostaria que nas escolas as **aulas** fossem bem mais **dinâmicas**<sup>40</sup>, seria ótimo que tivesse **brincadeiras** durante as aulas para torná-la (uma aula) diferente de todas as outras<sup>41</sup>, que os professores escrevessem menos, falassem mais. Para que o aluno interagisse mais e assim melhorar o aprendizado<sup>42</sup>

Portanto, que se tornasse uma casa um ponto de apoio que pudesse incluir esportes<sup>43, 44</sup>, aulas recreativas aos sábados, houvesse curso oferecido pelos colégios, houvesse acompanhamento de psicólogos<sup>45</sup>, fosse um horário integral deixando os alunos mais ocupados ajudando a lidar com as matérias onde tenha mais dificuldade<sup>46</sup>.

Sem falar no incentivo ao esporte, que fosse bem maior para que pudesse melhorar a infraestrutura e assim o esporte seria bem mais acessível<sup>47</sup>. Peço também estruturas melhores das escolas de todo o estado o Ceará<sup>48</sup>, na verdade o que venho citar são melhorias para uma escola onde a comunidade possa sim se sentir mais segura e confortável, a escola tendo uma aparência chamativa onde todos se sintam atraídos ao vê-la a escola ficaria grata<sup>49</sup>

Vale lembrar que sai mais barato investir no ensino do que em presídio, no qual vai gerar um gasto desnecessário<sup>50</sup> e que para isso é necessário que parem também com a corrupção que só alimenta a desigualdade, fazendo com que nossa sociedade caia em decadência em vários aspectos<sup>51</sup>.

## 7.2 Carta(z): corpo-espço

Senhor secretário,

---

<sup>39</sup> MOTA

<sup>40</sup> PAIXÃO

<sup>41</sup> VIDA

<sup>42</sup> PAIXÃO

<sup>43</sup> NAY

<sup>44</sup> IARA

<sup>45</sup> NAY

<sup>46</sup> BONECA

<sup>47</sup> PAIXÃO

<sup>48</sup> IARA

<sup>49</sup> BONECA

<sup>50</sup> SARADO

<sup>51</sup> ALDO

Olá boa tarde, bom dia ou boa noite. Não sei em que horário o senhor irá ler esta carta<sup>52</sup> Sei que existem várias preocupações na Secretaria de Educação mais na escola onde estudo está encarecidamente precisando que o senhor leia<sup>53</sup>.

Venho por meio desta carta pedir humildemente melhorias para minha escola<sup>54,55</sup>, gostaria de umas mudanças na Escola Walter Sá Cavalcante, primeiro, melhoria na estrutura da escola que não pode dá uma chuva que se alaga tudo nessa escola, e esse problema não é de hoje vem de longos anos que essa escola não ver uma reforma por completa, só que todos os anos eles pintam as paredes, portanto, melhorias em nossa **estrutura** para que nossa escola os índices de evasão escolar diminuam e as melhorias possam trazer mais benefícios<sup>56</sup>.

Uma escola para mim é um meio onde podemos **nos conhecer** perante a sociedade e, também **aprimora muito os nossos conhecimentos**. Acho que uma escola para juventude é onde podemos nos beneficiar tanto de aula teórica como prática. Teórica mostra nossa base de estudo, prática mostra o nosso lado educacional perante uma aula prática e assim trazendo atividades tanto física como psicológica, todo meio de conhecimento é essencial, tanto os alunos como a fonte de conhecimento como no caso a professora<sup>57</sup>.

No entanto, gostaria que o senhor mudasse algumas disciplinas que teoricamente são desnecessárias<sup>58</sup>. Sem falar que, lhe damos com semestralidade, o que não nos ajuda muito, já que a escola trabalha mais com o ensino médio, e a maioria dos alunos que precisa se preparar para vestibulares como ENEM não tem recursos pra pagar cursinho pré-vestibular<sup>59</sup> assim, gostaria de opinar de uma forma junta com a coordenação da escola<sup>60</sup>.

Os professores são ótimos, mais sempre existem exceções, e, existem alguns que não se comprometem muito com nosso aprendizado, o que dificulta muito nossa vida<sup>61</sup>.

Em relação ao lazer pros alunos: não temos mais quadra pra realizarmos atividades físicas para que tenhamos um bom incentivo nos esportes<sup>62</sup> gostaria que o senhor ajeitasse a quadra<sup>63,64,65</sup> e construísse mais ambientes para prática de esporte<sup>66</sup>.

---

<sup>52</sup> MAJÚ

<sup>53</sup> ELÉTRIKA

<sup>54</sup> LÚCIA

<sup>55</sup> ELÉTRIKA

<sup>56</sup> MAJÚ

<sup>57</sup> ARI

<sup>58</sup> MULEKE

<sup>59</sup> ELÉTRIKA

<sup>60</sup> ARI

<sup>61</sup> ELÉTRIKA



Gostaria de pedir que na minha escola tivesse aulas de dança, cursos de grafite, cursos profissionalizantes e oportunidades de estágios<sup>67</sup>, pois sinto falta de lazer em minha escola, de esportes, danças, artes, enfim, assim como eu muitos outros também sentem<sup>68</sup>. Assim na minha escola teria a cara de todos os jovens e muitos se interessariam para estudar e participar de todas essas atividades<sup>69</sup>. Sem falar que, gostaria que você, em sua sabedoria e condições financeiras lançasse projetos que incentivassem nós estudantes a praticar tais atividades. Sem que precisássemos pagar<sup>70</sup>.

Bom, é isso senhor secretário, peço que leia pois será de alguma ajuda o senhor perceber que precisamos de um pouco de atenção e saber como funciona o ensino público do estado<sup>71</sup>. Leia minha carta com muito amor<sup>72</sup> e espero que tenha entendido o recado<sup>73</sup>. Obg tenha um ótimo dia<sup>74</sup> e um grande abraço<sup>75,76</sup>.

### 7.3 Carta(z): corpo-reforma

Senhor,

Secretário de Educação,

Gostaria que o senhor olhasse com mais dedicação para a nossa educação, pois se tem muito o que ajeitar<sup>77</sup>. Ainda a muito que melhorar no ensino atual, principalmente sobre a questão das **estruturas dos colégios**, o meu por exemplo não tem estrutura para nós jovens, banheiros sem manutenção<sup>78</sup>, entre outros.

---

<sup>62</sup> MAJÚ

<sup>63</sup> MAJÚ

<sup>64</sup> MULEKE

<sup>65</sup> GABIRU ALADO

<sup>66</sup> LÚCIA

<sup>67</sup> ROSA

<sup>68</sup> FLOR DE LIZ

<sup>69</sup> ROSA

<sup>70</sup> FLOR DE LIZ

<sup>71</sup> ELÉTRIKA

<sup>72</sup> ROSA

<sup>73</sup> ARI

<sup>74</sup> GABIRU ALADO

<sup>75</sup> ARI

<sup>76</sup> MAJÚ

<sup>77</sup> VALENTE

<sup>78</sup> JB

Gostaria que o senhor reconstruísse a quadra<sup>79,80</sup> porque todos nós precisamos de lazer, para praticar esportes para que nós possa (possamos) ter mais aula prática, pois quadra que nós tem na escola está toda danificada, o teto está caindo cada dia mais<sup>81</sup>, não temos Ed. física porque a quadra está quebrada<sup>82,83</sup> e sem manutenção<sup>84</sup>, sem utilidade<sup>85</sup>.

Sobre a questão do nosso ensino médio tem muito a ser questionado, pois o senhor está lidando com adolescentes, sendo que a maioria não sabe realmente o que quer para seu futuro<sup>86</sup>. Não gostaria que fosse reformulado o ensino médio, porque está cedo demais pra nossas escolhas e se mudarmos de ideia? Terá sido em vão?<sup>87</sup> Somos jovens e muitas vezes fazemos escolhas que não tem nada a ver com que queremos, exemplo eu escolho uma matéria que tem a ver com Direito, futuramente eu vejo que não é isso que eu quero e aí como vai ficar? Porque se não for pra ficar todas as matérias é melhor nem reformular o ensino médio<sup>88</sup>.

O senhor poderia fazer passeios<sup>89</sup>, aulas ao ar livre<sup>90,91</sup> porque nós não temos<sup>92</sup>, para conhecer mais nossas culturas, eu gostaria de conhecer sobre minha terra o Brasil, o meu Ceará<sup>93,94,95</sup>. Que o senhor trouxesse mais novidades para educação dos alunos e que houvesse um pouco mais de lazer, novidades, jogos diferentes na ed. física<sup>96</sup>.

Espero que você tome consciência e responsabilidade<sup>97</sup>.

#### **7.4 Carta(z): corpo-anárquico**

Bom de começo, olá bom dia a todos, governador (DYLAN)...

---

<sup>79</sup> ANE

<sup>80</sup> JANE

<sup>81</sup> ANE

<sup>82</sup> JANE

<sup>83</sup> VALENTE

<sup>84</sup> VALENTE

<sup>85</sup> JB

<sup>86</sup> VALENTE

<sup>87</sup> JB

<sup>88</sup> ANE

<sup>89</sup> JANE

<sup>90</sup> ANE

<sup>91</sup> JB

<sup>92</sup> ANE

<sup>93</sup> JB

<sup>94</sup> ANE

<sup>95</sup> JANE

<sup>96</sup> JANE

<sup>97</sup> JB

Meu nome é JUVENTUDE tenho 18 anos. Sou aluna de 2ª ano do ensino médio da escola E.E.F.M. João Mattos, do governo estadual do Ceará.... então, escrevo essa carta para informar e questionar o que falta em minha escola.

Vejo isso da maneira mais clara possível, há muitas coisas que tem que ser esclarecidas e que para mim é muito importante poder questionar sobre esse desenvolvimento. Então, sobre minha escola, claramente dou muito valor a minha escola e aos meus estudos! Pois só nela eu vou ter todo caminho que eu preciso para meu futuro.

As mudanças são diversas, na escola todos os anos, muitas coisas novas acontecem em relação a isso (ao meu futuro). Nesse ano gostaria que fosse diferente houvessem mudanças, em minha opinião, sobre o fardamento seria bacana os alunos se sentirem livres, virem para a escola a vontade por apenas dois dias na semana<sup>98</sup>.

E, também, gostaria de uma escola boa onde os alunos tivessem o prazer de estar nesta instituição<sup>99</sup> porque as escolas públicas estão muito ruins<sup>100</sup> estão todas deterioradas, abandonadas<sup>101</sup>.

Queremos melhorias para os banheiros, para nossa alimentação, para nossa quadra de esportes<sup>102</sup> até mesmo mais aulas como a de Educação Física<sup>103</sup> e queremos principalmente melhorias para as salas de aula. Onde queremos ar condicionados, tablete ao invés de livros<sup>104</sup>.

Sobre nossas aulas teóricas com professores, vejo eu que poderíamos trabalhar mais isso<sup>105</sup>. Queremos mais dinamismo e interação em salas de aulas<sup>106</sup>. O Núcleo que nos ajuda bastante<sup>107</sup>, no entanto, liberem para nós alunos escolhermos nossos temas e elaborarmos um trabalho ao nosso jeito<sup>108</sup>.

A escola, melhora se não ocupamos<sup>109</sup>?

As escolas são nossas, do povo, pois faço o favor de cumprir com seu dever, eu só quero que você faça seu trabalho<sup>110</sup>.

---

<sup>98</sup> MISS MODEL

<sup>99</sup> DYLAN

<sup>100</sup> BRISA

<sup>101</sup> DYLAN

<sup>102</sup> BRISA

<sup>103</sup> MISS MODEL

<sup>104</sup> BRISA

<sup>105</sup> MISS MODEL

<sup>106</sup> BOB

<sup>107</sup> MISS MODEL

<sup>108</sup> BOB

<sup>109</sup> BRISA

## 7.5 Carta(z): corpo-arte

Sr. Secretário de Educação,

Sou da Escola E.E.F.M. João Mattos, aluna(o) do 2º ano do Colégio E.E.F.M. João Mattos e vou começar a fazer o 3º ano como vai ser meu último no colégio e para alguns o começo...uma escola boa, porém com pouca estrutura e organização. Gostaria que o senhor pudesse ajudar não só na estrutura mais também na organização tipo colocando mais profissionais da área da secretaria, como professores porque muito deles estão em falta e isso causa com que as pessoas fiquem de greve atrapalhando a todos os alunos<sup>111</sup>.

Além disso, gostaria que o senhor desse uma olhada em nossa escola, colocasse mais coisas com a cara da juventude<sup>112,113</sup> na minha escola falta muitas aulas de campo<sup>114,115,116</sup> nossa escola não existe aulas práticas<sup>117,118</sup>, isso por falta de verba que a escola não tem muito<sup>119</sup>. Faltam muitas salas apropriadas para muitas coisas, como uma sala de ensaio de dança, teatro, enfim, outras artes, falta mais artes por exemplo, mais oportunidades de apresentações de artes como dança, teatro canto e várias outras formas de artes que precisam ser desenvolvidas na escola<sup>120</sup>.

Para isso, o senhor poderia botar mais aulas de campo<sup>121,122,123</sup>, mais passeios<sup>124, 125</sup>, poderia também colocar mais aulas práticas<sup>126,127</sup>, botar experimentos nas aulas de Física, Biologia, Química e entre outras, também na área da Educação Física mais prática de esportes, poderia fazer algumas salas apropriadas para produção e criação de artes<sup>128</sup>. Investir em mais coisas como por exemplo a faixa da escola poderia ser grafada com

---

<sup>110</sup> DYLAN

<sup>111</sup> MIKE

<sup>112</sup> GUERRINHA

<sup>113</sup> BIANCA

<sup>114</sup> GUERRINHA

<sup>115</sup> BIANCA

<sup>116</sup> MIKE

<sup>117</sup> GUERRINHA

<sup>118</sup> MIKE

<sup>119</sup> MIKE

<sup>120</sup> GUERRINHA

<sup>121</sup> GUERRINHA

<sup>122</sup> BIANCA

<sup>123</sup> MIKE

<sup>124</sup> GUERRINHA

<sup>125</sup> BIANCA

<sup>126</sup> GUERRINHA

<sup>127</sup> MIKE

<sup>128</sup> GUERRINHA

muitas cores tanto fora como dentro poderia ter mais artes (teatro, dança, música...) coisas que envolvesse os alunos, mais aulas de campo, exposições, aulas diferenciadas<sup>129</sup>...

Queremos se sentir bem no nosso local de estudo, temos responsabilidades, mas não podemos esquecer que somos jovens<sup>130</sup>! Só queria pedir isso mesmo, as escolas precisam ser mais liberais poderiam dar um pouco de liberdade e eu acho que pedindo isso o senhor poderá ajudar<sup>131</sup>.

Espero que algumas dessas sejam solucionadas.

Obrigada pela atenção<sup>132</sup>.

## **7.6 Indícios juvenis orientadores para escola**

### **G02/G03 - CORPO-ESPAÇO e CORPO-REFORMA (E.E.F.M.W.S.C.)**

A escola para este grupo de jovens é “local para se conhecer e aprimorar conhecimentos”, já que, não se vai à escola para aprender, mas para continuar aprendendo (CHARLOT, 2000) “deve ter aulas teóricas e práticas” para que assim eles possam refletir e agir, em outras palavras, se pronunciarem ao mundo. Embora as escolas insistem em um formato de aula expositiva colocando educando como depósito de conteúdo, onde o professor é o detentor do saber (FREIRE, 1987), percebido nesta carta quando jovem faz menção ao professor como “fonte de conhecimento”.

Para estes, existe uma relação entre estrutura da escola e evasão escolar, algo trazido por Freire (2006) em suas reflexões diante do contexto em que se encontrava na Secretaria Municipal de Educação do Estado de São Paulo, sobre a precariedade da escola desestimular tantos educadores como educandos e ele nos faz refletir com este questionamento “como ensinar e aprender com alegria numa escola cheia de poças d’água, com a fiação ameaçadoramente desnuda, com a fossa entupida, inventando enjoos e náuseas”? (FREIRE, 2006, p. 33) acrescenta dizendo que ético está ligado com estético, portanto, com a mobilização. É evidente que estas escolas já dão sinais de sua precariedade, agora se pensarmos sobre o congelamento de verbas destinadas tanto a educação como a saúde votado em 2016, Proposta de Emenda Constitucional (PEC) Nº 241/2016, a tendência é passarmos por grandes dificuldades.

---

<sup>129</sup> BIANCA

<sup>130</sup> BIANCA

<sup>131</sup> MIKE

<sup>132</sup> GUERRINHA

Assim, estes jovens denunciam disciplinas vistas como desnecessárias, segundo Charlot (2001, p. 47), "[...] talvez o pouco valor que os jovens conferem ao aprendizado de conteúdos curriculares não seja resultante do seu 'desinteresse', e sim, da sua dificuldade em encontrar um 'sentido' para aquilo que os professores ensinam". Sem falar no formato curricular por semestralidade deixando-os sem condições para enfrentar o vestibular como a reforma da quadra que os impossibilita de ter mais liberdade.

E anunciam como possibilidades a construção de ambientes para prática; que possibilite de conhecer sobre a cultura do estado e do país; que tenha aula de dança; novidades; lazer; jogos diferentes na Educação Física; passeios; aulas ao ar livre; curso de grafite; cursos profissionalizantes; projetos formativos gratuitos e oportunidades de estágio. Justificando que assim os alunos se interessariam em participar e a escola teria a cara da juventude.

Vale ressaltar, a reflexão feita pelos jovens sobre a reforma do Ensino Médio dizendo que não acha a juventude capaz de fazer escolhas para seus caminhos, como o medo por optar por caminhos errados.

G01/ G04/ G05: CORPO-PANORAMA//CORPO-ANARQUÍCO//CORPO-ARTE  
(E.E.F.M.J.M)

Para estes jovens a escola deve ser desenvolvida, que desperte o interesse para aprender para a vida, para que se tenha prazer em estudar, em se relacionar (CHARLOT, 2001). Já que a escola é um espaço de encontro e está é uma condição para que haja aprendizagem (CEPEC; LITERIS, 2001). Por alguns é vista como um ponto de apoio, um espaço afetivo que segundo Bento (2013) advém do desaparecimento da socialização primária implicando no deslocamento do objetivo e intencionalidade da escola e como exigência ética e política que estes sejam valorizados como seres humanos e tudo está na base do diálogo e suas raízes afetivas (o amor, a fé e a humildade) para que ocorram (FREIRE, 1987).

Corroborando com outra denúncia, sobre a mudança na postura dos professores que eles escrevessem menos e falassem mais para interação em sala, em outras palavras, mais dinamismo e interação na sala de aula como também a liberdade de escolha (tema e trabalhos), isto se refere, a atividade de pesquisa do NTPPS que enquadra os temas conforme os campos pré-definidos.

Eles denunciam também, a falta de salas apropriadas para outras finalidades como ensaios e práticas corporais como a falta de momentos artísticos (para apresentação e criação) como também a estrutura e organização da secretaria e corpo docente.

Auxiliando nas dificuldades com as disciplinas, já que muitos não conseguem dar conta do que é proposto, como a possibilidade disso a partir do ensino integral, no entanto, Freire nos alerta que “a designação tempo integral em si não faz milagre. É preciso saber o que fazer do tempo...” (FREIRE, 2006, p. 54), para isso é necessário haver qualidade. Algo que corrobora com o que um jovem diz sobre os caminhos que as escolas têm escolhido vivendo a contradição entre educar/formar cidadãos de bem sendo que desenvolvem ações mecanizadas, robotizando a educação Freire (2014, p. 34) fala que “transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o eu caráter formador”. Por isso, eles apontam mudanças tanto na grade curricular como nos conteúdos, os jovens estão cada vez mais sobrecarregados como pedem por adaptação para eles.

Anunciam de forma mais clara a necessidade de haver “coisas” que chamem a atenção como teatro, música, culinária, coisas úteis a vida; aulas dinâmicas com brincadeiras, até mesmo aos sábados; aulas de campo; mais passeios (exposições); aulas práticas (experimentos), em outras palavras, aulas diferenciadas. Além do incentivo à prática de esporte como também mais aulas de Educação Física.

Vale ressaltar, algo trazido por uma jovem sobre o fardamento, de ser possível vir, pelo menos em alguns dias sem ele. Algo que parece besteira, mas isso está na marca disciplinadora que a escola carrega em busca da ordem e do progresso, que em algumas escolas já é facultativo, e isso é percebido pela mesma.

Ressaltaram sobre a estrutura da escola na necessidade de melhorias: para os banheiros; das salas de aula (uso de ar condicionado); quadra de esportes; na aparência da escola que para alguns se encontra estrutura abandonada e deteriorada, que pode ser melhorada e tornada atrativa trazendo o grafite; em outras palavras, espaço que dê prazer de estar, seja feito para os jovens confirmando o que anteriormente havíamos falado sobre o ético e o estético andarem de mãos dadas influenciando e motivando-os a estarem na escola. Sem falar na alimentação de melhor qualidade.

Além, de trazer uma bela reflexão sobre o que se gasta com um presidiário e um estudante, contrapondo-se a imagem distorcida que fazem deles como alienados ou passivos (LEÃO; DAYRELL; REIS, 2011). Sem falar no lembrete que eles sabem suas responsabilidades, mas pedem que não esqueçam que são jovens, uma questão trazida por Charlot (2001) quando faz menção aos resultados de um conjunto de pesquisas voltadas ao

público jovem, para identificar o que eles aprenderam desde que nasceram e o que gostariam de aprender.

Os resultados extraíram três categorias conforme seus resultados: aprendizagens ligadas a vida cotidiana; aprendizagens relacionais, afetivas, pessoais, com forte conotação ética e moral e por fim, a as aprendizagens intelectuais e escolares. Sendo que as aprendizagens ligadas a vida cotidiana foram as mais citadas e ele nos faz refletir dizendo que é obvio, já que “são jovens que efetivamente, tiveram de aprender a fazer coisas que se tornaram tão evidentes para os adultos que eles esqueceram um pouco que é preciso aprendê-las e que essa aprendizagem não é fácil” (p.147).



## **8 OUTROS SENTIDOS: CORPO DE INDÍCIOS (IN)CONCLUSIVOS**

Estou escrevendo há algumas horas, pensando sobre como finalizaria esta saga que começou desde a “carta-socorro”. Então, farei aqui uma síntese de tudo buscando fazer o entrelaçamento dos indícios, que se tornaram mais visíveis com o processo de investigação.

Primeiro, sobre a experiência do “corpo-docente” da disciplina DPS/P, pude observar que três questões eram fortes e influenciavam o desenvolvimento do trabalho com os jovens: a falta de apoio e a mudança de gestão intervinham diretamente na articulação dos professores das outras disciplinas como orientadores; como a falta de adaptação das atividades do NTPPS em momentos críticos da escola, como após o período de greve. Embora tenha sido feito uma rearticulação de cronograma privilegiou-se pela pesquisa, então, eu me pergunto: estamos preocupados com aspectos socioemocionais ou estamos querendo forjar uma formação humana integral baseada na construção do conhecimento que obriga jovens a pesquisar, sem se dar conta dos entraves que cada escola passa para sua efetiva condução?

O NTPPS foi pensando como um núcleo articulador, no entanto, temos percebido que o mesmo se instalou na escola como um componente curricular como todos os outros, desarticulado, influenciando muito pouco na problemática da superação da fragmentação dos conteúdos escolares. Embora trate de temáticas transversais pouco tem sido a contribuição dos professores nos trabalhos propostos pelos jovens, até mesmo aqueles diretamente ligados a uma determinada área. É necessário que repensemos a forma de implantação e sensibilização do corpo-docente para tal exercício, promovendo melhorias também para os docentes, já que, a forma como tem sido desenvolvida tem aumentado a carga de trabalho em favor do discurso sobre os benefícios da atitude investigativa para a prática pedagógica.

Agora partindo para os jovens, a experiência com NTPPS de modo geral tem sido vista pelos jovens como importante por ajuda-los a aprender: a interagir; a atividade de pesquisa (fases e uso de instrumentos) como para a vida. Vale ressaltar que nos primeiros momentos de inserção na disciplina sentem dificuldades pela falta de conhecimento anterior, no entanto, ao ser comparado ao início do segundo ano de experiência, isso não é percebido. Fazendo-nos compreender que o desafio, no contato inicial, é ensinar algo que eles não têm referências como mobilizá-los para as atividades.

Uma saída utilizada pela metodologia NTPPS foi trabalhar com temáticas de interesse dos jovens, mas isso não é o bastante, já que dos 27 jovens, 11 foram mobilizados por aspectos pessoais enquanto que 15 por aspectos múltiplos. Fazendo-nos compreender três

questões relevantes: a imbricação pessoal; a aprendizagem da atividade investigativa e a participação do “outro” como mediador-mobilizador (professor, equipe de pesquisa e a família).

Importante lembrar que, prioritariamente, a mobilização para pesquisar sobre esporte vem da experiência e do desejo de continuar a praticar e, com relação ao lazer, vem da experiência e do desejo de continuar a obter benefícios em seu cotidiano. Ambas se referem a outros modos de aprendizagem diferentes daqueles que hegemonicamente foram privilegiados na escola, aprendizagem da leitura da escrita.

Portanto, aproximando-os do componente curricular Educação Física originalmente marcado pelas possibilidades do corpo de ser no mundo: movimento, percepção e expressão. Então, fica a seguinte pergunta: as pesquisas voltadas ao esporte e ao lazer tem contribuído para mudança na relação dos jovens com as aulas de Educação Física? Acredito na relevância desta pergunta, mas pelo direcionamento deste estudo e pela falta de dados deixamos como um caminho para futuras pesquisas.

Outra questão importante trazida pelos jovens, as reivindicações por meio das cartas, pois eles compreendem a função da escola e seus deveres, mas pedem por renovação, principalmente, estrutural e curricular adaptada a essas novas juventudes.

Nesse sentido, compreendemos que a experiência NTPPS contribuiu para mudança na relação com o saber dentro do contexto escolar, por meio de suas atividades de desenvolvimento pessoal, social e da pesquisa, produzindo novas relações entre os sujeitos e colaborando para aprendizagem de saberes relacionais, intelectuais e voltados a vida cotidiana conforme exigido pela regulamentação deste ensino. No entanto, é necessário que as condições sejam melhores para uma maior efetividade, contribuindo para melhoria na relação entre todos que compõem o ambiente escolar.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ronaldo Silva. As escolas de Ensino Médio no Ceará e o Núcleo de Trabalho, Pesquisa e Práticas Sociais (NTPPS). In: XVII ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO, 2014, 01., Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: Editora UECE, 2014. p. 01-15.

ARAI, Daniela; ROCHA, Marília; OLIVEIRA, Vinícius de (Produção executiva). **Especial competências socioemocionais**. In: PORVIR [Blog] Disponível em: <<http://porvir.org/especiais/socioemocionais/>>. Acesso em: 13 abril 2015.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. Presidência da República. *Lei nº 13.415/2017, de 16 de fevereiro de 2017*. Diário Oficial da União, Brasília, 17 fev. 2017.

BRASIL. Presidência da República. *Medida provisória nº 746, de 22 de setembro de 2016*. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2016/Mpv/mpv746.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/Mpv/mpv746.htm)> Acesso em: 16 ago. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. 2.ed. Brasília: MEC, 2016.

BRASIL. Ministério da Justiça e Fórum Brasileiro de Segurança Pública. **Índice de vulnerabilidade juvenil à violência e desigualdade 2014**. Brasília, DF: Secretaria Geral da Presidência da República. Brasília: DF, 2014.

BRASIL Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC, 2013.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CEB n. 2/2012. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. **Diário Oficial da União**, Brasília, 31 jan. 2012. Seção 1, p. 20.

BRASIL. Ministério da Educação. **Matriz de Referência para o Enem 2009**. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. Brasília: Inep/MEC, 2009.

BRASIL. Senado Federal. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília: Ministério da Educação, 1996.

BENTO, Jorge Olímpio. Cultivar princípios e valores. In: BENTO, Jorge Olímpio. **Desporto: discurso e substância**. Belo Horizonte: Instituto Casa da Educação Física, 2013. p.98-100.

BOGDAN, Robert.C.; BIKLEN, SariKnopp. Características da investigação qualitativa. In: BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, SariKnopp. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teorias e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994. p.47- 51.

BRANDÃO, Regina. RE: **Informações sobre o NTPPS**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <klertianny@gmail.com> 17 nov 2015.

CARMO, Klertianny Teixeira do. **Cartas da trajetória discente-docente: tecendo saberes para a educação física no ensino médio a partir das experiências de estágio supervisionado**. TCC (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Educação Física e Esportes, Curso de Educação Física, Fortaleza, 2013. 79 f.

CARVALHO, Rodrigo Saballa de; SILVA, Roberto Rafael Dias da. Currículos sócio emocionais, habilidades do século XXI e o investimento econômico na educação: as novas políticas curriculares em exame. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 63, p. 173-190, jan-mar. 2017.

CAVALCANTE JUNIOR, Francisco Silva; GONDIM, Márcio Silva. Ferramentas subjetivas em uma metodologia psicoeducativa na formação e relações de trabalhadores. **Revista Labor**, Fortaleza, Brasil, v. 1, p. 1-14, 2008.

CEARÁ. Secretária de Educação. **Caderno do aluno 1ª ano**. Fortaleza: SEDUC, 2016d. p.82-90.

CEARÁ. Secretária de Educação. **Caderno do aluno 2ª ano**. Fortaleza: SEDUC, 2016e. p.34-38.

CEARÁ. Secretária de Educação. **Caderno do aluno 3ª ano**. Fortaleza: SEDUC, 2016f. p.48-49.

CEARÁ. Secretária de Educação. Assessoria de Comunicação da SEDUC. **Núcleo de Trabalho, Pesquisa e Práticas Sociais (NTPPS)**. Fortaleza, 2015a. Disponível em: <<http://www.seduc.ce.gov.br/index.php/ouvidoria/87-pagina-inicial-servicos/desenvolvimento-da-escola/8887-nucleo-trabalho-pesquisa-e-demais-praticas-sociais-ntpps>>. Acesso: 13 abril 2015.

CEARÁ. Secretária de Educação. Assessoria de Comunicação da SEDUC. **O que é o NTPPS?** Fortaleza, 2015b. Disponível em: <<http://www.seduc.ce.gov.br/index.php/ouvidoria/196-pagina-inicial-servicos/desenvolvimento-da-escola/ntpps/8891-e-o-que-e-o-ntpps>>. Acesso em 13 abril 2015.

CEARÁ. Secretária de Educação. Assessoria de Comunicação da SEDUC. **Perfil dos professores de Desenvolvimento Pessoal, Social e Pesquisa (DPS/P)**. Fortaleza, 2015c. Disponível em: <<http://www.seduc.ce.gov.br/index.php/ouvidoria/196-pagina-inicial-servicos/desenvolvimento-da-escola/ntpps/8894-perfil-dos-professores-de-desenvolvimento-pessoal-e-social-e-pesquisa-dps-p>>. Acesso em: 13 abril 2015.

CEARÁ. Secretaria de Educação. Coordenadoria de Desenvolvimento da Escola e da Aprendizagem. **Reorganização curricular do ensino médio diurno instruções operacionais**: nº. 1. Fortaleza: SEDUC, 2013. 26p. Mimeo.

CEARÁ. Secretaria de Educação. Coordenadoria de Desenvolvimento da Escola e da Aprendizagem. **Relatório (preliminar) reorganização curricular do ensino médio**. Fortaleza: SEDUC, 2012a. 51 p. Mimeo.

CENPEC; LITERIS. O jovem, a escola e o saber: uma preocupação social no Brasil. In: **Os jovens e o saber: perspectivas mundiais**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2001. p.33-50.

CHARLOT, Bernard. Relação com o saber na sociedade contemporânea: reflexões antropológicas e pedagógicas. In: CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber às práticas educativas**. São Paulo: Cortez, 2013. p.157-181.

CHARLOT, Bernard. Ensinar a Educação Física ou ajudar o aluno a aprender o seu corpo-sujeito? In: DANTAS JUNIOR, Hamílcar Silveira; KUHN, Roselaine; DORENSKI, Sérgio (Orgs.). **Educação física, esporte e sociedade: temas emergentes**. São Cristovão: UFS, 2009. v. 3.

CHARLOT, Bernard. Relação com a escola e o saber nos bairros populares. **Revista Perspectiva**, Florianópolis, v.20, n. especial, p. 17-34, jul-dez 2002.

CHARLOT, Bernard. Conclusão. In: **Os jovens e o saber: perspectivas mundiais**. 9. ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.p.145-154.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

COSTA, Gilvan Luiz Machado. O ensino médio no Brasil: desafios à matrícula e ao trabalho docente. **Revista Brasileira Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 94, n. 236, p. 185-210, jan./abr. 2013

CUNHA, Luiz Antônio. Ensino médio: atalho para o passado. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, Brasil, v. 38, nº. 139, p.373-384, abr.-jun., 2017.

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, 2007.

DELORS, Jacques (coord.). **Educação, um tesouro a descobrir: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI**. Porto: Edições ASA, 1996.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 9. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. Curitiba: Criar edições, 2001.

ELLERY, Celina Magalhães (Coord.). **Avaliação do processo de implementação e dos resultados do Projeto Com. Domínio Digital, em Simões Filho na Bahia**. Salvador: ACTOS, 2009. Disponível em:

<[http://www.institutoalianca.org.br/pdfdoc/pdfs\\_CDD\\_2017/Avaliacao\\_CDD\\_Simoes\\_Filho\\_Danilo\\_Avaliacao\\_CDD\\_\(3\).pdf](http://www.institutoalianca.org.br/pdfdoc/pdfs_CDD_2017/Avaliacao_CDD_Simoes_Filho_Danilo_Avaliacao_CDD_(3).pdf)>. Acesso em: data. 18 abril 2016.

ESTEBAN, Maria Tereza. Encontros e desencontros no cotidiano escolar. **Revista Teias: Infâncias, Territórios e Temporalidades**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 20, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 48. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014. 144 p.

FREIRE, Paulo. **Educação na cidade**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**: teoria e prática da libertação ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Editora Centauro, 1980.

FRIGOTTO, Gaudêncio. “Escola sem partido”: imposição da mordaza aos educadores. **Revista e-Mosaicos. Revista Multidisciplinar de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ)**, Rio de Janeiro, v.5, n 9, jun. 2016. Disponível em:< <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/e-mosaicos/article/view/24722>>. Acesso: 10 set 2016.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 64-89.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. **Sentir, pensar, agir: corporeidade e educação**. 15ª ed. São Paulo: Papirus, 2012.

INEP, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo escolar Walter de Sá Cavalcante E.E.F.M.** In: QEDU [Blog] 2016. Disponível em: <[http://www.qedu.org.br/escola/54268-walter-de-sa-cavalcante-eefm/censo-escolar?year=2016&dependence=0&localization=0&education\\_stage=0&item=>](http://www.qedu.org.br/escola/54268-walter-de-sa-cavalcante-eefm/censo-escolar?year=2016&dependence=0&localization=0&education_stage=0&item=>)>. Acesso em: 16 abril 2017a.

INEP, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo escolar João Mattos E.E.F.M.** In: QEDU [Blog] 2016. Disponível em: <[http://www.qedu.org.br/escola/54269-joao-mattos-eefm/censo-escolar?year=2016&dependence=0&localization=0&education\\_stage=0&item=>](http://www.qedu.org.br/escola/54269-joao-mattos-eefm/censo-escolar?year=2016&dependence=0&localization=0&education_stage=0&item=>)>. Acesso em: 16 abril 2017b.

INSTITUTO ALIANÇA. **Rede Com.Domínio Digital**. Salvador, 2015. Disponível em: <[http://www.institutoalianca.org.br/projeto\\_cdd.html](http://www.institutoalianca.org.br/projeto_cdd.html)>. Acesso 22 fev 2015a.

INSTITUTO ALIANÇA. Núcleos de Trabalho, Pesquisa e Práticas Sociais são implantados em mais de 40 escolas de ensino médio da rede pública do Ceará. **Boletim eletrônico**, Salvador, ano 4, 17. ed. maio 2013. Disponível em:< [http://www.institutoalianca.org.br/boletim/maio3/materia7\\_mai3.html](http://www.institutoalianca.org.br/boletim/maio3/materia7_mai3.html)>. Acesso em: 26 fev 2015b.

IPECE. Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará. **Perfil da juventude em Fortaleza:** aspectos socioeconômicos a partir dos dados do Censo 2010. Informe nº 57, Fortaleza: IPECE, 2013. Disponível em: <[http://www.ipece.ce.gov.br/informe/Ipece\\_Informe\\_57\\_22\\_abril\\_2013.pdf](http://www.ipece.ce.gov.br/informe/Ipece_Informe_57_22_abril_2013.pdf)>. Acesso em: 12 abril 2015.

IPECE. Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará. **Caracterização Espacial dos Homicídios Dolosos em Fortaleza.** Informe nº 66, Fortaleza: IPECE, 2013. Disponível em: <[http://www.ipece.ce.gov.br/informe/Ipece\\_Informe\\_66\\_11\\_novembro\\_2013.pdf](http://www.ipece.ce.gov.br/informe/Ipece_Informe_66_11_novembro_2013.pdf)>. Acesso em: 12 abril 2015.

REDAÇÃO CIÊNCIAS DA SAÚDE. Esporte não afasta adolescentes do consumo de drogas. In: **JORNAL DA USP** [eletrônico]. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2017. Disponível em: <<http://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-da-saude/pesquisa-analisa-relacao-entre-adolescentes-atividade-fisica-e-drogas/>>. Acesso: 07 out 2017.

KRAWCZYK, Nora. Reflexão sobre alguns desafios do ensino médio no Brasil hoje. **Cadernos de pesquisa**, São Paulo, v. 41, n.144, set/dez. 2011.

KÜLLER, José Antônio. **Protótipos curriculares de ensino médio e ensino médio integrado:** resumo executivo. Brasília: UNESCO, 2011. Série Debates ED, nº 1.

LARROSA, Jorge. **Tremores:** escritos sobre a experiência. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2015.

LEÃO, Geraldo; DAYRELL, Juarez Tarcísio; REIS, Juliana Batista dos. Jovens olhares sobre a escola do ensino médio. **Caderno Cedes**, Campinas, v. 31, n. 84, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v31n84/a06v31n84.pdf>> Acesso em: 9 fev 2016.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Técnicas de pesquisa. In: **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 12 ed. São Paulo: Hucitec, 2010.p.261-298.

MOREIRA, Wagner Wey; SIMÕES, Regina; MARTINS, Ida Carneiro. **Aulas de educação física no ensino médio.** 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 2011.

MOSÉ, Viviane. **A escola e os desafios contemporâneos.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

NOBRE, Ideigiane. **A reorganização curricular do Ensino Médio na rede pública estadual do Ceará:** um estudo de caso na EEFM João Matos, em Fortaleza. TCC (Especialização) – Universidade Federal do Ceará, Instituto UFC Virtual, Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, Fortaleza, 2015. 55f.

PENN, Gemma. Análise semiótica de imagens paradas. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som:** um manual prático. 6 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 319-342.

PERONI, Vera Maria Vidal; CAETANO, Maria Raquel. Atuação em Rede e o projeto jovem de futuro: a privatização do público. **Revista Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 41, n. 2, p. 407-428, abr./jun. 2016.

PONTES NETO, Francisco Chagas. **Instituto Aliança e a experiência NTPPS**. Fortaleza. 4 ago 2017a. 16 slides. Apresentação em Power Point.

PONTES NETO, Francisco Chagas. **A pesquisa no Núcleo de Pesquisa, Práticas Sociais**. 4 ago 2017b. 14 slides. Apresentação Power Point.

REGATTIERI, Marilza; CASTRO, Jane Margareth (Orgs.). **Ensino médio e educação profissional: desafios da integração**. Brasília: UNESCO, 2009.

SCHENEIDER, Omar; KUHN, Roselaine; SANTOS, Alice Lany da Rocha; SANTOS, Débora Maia; ANDRADE, Jênisson Alves de. A relação com os saberes no Ensino médio: notas para compreendermos a escola e a Educação Física. In: DANTAS JUNIOR, Hamilcar Silveira; KUHN, Roselaine; DORENSKI, Sérgio (Orgs.). **Educação física, esporte e sociedade: temas emergentes**. São Cristovão: UFS, 2009. v. 3.

TARTUCE, Gisela; NUNES, Marina. Por um ensino médio mais atraente. **Difusão de Ideias Fundação Carlos Chagas**, Rio de Janeiro, out. 2009. Disponível em: <[http://www.fcc.org.br/conteudos/especiais/difusaoideias/pdf/entrevista\\_gisela\\_%20e\\_marina.pdf](http://www.fcc.org.br/conteudos/especiais/difusaoideias/pdf/entrevista_gisela_%20e_marina.pdf)>. Acesso em: 14 julho 2016.

TOMAZETTI, Elisete Medianeira; SCHLICKMANN, Vitor. **Escola, ensino médio e juventude: a massificação de um sistema e a busca de sentido**. Revista Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 42, n. 2, p. 331-342, abr./jun. 2016.

TRIBUNA DO CEARÁ EM EDUCAÇÃO. Evasão escolar provoca aumento da violência entre jovens no Ceará. **Tribuna do Ceará**, Fortaleza, 13 set. 2014. Disponível em: <[http://tribunadoceara.uol.com.br/noticias/educacao/evasao-escolar-provocaumento-da-violencia-entre-jovens/](http://tribunadoceara.uol.com.br/noticias/educacao/evasao-escolar-provocaaumento-da-violencia-entre-jovens/)>. Acesso em 25 fevereiro 2015.



## **ANEXO A - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM PROFA KÁTIA\***

**E.E.F.M.W.S.C.**

**Pesquisadora: Como você enxerga as aulas do Núcleo aqui na escola? Aspectos positivos e negativos.**

Professora respira fundo e pergunta: de uma forma geral, alunos, professores, núcleo gestor? Respondo que sim. E ela continua: Então, posso falar por partes né? Assim, com relação aos alunos, eu vejo que, a maioria, eles aceitam né? Gostam da disciplina claro que quando chega na parte da pesquisa eles tem muita dificuldade, mas fazem e muitos fazem com gosto, como eu tava comentando com uma professora, eles fazem com gosto. Com relação a professores, são poucos que ajudam né? As orientações sempre são com os mesmos, nunca tem um professor novo que se dispõe a orientar daí os motivos são vários né? Pode ser pessoal, ou pode ser porque não quer saber mesmo como é a disciplina, enfim. Com relação ao grupo gestor, eu acho que desde quando surgiu, o apoio ele tem, mas deveria ser maior né? Deveria enfatizar mais com os professores principalmente do motivo que essa disciplina foi implantada na escola, então, eu acho que resumindo é isso. Eu acho que deveria ter mais apoio da gestão, que talvez isso repercutisse com os professores.

**Pesquisadora: Você já está a quanto tempo no Núcleo?**

Professora: estou a três anos, acho que vai entrar no quarto. Não, é três anos mesmo.

**Você já trabalhou no primeiro, segundo e terceiro ano?**

Professora: Ela: Já, estou no terceiro ano. Comecei no primeiro e tô acompanhando a mesma turma. Porque a gente foca isso, pega a turma e ficar até o final. Aí eu estou nos três anos.

**Pesquisadora: Como você vê essa “crescente” dos alunos no decorrer dos anos?**

Professora: Vixe! Demais. Principalmente, na questão da desenvoltura deles né? Você pega aluno que não se expressava, que nem falava assim, pra responder a frequência era quase não falava só levantava o dedinho e no decorrer das aulas você vai percebendo o desenvolvimento dele, pessoal e principalmente com relação a pesquisa eu percebo o crescimento deles no lado da escrita. Cresce muito o aluno quando ele faz a pesquisa assim, com relação a escrita a se posicionar na apresentação, é mais por esse lado. A postura deles muda, modifica quando

você pega o aluno no primeiro ano, no segundo você já sente a mudança e no terceiro muito maior.

Pesquisadora: No primeiro, no segundo e no terceiro, a pesquisa, as oficinas, aí vem as oficinas de pesquisa que tem um pouco com as TIC's que vão acontecendo junto e o final, a ação é para todos os anos?

Professora: Todos os anos tem que ter ação. Todos.

### **Pergunto se isso é uma determinação ou uma escolha?**

Professora: Não. Isso vem no nosso plano de aula, que tem que ter ação. Porque é a pesquisa né? A teoria e a ação é como se fosse a prática da pesquisa. Muitas vezes não dá tempo de fazer a ação, por exemplo o ano passado que foi o segundo ano, não deu tempo deles fazerem a ação por conta de "N" situações, mas aí eles fizeram a ação em que sentido, eles não colocaram em prática mas no dia da apresentação mostraram como iriam fazer a ação deles. Eu tive um grupo, de uma aluna, que fizeram referente as drogas né? A influência das drogas na aprendizagem deles e tal, e na ação dela, eles distribuíram um panfleto falando a história dela, tinha sido usuária e tudo e como a pesquisa fez ela ter uma outra percepção de mundo com relação a isso. Aí a ação deles foi mostrar, conscientizar que isso não era bacana, que utilizar droga não era legal, enfim. Essas coisas assim. A ação propriamente dita quase nunca da tempo de colocar em prática.

### **Pesquisadora: Acaba tendo essas modificações, mas eles acabam fazendo ...**

Professora: De uma forma diferenciada. Esse ano a mesma coisa, principalmente, com os terceiros, não vai dar tempo de colocar a ação em prática por conta é, da greve que a gente e aí vem ENEM, um monte de coisa, e complica, tanto é que os terceiros anos não vão apresentar, eles vão fazer uma apresentação só que não é com banner, na sala de aula diferente das outras turmas de primeiro e segundo que vão apresentar com banner, com a feira mesmo.

### **Pesquisadora: O que foi que eles acharam dessa modificação?**

Professora: Eles gostaram, eles gostaram, até porque quando eles estão no terceiro ano eles estão cansados um pouco disso tudo de pesquisa, e aí eu falei com eles pra fazer um... porque na verdade no terceiro ano, não tem apresentação no cronograma da apostila só tem a parte do

relatório escrito. Daí eu falei que tinha, eu inventei, falei que tinha apresentação como faz na faculdade, com banca de professor avaliando. Mas não tem na apostila.

**Pesquisadora: Como é o processo de escolha da temática de pesquisa?**

Professora: Assim, nos nossos planos de aula a gente recebe os macro campos de certo? No primeiro ano, a pesquisa tem que ser voltada pra escola, segundo ano a pesquisa tem que ser voltada pra comunidade e terceiro ano para o mercado de trabalho. Então a gente recebe macro campos pré-definidos porém como é feita a pesquisa é de escolha deles, a temática eles escolhem dentro daquele macro campo.

**Pesquisadora: Mas vocês dão exemplos de possíveis temas?**

Professora: Colocamos exemplos até porque se não eles ficam perdidos né? A gente coloca exemplos e a partir daquilo ou eles pegam aquilo que a gente coloca ou escolhem outros que tenha relação.

**Pesquisadora: Mas tem algum tema que não foi nem dito e nem...**

Professora: Ano passado a gente teve vários, esse ano, assim eu sinto isso mais no segundo ano, o primeiro ano não tanto né acho que por conta de ser novo e não ter tanta autonomia quanto no segundo, mas no segundo ano a gente teve muito tema assim que eles mesmos criaram de acordo com o bairro, a necessidade do bairro, da comunidade.

**Pesquisadora: Você acha que as ações, elas ajudam a formar para reivindicar alguma coisa?**

Professora: Eu acho só que na verdade... eu acho que a própria pesquisa faz com que eles tenham esse lado como se fosse critico né? De perceber que a partir do que eles pesquisaram que isso pode auxiliar em alguma coisa e a ação é uma das etapas mais complicadas para eles viu? Eles tem muita dificuldade na elaboração (Pesquisadora: porquê?) Eu não sei se é porque se é porque realmente não colocam em prática, talvez seja por isso. Eles entendem o conceito e tudo mas tem um pouco de dificuldade na elaboração “como fazer isso professora? Pra que?” entendeu?

**Pesquisadora: No terceiro ano, tem alguma vinculação com algum tipo de estágio?**

Professora: Tem com o jovem aprendiz. Por isso que as pesquisas são voltadas para o mercado de trabalho. O processo é, no início do ano letivo vem o pessoal responsável aí tem uma conversa comigo, no caso com o professor responsável pelo NTPPS no terceiro ano, aí depois fazem um encontro geral com eles, explicam o que é o jovem aprendiz (nanana...) aí os que tem interesse em trabalhar preenchem uma fichinha né? Aí passam por um critério de avaliação deles que eu não sei qual é, parece que é uma entrevista para saber mesmo se o aluno tem interesse ou não, porque tem muitos que colocam o nome porque o amigo tá colocando, e nem todos... tanto é que tem alunos que colocaram o nome, fizeram a entrevista e não quiseram mais, a gente tem esse caso, porque muitas vezes no calor da coisa né? (eu quero, quero quero) aí tanto é que no começo um monte queria e muitos queriam mas não podiam porque não tinham documentação, carteira de trabalho e tal. Mas o processo é de escolha deles, a gente não fala você vai trabalhar, não existe isso não. Eles escolhem se vão ou não, e um dos critérios é não atrapalhar as aulas. Tanto que o horário deles é após aula, horário de trabalho.

**Pesquisadora: No primeiro ano eu sei que tem as oficinas que tratam do autoconhecimento isso existe também nos outros anos?**

Professora: Existe mas não tão enfatizado como no primeiro. Porque o foco é diferente do segundo e do terceiro. No primeiro ano que é mais voltado ao conhecimento pessoal deles.

**Pesquisadora: E o que você acha desse processo de conhecimento pessoal favorece a aprendizagem a convivência dentro da escola?**

Professora: Com certeza, tanto é que ... se não favorecesse a gente não teria um crescimento do menino no segundo ano né? Porque você tem situações de alunos que não conseguem ter uma boa relação com a família por falta de diálogo, um exemplo... mas claro que *a gente não vai ser o salvador da pátria*, mas no decorrer das oficinas por conta das coisas que a gente vivencia vai despertar o lado dele, às vezes ele vai mudar na família dele tanto é que eu tenho o relato de um menino, um dos, que ele falou que graças a uma aula que fala a respeito da família ele consegue ter um diálogo melhor com a mãe, porque quando a mãe dele ia falar com ele era só discussão, aí ele parou e falou “mãe vamos conversar” tipo o que a gente conversa na aula e tal, ele disse que mudou que o relacionamento na família dele mudou muito por conta disso, a relação dele com a mãe, isso foi duas semanas depois da aula, ele veio me relatar isso, no facebook, veio me agradecer e tudo, então eu acho muito importante

ter isso. As aulas de formação cidadã, do Professor Diretor de Turma (PDT), quando você tem realmente um PDT que agrega que cuida daquela turma acrescenta demais também. Ajuda muito as aulas de formação porque a maioria dos professores que dão aula de formação, que realmente encaram a disciplina de uma maneira bacana, eles vão cuidar da turma, eles vão perceber o que aquele menino tem, porque ele faltou, o professor tem essa percepção. Que são poucos, infelizmente, aqui na escola a gente tem muito professor diretor de turma na escola, mas poucos colocam em prática o que é pra colocar né? E é isso.

**Para você ser PDT você ganha por isso?**

Ganha, é considerado hora-aula. Tanto é que deveria ser critério para o professor pegar as aulas, mas ultimamente, tá sendo feito pra completar carga horária. Antigamente não, o professor tinha que ter o perfil PDT. Mas a maioria das vezes não está sendo assim, o professor pega pra complementar a carga horária. Infelizmente aí você pega um professor que não tem perfil? Aí complica.

**Você acha que o Núcleo tem contribuído para relação professor-aluno?**

Com alguns sim, principalmente, aqueles que estão abertos a querer ter um relacionamento bom, ora quando a gente tem um professor que não quer de maneira alguma não adianta, o aluno pode até querer mas se ele não quer, não tem como. Mas na maioria das vezes, o que eu escuto de alguns professores é que o Núcleo contribui.

**A sua relação com os alunos mudou com esse processo do Núcleo? Ou ela sempre foi da mesma forma?**

Não, eu já tinha essa maneira de tratar eles, só que a partir do Núcleo eu comecei a ter uma percepção melhor em relação ao aluno não só como aluno, eu tinha mas acho que ampliou, por conta das oficinas que a gente faz também. Porque tem muita oficina que o aluno relata muito a vida dele, aí você se apega, não tem como. É como se você pegasse aquele problema que ele tem e trouxesse pra você. Acho que ampliou, mas acho que já tratava eles assim.

**O processo da interdisciplinaridade acontece aqui dentro?**

Eu acho que acontece com alguns professores (com aquele que estão mesmo dentro do Núcleo?) não só, acontece com alguns professores de outras disciplinas também mas são

poucos, mas acontece porque tem professor que ele acha que o núcleo é algo que agrega na disciplina dele, que vai contribuir com o aluno, mas também tem os que não.

**Você enxerga a relação do Núcleo com todas as disciplinas?**

Eu vejo porque a gente trabalha com N situações com N temas que abrange todos os aspectos, matemática, acho que tudo, linguagens acho que não tanto, não área de lingas, na área de inglês, espanhol e tal, mas acho que contribui de certa maneira Porque mesmo a Priscila ela é professora de espanhol ela fez um trabalho das DSTs com os meninos em espanhol e a gente trabalha com esse tema no Núcleo também, então o que ela fez foi algo do que a gente trabalha, é como se ela estendesse o que a gente fez com conteúdo da gente.

**Pesquisadora: Mas quando ela fez isso, ela se apropriou do que estava acontecendo no Núcleo, a parte, ela quis saber o que estava acontecendo e fez essa intervenção?**

Professora: Não lembro.

Outra professora: Lurdes (Normalmente eu pego o que eles estão estudando, tipo se eles estão vendo um conteúdo de biologia sobre genética ai eu pego um assunto daquele disciplina e faço pra minha, porque ai fica mais fácil, eles não vão pegar uma coisa nova, vão pegar uma coisa que conhecem pra levar pro idioma né? No caso do Núcleo desde o ano passado eu fico acompanhando eles sempre trabalham essas coisas dos tabus, drogas, DSTs, gravidez, essas coisas, ai eu sempre pego os temas que estão sendo trabalhados porque eles acabam estudando um pouquinho mais pra feira de Núcleo, ai levo pra minha disciplina também, pra poder eles levarem pro espanhol, ai eu trabalho por exemplo, um caso que vai mudando as siglas, como é o nome de tal coisa em português quando passa pro espanhol, eles já sabem porque estudaram na disciplina eles já sabem ai fica mais fácil.

**Pesquisadora: Agora, nesse caso só ela faz esse movimento na escola?**

Professora: Eu não vou fala que eu não vi outros fazendo porque na verdade porque como eu fico muito com a Priscila e acompanho o trabalho da Priscila, eu sei que ela fez isso seu eu não me engano a professora Nádia fez alguma coisa, mas eu não tenho certeza.

**Pesquisadora: Geralmente as pessoas que ajudam e orientam são de que áreas?**

Professora: São pessoas da área de biologia, ela que é espanhol e português também. Esse ano eu consegui professores que não orientavam, tão orientando graças a Deus, professor de física, tem o de química também e é só, mas a maioria é da área de biologia e português.

**Pesquisadora: Você acha que as atividades do Núcleo têm a cara da juventude?**

Professora: Acho que sim, porque trabalha as questões que é do dia-a-dia deles. Tem porque primeiro ano tem o crescimento pessoal que é algo que eles ainda estão indecisos em quem eles são, o que eles querem essas coisas todas, o segundo ano ele vai trabalhar numa perspectiva de de como ele pode ser um auxílio na comunidade dele, ver os problemas ou as qualidades do bairro e o terceiro ano vai focar mais no mercado de trabalho e na universidade acho que trabalha com aquilo que eles buscam.

**Pesquisadora: Qual a característica mais forte da juventude?**

Professora: Eu acho que é... acho não né? É eles gostam de inovar, gostam muito de coisas novas de criar coisas novas e eu acho que é isso.

**Pesquisadora: Vocês têm algum momento para escutá-los, um feedback por exemplo das atividades?**

Professora: Nas aulas temos, nas aulas de NTPPS tem a gente sempre faz isso, sempre tem o início que é como se fosse o acolhimento, aí sempre no final das aulas sempre tem “o que que vocês acham? O que vocês acharam da aula hoje”? Assim, não são todas as aulas principalmente na parte da pesquisa não tem como é foco, é só pesquisa, mas quando estamos nas oficinas sempre tem esse feedback deles, de como tá, agora assim, de uma forma geral e não é assim, a gente pede pro aluno que sente vontade de dizer o que a aula contribuiu hoje, o que pode melhorar, é nesse sentido.

**Pesquisadora: Eles falam alguma coisa que tem que ser melhorada?**

Professora: Falam. O que eles reclamam muito é, que eu percebo com relação a eles acham que os temas deveriam ser mais amplos né? Ser mais aberto, não definir macro campo, é o que eu entendo que eles querem, mas aí entra no quesito que se não define macro campo fica complicado para eles trabalharem também, pois eles tem uma certa dificuldade porque trabalhar com pesquisa não é fácil, então, eu acho que com relação a isso e também uma coisa que eles dizem muito é que muitas vezes, principalmente quem chega no terceiro ano, eles

acham que sabem tudo, que sabem tudo de pesquisa, sabem fazer e não é, tanto é que não é que quando você pede pra eles montarem eles tem dificuldade, você tem que tá sempre acompanhando “professora como é uma folha de rosto?”, você tem que explicar novamente, se eles tivessem esse discernimento não precisaria ter nos três anos, é o que eu vejo.

**Pesquisadora: O que que dentro do processo de pesquisa é mais difícil pra eles?**

Professora: Você diz com relação a itens?

**Pesquisadora: Por exemplo, o processo de pesquisa tem várias etapas talvez tenha aquela que é mais sofrida, que gera muita dúvida.**

Professora: eu acho que é o referencial teórico, no terceiro ano, eu tô percebendo; no primeiro e no segundo ano, é a elaboração dos questionários. E eles confunde muito projeto com relatório de pesquisa. Eles acham que eu entreguei o projeto, então, acabou, mas o projeto é o início é o que eles querem fazer, o relatório é quando já fizeram a pesquisa, então, isso eles tem essa dificuldade, é diferenciar. Tanto é que no terceiro ano eles entregaram agora o projeto, eu dei nota e tudo aí “Bom galera agora a gente vai começar o relatório de pesquisa e tal”, “mas professora a gente já fez” Então, eles não tem essa percepção. Mas é isso, primeiro e segundo ano, é questionários, a elaboração dos questionários e no terceiro, o referencial pesa pra eles.

**Pesquisadora: Tem alguma questão que você acha relevante a ser dita sobre o Núcleo que não está contido em nenhuma dessas perguntas que eu fiz? Alguma informação que seja relevante que merece ser refletida?**

Professora: pensativa.

**Pesquisadora: que poderia ser feito de mudança na proposta para melhorar mais ainda?**

Professora: Eu acho assim, ter a escola como um todo envolvida, isso seria primordial né? Sei que é difícil, complicado, mas a gente pode chegar lá. De ter o envolvimento da escola de uma forma geral. Em relação, é isso. Em relação a disciplina em si, conteúdo ela abrange muita coisa ela realmente trabalha com aprendizagem tanto no lado pessoal como acadêmico. Você tendo um aluno de ensino médio que sai da universidade fazendo pesquisa, um projeto de pesquisa, fazendo uma citação bibliográfica, uma formatação de um trabalho acadêmico, isso é muito importante. Isso deveria ter em todas as escolas. É meu ponto de vista, não



porque dou essa disciplina não, digo por experiência que eu não tive isso e tive uma dificuldade extrema quando foi fazer meu trabalho de conclusão né? Eu acredito que se as escolas adotassem isso como disciplina, e que entrasse no currículo mesmo seria muito bacana. É isso mesmo.

**Pesquisadora: Vocês professores do Núcleo tem uma boa relação, de conversar a respeito das atividades? Com os outros professores?**

Professora: Eu acho que sim, mas como eu disse, poderia ser melhor, mas eu acho que a maioria dos professores da escola vê com bons olhos e os que não veem são professores mais antigos que talvez nem seja culpa deles não, talvez a forma como foi inserida aqui especificamente, não digo das outras, mas eu escuto muito nas capacitações que eu vou que tem alguns que não aceitam e tal, porque é algo novo, e tudo que é novo causa estranhamento, então, é isso. São mais os professores mais antigos que tem a mente mais fechada. Mas aqui na escola, acho que levaram para o lado pessoal, de quem iniciou o Núcleo, talvez no decorrer agora talvez mude, modifique porque não tem mais a pessoa, enfim, então pode ser que mude, melhore.

**Pesquisadora: Todos os professores são convidados a participar no dia da feira? Porque eu sei que a Feira de Ciência é?**

Professora: A Feira do Núcleo é igual a Feira de Ciência todos os professores têm que estar na escola porque é considerado dia letivo tem que participar. Mas cabe o professor vir ou não. Ano passado foi nossa primeira Feira no Pátio, na quadra, nos anos anteriores eram nas salas de aula, este ano parece que não vai ser na quadra porque está impossibilitada, porque os meninos ficarem, aí vai ser na sala, infelizmente porque aí complica mais aí é bom porque vai precisar de mais professores para avaliar, então, todos os professores vão ter que ir para alguma sala. Pronto, o que eu acho que seria legal para início de ano letivo, eu até falei com a gestão, falei na semana pedagógica pra tirar um dia para explicar o que é realmente o núcleo, novamente, porque até foi feito mas até então, surgiram outras coisas que não vem ao caso cita aqui, mas que no início da semana pedagógica pegar, não precisa ser a gente, professor do núcleo, pode chamar o pessoal responsável do Instituto Aliança, e vem falar sobre o núcleo e explicar realmente para o pessoal pra ver se esclarece que o núcleo de uma vez por todas que não está na escola para fazer que o aluno vire homossexual ou que a aluna vire... enfim, lésbica, mas mostra que o núcleo é muito além disso. Não é porque a gente trabalha com

questões pessoais que a gente vai ensinar o menino virar gay né? Talvez ele se descobriu. Isso não tem relação com o Núcleo. Tem uma relação com ele, com ele se conhecer mais. Aí é isso. Eu falei com o gestor atual pra no início do ano letivo chamar o pessoal do Instituto Aliança, preparar um materialzinho pro pessoal, pra vê se melhora esse relacionamento de Núcleo e professores.

**Pesquisadora: No final do processo de pesquisa você faz uma auto-avaliação, avaliação de grupo, avaliação individual?**

Professora: Pronto. Por exemplo, eu vou citar no segundo ano certo? Que eles fazem a apresentação do projeto e depois da pesquisa que é na feira, ainda não terminou o ano letivo aí a gente realmente continua, não com as oficinas que e as outras oficinas que a gente continua não são mais voltadas para pesquisa, é mais pra projeto de vida aí a gente faz “o que que contribuiu pra eles, o que que foi bacana, o que não foi a gente faz.

**Pesquisadora: Você tem registro disso?**

Professora: Não. É somente falado. O único registro que eu tenho é que eu fiz uma prova com eles e em uma das perguntas era sobre a interdisciplinaridade e o núcleo, o que eles achavam, qual era a relação do núcleo com a aprendizagem deles nas outras disciplinas. Foi o que eu fiz de questão. Eu acho que tenho isso no meu armário, mas as outras coisas não tenho. Esse ano vou ver se faço pelo menos o depoimento de alguns, é bom né? Eu vou fazer. Eu já pedi a alguns para fazerem com relação ao que o núcleo contribuiu nesses três anos e tal, eles disseram que estão fazendo e vão me entregar até semana que vem que são os meninos do terceiro que eu acompanho desde o primeiro, aí se eles me entregarem se você quiser. Aí eu te passo.

**Pesquisadora: Qual é a atividade que eles mais interagem, que a turma inteira tá junto. Tem algum? Tem alguma coisa que você tenha feito que tenha percebido essa maior adesão?**

Professora: Você diz numa série específica ou de modo geral? Porque é diferente para cada ano, por exemplo, no primeiro ano quando fala muito de questão pessoal no início eles são muito travados, mas aí quando fala de temas abrangentes aí eles já se soltam mais sexualidade, quando fala coisas referente a drogas essas coisas que jovens gostam mesmo; no terceiro ano, quando fala de universidade eles se prendem mais e no segundo eu não tive esse

feeling pra saber diferenciar, tipo deu na mesma uniforme (pesquisadora: porque no segundo o tema é comunidade, um tema que não está na sua preocupação) Quando chega na parte que a gente fala das pesquisas eles querem falar do bairro deles mas ai eles só buscam falar coisas ruins, que a gente tem que fazer esse... mostrar que todo bairro tem coisa boa e coisa ruim, mas eu não cheguei a ter uma fator específico do segundo ano não. Vou até buscar observar isso ai.

**Pesquisadora: As atividades contemplam várias linguagens?**

Professora: Tem umas que... tem umas atividades que... a atividade de hoje foca mais a escrita, mas a maioria delas foca tudo só que tem semanas que vai focar mais a comunicação acaba abrangendo, mas puxa mais pra um lado, por exemplo quando eles chegam na parte de apresentação as atividades são mais voltadas para oralidade pra comunicação, são atividades que tem relação com o que eles estão tendo no momento. Até porque se não fica muito jogado, “professora pra que que é isso”?

**Pesquisadora: As oficinas são extremamente importantes, elas agregam a questão da pesquisa. Agora você acha que a pesquisa acaba se tornando mais importante do que esse processo pessoal?**

Professora: Eu acho que um complementa o outro, porque se eu focar com os meninos do ensino médio, pesquisa, pesquisa, pesquisa vai ficar cansativo tanto é que eles estão na parte de pesquisa agora, se a gente não faz uma parada e volta, cansa. No momento agora, a gente não tá podendo fazer isso, a gente tá focando direto pesquisa por conta da greve e eu percebo eles cansados entendeu? Então, eu acho que tem que ter os dois.

**Pesquisadora: O caderno de atividades ele contempla essa mescla ou isso é uma coisa específica sua?**

Professora: Ele mescla e eu acho muito bacana isso, no início eu não entendia, “Caramba, porque não faz isso e depois isso”? Mas não, porque tem que ter isso mesmo, porque se não tiver fica cansativo até pra gente. Por exemplo essa semana todinha tô só com pesquisa a mente da gente fica borbulhando. E são turmas diferentes, ter que falar a mesma coisa, explicar o mesmo conteúdo é complicado, mas ai quando passar essa parte da pesquisa e der um tempinho a gente vai focar no projeto de vida, mas acho que não vai dar tempo, por conta da greve infelizmente.

## **ANEXO B - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM PROFESSORA JOYCE\***

**E.E.F.M.J.M.**

**Pesquisadora: Como você enxerga a inclusão do núcleo nessa escola? Os aspectos positivos e negativos?**

Professora: Bom, os aspectos positivos que eu vejo no núcleo, é..... principalmente pelos alunos né, eu acho que eles se desenvolvem bastante em vários aspectos, no primeiro ano eles tem uma abordagem, (pequeno trecho do pesquisador pedindo para o entrevistado falar mais próximo ao gravador devido ao barulho no ambiente), no primeiro ano a gente tem uma abordagem diferenciada, os meninos entram muito “verdes” né, e aí a gente vai começar pela família né, então a gente vai resgatar essa parte familiar neles né, depois a gente já vai pro segundo ano pra parte da sociedade, eles inseridos na comunidade, então eles começam a se desenvolver não só como pessoa, mas como um indivíduo inserido no meio, né, e no terceiro ano já tem toda essa experiência, eles vão entrar no mercado de trabalho, possibilitar eles entrarem no mercado de trabalho, eles estudam as leis trabalhistas, tudo isso pra eles se desenvolverem, por completo, pessoalmente, na sociedade, e depois, posteriormente no mercado de trabalho né . Então, eu só vejo pro aluno aspectos positivos, não é, assim, a toa que vai tá esse ano agora de 2017 expandindo pra mais escolas, né, a gente conseguiu mais escolas pra estarem desenvolvendo a disciplina do núcleo, principalmente a gora com o ensino integral, tem algumas escolas que já tão aderindo no ano de 2017, e assim, o aluno vai tá desenvolvendo tanto as competências sócio emocionais, quanto também a questão da pesquisa, aí então eu retribuo a pergunta: Qual escola, é ,você vê que desenvolve por exemplo, no aluno a parte de pesquisa, onde eles precisam fazer um trabalho pesquisando metodologia, objetivo, referencial teórico, de forma aprofundada e direcionada pra faculdade? Não tem né, por exemplo eu estudei a minha vida inteira em escola particular, e eu nunca vi nada relacionado a isso, e eles já fazem esse tipo de pesquisa, certo?! Eles pegam um tema, uma temática do interesse deles, algo que eles queiram desenvolver, e vão ta trabalhando o ano inteiro em cima dessa pesquisa, juntamente com as competências sócio emocionais, então além deles tarem se desenvolverem nas pesquisas, eles vao ta se desenvolvendo na comunicação com o outro, é, na integração de grupo, na liderança, cooperação, é, eles tão fazendo agora a oficina de ética e cidadania, onde ele vai se desenvolver como ser humano e como cidadão também, é, eles tem a oficina de projeto de vida, né, onde o projeto de vida vai ta fazendo com que ele pense um pouco sobre a sua vida, e tenha o seu caminhar até, né, a sua vida futura, então desenvolve de forma completa, o aluno né, é um complemento essencial no

meu ponto de vista, que eu tive a formação do primeiro ano, do segundo ano e do terceiro ano, então já passei, eu sou a única professora que já passei pelos 3 anos do núcleo, então assim eu pude ver de fato o amadurecimento deles do primeiro ano até chegarem no terceiro ano. Hoje a gente chega pro aluno do terceiro ano, gente a metodologia tal... sabe o que é metodologia? Eu nem faço mais essa pergunta, por que eles já sabem, a metodologia é aquele negócio que faz isso, isso e isso... eles já tem o protagonismo né, e o protagonismo é uma das coisas mais fundamentais, né eles desenvolverem essa questão do protagonismo, de tá a frente das coisas, do trabalho, da equipe, enfim, e pra escola, a escola ganha por que já é uma visibilidade muito grande a escola ter o núcleo, né, é um diferencial, a escola passa a ter 6 aulas, ao invés de ter 5 aulas, obrigatórias são seis aulas, no período normal né, da semana, e... é... eles ganham alunos né, eles ganham alunos mais participativos nas aulas dos outros professores, por que o núcleo também vai desenvolver isso, então acho que todo mundo sai ganhando. Eram os aspectos positivos???

#### **Pesquisador: E negativos?**

Professora: O que eu vejo de negativo é: muitas vezes, é.... a..., (trecho dela falando com seu aluno) muitas vezes é, alguns professores não colaboram da forma que deveriam, então a gente tem essa dificuldade, por que se todos os professores colaborassem orientando as pesquisas, desenvolvendo o aluno junto com a gente, acompanhando o aluno, esse acompanhamento é fun..da..men..tal(dando ênfase na palavra) por que eu sou professora do núcleo, de 30 alunos numa sala de aula, eu tenho 4 turmas, então eu não tenho como dar conta 100% de uma pesquisa, a pesquisa não vai sair perfeita, bonita da forma que era pra sair, eu não digo nem perfeita não, mas assim, de uma forma mais bacana, mais completa, por que ele não tem um outro acompanhamento, né? Se ele tivesse... eu acho que esse é o ponto negativo, acho que os professores deveriam se envolver um pouco mais né, mas isso é um processo, isso já vem melhorando bastante, alguns professores veem isso como uma coisa legal, e outros alunos também, são resistentes, então a gente não tem 100% de aderência, né, não é feita a mesma aula pros alunos por que são professores diferentes, e são alunos diferentes, os alunos tem alguns que ainda tem a rejeição, apesar de que como tem no primeiro, segundo e terceiro ano, daqui pra lá eles quebram mais a barreira, mas eles veem mais pela dificuldade, não é fácil você desenvolver um projeto de pesquisa, eles são alunos que liam um papelzinho e era a sua fala no trabalho, eles liam só aquilo ali e não aprendiam nada, hoje eles são obrigados por que a gente exige que eles tenham essa postura profissional de vir aqui na

frente, ter os 20 minutos de apresentação, cronometrado como é numa monografia, apresentação de artigo, entendeu, e eles são mais cobrados por isso, é um trabalho mais cauteloso, então eles... alguns se sentem mais assim, ah é muito difícil e tudo, mas é algo que também vem se desenvolvendo, então acho que de ponto positivo, eu já falei vários pontos positivos, e de negativo é a questão do professor muitas vezes não se envolver tanto, alguns...é... não ajudar tanto, e de alunos também não se envolverem como deveriam, né, de acharem difícil.

**Pesquisadora: Você falou sobre o tema né, que o tema é uma escolha deles, mas você tem algum direcionamento? Como é que é feita a escolha do tema por eles?**

Professora: A gente tem, por exemplo no segundo ano, que é a minha experiência agora que eu estou tendo com os meninos(as), no segundo ano nos temos vários macro campos, que...o que é um macro campo?! É como se fosse um tema geral, eles pegam ou a saúde, ou a educação, ou meio ambiente, ou...ou... sei lá, qualquer outra coisa, né... um campo que ele tem vários temas dentro daquele campo, e aí a gente direciona esses campos, eles escolhem, a gente tem uma oficina, que tem uma oficina que é só sobre escolha do tema, a gente vai direcionar os alunos que querem determinado macro campo, entendeu, e aí a partir daquele campo eles vão desenvolver o tema, aí eles escolhem o professor orientador, e eles podem tá desenvolvendo também esse tema com o professor orientador, eles fazem uma pesquisa diagnóstica, a primeira nota de pesquisa no segundo ano, é o diagnóstico do macro campo, onde eles vão lá no bairro deles, digamos que eles tenham escolhido é...é... educação! A eles vão ver tudo relacionado a educação no bairro deles, eles vão ver se tem escola particular, se tem escola pública, se tem escola profissionalizante, se tem curso, né, o que o bairro oferece de educação pra aqueles ali estejam escolhendo o tema deles, entendeu, é assim a escolha do tema.

**Pesquisadora: Isso modifica do primeiro para o terceiro ano?**

Professora: Modifica, por que o primeiro ano é dentro da escola, eles não vão para o bairro, e o primeiro ano só tem um macro campo, eles não podem sair desse macro campo, é o macro campo saúde, saúde no ambiente escola, saúde sendo ela, é... ou saúde do meio ambiente, ou saúde do ser humano, então eles podem ver também saúde...poluição, no meio ambiente, agora sexualidade, é algo relacionado mais ao ser humano, então assim, é um macro campo com esses dois véis onde eles podem tá vendo um tema mais relacionado a isso, e eles vão tá

trabalhando isso dentro da escola, a sexualidade dentro da escola, o meio ambiente com uma visão dos alunos da escola, e o segundo ano na comunidade, onde eles tem mais um leque, onde eles não tem só o macro campo saúde, mas outros macro campos também, e o terceiro ano eles tem o macro campo que é trabalho, mas eles podem tá trabalhando outros macro campos dentro do trabalho, por exemplo saúde no trabalho, entendeu, se fosse direitos humanos, dentro do trabalho, também, as leis trabalhistas ondem eles podem tá vendo isso também, os tipos de campo de atuação no trabalho, então são outros subtemas são desenvolvidos, mas é mais direcionado ao mercado... ao mundo do trabalho.

**Pesquisadora: Como é que é o processo de ensino da pesquisa? Como é que eles aprendem a pesquisar?**

Professora: A gente tem aulas de... é oficinas de pesquisa, onde em cada oficina a gente mescla um conteúdo, digamos que a gente vai estudar hoje pergunta norteadora, a gente pega não só o conteúdo básico, e...e... como é que eu posso falar, a parte conteudista mesmo, tipo teórica só de o que é uma pergunta norteadora, pega é...é... atividades, dinâmicas dentro da sala, a gente pode tá fazendo com que eles vejam a pergunta norteadora com uma outra visão, numa outra ótica, né, pra eles não verem só aquela parte, que já é...é... taxado como algo mais chato, e eles já veem isso né, vê isso de forma mais básica não é chamativo, não é uma metodologia adequada, então a metodologia que a gente usa é mais com dinâmica, texto, leitura de texto, é...é... atividades de pintura também que possa desenvolver isso, as vezes usando teatro dentro da aula, mesmo na parte de metodologia, por exemplo, tem uma aula que eu não me recordo agora que é de metodologia, onde a primeira...antes de falar sobre o que é metodologia, antes de dizer que a aula é sobre metodologia, a gente faz uma dinâmica que é do pão, que a gente pega um pão, convida um aluno pra vir fazer a atividade, aliás, dois alunos e ele vai cortar o pão, né, ele tem que fazer um passo a passo de como botar manteiga no pão (entrevistado fala com seu aluno), se torna uma atividade engraçada por que é transposição... exatamente, é como se fosse, como é fazer esse passo a passo, né, e o outro falando, agora você vai fazer isso, você corta o pão, você bota a manteiga, só que dentro dessa atividade tem uma brincadeirinha básica que eles fazem acaba tendo o riso, algo mais específico que depois eu posso te passar, mas são dinâmicas assim mais práticas, pra desenvolver a pesquisa.

**Pesquisador: você consegue enxergar, os alunos, conseguindo fazer relação entre as áreas de conhecimento e o Núcleo?**

Professora: infelizmente, ainda é um pouco descolado, eu acho que já melhorou muito, sabe assim, é... já é o quarto ano do núcleo aqui, eu passei pelos quatro anos, e eu vejo que no começo era bem mais descolado, essa parte influência nas disciplinas, nas notas, isso é positivo por que eles nunca esquecem da outra disciplina e o reconhecimento também dos professores, quando eles vem, ah... é...é, realmente o núcleo tá ajudando na minha aula, por que aquele menino era inibido, ele era na dele, agora ele já consegue apresentar um trabalho de forma legal, e ele fala isso não só pra professora do núcleo para o aluno, então esse fato de que o núcleo já tá ajudando na disciplina, tá se tornando de fato interdisciplinar, que é esse o objetivo dele, já começou a ser um pouco mais claro pra eles, entendeu, e pros alunos também, por que por exemplo, é... se eu trabalho na sala de aula tabulação de dados, eu vou estar trabalhando com porcentagem, mas eu não sou professora de matemática, se eu vou estar trabalhando uma leitura de texto, uma interpretação textual, eu não sou professora de português, mas eles vão estar desenvolvendo uma redação, e a partir da interpretação dele naquele texto, se eu tô desenvolvendo uma atividade artística, uma colagem, uma pintura, e uma dramatização, eu sou professora de artes né no caso, mas eles vão tá desenvolvendo isso também, então é isso, pega um pouco de cada disciplina pra cá entendeu? Se eu tô estudando bairro, geograficamente, posicionamento do bairro, número de habitantes, onde em muitas pesquisas eles desenvolvem isso também, já é geografia, se eu pego uma pesquisa que vai falar sobre a história do bairro Montese, onde ele vai pegar lá do começo o que era o Montese, né, que era uma avenida só com boi, não tinha urbanização, onde o comércio foi crescendo, então pega um pouquinho da história também, então eles já veem isso de forma mais prática e bacana, por que tanto a gente fala pra eles e tenta fazer essa correlação dentro da aula, como é passado para os professores também fazerem essa correlação.

**Pesquisador: É percebo que aqui alguns alunos conseguem fazer uma relação muito grande com a minha área que é a Educação Física, tem vários trabalhos. Então porque você acha que os alunos buscam esse tema?**

Professora: Eles sempre são mais chamados pra isso por que são coisas que eles gostam, sempre em todo ano e praticamente em toda sala, tem trabalho sobre Educação Física, primeiro por que é algo do dia a dia deles, a aula que eles gostam demais, a aula onde eles vão jogar bola, onde eles vão jogar vôlei, né? Apesar deles verem como recreação, e é...é...é o dia



a dia deles né? E assim, muitos já relataram que é uma faculdade que eles gostariam de fazer, que tem tudo a ver com eles, a parte do lazer que é onde eles gostam de ir ao shopping, é onde eles gostam de ir pra uma praça brincar de skate, enfim é algo do dia a dia deles, então eles acabam puxando mais pra isso do que..."professora é mais perto pra mim falar de esporte que é algo que eu pratico, do que falar sobre meio ambiente, sei lá, sobre a poluição, que eu ainda tenho que estudar mais sabe", então eles acabam pendendo mais pra esse lado, pela afinidade.

**Pesquisador: Geralmente as pesquisas elas têm um tom de reivindicação, de alguma coisa, por exemplo o caso primeiro ano que é mais voltado para escola, as problemáticas da escola, você acha que tem um tom de reivindicação quando eles trazem esses temas?**

Entrevistado: Sim tem, tem essa reivindicação por parte deles sim, é, mas assim por exemplo, no segundo ano tem um pouco mais, por que eles sabem desde o começo do ano que eles tem que fazer uma ação na comunidade, eles vão fazer agora a ação na comunidade deles, que é fazer algo de positivo para a comunidade de acordo com a conclusão da pesquisa que eles fizeram, então se eles concluíram que.. digamos que é um tema sobre esporte e lazer, onde eles veem que no bairro deles não tem área pra praticar, não tem gente incentivando, que não tem aquelas praças de reabilitação, não sei é, sei lá como é que diz, os equipamentos, eles começam a pensar nisso e já veem como reivindicação, a ação eles vão no bairro fazer algo de positivo, então eles vão lá desenvolver com, digamos que o público alvo deles sejam as crianças, vão fazer um momento de lazer com as crianças, pega a quadra do bairro, faz um momento de lazer, faz algumas brincadeiras, é sim uma reivindicação, eu já tive por exemplo é, trabalho sobre infraestrutura, professora eu não vou ter como pavimentar a minha rua, né, é algo muito grandioso, eu digo mas você pode tá fazendo um abaixo assinado e pode tá encaminhando pra secretaria, você pode tá encaminhando pra regional, e assim eles fizeram, eles bateram de casa em casa, naquela rua e eles conseguiram fazer um abaixo assinado bem bonitinho e encaminhar para a regional, agora você me pergunta, foi pavimentada? Não foi pavimentada, mas eles não fizeram algo de positivo, estão ou não reivindicando? Eles estão reivindicando.

**Pesquisador: Isso acontece muito nos outros anos ou só no segundo?**

Professora: Só no segundo ano. É um passo a mais.

**Pesquisador: E qual a diferença entre os anos, qual o passo a passo deles?**

Professora: não, o primeiro ano eles fazem o projeto de pesquisa e a pesquisa e apresentam; segundo ano eles fazem projeto de pesquisa, pesquisa e ação, terceiro ano eles fazem projeto, pesquisa e trabalham, tem a parte é.... do... estágio, o núcleo ele possibilita o estágio para os alunos, né, pela lei que eles... eles... a gente aderiu, foi uma parceria com o Instituto Aliança, eles que deram todo o posicionamento pra gente, como fazer, como agir, e no começo do ano a gente cadastra os alunos, e quem quiser passar por estágio, eles passam por uma série de entrevista, entrevista entendeu?! Um processo legal, e eles são contratados, né, então eles trabalham no contra turno, a maioria.

**Pesquisador: O que você propõe de modificação para que as aulas do Núcleo tenham a cara da juventude? Se é que você acha que já tem essa proposta, você acha que nesses anos que você está, é necessária alguma modificação? Você tem percebido que os alunos têm participado menos das aulas?**

Professora: Eu só acho que tem que ampliar, tem que ampliar, pra ficar mais a cara da juventude, a juventude tem que ter acesso, então não vai adiantar ter só aqui, ou em mais duas escolas, ou em outras escolas, é necessário que amplie, ai já não parte de mim, não parte do aluno inicialmente, não parte de nós, parte do governo, da ampliação do projeto, por que no começo era só uma experiencia, eram só escolas piloto, que eram cobaias, e se deu certo por que não? Deu tanto certo que já tem essa disciplina em outros estados também, entendeu?! Então eu acho que pra ficar mais a cara, eles têm que ter acesso. Por que os daqui eles já entendem, eles já gostam, eles já acham legal, entendeu? O fato deles saírem da sala de aula para vir pra outro ambiente, já muda o fato de eles estarem aqui com as cadeiras não enfileiradas, mas em semicírculo já muda a visão, o fato de terem mais dinâmicas na sala já muda, o fato deles fazerem pesquisa com o tema que eles gostam já muda, então já é algo positivo, o que tem que ter é mais a poio dentro da escola pra fortificar e ampliar. Eu acho que é isso.

**Pesquisador: Existe alguma reclamação deles sobre as atividades?**

Professora: Sempre tem, por acharem difícil, por achar que é atividade demais, exercício demais, que é trabalho demais né, mas existe em toda disciplina, né? Existe alunos acomodados e existem alunos mais interessados, como toda escola e toda disciplina, nada particular.

**Pesquisador: Teria mais alguma coisa que você acha que faltou perguntar, que você acha que seria importante saber sobre o núcleo?**

Professora: Bom deixa eu pensar em alguma coisa... acho que não, eu acho que ser dito que já é algo bacana pra eles né, pra nós também, o engrandecimento desses meninos, o depoimentos deles, o que a gente ouve de coisa tipo, professora a senhora mudou a minha vida, tem coisas assim, tipo é engrandecedor demais, acho que todo professor devia passar por essa experiência, né, e se abrir mais a essa experiência, dele não achar, ahh vamos fazer o que? Vamos brincar, vamos pintar, nan...nan...nan, mas tem que entender a reflexão por detrás disso tudo né. De conteúdos que a gente não vê no dia a dia, a gente não vê em toda aula, sem se preocupar somente com aquela parte conteudista, vestibular, eu acho que a parte humana influencia muito mais, se eles se desenvolverem em quanto pessoa, eles vão se desenvolver em outros âmbitos também, a partir do momento que eles se conhecerem mais, eles vão estar melhorando em todos os outros aspectos, entendeu? Então eu acho que é isso mesmo, não tem nada mais pra dizer não.

**ANEXO C - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM PROFESSORA FÁTIMA\***  
**E.E.F.M.J.M.**

**Pesquisadora: A quanto tempo você trabalha com o núcleo?**

Entrevistada: Desde o começo, estou aqui a 6 anos, vai fazer né 6 anos, desde da da, o piloto. É que eu trabalhava na escola Adélia Brasil Feijó, aí trabalhei lá 2 anos, depois vim pra cá e tô no núcleo desde então.

**Pesquisadora: Qual o seu maior desafio com o núcleo?**

Professora: O maior desafio, "ai meu Deus"(preocupação) o maior desafio (silencio breve). O maior desafio, acho que o maior desafio é trazer o aluno, e o engajamento deles pras atividades do núcleo. No começo não, no começo não era esse o desafio, acho que o desafio era mais (silencio breve) ... Eu me preocupava mais com o que tinha que... se dava certo a oficina né, com a oficina em si. Hoje, claro que você se preocupa com isso também, mas está sendo mais difícil trazê-los, e a tomar gosto pela coisa né, pela pesquisa, tá sendo mais difícil fazer com que eles também participem das dinâmicas.

**Pesquisadora: Mas você consegue enxergar um motivo desse desafio?**

Professora: Não, eu já pensei assim que o problema era eu, se era comigo, se eu, sei lá, se tinha deixado "mermo"(mesmo) a "peteca cair" né, mas não é, eu acho é, que são eles mesmos, que de repente eles já escutam muito falar do núcleo, pois antes era a "novidade", e eles estão tratando muito como se fosse mais uma disciplina, o que é muito ruim, que na verdade não é isso, o núcleo não era pra ser isso, e é exatamente isso que está acontecendo, está caindo em uma coisa que não era pra acontecer, aí então é naquela coisa que reprova né, que eles correm atrás de pontos, que não sei o que, o que não era pra acontecer.

**Pesquisadora: O processo de orientação está sendo mais fácil?**

Professora: Ainda tem o processo de orientação que nesse ano aqui no João Matos caiu "demaais"(ênfase) demais a maioria dos grupos ficaram nas minhas costas, os primeiros anos né.

**Pesquisadora: Mas você acha que caiu por conta da coordenação que mudou?**

Professora: Não, é ... a ... Assim, É por que antes a coordenação ela realmente "coordenava isso", ela via muito isso, e pedia ao professor, cobrava mais do professor do núcleo e também ela, divulgava colocava na sala dos professores os temas, o tava sem orientação, então o professor se sentia de certa forma cobrado: - Olha tá o nome dos meus colegas "tudim" e o meu ainda não tá, então eu preciso fazer isso".

**Pesquisadora: Por que não é obrigatório? Eles ganham por isso?**

Professora: Não ganham por isso, mas só que faz parte da escola, né, é uma atividade que faz parte da escola, se ele não está gostando, tem muita escola que (breve silêncio) não tem núcleo, então que ele saia! "Ah!, mas eu cheguei aqui primeiro que o núcleo", não mas é assim, a escola é assim, o sistema da escola é esse, e ai??? Né, então tem muito isso, caiu muito as orientações, o desinteresse dos professores pela orientação, claro que tem aqui né, aqueles que fazem é perguntar a gente: "Cadê Flavia, tá precisando? Os grupos estão precisando de orientação? Nenhum veio me procurar, dê meu nome lá", entendeu, tem essa coisa boa que não tinha no começo, e hoje já tem, é o lado bom, a gente não pode ver só o lado ruim também não, por que aqui eu acho que tem esse lado maravilhoso, que os professores cobram também a divulgação, tem professor que diz: "Flavia, bota as oficinas que tu tá fazendo lá no WhatsApp, no grupo dos professores do WhatsApp, pra gente acompanhar o que está sendo discutido, pra gente reforçar" entendeu, Então tem isso. Agora a maioria dos professores ainda estão noutro mundo, não estão no "mundo do núcleo".

**Pesquisadora: Como é que o processo de escolha das temáticas?**

Professora: Certo. No começo eram temas gerais que já vinham nos planos, ai como, primeiro, segundo ano já começou a ficar repetitivo, né, os meninos fazendo sempre a mesma coisa, temas como a homossexualidade, bullying né, ai foi a gente começou a pensar de formas diferentes. No primeiro ano que eu estava aqui, que foi em 2014, como foi que foi feito: os professores juntamente nas suas aulas, os professores se reuniam com os alunos em suas respectivas aulas, e dali eles tiravam alguns temas, certo? Os professores nas suas aulas mesmo, Matemática, Física e eles traziam pra gente, né esses temas, os próprios professores do núcleo, ai a gente tem a oficina que é deles, dos alunos escolherem, né, os temas dentro das aulas do núcleo, tem uma oficina só pra isso, ai a gente trazia esses temas deles que já tinham sido debatidos com aluno e professor em sala, é (breve silêncio) e eles escolhiam dentro do núcleo, mas por que que foi feito assim?! Por que se pensou assim: se um professor de sala

comum escolhe esse tema junto com o aluno, ele vai ter um interesse maior de orientar, e foi pensando na orientação né? Sendo que deu certo pra uns e não deu certo pra outros né, não foi 100% não. Ai no ano passado o que foi que a gente fez?! A gente colheu solto mesmo, o professor que quisesse dá, né o seu tema, "não, vamo trabalhar tal tema! Aí eles sugeriam pra gente professor do núcleo, e a gente levava pra eles escolherem em de sala de aula, e nesse ano eu fiz diferente, eu perguntei logo pra os alunos o quê que eles gostariam de pesquisar, e realmente não houve envolvimento dos professores. Depois aí, eles que escolheram a temática, foi escolhido aqui na sala né, os temas de novo na oficina, e foi levado pros professores já pronto né. Eu perguntei a um ou dois "professor" né, alguma sugestão, mas não foi feito de forma geral.

**Pesquisadora: Essa experiência, ela não foi positiva por quê?**

Professora: Por conta dos orientadores, por que não houve, como, é sei lá, por que também esse ano foi atípico né, teve essa história da greve ai no meio, ai voltou todo mundo desestimulado, eu acho que isso também contribuiu muito né, não posso culpar só isso não, mas acho que assim, quando você envolve todo mundo, é mais fácil todo mundo se interessar, pois é, ai ainda tá meio assim, coordenação um pouco distante, parece que não sei, num se encaixou direito ainda na ideia, por que também “caiu de paraquedas” né, a coordenação foi trocada no meio da coisa, e é isso, é claro que uma pessoa que vem coordenando, uma pessoa que vem desde o núcleo piloto, pra coordenar isso na escola, claro que a visão que vai ter é outra, de uma pessoa que entra assim, “cai de paraquedas”.

**Pesquisadora: Você acha que as atividades do núcleo elas são voltadas para o público jovem?**

Professora: Acho! Mas talvez ele vai começar a ser preciso uma readaptação.

**Pesquisadora: Por quê?**

Professora: Porque o público jovem cada ano que passa ele vai exigindo coisas mais bem preparadas, mais bem elaboradas, mais inteligentes, eles tão ficando cada vez mais exigentes, é isso que eu percebo. Por que tem muito aluno, principalmente do segundo ano, as oficinas do segundo ano ninguém quer mais fazer não, acham que é besta, acham que é infantil, né, então, algumas eles até gostam, mas outras eles não querem fazer, não levantam pra fazer, acham que "Ai professora, é muito besta, muito infantil", então eu acho que tem que ser

revisto, vai ter que ser revisto isso aí. E o primeiro ano também, nem toda oficina, tem umas que eles... aliás desde o começo já tinham umas que eu... é, algumas dinâmicas eu nem faço, porque eu já sei que não vai dar certo, eu fiz uma vez e ninguém gostou, isso aí o que? Cinco/seis anos atrás, né? Imagina hoje né? Acham muito besta, tem que ser revisto, dos três anos vai ter que ser revisto.

**Pesquisadora: Geralmente vocês perguntam a eles o que pode ser mudado?**

Professora: Não, geralmente não (silêncio) ... porque as vezes você faz, não sei se todo professor faz né, as vezes eu pergunto: “Por que vocês não querem fazer, aí eles dizem, e foi nessa turma (1º A) mesmo que o menino pegou e disse que detestava, detestava o núcleo, não gostava das dinâmicas, e aí eu perguntei né, parei a aula, comecei a falar com eles, e os outros começaram a dizer também: “Ah eu também não gosto não” e isso é muito ruim, eu fiquei triste né, porque parecia uma coisa que eles estavam fazendo forçado né, forçado, sem gostar, não tava parecendo, só ele, ele transparecia, mas os outros que foram concordando não, não parecia que eles achavam isso né.

**Pesquisadora: É por que tem a questão da nota?**

Professora: É (em tom de tristeza), mas o fato é que você... as oficinas elas não podem ser, é(breve silêncio) valorizadas só as de pesquisa, o que eu tô percebendo aqui, já tá com 2 anos aqui no João Matos, que é uma, que há um abandono de certa forma dessas outras oficinas que são as principais pro primeiro ano né, em questão das competências sócio emocionais deles né, trabalhar isso, e tá ficando muito valorizado a questão da pesquisa, o que não é, a pesquisa eu entendo que desde que eu entrei no núcleo a pesquisa é um segundo plano, que o primeiro plano é sempre isso né, trabalhar mais essas questões pessoais deles né, deles se conhecerem, dele conhecer a família, que é o foco do primeiro ano né, e aí segundo plano a pesquisa, é tanto que esse ano: faça assim, faça assado, exige mais, não como eu exigi ano passado, né, e outra coisa, esse bimestre veio da coordenação pra nós que não era pra dar as outras oficinas, era pra dar só pesquisa, e aí eu bati o pé e disse que não, que nas minhas aulas eu ia dar pelo menos duas oficinas, por que a gente só tem um mês, pra desenvolver a pesquisa toda, se der pra fazer, faz a pesquisa, se não der, não dá e pronto, eu não quero que eles cheguem no segundo ano dizendo, aí o núcleo é horrível, entendeu, por que a tendência é essa, no ano passado, se você perguntasse pra um menino do 1º ano “A”, o que era o núcleo pra ele, ele dizia que era uma “cão”(termo utilizado para se referir à algo que não é bom) é um

inferno, por que foi só exigência e muita exigência em cima da pesquisa entendeu?! Eles gostam assim no final que veem o trabalho feito, é gratificante pra eles, mas é chato, a gente sabe que é a parte chata, né, a gente que desenvolve pesquisa sabe que é chato, é chato.

**Pesquisadora: Como é que você enxerga o trabalho em grupo para eles? O que é positivo e negativo?**

Professora: Trabalho em grupo? É interessante essa pergunta, se, eu não sei se já fez pra eles, essa pergunta é muito interessante as respostas vindo deles né, por que eu vou dizer o que eu escuto deles, que é muito ruim no começo, né, que os meninos não se encaixam, que os meninos não querem participar, mas que depois eles aprendem muita coisa como o que é a liderança né? Saber escutar o outro, que muitas vezes sempre tem um ou dois que quer impor: olha faça assim, faça assado, e nem sempre todo mundo tá de acordo né? Que eles precisam escutar os outros, então, essa coisa deles perceberem isso, perceber que precisa ouvir o outro, que ele não pode ser autoritário, acho riquíssimo né.

**Pesquisadora: E isso tem nas oficinas?**

Professora: Na verdade não, depois das apresentações eu faço uma auto avaliação grupal, isso é meu não vem nas oficinas não, estabelecendo isso não.

**Pesquisadora: isso é uma coisa sua?**

Professora: é uma coisa minha que eu inventei, auto avaliação grupal, por que eu não me lembro se tem a auto avaliação, mas é a individual, e aí eu escolhi a grupal por que eles começam a discutir dentro do grupo mesmo né: olha você não fez não, aí eu fiz.

**Pesquisadora: Quando você faz isso geralmente?**

Professora: Eu fiz uma depois da primeira apresentação, do projeto. Aí eu vou fazer depois da apresentação do final da pesquisa (trecho inaudível do pesquisador) Vish mulher! Dia 23 é a apresentação, aí na aula seguinte eu começo a aula fazendo a auto avaliação, auto avaliação grupal. Aí eu fiz já até um formulariozinho né? Só que o legal são eles aqui né? Fazendo a auto avaliação: "-Tu não fez não" "Ah eu fiz sim, " Eu fiz não sei o que, não sei o que, não sei o que" "Ah é verdade você fez".

**Pesquisadora: É difícil o trabalho em grupo?**



Professora: É difícil demais, aí, mas, mas, o que se observa, é que geralmente eles ficam em cima de um, ou dois ou três do grupo né, a gente observa isso sempre. Agora a gente tem que entender que as habilidades são diferentes, quem sabe mexer no computador nem sempre é o mesmo sabe fazer um bom resumo, e nem sempre é aquele que tá disposto em aplicar questionário, que tem todo o jeito de chegar na sala. Então cada um tem o seu pedaço, e eles tem que entender isso dentro do grupo, que nem todo mundo vai se engajar em tudo. Ai claro que sempre tem aqueles que tem habilidade pra tudo, que são os que carregam nas costas né, acabam carregando nas costas, por que não querem deixar de fazer por causa da pontuação deles. E ainda falta muito assim, essa questão de liderança mesmo dentro próprio do grupo, eu percebo.

**Pesquisador: Você dá aula para o terceiro ano também?**

Entrevistado: Não.

**Pesquisadora: terceiro ano quem é?**

Professora: É a Júlia, só segundo né, primeiro e segundo.

**Pesquisadora: E a Joyce?**

Professora: Só segundo! Foi meu primeiro ano de segundo ano, você observa muito que eles preferem as oficinas de pesquisa. É o contrário, você observa que o segundo prefere mais as oficinas de pesquisa, por que eles já sabem, já saem do primeiro ano sabendo como fazer, então pra eles é tudo muito simples, muito rápido: "Não professora, vai dar certo, vai dar certo" Eu me estresso, mas eles entregam tudo no prazo.

**Pesquisa: Você já ficou com um terceiro ano?**

Professora: Nunca, eu não tenho formação pro terceiro ano, também não tinha pro segundo e, esse ano, foi na marra! Agora quem já dá o primeiro ano, tem experiência com o primeiro ano, acaba dando certo o segundo, mas não dá certo, como daria... ficaria muito melhor se eu tivesse a formação. Tem oficina que eu não entendo direito, aí eu vou e pergunto a Jordana, as vezes que não dá né, eu sou o jeito é que não dá pra conversar com ela.

**Pesquisadora: Ela fez então a formação?**

Professora: Ela fez formação. Acho que ela tem as três formações.

## ANEXO D - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM G01

**GRUPO 01 (JM):** temas de trabalho e representantes (codinomes na pesquisa):

1. O esporte no bairro Serrinha: benefícios e malefícios sociais.

Representantes: Sarado e Mota.

2. As modalidades esportivas do bairro Montese.

Representantes: Paixão, Vida, Cida, Boneca, Nay e Iara.

### **ORGANIZAÇÃO PARA ENTREVISTA EM GRUPO:**

1. **SUB-G1** - Sarado, Vida, Iara e Cida

2. **SUB-G2** – Paixão, Boneca, Nay e o Mota.

**ENCONTRO:** realizado dia 02 de fevereiro de 2017, as 16:10h após o termino das provas finais.

O roteiro utilizado para execução da entrevista em grupo tinha três eixos de ação: primeiro, remetia a atividades voltadas a experiência no NTPPS; segundo, as experiências voltadas a área da EF e, por fim, terceira, a voz da juventude para o futuro.

Iniciei falando sobre a entrevista a necessidade da transcrição, o uso do gravador de voz, explicação do pseudônimo para as atividades. Pelo nervosismo existente neste momento da pesquisa acabei esquecendo de relembrar os objetivos referente a pesquisa, algo que havia sido falado anteriormente quando fiz o convite para fazer parte da pesquisa. Além disso, neste dia foi trazido duas amigas da área da Educação Física para ficar fazendo anotações do processo e um estudante do 2º ano, que não havia feito pesquisa dentro do macro campo delineado por mim. Queria este apoio neste primeiro momento buscando perceber por outras lentes aquilo que enxergava. Essas observações foram pertinentes nesse primeiro momento como feedback. Que não foram transcritas, por não ter sido algo comum a todas as entrevistas.

Para iniciar este momento coloquei três músicas e pedi que escutassem com atenção. Eram elas: “A estrada” do Charlie Brown Jr (Pop Rock), “Escola da vida” do Black Style (Pagode) e “A vida é um desafio” dos Racionais MC’s (Hip Hop/ Rap). Cada jovem teria que falar livremente sobre as possíveis reflexões que estas músicas traziam balizados pelos seguintes questionamentos: **“O que vocês sentiram nessa música? Veio alguma lembrança? O que vocês gostariam de compartilhar a respeito delas?”**

Então, um Cida inicia: “A primeira música começou dizendo que a gente nunca deixasse de lutar e também ... é...” Nay completou: “Falou dos obstáculos que a gente tem que ultrapassar pra... pra chegar aonde a gente quer”. Iara continuou: “A primeira música falou que a gente nunca deve desacreditar dos sonhos da gente, a gente deve ir em busca daquilo, lutar e acreditar... ultrapassar os obstáculos a gente pode sim conseguir, se a gente colocar na nossa cabeça, que a gente vai conseguir, a gente vai correr atrás a gente consegue, porque sempre vai existir obstáculos, vai existir coisas que vão nos querer fazer desistir, mas isso cabe a cada um de nós, desistir ou não”. E Nay torna a falar: “Principalmente de gente que vai desacreditar da gente no meio do caminho”. Boneca inclui: “A música falou sobre... como é que eu posso falar? Sobre os sonhos, mas relacionando por etapas porque tem etapas que são longas e etapas que são curtas, por exemplo, na nossa sociedade existem pessoas que vão nos criticar, mas que vão nos ajudar, aí a música fala muito sobre isso, falando sobre as pessoas, familiares, o racismo que existe na sociedade, falando sobre isso”. Na questão da música, a dos Racionais ‘Ah, é marginal, num sei o que!’, não eles falam da realidade, do que acontece, da vida da gente, como ele ensina a gente nunca desistir dos nossos sonhos, muita gente divulga essa música de rap ‘num sei o que’ e ele diz que fala da realidade na cultura do rap, falando do rap ele fala da realidade do dia-a-dia que a gente vê e por isso ele canta em forma de dizer ... acho que foi na segunda música que ele falou ‘Sou traficante de ideias... trocador de ideias’ tipo ele procura outra coisa, não é ser traficante de traficar não é relacionado a droga, mas existem vários tipos... ele fala o que tem dois sentidos”. Boneca acrescenta: “Ele fala muito que depende da sua escolha, o que você escolher, o que você vai fazer, enfim... a sua família sempre vai te apoiar, apesar de tudo. O que você escolher pra vida”. Nay em sua rebeldia latente diz “Se eu fizer qualquer escolha... tem certas escolhas que ninguém nem mesmo a gente, às vezes, apoia, imagina a família”. Iara completa: “Mas na caminhada sempre vão existir obstáculos que é pra fazer a gente mais forte”. Nay positivamente completa: “Tanto a nossa fé como a nossa força de vontade”.

Até este momento, sinto a falta dos meninos, então pergunto para eles o que sentiram com as músicas que foram passadas, se veio alguma lembrança, alguma coisa, um pensamento. Então, Paixão diz o que pensa: “Nessa questão do obstáculo é... eles tem que ser realistas porque você não pode querer uma coisa que você sabe que... tudo bem que qualquer coisa pode ser possível, mas é sempre bom querer sonhos mais possíveis, que está na sua realidade”. Pergunto se mais alguém quer falar então o Sarado diz: “Eu entendi que fala sobre os conflitos do dia-a-dia né professora? Que mostra os conflitos, mas com as alternativas que

é as soluções, que não deve desistir e pra seguir em frente né professora? Eu entendo que... no meu consentimento que o que nos fortalece é os dias difíceis, mas não os dias fáceis. Se todo dia fosse fácil, nós seríamos fracos”. Mota retoma e fala mais: “Acho que a música fala da caminhada, dos nossos objetivos. A música fala disso, da caminhada que a gente faz até chegar aqui”.

Cada música tinha um sentido atrelado aos passos metodológicos da pesquisa: a primeira falava sobre caminhos que foram percorridos até chegar no ponto em que se encontravam (pesquisando sobre esporte/lazer dentro do ensino médio); a segunda falava sobre a vida e suas escolhas mostrando que o essencial era ser humilde e lutar, nunca desistir (os desafios de pesquisar sobre esporte e lazer e ainda assim continuarem e conseguirem dar outra significação ao processo) e por fim, a terceira falava sobre a vida, a realidade, as escolhas e os sonhos, como uma forma de dizer a mesma coisa mas trabalhando ritmos variados já que eles gostam de músicas variadas. Os estudantes conseguiram captar o intuito deste primeiro momento que era sensibiliza-los a reflexão sobre o caminho que vem percorrendo na vida e dentro do contexto escolar, as escolhas e a acreditar nos sonhos. Temas que sensibilizariam aos eixos de trabalho. Foi observado que a última música era a que tinha mais significação para eles. Muitos a cantavam enquanto a escutavam, trouxeram trechos da mesma para refletir.

Buscando continuar o processo falo (00:07':05''): “Então assim, pensando em caminhada, nessas coisas que vocês disseram agora... A minha pesquisa é referente ao Núcleo, então pensem assim, nesse primeiro momento eu quero que vocês se dividam em dois grupos, agreguem aqueles que não são do seu grupo. Como dois rapazes, o Sarado e o Mota eram do mesmo grupo, o colocamos em grupos diferentes e preenchemos com o restante. Ficando assim: grupo 1 (Sarado, Vida, Iara e Cida) e grupo 2 (Mota, Boneca, Nay e o Paixão).

Com isso, podemos entrar no primeiro eixo da pesquisa voltado as experiências no NTPPS. Após a divisão dos grupos eles tinham como atividade criar/tirar duas fotos que nos revelassem como eles e elas eram antes do NTPPS e após o termino deste ano de atividades buscando entender o que esse programa acrescentou em sua vida. Então, falei: “Quero que vocês pensem como grupo como poderia ser uma foto, seriam duas na verdade, uma que dissesse como eu estava antes de entrar no Núcleo e como eu sai, no início e no fim deste percurso de vocês. Podem conversar entre si, fazer uma foto para cada um, conforme a percepção individual que podem ser diferentes. Fica a critério de vocês”. Podendo ser uma

foto para cada integrante ou uma para o grupo sendo sempre (antes e depois) deixei a critério deles.

Atividade levou 16 minutos. Quando retornaram à sala tinham que dizer o critério escolhido e iniciar a outra atividade que remetia **ao segundo eixo, experiências voltadas à Educação Física**, tinham que responder em forma e desenho o seguinte questionamento: (00:17:28) “Vocês vão ter um momento agora, calma que a gente ainda vai voltar pra foto. Vocês vão ter um momento aqui, agora, para pensarem. Todos aqui escolheram um tema, temática ou macro campo para poder fazer a pesquisa de vocês, ou é esporte ou lazer, então, o que foi que fez vocês escolherem por este macro campo? O que, da vida de vocês, fez com que escolhessem pelo esporte ou lazer? Isso pode ser que vocês nem tenham pensado até agora, então, este é o momento de vocês pensarem sobre isso. O que da minha vida me fez pesquisar o esporte ou o lazer? Portanto, vocês vão desenhar este percurso... Pode escrever, mas o ideal é que usem imagens. Vocês vão justificar a escolha por este tema.”

Neste momento, Nay fala que não foi de sua escolha e sim aquilo que havia sobrado como tema, então, disse que buscassem retratar isto em imagem tentando agora, pensar o que deste tema tem a ver comigo. Que buscassem algo de sua vida que pudesse justificar estar num trabalho sobre esporte ou lazer. Porque sei que se quisessem poderiam entrar em outros grupos, com outras temáticas.

Eles ficaram dispostos na sala em formato de círculo, a escolha da cor da folha foi a critério de cada um, pois haviam folhas azuis, rosas, amarelas e brancas. Enquanto criavam eu descarregava no computador as imagens tiradas por eles, para apresentar por meio da projeção da lousa, além de observá-los. Quando via seus desenhos sem cor pedia-os que colocassem. Perguntei depois de uns 15 minutos, quem tinha terminado e acabei **colocando um slide com cinco fotos, retiradas da internet, sob a pesquisa de duas palavras-chave: esporte e juventude e a outra, lazer e juventude**. Coloquei estas imagens como um plano B para caso alguns terminasse antes e pudessem fazer algo enquanto os outros terminavam, além de poder refletir mais sobre este campo esporte e lazer.

Escolhi aquelas que mais achei interessante: uma roda de capoeira, jovens dançando Hip Hop livres; crianças com patins e skate; desenhos com práticas esportivas em forma de logomarca remetendo aos esportes de forma geral (basquete, vôlei, tênis, handebol, natação, luta, ciclismo, corrida); jovens jogando jogo de dama; depois um desenho que continha jovens fazendo alguma atividade física (alongamento, Sand board, corrida, andando

de patins, pulando corda, com skate). Dei um tempo para que todos pudessem ver e então, partimos para o outro momento.

O terceiro momento (00:43:37), então, digo: “A gente vai começar a colocar neste centro, cada um. Cada um vai falar do seu desenho para gente dizendo o que foi desenhado”. Portanto, o **compartilhamento dos desenhos** e o que significavam. Logo alguns querem ditar o caminhar de quem vai primeiro e quem vai posteriormente. Então, deixei com eles quem iria iniciar. Neste momento, eu buscava compreender a partir desta narrativa o que os levou a esta escolha, que experiências foram essas. Vamos pensar assim: “A escolha do macro campo esporte e lazer, nesse desenho, o que você conseguiu trazer para gente?”

O primeiro relato foi de **Nay** o áudio ficou um pouco ruim, mas foi possível ouvir: “Todos os grupos estavam formados e minha vontade era fazer sozinha, porém, a professora me falou que eu não podia, aí como o único grupo que eu era mais chegada, eu fui para esse do esporte na comunidade. Eu não tenho muita coisa pra falar, porque não foi uma coisa que eu queria, eu teria escolhido outro tema, outro bairro”.

O segundo relato foi de **Cida** que disse (00:46:53): “A gente já tinha escolhido o grupo antes da professora falar. Porque no ano retrasado, foram as mesmas pessoas aqui, só que teve outras que saíram e pela afinidade, convivência, por ser amigo a gente já queria essas pessoas no grupo, ela também estava no ano retrasado só que por motivos pessoais ela teve que sair acabou fazendo trabalho dela só como ela falou. E eu sempre gostei de fazer trabalho em grupo, apesar de eu não ser uma pessoa muito legal para conviver. Porque a gente aprende a respeitar o espaço do outro, a ouvir opiniões e saber um pouco mais. Eu particularmente queria esporte no meu bairro porque eu até escrevi aqui ‘Eu moro no bairro Montese, mas com pouco local para prática de esporte’, eu vejo crianças na rua, até desenhei dois meninos, jogando bola, na rua, em frente de casa. Espaço tem, só que prefeitura e governo não se mobilizam pra colocar pessoas pra incentivar o esporte gratuito na comunidade. Porque o que tem é pago. (00:48:10) E... o esporte, ele muda nossa vida em diversas coisas, também assim, é... se ele não é deficiente e vira deficiente, aquilo dali é um bairro muito grande, mas através do esporte tem vários paraolímpicos, teve paraolimpíada, com várias pessoas que não tem uma perna, um braço, mas fazem esporte e isso fazem elas superarem aquilo. O esporte ajuda muito, o esporte nos ajuda a vencer na vida”.

Pergunto se ela poderia mostrar o desenho porque anteriormente parecia estar estruturando sua fala que deixou o desenho na carteira, então, ela mostra e vai falando: (00:48:47) “Aqui representa que na comunidade do Montese tem espaço, só que não tem

ninguém, ninguém se sensibiliza em ir atrás do poder público para ajeitar a quadra que tem, o campo. E aqui é dois meninos brincando de bola em frente de casa, como isso é muito visto lá, no meio da pista em tempo de ser atropelado, de acontecer algum acidente mais grave, eles poderiam estar num local seguro e apropriado para isso, mas não vão porque não tem”. Assim, passamos para o seguinte.

O terceiro relato foi de **Iara** que disse (00:49:22): “Eu resolvi falar do esporte porque o esporte é visto como se fosse pelo lado masculino, só os homens que pudessem praticar, mas eu também acho que o esporte não é só voltado para os homens, ele também é voltado pelas crianças, como jovens e também, para as mulheres, porque todos podem fazer o esporte e eu fiz um desenho como se fosse uma menina jogando bola. Ela é uma menina. Ela brinca de balanço, mas também pode jogar bola. Como ela falou, a gente não conhece o bairro pra saber o que é que tem esporte e qual era o tipo de pessoas faziam. A gente viu que os homens praticam mais do que as mulheres. Tipo assim, eu queria que as mulheres praticassem mais porque elas são muito sedentárias, essas coisas, é assim”. Eu senti a necessidade de fazê-la uma pergunta: “Você procurou o esporte por questões é... pessoais com relação ao gênero em específico, ou você também quis que outras mulheres praticassem esporte? Você vê isso na sua família? Ela respondeu: “Minha tia tanto joga bola como pratica esportes, mas eu fiz porque gosto muito de esporte, gosto muito de futebol, essas coisas. Tipo assim, porque hoje a gente ainda vê que o homem pode isso e aquilo, e a mulher não pode porque não é coisa de mulher. A mulher deve se interessar por essas coisas e praticar esporte, principalmente para quem é sedentário, pra quem tem algum problema assim. Isso pode ajudar tanto o físico como o emocionalmente a pessoa, pode ocupar a cabeça com outra coisa, pode também tirar das drogas”.

O quarto relato foi da **Vida** que disse (00:51:55): “É... Tipo assim... No começo a gente achou que o tema ia ser fácil da gente aprender, mas ao longo do trabalho eu vi que o esporte não era somente a questão de lidar com o trabalho... Eu nunca me esqueci da apresentação do trabalho que o menino disse que cada esporte tem suas regras. E com isso a gente aprende com o esporte, regras, ter limites pra tudo. E outra, é... A questão do lazer é como a Cida disse, não tem um canto específico para as crianças e os jovens se interterem, ocupar a mente, não tem nada! Então, é por isso que tem muita criança envolvida com coisas que não era nem pra saber, os jovens já envolvidos com drogas, essas coisas. Então, é isso. O esporte em si não é só futebol, ele nos ensina também regras... tudo”. Após sua fala volto a pergunta-la sobre o que o seu tema de escolha para o trabalho tem a ver com a sua vida

pessoal e ele me responde “É o tipo da coisa ele, tem gente que pensa que ‘sofri um acidente, minha vida acabou, eu não vou mais poder praticar a mesma coisa que antes’ e o esporte ensina que não é isso, a gente pode sim, lutar, persistir nos sonhos da gente como passa muitas vezes no Globo Esporte pessoas que doentes psicologicamente e passam a mudar de vida por causa do esporte. “

O quinto relato foi do **Sarado** que disse (00:54:35) “Professora! Falando sobre o tema todas as pessoas da nossa equipe se identificavam com o assunto que seria esporte, aí, já que é nosso macro campo, então, tentamos é... achar um sentido pra esse tema, porque nós ia... íamos é... pesquisar sobre o esporte, aí nós buscamos saber sobre os objetivos sociais e físicos que as pessoas não sabem né? Quando fala em esporte, imagina que vai jogar uma bola, vai andar de skate, vai fazer com a própria coisa e não procura saber do resto, é um assunto bem complexo né? Sobre os benefícios que a pessoa vai poder estar adquirindo em exercícios é... a prática... E, também, é algo que está relacionado envolvendo a sociedade né? As pessoas, devido saber iam se botar em prática no seu dia-a-dia. Eu particularmente gostei desse tema porque é algo que quero para minha vida, trabalhar com esporte também. E isso, algumas coisas foi...é... O trabalho em equipe né professora? Que nem todas as pessoas vão ter o mesmo foco que você, aquela mesma força de vontade, que... você tem que fazer sua parte independente do outro, torcer pra dar certo”.

O sexto relato foi de **Paixão** que disse (00:56:02): “Eu cheguei o grupo tava formado, eu faltei a aula que tava formando os grupos, daí eu tive a oportunidade de entrar em todos, só que eu optei pelo esporte por conta que eu gostava, por ser uma paixão”. Eu o indaguei novamente: Então, é uma coisa que você gosta? Porque? Ele respondeu: Eu gosto de praticar esporte, futebol, eu tento né?

O sétimo relato foi de **Mota** que disse (00:56:32): “Cheguei no meio do ano, então, não fiz parte da escola, mas tirando a música, o esporte é uma coisa que já faz parte da minha vida. Como eu fiz no desenho né ó? Fiz o desenho do skate, da piscina da natação, jogo basquete, academia, arte marcial, vôlei, corrida, tudo faz parte da minha vida e eu gosto”.

O oitavo relato foi de **Boneca** que disse (00:57:08): “No meu desenho... é... que... A nossa... quando era criança eu não tinha a liberdade de brincar, é... praticar algum esporte, porque... por motivos pessoais... então, eu trouxe no meu desenho, é crianças... é... brincando com coisas assim é... na nossa sociedade as crianças não suportam, por exemplo, brincadeiras. É... elas se importam mais com as novas tecnologias enfim, celulares, tablets, enfim, aí eu quis trazer isto, pois é muito importante na nossa vida. E no decorrer da escolha do tema, eu



fiquei indecisa pra escolher porque eu não tinha muita relação com o esporte entendeu? Mas aí no meio do ano, quando a gente ficou pesquisando fazendo os trabalhos é... eu consegui me habituar ao tema pois eu achei muito importante pra sociedade”.

Após concluir ficou muito envergonhada de mostrar o desenho até porque alguns amigos ficarão brincando com ela. Percebo que eles ficam observando silenciosamente o que acontece, o que digo, como me porto dentro do espaço, que mesmo perguntando se alguém gostaria de indagar o colega eles preferem se manter fazendo o necessário.

Então, os indago da seguinte maneira (00:58:30) “Então assim: é... Vocês conseguem identificar na voz dos seus amigos, as outras ... você consegue identificar na vida dos outros (quem trouxe essa proximidade com o macro campo esporte/lazer), conseguem enxergar? Eles ficam pensativos então, cito a fala de uma das amigas que disse “Quando eles fizeram a escolha deles por este tema, vocês conseguem identificar no caminho deles alguma coisa que fizeram eles escolherem por este tema, tirando a obrigatoriedade do Núcleo? Os seus amigos no decorrer do dia-a-dia, quando vocês estavam fazendo trabalho, isso foi prazeroso para todos?

**Boneca** responde (00:59:16): “Assim, eu consigo ver, por exemplo a Cida. Ela se importou muito com a comunidade, que desde o começo ela queria porque queria o esporte, então, entendi que ela queria envolver no núcleo a nossa comunidade e a gente vive na escola, mas também a gente, é... vive numa comunidade, por que nossa comunidade... como eu posso falar? É... Uma comunidade cheia de cultura, é... diferenças, mas que todo mundo ... a gente tem muito isso. Eu entendo ela que quis saber isso. Nós vemos de uma forma geral”.

Além disso para aguçar mais ainda suas falas, perguntei sobre a ação que seu projeto (01:00:10) desencadeou ao final dele, em resposta a sua problemática inicial, já que os estudantes tinham que levar os dados de sua pesquisa ao conhecimento de sua comunidade. Cida então diz que (01:00:15): “A ação da gente foi fazer panfletos incentivando as pessoas a fazer esportes. E com a... Não sei quem foi, quando a gente entregou o panfleto pra uma pessoa e ela disse mesmo que no Montese não havia esporte, não havia local adequado para as pessoas fazerem, havia apenas um local pequeno que servia pra tudo ali, mas não era um canto pra dizer ‘Ali era um canto que pratica isso, isso e isso’. A gente quis colocar a comunidade pra ver não só a opinião da gente, porque a opinião da gente é uma coisa e da comunidade outra, cada um pensa diferente, quando a gente colocou a comunidade no grupo pra saber o que eles acharam, e se eles aceitavam o esporte dentro da comunidade e o que isso significava pra eles.

Pergunto se algo mais foi percebido no contato com a comunidade (01:01:12), Cida diz “Que as pessoas assim, ficavam surpresas ao receber os panfletos”; Boneca complementa: “É porque o assunto esporte não é muito visto na comunidade, e quando a gente perguntava se tinha esporte muitos diziam que não existia esporte”. Cida torna a falar: “Porque tem esporte, pessoas que praticam esporte, só que fora do bairro tipo: no Vila União, lá tem areninha, times de crianças, de adultos, até competições, que a comunidade de lá participa e no Montese não tem. Tem um local pequeno que faz tudo lá, é pequeno e serve pra tudo. Tem aula de Karatê, se não me engano, um negócio assim... tem futsal, só que antes, bem antes da gente chegar tinha futsal pros menininhos, parece que ele dava aula, mas não da mais, aí quem quis continuar que o filho tivesse esporte tinha que ir atrás em outro lugar ou no colégios que eles estudam, então pagar”.

Nay complementa (01:02:30): “ E que infelizmente, que houve um problema que a gente não tinha muita coisa pra falar... a gente compreendia isso, não tinha o que falar, ah, falar só sobre as pessoas e que não tinha esporte, a gente teve que caçar outra forma pra chegar no final, porque deu muita dor de cabeça, não tinha conteúdo pra falar, muita coisa repetida... e foi muito complicado. Não foi o tema, mas foi o bairro que não tinha”.

Cida complementa (01:03:05): “Como o bairro não tinha muito o que falar, a gente resolveu fazer uma ligação da nossa... comunidade que não tem esporte com as olimpíadas, que aconteceram aqui no Brasil, e a gente resolveu buscar qual foi essa influência das olimpíadas, os esportes que foram abordados nas olimpíadas na comunidade o que significava pra eles, se tinha ou se não tinha, a gente resolveu fazer esta ligação pra saber... pra ter mais conteúdo e ter o que falar, porque como o bairro é assim... não é que é pequeno, é que não tem, não tinha... E Iara continua (01:03:41): “É um bairro muito grande que não tem nada relacionado ao esporte, que esporte não é só futebol, o esporte, ele tem muitas coisas, vôlei, basquete, outras coisas também. Mas o povo só fala de futebol, futebol. Mas o esporte em si, não é só futebol, e como o trabalho do núcleo é na comunidade, porque no 1º ano o trabalho é no colégio, coisas social do colégio em si, esse ano não. Esse ano foi fora do colégio. Foi uma pesquisa que a gente tinha que fazer com outras pessoas que a gente não conhece, que a gente não sabe a opinião delas, isso foi um negócio muito bacana”.

Cida completou (01:04:21): “Até ajudou a gente a se desenvolver, a perder mais a vergonha porque quando a gente começou no 1º ano, a gente tinha vergonha de falar de se abrir com as pessoas assim, tinha vergonha de expor os pensamentos da gente, no decorrer do ano a gente foi perdendo essa vergonha, daqui dentro mesmo, quando a gente tinha que falar

em si, a gente teve que colocar pra fora, perder a vergonha e chegar pra pessoa e falar... a gente tinha que chegar pra pessoa e explicar que a gente tava fazendo ali, o que se tratava aquilo, então, ajudou a gente, é uma forma de levar pra vida toda né? Porque o que a gente aprendeu aqui a gente vai levar pra vida toda. Foi uma forma que a gente aprendeu a viver”.

Para fazer o outro grupo falar também perguntei (01:05:26) quem pensou na possibilidade do tema para a pesquisa e o Sarado respondeu: “Acho que nós todos, professora. Porque como o das meninas também falava sobre esporte, eu não sei porque não foi o tema delas em si, o nosso já falava sobre os benefícios sociais e físicos, isso daí é um tema amplo, que a professora do núcleo dissertou um pouco, trabalhou um pouco. Não sei se a orientadora delas foi a nossa mesma, ela é muito rígida em relação a esse tipo de trabalho, então, quando tava conversando com ela, eu levei a sério né? Porque... vocês têm um tipo de trabalho que vou levar pra vida todinha. Aí me esforcei e tentei aprender, não só sobre o tema, mas sobre essa forma de trabalho aí que foi feita”.

Dando continuidade ao processo, partimos para o **compartilhamento das fotos** então pergunto (01:06:35): Qual dos dois grupos que a gente dividiu, para tirar as fotos quer começar mostrando sua foto? Deixei claro que naquele momento íamos olhar as fotos sem dizer nada para que assim um grupo pudesse dizer o que representava para eles olhar para foto do outro sabendo que aquela construção era para saber como foram as experiências dentro do NTPPS e como eles se enxergavam após passar por este novo espaço dentro da escola. O critério escolhido pelo G1 foi uma foto inicial e outra final para o grupo, após todos dialogarem sobre suas opiniões.

Assim o G1 resolveu ser o primeiro e o G2, portanto iniciou respondendo a seguinte pergunta (01:08:07): **O que vocês acham que eles quiseram dizer com esta foto?** Inicialmente, as respostas pareciam óbvias ao olharem então uma representante disse eu representava indagações sobre “Tipo: o que é o Núcleo? O que é que tá acontecendo? O que é isso? O que é que eu vou ter que fazer? (Nay)”, ao mesmo tempo, Boneca diz: “O que significa isso? E Nay retoma dizendo: “O que isso vai influenciar na nossa vida?”. Nesse momento todos parecem concordar, falam algumas coisas para o outro ao seu lado, riem e chegam até a silenciar, parecem concordar. Então, pergunto: alguém mais gente? E Mota fala: “Muita dúvida”.

E pergunto sobre a foto final (01:08:43) dizendo que olhassem para todos na foto. Daí Boneca diz: “Acabaram conhecendo, aprendendo”. Este momento parecia causar certa agitação, mas mesmo assim o silêncio era maior. Então, cessaram as palavras, mas os olhos

ficavam sempre atentos aos pormenores de cada foto, oras surgiam risos contidos e oras cochichadas no ouvido do colega. Aldo diz: “Eles aprenderam né? Eles passaram os dias daquela maneira e acabaram tudim aprendendo”. Nay complementa (01:09:16): “Gostaram. E tem interesse em continuar. É... resolveu muita coisa. Ensinou a eles a ... a agir, a apresentar trabalho, criar, ir na comunidade, a preparação toda, o relatório, saber o que tava fazendo, enfim”.

Assim, o G1 fala sobre sua própria foto dizendo que a primeira foto respondendo a minha pergunta (01:09:51): **Grupo porque vocês tiraram essa foto?** Iara responde: “Porque aí, foi como se a gente tivesse quando a gente tá entrando, como se tivesse confuso no que a gente ainda ia querer, que a gente ia começar a fazer ainda. O que era o Núcleo? Era uma matéria nova que tava entrando e a gente tava confuso procurando saber”. Com isso, pergunto (01:10:15): **Mesmo sendo no 2º ano?** Então, ela continua: “É como eu falei, no 1º ano é negócio de só escrever, só falar entendeu? Só pegar coisas da internet e jogar no papel e dar pro professor, era mais isso, pesquisar mais na internet, pra mim eu achei isso. Cida complementa: Agora assim, no 2º ano você tem que saber sobre um tema, querer descobrir algo mais pra falar pras pessoas do colégio o eu está acontecendo na comunidade através do seu tema... É um negócio mais difícil”. Pergunto se alguém quer dizer mais alguma coisa, e Vida fala (01:10:57): “ É... também... É... O núcleo, ele também, me ensinou não somente no trabalho em si, é... ele nos ajuda a ensinar como vai ser lá fora, o que a gente vai enfrentar, o que vai ser, é... como a gente deve agir, é isso”.

Após ouvir estas afirmações percebo que o grupo está de acordo pois cessam seus movimentares. E o próximo grupo entra em cena.

O critério escolhido pelo SUB-G2 foram três fotos que indicassem o início, o meio e o fim da experiência. O outro ficou muito pensativo, ali parecia uma nova ordem instalada. Fui passando a fotos pausadamente, sempre perguntando se todos tinham olhado atentamente. Fiz isto por duas vezes, pois senti que por serem três fotos isso tinha gerado muita curiosidade. Eis que pergunto: o que vocês, que não são deste grupo dizem sobre as fotos?

O SUB-G1 inicia falando suas impressões dizendo (01:12:20) com Vida dizendo: “É tipo que, como se tivesse sozinha, e... no meio ela já tava unida trabalhando com o grupo. Cida complementa: “Já tava interagindo com o grupo, sabendo mais do assunto e tal... Agora, essa aqui (referente a última foto) ficou meio confusa, porque parecem que eles estão

pensando... acho que fiquei confusa não entendi... Iara interrompe e diz: “Tão ainda pensando...” .

Então, torno a perguntar (01:12:43): Na percepção de vocês, quando vocês olham pra foto e olham pro restante. Cida volta a falar: “Parece que essa é o começo que eles estão perdidos, e essa eles tão interagindo, tão se comunicando mais, sabendo do assunto, e essa outra tá fora de tudo...” Iara complementa rindo: “Essa daí, ela tá sozinha no mundo (risos)”.

Para eles pareciam que as dúvidas deveriam ser o processo inicial que todos sofriam, no entanto, não era o que eles estavam dizendo na foto tirada. Esta última foto gerou certa confusão em todos que ficaram ansiosos para saberem realmente o que significara aquilo.

Com isso o G2 descreveu sua escolha da seguinte maneira, na voz de Nay: “Ela sozinha sem sentido, sem saber de nada, sem nenhum tipo de conhecimento. Na segunda foto, digamos que o Núcleo foi o que a fez levantar, a aprender, a se aprofundar, etc. Depois a gente estava sabendo agir da forma certa. E aí a gente continuou a pensar, quer dizer, a gente começou a pensar, a ir atrás do conhecimento, atrás do saber. A gente estava refletindo sobre tudo. ” Todos quase que em uníssono disseram “Ah!!!”, como se fizesse sentindo o que a colega dizia. Mas não era só um som de confirmação, era um som de alívio reflexivo.

Tendo passado por tudo isso, fechamos a atividade com um último exercício. A escrita de uma carta para o secretário de educação do Ceará dizendo o que seria uma escola com a cara da juventude e o que a escola deles precisariam ter para ser uma escola com a cara da juventude. Esse passo era muito intrigante, pois as perguntas logo surgiam “Ele vai ler? ”, essa pergunta eu sempre respondia dizendo que sim. Porque acredito no poder que a escrita de uma pesquisa tem. Então, voltei a perguntar “Com base no que acabamos de pensar sobre o Núcleo que é uma proposta de mudança no ensino médio, o que poderia ser modificado nesta escola para que ela tivesse a cara da juventude? ”, com isso o silêncio se instalou, cabeças baixas, olhares por vezes indo ao céu ao encontro de uma luz que o faria escrever adequadamente para aquele ser humano que muitos não sabiam nem como se portar “Professora como eu começo? Senhor secretário? Vossa excelência? Posso escrever qualquer coisa que eu queira? “. Eu muitas vezes ria por dentro, não por achar suas perguntas impertinentes, mas por sentir em seus olhares a vontade de mudança que aquela carta materializava diante de seus horizontes.

## **ANEXO E - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM G02**

**GRUPO 02 (WSC - MANHÃ):** temas de trabalho e representantes (codinomes na pesquisa):

1. A importância das atividades de lazer nas comunidades Barroso/Castelão

Representantes: Lúcia, Flor de Liz e (Rosa).

2. Zumba no Passaré.

Representantes: Ari, Elétrika e Majú.

3. O lazer na Cidade dos Funcionários.

Representantes: Muleke e Gabiru Alado.

### **ORGANIZAÇÃO PARA ENTREVISTA EM GRUPO:**

1. SUB-G1 – Ari, Majú, Elétrika e Gabiru Alado.

2. SUB-G2 – Lúcia, Rosa, Flor de Liz e Muleke.

**ENCONTRO:** realizado dia 03 de fevereiro de 2017, as 10:15h após o termino das provas.

O caminho percorrido com este grupo seguiu os passos do roteiro utilizado para execução da entrevista em grupo com seus três eixos de ação. Comecei falando sobre a entrevista o uso do gravador de voz e a necessidade da transcrição, explicação do uso do pseudônimo para as atividades. A sala fica organizada com cadeiras formando um círculo com número exato de estudantes participantes e com uma mesa no meio para colocar folhas, lápis e gravadores, além de facilitar o envolvimento de todos.

Enquanto organizava a sala eles lanchavam, pois como era dia de prova na escola de todas as turmas tínhamos que esperar a sala ficar vaga. Já tinha solicitado ao diretor. Enquanto comiam, brincavam. Falavam que era legal só pelo fato de começar com comida e que nunca tinham passado por isso. Já os conhecia e tinha uma certa intimidade. Assim, falei sobre os aspectos da pesquisa explicando seu passo a passo e o motivo dela, mais uma vez. Já que havia deixado claro quando entreguei os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido durante a Feira NTPPS e acordado o dia para fazer a entrevista em grupo.

Expliquei a primeira atividade da foto buscando trazer algumas questões sobre o Núcleo a partir da criação das fotos que buscavam responder o seguinte questionamento:

**Como eu me sinto quando entro no Núcleo? Como eu sinto quando termina o Núcleo?**

Entreguei as máquinas e eles ficaram muito entusiasmados, pelo fato de uma das câmeras ser semiprofissional, estipulei um tempo máximo de 15 minutos e pedi que escolhessem se seriam uma foto para cada um referente o antes e o depois ou se seria assim para o grupo.

Quando retornaram a sala, falaram o que tinha escolhido e assim já entravam na segunda atividade.

A segunda atividade, iniciamos da seguinte maneira: “O que vai acontecer agora, vocês vão desenhar para mim **o que na vida de vocês, como se fosse o caminho de vocês, mas o que tem nesse caminho de vocês que é relacionado ao tema de pesquisa. Eu escolhi o esporte porquê? O que tem na minha vida que me fez escolher está temática?** É como se você desenhasse momentos de sua vida que te fizeram escolher esse tema. Ai, se você disser “Ah! Eu não escolhi esse tema porque eu quis” ou “Foi necessidade”, daí vocês colocam para mim em desenho o que foi isso, se tem algo relacionado com a vida de vocês. Fiz esta colocação porque alguns quando iniciei a explicação já murmuraram que não tinham escolhido, que tinha sido proposto pela professora. O Ari perguntou se podia desenhar e colocar em cima dos mesmos os seus significados. Eu disse que não por que a atividade ia ter um momento de fala dos desenhos. O mesmo novamente perguntou: “Mas Tianny deixa eu tirar uma dúvida o tema, a gente escolheu por causa que... Uma pausa que foi completada pela Eletríka que disse “ A gente só escolheu porque era no Castelão e era perto, a única atividade que tinha assim. ” Retomei com a seguinte pergunta: “O esporte tem alguma coisa a ver com sua vida? O lazer tem alguma coisa a ver com sua vida?”. Ela me responde: “Quando eu arrumo a casa eu escuto som, só isso.” Finaliza rindo e com olhar de que não há mais nada que possa relacionar. Então, volto a lhe indagar “O que você acha que é o esporte? O que você acha que é o lazer? O que disso tem na sua vida. E isso não precisa ser somente de agora, pode ser a mais tempo”. Ela diz: “Nunca pensei!” O Ari complementa dizendo: “Tia a gente escolheu o tema por precisão, mas tem um grande significado para mim. Pelo menos pra mim tem”. Então, refiz a pergunta da seguinte maneira: “**O que vocês trazem de bagagem na vida que poderia justificar a escolha por este tema?** “Percebo que nesse instante se instalam dúvidas não por não entenderem, mas por não conseguirem relacionar o tema a sua vida. Após alguns minutos percebo que ainda há muita dúvida então, volto a perguntar da seguinte maneira: “**O que na minha vida poderia justificar a escolha do meu tema?** Porque o tema ele geralmente é uma coisa que me desperta interesse. Se desperta interesse é porque tenho alguma coisa relativo a esse tema e gostaria de pesquisar mais, ou então, não tem e estava com vontade de descobrir mais sobre isso. Alguns voltaram a perguntar se podiam desenhar e escrever, respondi que o ideal seria desenhar, mas que poderia.

Como eles chegaram e foram me fazendo conversando comigo sobre assuntos diversos e sobre a pesquisa enquanto organizava o material acabei não utilizando a música

para sensibilização da turma. Acabei utilizando elas enquanto eles faziam seus desenhos. No entanto, acabei colocando uma música para prática de meditação, então soaram alguns burburinhos e risos contidos, mas sem conseguir captá-los, então tornei as músicas previstas na pesquisa “A estrada” do Charlie Brown Jr (Pop Rock), “Escola da vida” do Black Style (Pagode) e “A vida é um desafio” dos Racionais MC’s (Hip Hop/ Rap). Ari brincou com o início da segunda música identificando-a com uma música do Programa Big Brother Brasil “Se você soubesse que você é”. Quando coloquei Racionais MC’s quase que em um uníssono caras de espanto surgiram. Então, Majú me perguntou: “Ai, a senhora conhece essa música essa música?”. Nesta pesquisa haviam dois rapazes muito calados, mas que quando ouviram esta música começaram a cantar e a desenhar como se tivessem conseguido se sentir fazendo parte do processo embora a Elétrika tenha demonstrado em alto e bom som que para ela era “u O”. Esta música me fez sentir integrada a eles, pois também me identifico com a mesma. A música favoreceu nosso entrelaçamento. Como a lista de músicas era fixa retomou a música inicial de meditação, então, logo escutei de Majú dizendo “A intenção é fazer a gente chorar?”. Digo que não, que este tipo de música é para relaxar. Falo que na frente dos desenhos eles coloquem um nome fictício para aparecer na pesquisa, que era de livre escolha. Flor de Liz logo me pergunta: “Tá bom professora?”, remetendo-se ao nome escolhido por ela. Digo que “Não é tá bom, é o que você escolher. Se você quiser ser chamada de ar-condicionado tanto faz.”

Nossa disposição na sala, em círculo, reposiciono os gravadores um ficando ao meio do círculo e outro sempre com aquele que está falando no momento. Alguns acham ruim e ficam receosos, mas aceitam. Elétrika com sua ampla ansiedade diz que não entendeu o que é pra fazer e digo que: **“Você vai me dizer o que você desenhou, não interessa o que seja.”** Pergunto quem vai querer começar e como sempre ficam colocando para os outros, dificilmente para si. Eles incrivelmente dizem a ordem que querem apresentar, sempre se retirando das primeiras posições. Neste movimento incessante investigador digo: “Agora vocês vão mostrar o desenho para todo mundo e dizer o que foi que veio nesse desenho, **por que você desenhou ele?**”

**Rosa** inicia falando sobre seu desenho (00:32:57): “O meu desenho representa o lazer aqui é uma bola, aqui era pra ser um balançador.” E então, ela para, quase que sem volta. Então digo “Fala um pouquinho mais do seu desenho. Eu sei que seu tema é lazer, mas minha pergunta é assim: **o que você traz da sua vida para você ter feito a escolha por esse tema?** Quase que não me deixa concluir a frase e responde “Porque na minha infância eu brincava de



tudo isso. Isso tudo eu brinquei na minha infância (ela se remetia ao balançador, escorregador e a bola). Perguntei se ela brincava com um meninozinho pois havia no desenho e ela diz que ele é “Como se fosse um menino de rua, aqueles que ficam brincando de bola na rua.” Você brincava também? Ela diz que sim, sucintamente.

Posteriormente, **Flor de Liz** percebi que Rosa não vai falar mais nada e começa dizendo “Deixa eu falar logo pra me livrar disso.” E continua, “Aqui está representando eu, a menina aqui conforme apontara, aqui uma caixa de som, não sei se dá pra entender, aqui o símbolo da música. E aqui é um caminho, como você disse que era pra fazer tipo um caminho. E quando eu era pequena queria ser dançarina profissional (riu levemente como se ficasse envergonhada por falar algo absurdo), e eu já participei de dança entendeu? Isso era na escola municipal, depois parou de ter as aulas de dança e como eu não tinha dinheiro, condições financeiras para pagar eu desisti. Nunca mais procurei nada. Mas eu continuo gostando muito de dança. Só que agora por diversão. Lazer porque eu gosto de música. Lá no Castelão tem a Zumba e de vez em quando eu vou, porque eu gosto. E é isso. E, também, outra coisa, eu escolhi esse tema pra poder pesquisar e saber sobre as áreas de lazer que tinha nos bairros para poder usufruir delas. Daí pergunto: Você não tinha noção do que tinha na sua comunidade? Ela responde: “Depois da pesquisa deu pra conhecer mais.” Além desse projeto outros também? Ela balança a cabeça afirmativamente.

O **Ari** pediu a vez, mas fica demonstrando insegurança da sua fala por conta do gravador quando diz “Deixa eu respirar.” Percebendo isto digo a ele que a gravação quem vai ouvir sou eu e que haverá recortes caso seja necessário. Então, ele se encoraja e inicia. “Tá aqui o meu desenho né? AH, meu nome é Ari, todo mundo sabe. Só que esse desenho representa muito pra mim. Que foi na época da minha infância. E todas as coisas tem um significado grande pra mim. Eu coloquei o nome dúvida porque eu tinha muita dúvida do que o mundo era, do que ele podia possibilitar pra mim e do que não podia, os benefícios e malefícios. E esse preso aqui significa pra mim que na época que eu era muito pequeno eu vivia na escuridão aonde eu não me aceitava, mas não me aceitava em relação a gênero ou sexo, mas sim com meu corpo. E aqui foi uma parada (de ônibus) que eu fazia reforço lá no Ari de Sá, tinha uma parada onde todos os meninos que faziam reforço pagavam a mensalidade e eles entravam dentro do ônibus e nesse ônibus eu não falava com ninguém. Porque eu tinha muita vergonha. Eu era muito antissocial, não parece, mas eu era. Eu sentava na primeira cadeira e toda vez que eu descia, eu escutava um comentário, que é isso que eu coloquei como censura, comentário como gordo, como apelidos né? Que eu nem gosto de

lembrar. Toda vida no caminho eu pensava que tinha que emagrecer. E outra que mesmo você sendo gordinho, ou você sendo gay, ou você sendo alto, magro eu achava que... Eu pensava, eu penso até hoje que todo mundo tem que ser seu ideal e que nada pode interferir na sua vida pessoal, profissional, a gente tem que viver nossa vida como a gente é, não ligando para comentários. E essa estrelinha aqui na minha cabeça, todo dia que tô em casa que eu sou uma pessoa que tem muitas metas. Minha meta é ser reconhecido, minha meta é poder trabalhar num lugar que eu me sinta bem, eu quero trabalhar não só para ter o dinheirinho pra pagar minhas contas, não. Essas estrelinhas me lembram o que? Sucesso, maturidade, crescimento, evolução e esse é o meu desenho que murmurando, quando eu era muito pequeno sofria bullying, meu peso não era medido na medida certa da minha altura e eu ficava muito apreensivo com isso”.

Eu resolvo indagá-lo: **Qual a relação desse caminho que você descreve com sua temática de pesquisa?** Que responde: “Quando a gente sentou para escolher a temática da pesquisa a gente falou diversos temas aí a gente parou na Zumba. E a Zumba pra mim, ela é uma atividade física aonde proporciona benefícios que é o emagrecimento. Na minha cabeça quando eu estava fazendo o questionário uma das perguntas que fiz, foi que se a Zumba ela atividade física cuidava tanto do físico como do psicológico e é o que me limita muito entendeu? Porque não só com seu corpo é com seu psicológico, o modo de pensar e quando eu emagreci eu falei que eu emagreci não por mim, mas pelos outros porque eu era muito rotulado e isso ficava isso na minha cabeça. Só que hoje em dia não, sou muito saudável graças a Deus e eu perdi de uma maneira extraordinária, onde eu posso crescer e a pessoa que tá deixando pra baixo ainda pode precisar de mim, então, é por isso que penso assim, tão alto assim”. Gerou um certo interesse de minha parte então perguntei: No resultado da sua pesquisa você viu a contribuição psicológica? Ele diz: “Sim. Demais. Tanto meu relato com o das pessoas que praticavam a Zumba foi bom, tipo as respostas que a gente recebeu.” Todos os estudantes se mantem parcialmente atentos ao que outro diz, no entanto com este desabafo do Ari todos ficaram com atenção redobrada e pensativa. Houve um certo silêncio.

Por conseguinte, **Majú** inicia seu relato dizendo que tinha escolhido esse nome para si por que disse gostar da “Maria Júlia Coutinho, a garota do tempo do Jornal Nacional da Rede de televisão Globo”. Então ela continua de forma alegre narrando: “Tentei ser desenhista, mas não deu certo. Aqui era quando eu era criança. Aqui é uma criancinha gorda que vivia comendo coxinha e coca-cola. Eu gostava do Cheppitos (uma lanchonete), aí, um belo dia começou a vir um som. Foi a Zumba. Olha, a gata ficou só a tripa. Engordou de

novo, mas de vez em quando dá uma dançadinha e fica coisada. Incitando-a perguntei: “Você só enxerga a Zumba como atividade de lazer ” Responde: “Não tinha tia, tem vários meios. “Volto a perguntar: Mas na sua vida? Ela retorne dizendo “Minha vida é a Zumba ou não. Eu gosto demais da Zumba. Meu Deus, que é isso? Buscando formas dela interagir mais perguntei: “Agora você vê a Zumba, mas existiam algumas outras atividades que você fez no decorrer da sua vida que te fez parar de comer coxinha? Responde: “Não tia. Porque eu via minhas amigas só a tripinha e eu tinha que ser só a tripinha. Torno a indaga-la: A escolha do tema pra ti foi por qual motivo? Responde: Porque eu achei interessante Zumba para os idosos. Quando eu ficar velha, quero fazer Zumba pra ficar magra e ter saúde. Retomo a perguntar: **“Porque a escolha os idosos?”** Responde: Porque a Zumba é mais para idosos. Mas tem gente jovem fazendo. Torno a perguntar: Mas vocês poderiam ter escolhido gente mais nova e acabaram escolhendo os idosos. Você acha que os idosos precisam mais? Ela sucintamente diz: Porque o jovem pode fazer academia, tem mais disposição e o idoso não. Também depende das condições financeiras da pessoa. Às vezes, a pessoa que não tem condição vai para uma Zumba que é grátis”.

Dando continuidade, **Lúcia** fala sobre seu desenho: “Eu desenhei um caminho com duas plaquinhas, qualidade de vida e sedentarismo. O caminho que escolhi foi qualidade de vida, o lazer. A gente escolheu esse tema mais por ser uma área bem próxima da gente, porque no Barroso/Castelão a área que a gente pegou, o foco lá é mais lazer na comunidade. Eu desenhei uma bicicleta, um peso, uma bola de vôlei, que eu jogo vôlei, futebol que eu já joguei e basquete que eu ainda vou jogar, só não sei quando ainda. A busca do tema foi pela qualidade de vida da comunidade. Tanto idosos, crianças e adolescentes.

O próximo a descrever seu desenho, foi **Muleke**: “Eu desenhei um campo e o lago. Lago Jacaréí”. Por ser muito sucinto na descrição pergunto o motivo de ter feito aquele desenho e me responde: “Porque eu gosto tanto de futebol, como gosto de ir para o Lago”. Torno a perguntar sobre atividade de lazer se é importante para ele que me diz: “Sim”. Então, pergunto o motivo da escolha do tema e me responde quase que como uma brisa num dia quente, quase inexistente: “Porque eu gosto mesmo”. Incluo mais indagações: O que mais você faz que tem relação com o lazer? Um silêncio toma conta. Então, buscando amenizar essa falta de resposta busco interagir de forma mais aberta então, pergunto: Você sempre morou no Lago Jacaréí? Diz: “Não, moro perto”. Percebo que ele não quer interagir e cesso minhas perguntas que buscavam de certa forma um diálogo, mas que não logrou êxito.

Achando que ele poderia falar mais quando seu colega de pesquisa estivesse descrevendo seu desenho passei para o mesmo, o **Gabiru Alado**. Que disse: “Eu desenhei uma pracinha por causa do tema de lazer. Este tema a gente escolheu também mais pelo acaso, porque eu mudei de grupo faltando duas semanas para poder apresentar o trabalho. Aí foi, a gente acabou fazendo o trabalho, deu certo lá. Só que aí o tema ficou um pouco meio ... Ficou centrado na Cidade dos Funcionários por ser um lugar conhecido que tinha mais coisas pra falar. A gente acabou escolhendo lá. Pergunto: Qual a sua relação pessoal com o tema? Isso aqui é parecido com a praça do condomínio. A gente se encontra lá pra falar besteira, a gente joga muita bola lá no condomínio, o restante é mais coisa do meu dia-a-dia.

Neste instante sinto que era necessário ampliar os questionamentos fazendo eles falarem mais livremente já que eles não conseguiram interagir no primeiro momento. Então, faço uma pergunta geral: **“Vocês acham que a atividade física e o esporte é algo presente na vida dos jovens”?** Neste momento todos quiseram responder ao mesmo tempo. Um uníssono de grande parte deles disse sim, mas a Elétrika disse: “Mais ou menos. Porque quando a gente quer que os jovens dancem eles são muito presos”. Ari fala: “Mas uma coisa é lazer outra coisa é você ser um pouco tímido ou gordinho”. Elétrika retoma: “Mas tem jovem que é sedentário”. Flor de Liz amplia o diálogo: “Mas lazer não é só esporte e atividade física não.” Elétrika diz: “Mas ela falou atividade física, eu ouvi.” Isso gerou uma confusão entre eles. Flor de Liz retoma dizendo: “Comer pizza é um lazer. Se você faz com prazer”. Busco organizar a ideia deles dizendo: **“Quando eu trago o lazer para a atividade física e para o esporte, isso é algo presente na vida dos jovens”?** Ari tira sua dúvida: “A senhora tá falando em que aspecto”? Falo de modo geral, na vida e no jogo, no contexto dos jovens. Lúcia diz que: “Atualmente acho que não, por conta do celular”. Nessa hora alguns se espantaram com a afirmação, ecoando pela sala um ‘ã’? E Lúcia continua: “Na parte física não, mas lazer sim. Se encontrar com os amigos na pracinha como ele disse que acontecem, mas prática de esporte não, só os quem faz academia mesmo”.

Ampliando mais ainda o diálogo, pergunto: **“E isso dentro da escola, como vocês enxergam”?** Ari diz: “Negativo dentro da escola”. Elétrika diz: “A gente nem tem quadra na escola”. Ele retoma dizendo: “A questão não é só tipo ‘Ah, não temos quadra’ entendeu? A questão é, eu acho que a escola ela deve ser um meio aonde deve incentivar (auxílio de Lúcia para o uso dessa palavra) e mostrar como gente deve agir perante a sociedade. Porque é um lugar aonde a gente aprende, estuda novos conhecimentos...”. Lúcia fala após cortar seu colega diz: “A gente não tem muito incentivo. Tipo projetos que

envolvam o esporte, essas coisas”. Majú não deixa a colega completar seu raciocínio e diz: “Tipo a quadra quebrou e pronto. Quebrou a quadra não tem mais nem esporte”. Ari sufocando a voz de Majú diz: “Tanto a parte teórica como a prática, eu acho que tanto na parte teórica como na prática é super bom a gente mostrar nosso conhecimento e nosso ideal. Acho que tanto nosso conhecimento físico como nosso conhecimento psicológico é super arrojado (00:49:52) se a gente tivesse esse desempenho essa vontade”. Majú retoma a palavra: “O professor também tem criatividade. A Luíza (nome fictício dado pela pesquisadora) ela só fala aula com slide. Não tem um dia assim que a gente, possa ir pra pracinha né? E eles não conseguem fechar um raciocínio.

Daí entra, Flor de Liz dizendo: “Mas também eu acho que é desinteresse dos alunos, quando tinha aula de Educação Física as meninas não queriam jogar futebol. Aí, os meninos não queriam jogar vôlei. Ai, tem aquele desinteresse. E já vi que teve algumas aulas de violão e de canto no dia de sábado aqui, isso é lazer, pelo menos ao meu ver”. Majú acrescenta: “Quando era de manhã era pro pessoal da manhã vir a tarde, e ninguém queria”. Antes mesmo de fechar o raciocínio Elétrika fala: “Diz aí amiga e quem não tem o dinheiro da passagem”. Na mesma hora Flor de Liz corrobora: “Aí, lasca”! E Majú acrescenta: “E quem paga inteira”? Achando que eles tinham fechado sua resposta Flor de Liz mesmo após compreender que existem fatores negativos que atrapalhem a motivação dos estudantes ela volta a falar: “Mas eu também acho que é desinteresse dos alunos”.

Ari não deixa ela concluir e continua: “É. Acho que do mesmo jeito que a gente tem que uma pessoa acima de nós que pode trazer benefícios bons isso que é o governo, a gente pode Com os resultados que vocês tiveram, com o conhecimento que vocês ganharam, o que vocês fariam com isso”? também querer se ajudar. Porque tipo assim aprendi desde pequeno que se a gente quer a gente também tem que fazer por onde. Eu já vi inúmeras vezes alunos da escola danificando alguma coisa da escola que não é só da escola, mas nossa também. Mas eu acho que se a gente quer a gente tem que fazer por onde, entendeu? Não tipo... Como assim Ari? Ajudando a escola a ficar mais organizada e mais limpa. Porque quando você chega no banheiro da escola da vontade de voltar. Tem alguns colegas que se juntam e cuidam da escola”. Elétrika brinca dizendo: “Mas eu não vou lavar banheiro da escola”. Ele reafirma: “Dá certo sim. Porque se você convive se você utiliza disso, você com certeza é pra você cuidar”. Lúcia retomando sua fala sobre lazer diz: “Mais focando no lazer também é... Antigamente, que agora não tem mais esses projetos. Na escola tinha projetos de

fazer uma horta, eles faziam mais passeios, é... aula de campo, essas coisas”. Majú acrescenta: “Fizeram um passeio para o terceiro ano e quem disse que nós fomos convidados?”

Retomo a palavra e pergunto: **“Tudo bem! Vocês estão no 2º ano e ganham autonomia para fazer uma ação de pesquisa, qual foi a ação de pesquisa de vocês?”** Flor de Liz responde dizendo que “É no 3º ano, aqui na escola”. Amplio minha pergunta buscando reflexões possíveis para eles então, pergunto: **“O que vocês fariam com os dados que vocês têm?”** Ari prontamente responde: “Eu tentaria agregar o máximo de pessoas para fazer uma mudança. Pergunto: “No caso, na pesquisa de vocês o que seria essa mudança, já que o tema é Zumba para idosos”? Ari de forma pausada responde como se estivesse ainda formulando em si uma possibilidade: “Eu acho que a união... Porque a gente percebe muito que na aula de Zumba sempre tem aquelas pessoas mais cheinhas ou mais magrinhas e tem aquelas pessoas que riem disso, isso é uma coisa que me toca muito pelo fato do que eu já vivi, né? Acho que a união seria um meio que aonde poderia dar certo”.

Então, como forma de chamar aqueles dois rapazes para o diálogo já que até então, se mostraram bons ouvintes, perguntei para Muleke e Gabiru Alado: “E vocês meninos com relação ao trabalho de vocês, se vocês pensaram numa ação pra comunidade com os dados que vocês coletaram, o que vocês fariam com isso? Porque a ação ela é pra conscientizar as pessoas de alguma coisa de algo que eu gostaria de mostrar. Qual a contribuição do trabalho de vocês meninos? O que vocês acham”? Eles compreenderam, mas até então, não tinham nada como resposta. Então, digo: “Mesmo que agora você fique ‘Aí, eu não sei o que dizer’, mas vá pensando”. Como forma de ajudar a perceberem, o que para mim parecia ser obvio, perguntei sobre seu trabalho afim de dar mais subsídios para sua formulação de resposta: “Quais foram os resultados do teu trabalho”? Então, o Gabiru Alado diz: “A gente ressaltou que o Lago é um local muito bonito, mas que muita... pouca gente conhece. É um local meio escondido que é meio entre Cidade dos Funcionários e o Cambeba. Muito pouca gente só ouve falar, mas não sabe onde é. É um local muito bonito só que o Lago é muito poluído, tem muito esgoto clandestino, a gente pesquisou, a gente viu. Muitas vezes os peixes morrem, a gente passa e vê os peixes boiando”. Então, o indago novamente: “Qual a contribuição do seu trabalho para as pessoas”? Ele responde: “As pessoas se conscientizarem”. E seu colega Muleke acrescenta “De limpar o Lago”. Por conta da informação sobre os peixes boiando o grupo caiu em gargalhadas impossibilitando um melhor diálogo, então, como forma de trazê-los para o contexto novamente, pergunto que tipo de público que frequenta o Lago e Majú responde: “Acho que todo tipo de pessoa”. Gabiru fala:

“Pessoas de todas as idades”. Majú amplia dizendo: “Toda hora que você for lá, tem idoso correndo, tem criança, tem...” Busco trazer Lúcia para falar mais do trabalho do seu grupo e ela diz: “Nossos resultados foram bem positivos, mas é ... teve alguns negativos também, a parte mais dos jovens, eles não usufruem muito... agente focou mais no Barroso, porque lá as áreas de lazer são maiores. E lá os jovens não usufruem muito, mas onde a gente mora, eu e a Flor de Liz, não. Se a gente fosse para ação a gente poderia fazer um projeto junto com a comunidade, num sei... para trazer mais obras (00:56:17)... a comunidade mesmo pra rua, porque tem a questão da segurança.

Passo agora para a **segunda etapa do roteiro de pesquisa**, onde os jovens são convidados a olhar para as fotos que eles produziram falando como será o processo de contemplação e diálogo sobre as mesmas, “O processo é assim: o grupo que tirou a foto ele não fala nada. **Quem vai falar primeiro são sobre o que elas percebem sobre as fotos, certo?** Inicia o primeiro grupo composto pelo Ari, Maju, Elétrika e Gabiru Alado mostrando suas fotos. Vários comentários surgem: “É desinteresse puro aí” (Lúcia), “Nesta foto parece que eles não estão levando tão a sério”! (Flor de Liz), “Parecem que estão debatendo” (Lúcia), “Tianny, pode rir porque ele tá feliz com o trabalho” (Elétrika) “Vamos dividir o trabalho!” (Lúcia).

Pergunto como forma de trazê-los para uma síntese: “O que vocês acham dessas fotos deles? O que significa para vocês”? Então, Flor de Liz sintetiza: “No começo não tinha interesse ficava brincando, dormindo, com celular e na segunda, só rindo, felizes, pois eles viram que o Núcleo não era tão chato quanto eles pensavam”. Todos gostaram da resposta que ela deu.

E assim passamos para a significação dada pelo próprio grupo para suas fotos, Ari analisa: “A primeira foto a gente quis basear como era uma matéria nova, pensou em ‘Ah, mais trabalho! Não gostei’. Elétrika acrescenta: “A professora também não favorecia”. Ele retoma: “Uma coisa monótona”. Elétrika remetendo-se a semana que dei aula para eles diz: “Ai, aparece a Tianny, aí a gente fica feliz”. Ele insistentemente retoma a palavra: “A primeira foto quis dizer que a gente não tava com interesse na matéria, que a gente não achava benefício do núcleo quando falaram pra gente, só que transmitiu uma coisa totalmente diferente. A gente pode interagir, ter outras ideias. Majú complementa: “A gente nem sabia que existia Núcleo, nem TIC. E como ele disse né? Pensava ser uma coisa chata, mas é bem legal. Faz a gente ter novos coleguinhas ou arranjar novos inimigos”. Aprender a resiliência (É a cara da Célia!). Lúcia traz esta palavra por ser bastante utilizada por sua professora.

Após cessarmos os comentários e um silêncio começar a invadir o espaço, chamo-o o segundo grupo para ficar calado enquanto o primeiro grupo contempla e reflete sobre as possíveis significações das fotos produzidas. As frases, como sempre, vêm num turbilhão referente a primeira foto (01:06:35): “Ai que aula chata!” (Majú), “Ela não tava nem aí para a matéria. Achava a matéria muito tosca”, “Ai que matéria chata!” (Majú), “Ela tá focada no celular” (Ari). Agora com relação a segunda foto, “As provas estão chegando a gente tem que estudar” (Elétrika), “A segunda mostra o interesse delas e na primeira elas não tinham interesse estavam só esperando a mensagem do boy” (Ari). Pergunto a eles se eles percebem mudança e eles afirmam que sim de forma tão uníssona que ficou difícil distinguir quem falou, mas pela força da resposta percebe-se que há uma mudança Elétrika diz: “Aí, é no começo do semestre, no primeiro dia de aula, a outra é quando as provas estavam começando, estuda, estuda, estuda...”

O grupo falando sobre o que significava suas fotos (01:07:23): “A primeira foto é o desinteresse né? Porque na hora da aula ninguém presta atenção, fica mexendo no celular” (Lúcia). Pergunto se isso é recorrente? Responde: “Não, no começo, antes da gente conhecer a matéria” (Lúcia). A gente perguntava ‘Ah! Núcleo? O que diabéisso? Pra que que isso vai servir para nossa vida? Nada. É inútil. A gente vai perder tempo aqui” (Flor de Liz). E como num passe de mágica Rosa é tocada e enfim, sai de sua reclusão ao diálogo e diz: “Achava que era só mais trabalho pra gente fazer, pra atrapalhar...” (Rosa). Flor de Liz retoma: “E principalmente no começo a gente só lia aquela apostila, tem texto ou a gente fazia um desenho, então, no começo pra gente era só besteira. Não tinha importância, só que depois a gente aprendeu coisas novas, conceitos. Eu pelo menos aprendi a ser mais comunicativa, aprendi até a usar e-mail, eu não usava e aprendi com a Célia. Aprendi o que é resiliência”. Aqui os colegas riem demonstrando novamente o quanto era algo marcante da referida professora. Então pergunto (01:08:22): “O que é resiliência”? Ficam rindo sem responder a pergunta e retornam a falar sobre os benefícios que eles percebem, Lúcia diz: “Aprender a fazer trabalho científico” e Flor de Liz completamente: “Aprender a ter mais senso crítico né? A ver as coisas diferentes. Aprender a fazer trabalho científico. Aprender a trabalhar em equipe também”.

Para ampliar minha percepção acerca de suas experiências pergunto (01:08:39): **“Qual o maior desafio de vocês no Núcleo”?** Eles respondem em forma de eco após Elétrika ter dito que eram os trabalhos. Pergunto o motivo, Muleke diz: “Porque é complicado”. Ari acrescenta: “O Núcleo serviu muito bom, porque a gente faz um trabalho tipo... Antes a gente



era acostumado... pelo menos eu fazia trabalho numa folha de ofício e colocava trabalho de tanranram. O núcleo ele é mais profundo tem introdução, sumário, objetivo, conclusão. É uma coisa muito profunda”. Você tem dificuldade só na primeira vez depois não tanto... (Flor de Liz).

Pergunto se **todos fizeram Núcleo no 1º ano** e eles respondem que sim. E busco saber também se **isso facilitou quando chegaram no 2º ano** e eles respondem que sim. Continuo minha investigação pois sinto que eles juntamente comigo perderam a noção do tempo e do espaço já que eram mais de 12:00h e muitos já estariam em casa há bastante tempo pois após as provas poderiam ir embora, já que muitos terminaram em menos de uma hora a mesma. Não cansando de saber mais a respeito, pergunto: **“O que foi mais difícil no 2º ano”?** “Foi apresentar de novo” (Elétrika) Insisto: “Apresentar ou fazer tudo de novo”? Ela diz: “Fazer tudo de novo. Porque a gente nem fica mais ansioso quando vai apresentar”. “Não, eu acho que é a evolução do trabalho” (Ari);

“O processo de fazer o trabalho é fácil, mas a parte de apresentar... O mais difícil mesmo foi por ter sido na comunidade. Pela gente ter que ir aplicar o questionário, elaborar tudo. Teve ajuda do professor orientador, mas a gente tem mais carga de trabalho, hoje em dia. Tem que aplicar questionário e apresentar o trabalho. Só isso. E tem o nervosismo também” (Lúcia). Vale lembrar, que essa jovem chorou em sua apresentação na Feira NTPPS. Pergunto ao restante: “Para você o que foi mais difícil”? As respostas foram sucintas: “Apresentar” (Muleke); “Apresentar também” (Flor de Liz).

Volto a perguntar: “O que mais meninas? O que foi mais difícil neste ano para vocês? Alguns relatos acontecem: “Entrevistar as pessoas” (Ari); “Difícil foi tá com a gente... porque a gente ter que fazer com o pessoal que mora perto da gente” (Elétrika) e acrescentando ao que foi dito Majú diz: “Conviver com o pessoal do nosso grupo porque a gente já tem um grupinho formado. Aí a gente não tinha muita afinidade como pessoal que mora no nosso bairro” (Majú); “Aí nem deu certo nem deu certo no primeiro momento não é Lúcia? Porque não deu certo com as pessoas que a gente tava se relacionando no grupo, que a gente nem se conhecia direito (Elétrika) e conclusivamente Majú diz: “Apesar de ser na mesma escola”.

Buscando encontrar aspectos positivos pergunto: **“Tem alguma coisa prazerosa, muito legal no Núcleo”?** “Quando a gente termina e vê nossa nota linda e maravilhosa” (Elétrika) “O fato de ajudar nas outras matérias e, também uma coisa que gosto muito que é o momento que a gente faz o círculo e fica todo mundo frente a frente, é um momento onde a

gente conversa, interage com todo mundo. Eu acho legal” (Flor de Liz) “É onde todo mundo ouve a opinião de todo mundo” (Majú); “Ajuda a conhecer mais quem a gente não tem afinidade né?” (Elétrika); “Mesmo que uns não gostem dos outros (Flor de Liz); “Eu gosto muito das duas coisas o entretenimento, a gente escuta a opinião das pessoas. E ... eu adoro trabalho oral” (Ari); “Adoro quando a professora diz ‘Vamos formar um círculo’ (Flor de Liz). Neste momento Ari fala tão alto que impede que a escute, no entanto, ela fala positivamente sobre resiliência e peço-a para me explicar o que significa, Flor de Liz prontamente responde: “É a capacidade de passar por problemas e se recuperar rápido”.

Passando agora para **terceira parte do roteiro de pesquisa**, eles percebem que o tempo passou e ficam ansiosos para terminar a atividade então, peço-os para “Esta é a última coisa que peço a vocês e praticamente a mais importante de todas. Para vocês escreverem uma carta para o secretário de Educação do Ceará pedindo a ele ou dizendo a ele o que vocês gostariam no ensino médio, para que a escola de vocês tivesse a cara da juventude. Daí iniciam os comentários: “A senhora acha que ele vai ler Tia? (tom de deboche)” (Ari); “Duvido” (Elétrika). “Quantas linhas professora?” (Majú). “A senhora vai entregar a ele? A senhora conhece ele” (Rosa). Nesse momento eles tagarelam sobre tirar professor, deixar professor, sobre a forma como vão se portar ao secretário. Brincam com a possibilidade de colocar fogo na escola e dizem que podem ser “expulsos por justa causa” se mostrarem tal desejo.

Totalizou gravação: 01:28:32.

## **ANEXO F - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM G03**

**GRUPO 03 (WSC - TARDE):** temas de trabalho e representantes (codinomes na pesquisa):

1. Conhecendo o movimento de arte urbana na Cidade dos Funcionários

Representantes: JB, Ane e Jane.

2. Projetos Sociais: ritmos e movimentos

Representantes: Valente.

### **GRUPO ORGANIZADO PARA ATIVIDADES DA ENTREVISTA:**

**G1** – JB, Ane, Jane e Valente.

**ENCONTRO:** realizado dia 03 de fevereiro de 2017, as 16:25h após o termino das provas.

O caminho percorrido com este grupo seguiu os passos do roteiro utilizado para execução da entrevista em grupo com seus três eixos de ação. Comecei falando sobre a entrevista o uso do gravador de voz e a necessidade da transcrição, explicação do uso do pseudônimo para as atividades. A sala fica organizada com cadeiras formando um círculo com número exato de estudantes participantes e com uma mesa no meio para colocar folhas, lápis e gravadores, além de facilitar o envolvimento de todos.

Explicação da atividade da foto. Observação: a câmera descarregou, a menor. Este grupo de pesquisa foram convidados três grupos, de trabalho, no entanto, somente dois apareceram.

No primeiro momento ao explicar a atividade surgem alguns comentários, quase que de forma espontânea: “Caraca velho! Como eu entrei no Núcleo? Interessado. Como eu terminei? Com raiva porque é muita coisa cara (risos)”. E Ane não concorda dizendo: “Não. Eu acho que o Núcleo ajudou a gente em muita coisa”. Ele torna a concluir sua frase: “Ajudar, ajuda. Mas é muita coisa. Enche o saco demais. Em casa você fica ‘Tem que entregar não sei o que, não sei o que’ a gente aprende, a gente aprende muita coisa, mas é trabalho demais. Deus me livre! Pra quem quer ser jornalista, o Núcleo é perfeito”. Indago-o sobre porque jornalista? Daí ele responde: “Porque trabalha com pesquisa, com questionário, entrevista, apresentação”. Com isso eu digo: “Mas eu trabalho com pesquisa”. Então, ele continua meio desconcertado pela verdade que lhe revelara: “Mas jornalista precisa mais dessas coisas”. Assim quem o escutava acabava falando o que achava, resolvi deixar fluir.

Passaram algum tempo tentando decidir como seriam as fotos, pois alguns não se sentiam a vontade para sair na mesma. Até que intervi dizendo que poderiam fazer uma foto do antes e depois para o grupo e não precisava ser o grupo inteiro na foto. Na timidez ficaram

sem saber o que fazer. Então, Valente diz: “Ano passado eu já tinha gostado. E esse ano não fiquei tão interessada devido a troca de professoras. Aí, isso foi incentivante e tal”, JB acrescenta: “Ficou confuso demais. A Célia já estava terminando”, Ane diz: “Sem falar nos trabalhos. Que teve muitos trabalhos”. JB ainda pensativo a respeito da tarefa diz: “A gente entrou curioso. Quando a gente saiu, saiu com um pouco de noção, de conhecimento. Já tem uma base para pesquisa, questionário, essas coisas. Ai como vai ser as fotos?”, ainda assim não sabia como concretizar tais palavras numa foto. Então, Jane diz: “Bem. Eu achei bem interessante no começo porque ajuda nas outras matérias. O Núcleo ensina o que as outras matérias não ensinam”. Pergunto **quais são essas coisas?** E ela diz: “Tipo, sobre nossa própria identidade esse tipo de coisa”. Ampliando a fala dela JB diz: “No primeiro ano foca mais na gente”. Buscando saber mais pergunto: **Tem alguma atividade eu vocês gostaram mais?** Valente diz: “A da identidade, da gente se autoconhecer. Teve uma brincadeira que eu não sei quem foi que fez. Acho que foi tú. A gente ficou cada um no seu lugar e aí a gente foi conhecendo, tu falava uma coisa que era ou tinha preconceito e tal e cada um ia pra frente. Eu conheci coisas das pessoas que eu estudo desde o ano passado e não sabia”.

Na busca de fazê-los responder, por meio das fotos, já que adentraram direto no diálogo digo a eles “Então, mãos à obra. **Como eu me sinto quando entro no Núcleo? Como eu sinto quando termina o Núcleo?**”. Assim os comentários vão aparecendo, Ane e JB comungam da mesma palavra curiosidade, ele pergunta para ela: “Uma foto que expresse curiosidade? Ainda pensativos percebo que dos quatro jovens três eram do mesmo grupo e pareciam não querer desfazê-lo, pois quando divide em duas duplas não sairão do lugar. Então, perguntei: “Vocês querem fazer uma foto para cada pergunta todos juntos? O que vocês querem? O que vocês acham”? Por um momento um silêncio se instalou. Eis que Valente com sua bravura sensível diz: “Como é dupla uma tira a foto de quando entrou e a outra pessoa de quando saiu”. Pedi que propusesse ao grupo. JB acabou concordando, mas parece ainda estar pensando na composição da foto e diz: “É melhor. Tipo quando a gente entra a gente demonstra curiosidade né? O que eu vejo de mais curiosidade em grafite, essas coisas que é a minha área, é isso aqui (Ele coloca a ponta superior do lápis em sua boca e faz uma cara de interrogação), curiosidade. Geralmente a pessoa morde a caneta quando entra”. Ane completa: “Ou então, aquele olhar de não entendi”. Valente acaba perguntando a eles: “E depois que tu aprendeu um monte de coisa?”, Percebo que há uma interação e que ali não existem dois grupos, mas um somente. Percebo muita timidez na dupla da Valente com a Jane. Então, digo que podem fazer um grupo só e que podem tirar a foto de alguém. Por livre

espontânea pressão Valente e JB resolvem fazer a foto. Ele auxiliou ela com sua timidez, riram bastante, não conseguiam se olhar sem rir, então dei alguns toques da dança para que eles pudessem se olhar sem se olharem de fato, marcando um lugar do rosto do outro que não fosse os olhos para olhar diretamente. Ane e Jane organizaram da melhor maneira que acharam para tirar a foto.

Achei necessário buscar uma síntese deles como era um grupo só e não íamos fazer aquele momento de um grupo fala enquanto o outro interpreta então, pergunto-os: **“O que vocês querem me dizer com estas fotos? Façam uma síntese do núcleo para vocês”**. Ane inicia: “O Núcleo que fazer com que a gente aprenda...” e Jane: “Tem que ter na escola”. Pergunto: **“O que seria o Núcleo para você em uma palavra”**? Ane diz: “Pra gente é essencial pra poder aprender mais de como é uma pesquisa dentro ou fora da escola, de como a gente tem que elaborar os conteúdos, essas coisas tudo”.

Após a foto, fomos para a **segunda etapa do processo do roteiro de pesquisa, os desenhos**. Pedi que escolhessem as folhas que quisessem para esta etapa. Enquanto isso, JB diz: “Vamos fazer o que? Tipo um prédio, de 3D? Eu queria ser arquiteto, mas tem que saber matemática e eu detesto matemática”. Início a explicação: “O que vou pedir para vocês fazerem nesta folha, prestem bem atenção. Para vocês me dizerem se estão entendendo ou não. **Quando vocês escolheram a pesquisa no macro campo esporte ou lazer, teve alguma afinidade, alguma coisa que vocês trazem da vida de vocês que podem representar o motivo que levou vocês a escolherem por este tema?** Então, mostrem nesse desenho o que tem na vida de vocês, o que vocês já fizeram que pode ter ajudado a escolherem a temática de pesquisa do Núcleo”.

Eles nunca conseguem pensar sem falar logo o que pensam. Então, Ane diz: “Eu é porque gosto muito de desenho. Porque acho bonito e tal. O que eles representam e tudo, mas o que inclui minha vida: nada”. JB tenta falar por Jane dizendo que o motivo dela ter feito o trabalho sobre grafite era pelo amor que sentia por ele. Ela fica mais envergonhada ainda. Ele conclui dizendo que é brincadeira”. Valente diz: “Queria saber desenhar!”. Fazer sentido para Janiele levou algum tempo. Fiz alguns questionamentos para fazê-la construir dentro de si um caminho possível, perguntei sobre seu interesse na temática, como ela enxergava o grafite, se no bairro havia, o que as pessoas de modo geral pensam, o que mudou na vida dela após ter feito a pesquisa sobre este tema, e como ela desenharia tudo aquilo que tinha me respondido naquele instante. Nesta gravação não foi possível captar devido as falas ininterruptas de Ane e JB. Enquanto isso, JB me pergunta: “A senhora está com tempo? Porque vai demorar. Eu

perdi a vontade de ir lá pra fora”. E acrescenta: “Porque a senhora não faz também professora?”. Naquele instante fico reflexiva, acho que não devo fazer. Mas em menos de um minuto digo a ele que me deu uma boa ideia. Penso em Freire e me sinto mais aprendiz que nunca. Então, começo a fazer o meu desenho.

E ele continua falando enquanto desenha: “Sabe o que eu aprendi no grafite? Cada risco é importante mesmo que pareça um nada. Quando eu faço isso aqui. Eu aprendi com minha prima. Ela me disse, que ela começava a riscar aí eu dizia ‘Tá ficando doida, só riscando papel?’ Ela riscava um risco pra cá, outro pra lá, era só um risco mesmo. Mas aí tú fica, ‘Tú é doido mãe!’ Fica riscando só na folha. Ai quando terminava aqueles riscos era cada coisa, era uma coisa diferente. Era massa ó!” Perdido em sua obra de arte me pergunta sem se quer olhar para mim, fazendo seus riscos “Qual foi a ideia que eu te dei professora?” E mesmo antes de dar minha resposta afirma: “Acho que vou voltar a fazer grafite mãe”.

Para ajudar-nos nesse processo de criação coloquei músicas, no entanto, quis mudar, senti necessidade de mudança. A música ali não estava para refletirmos sobre ela, mas para nos colocar num movimento interno, dinâmico, naquela sala fria e silenciosa. Coloquei “A vida é um desafio” dos Racionais MC’s (Hip Hop/ Rap nacional), “A estrada” do Charlie Brown Jr (Pop Rock) e “Happy” Pharrell Williams (Hip Hop/ Rap internacional). E como sempre, quando coloco a música dos Racionais MC’s, JB fica impressionado e diz: “Ela gosta de Racionais”. Continuamos a produção, e ele torna a falar. É tipo assim que eu me sinto quando eu grafito. Eu sinto que tem sempre alguém olhando assim pra mim, falando isso é um vagabundo. Isso tá errado. Isso aí é vandalismo. É vagabundagem. Muita hipocrisia no Brasil. É muita hipocrisia cara”. Ane fala comigo sobre desenhar e JB me pergunta sobre o seu desenho: “Tia está feio”? Sabendo ele que não estava e que ele era bom naquilo. E continua: “Antigamente, eu tinha raiva porque eu nunca sabia desenhar ó mãe. Eu tentava desenhar os desenhos dos outros. Eu dizia ‘Égua macho quero aprender muito a desenhar’. Mas tu sabe o que é o desenho da pessoa? Simplesmente o que ela pensa. É só ela o que tu pensa. Se tu pensa assim ‘Eu tô imaginando um carro muito legal ai tu tenta trazer o máximo possível pro papel, entendeu? Aí a imagem na minha cabeça é desse jeito.

Todos ficamos calados até que iniciamos o **compartilhamento dos desenhos**, Jane iniciou dizendo: “Aqui é um menino que expressa no desenho o que ele sente, então, ele tá tipo expressando, ele desenhou uma mulher”. Por ser muito tímida era necessário auxiliá-la então fui perguntando: “**O que fez você escolher esta temática?**” Ela responde: “Eu aprendi a ver a arte de uma forma diferente porque é diferente das que ficam no museu e tal. Eles

fazem por aí para demonstrar o que eles pensam. Mostra nossa realidade. É isso”. Torno a perguntar: **“Antes qual era sua percepção?”** Responde: Eu via como vandalismo. Eu via alguns. Não era todas”. Nesse momento ela fica constrangida porque JB brinca dizendo como ela poderia pensar aquilo. Para mudar o foco faço outra pergunta a ela: **“O que levou você a escolher este tema, se você poderia ter escolhido outro?”** Ela sucintamente diz: “Achei interessante”.

Em seguida Valente tem a palavra, e diz: “Eu desenhei uma pista de dança, uns meninos aqui, uma nota musical, caixa de som”. Intrigada pergunto: **“O que isso tem a ver com sua temática?”** Ela fala: “Porque foi sobre projetos sociais e eu foquei na dança. Porque é um projeto que eu participo. Faz um ano e cinco meses que participo e desde então, eu amo dançar. Conheci umas pessoas legais também que é a galera do CCT, um grupo no *whatsapp* que nós criamos para fazer reuniões e encontros, encontros mensais e reuniões semanais, são encontros para dançar. A gente vai pra dançar que é dia de terça e quinta. Aí depois que a acaba a dança, aí nós faz reunião, aí a gente toca violão, faz brincadeira, dança, essas coisas.

Pergunto a ela: **“Isso é algo comum para a juventude? Ter tudo isso?”** E me responde afirmativamente que sim, alguns tem. E fala de si para exemplificar: “Eu não tinha antigamente, eu não tinha muitos amigos, não aí até então, minha melhor amiga, que é agora, a gente fazia três anos que morava perto uma da outra, eu conhecia ela, assim, de vista né? Não falava com ela porque achava besta, ela também me achava besta. Aí depois a gente ficou amiga, por causa da dança e tal. Aí minha mãe pediu pra ela me incentivar a ir pra dança já que ela fazia a mais tempo que eu. Ai desde então, a gente ficou melhores amigas, a gente começou a dançar e aí no finalzinho desse ano passado a gente começou a fazer parte do CCT e a gente fez isso. Nosso lema é fazer reuniões e encontros pra é, pra cantar, tocar violão, dançar, essas coisas. Eu não participava de nada. Eu me interessei em procurar esse projeto por causa da minha mãe que me via dentro de casa e não tinha muito lazer. Aí ela mandou eu ir, e eu fui. Desde então, não parei mais. Eu não convivía muito com gente da minha idade”.

Prosseguindo Ane fala sobre seu desenho: “Aqui eu fiz um meninozinho grafitando né? Ai as pessoas achando ruim, os policiais, sei lá o que diabo é. Aí depois, como obrigaram ele a limpar lá porque acharam que era pichação, alguma coisa assim. Aqui é tipo um carro com grafite, com nome grafite é arte porque muitas pessoas acham que é só em muro, essas coisas, só nessas coisas pode grafitar, mas não é não. Tem várias outras coisas. Aí esse aqui é em consideração a minha amiga (refere-se a Jane) que eu amo que o povo fica chamando ela de antissocial, dizendo que ela é diferente que nunca faz nada assim, é porque

ela é diferente, porque ela não é igual a outra pessoa. Jane um pouco surpresa e irritada pergunta: “Diferente como?” Ane diz: “Tipo assim, eu botei aqui assim oh: ‘Não é que eu seja diferente até porque eu sou igual a você’, entendeu? É tipo assim, tú é do teu jeito e aquela pessoa do jeito dela. Ela fica falando contigo ‘Aí tú é antissocial’, fala aquilo, isso e isso outro, não é porque é o jeito da pessoa. Porque na sala fica todo mundo falando sobre ela. Queriam que ela fosse amiga de todo mundo”. Assim que a mesma parece findar sua explicação, pergunto: **“O que tem a ver esse desenho com tua vida e a escolha do tema?”** “Com minha vida nada, até porque eu não grafito. Assim, eu não sou muito de desenhar. Porque eu não sei, mas sempre achei bonito, gosto né? Porque é interessante ver as pessoas fazendo um grafite demonstrando o que ela sente”. Busco trazê-la para o foco da pesquisa e pergunto: **“A escolha do tema foi por qual motivo?”** Ela responde: “Foi tipo assim tia, eu e ela era de um grupo diferente, não era esse. Nós não tinha formado esse grupo. Aí nesse grupo que a gente tava era cultura da Cidade dos Funcionários. Ai tipo as pessoas estavam falando ‘Ai, será que elas vão fazer?’, isso e aquilo outro, tipo menosprezando eu e ela. Ai a gente, nós não pode ficar assim não pois vamos fazer nosso grupo com algo que a gente goste e que a gente dependa só da gente e não deles. Porque se eles estão menosprezando a gente é porque eles acham que a gente não consegue. Ai a professora deu um palpite ai a gente ‘Pois vamos falar de grafite’. Ela falou arte urbana, mas a gente especificou no grafite, porque é diferente dos outros e é uma arte que a gente gosta e a Jane desenha. Eu não desenho, mas eu gosto, ele já grafita, aí formou. É mais a minha cara pelo motivo: sei lá tia. Achei curioso e gosto de desenho. Assim, eu queria aprender mais, acho que eu não levo jeito. Até porque eu nem sei explicar, tipo eu tenho... tipo assim, sei fazer muitas coisas, mas não desenhar, entendeu? Sei decorar, sei fazer... Tipo assim, eu sei fazer penteado, eu quando morava com minha mãe, porque agora não moro mais, ei fazia unha aí eu desenhava em unha, só que não esse tipo de grafite, era de outras maneiras, desenhava flor, essas coisas assim. Aí eu achava legal entendeu? Eu fazia porque gostava e achava interessante. As pessoas sempre elogiavam. Eu gostava, tipo, essas coisas de aniversário muitas vezes eu faço, até o da minha amiga Vitória eu tô ajudando a fazer convite, tô dando a ela, tô ajudando nessas coisas”.

Prosseguindo JB fala sobre seu desenho: “Aqui, o que desenhei. Eu ia desenhar uma ex mas só que... terminei a pouco tempo. Vamos dizer que eu não escolhi, tive um grupo que não deu certo. Aí teve que... antes era sobre saúde, eu acho. Aí acabou que a gente desinteressada, aí eu decidi sair aí como a outra pessoa ia ficar pressionada desfez o grupo. Ai quando elas três me chamaram Ane, Jane e Ká eu fiquei muito admirado. A Jane me conhecia.



Antigamente, ela sabia que eu fazia essa arte. Eu fiquei honrado, eu me senti valorizado quando elas me chamaram”. Isso me gerou palavras embrulhadas no estomago, um certo precisava organizá-las então, o perguntei: **“Você não tinha pensando em fazer um trabalho referente a isso?”** Daí ele responde: “É porque eu nunca gostei de misturar a vida particular com o colégio ou com o trabalho. Porque eu acho que se mistura, eu acho que tipo vai ficar tudo confuso, gosto de separar as coisas. O mundo fictício da realidade”. Então, ainda sob efeito do embrulhamento de palavras pergunto: **“E agora, tudo junto?”** Buscando saber e como era lidar com isso. Ele responde: “Até que foi interessante, ajudou bastante. Podia ajudar as meninas com o trabalho delas, mas eu preferia ter ficado mais na minha. Porque de um certo modo eu tô mostrando mais o que eu gostaria, eu tô mostrando minha personalidade. Eu tô mostrando o que tem dentro de mim. Pra mim era pra ficar comigo e não para ser exposto para os outros”. O embrulhamento parece suspender, como se a bile tivesse fazendo a digestão das palavras lentamente, era necessário mais tempo para me nutrir daquele diálogo. Então, pergunto: **“E essa experiência de fazer uma pesquisa de uma coisa que você gosta tanto foi legal essa experiência?”** Então, ele diz: “Muito legal. Além de aprender a trabalhar com pesquisa, questionários e essas coisas eu pude responder também. Eu fiquei nos dois lados. Tanto na área da pesquisa como responder também. Achei muito interessante, porque além de aprender, falei com meu grupo para fazer parte da pesquisa. Eu tenho colegas que a gente se reúne e aí, se reunia pra gente... fazer grafite, *Parkour*, ...” Na busca de saber mais, porque seus olhos brilhavam e me inundavam, além de fazer meu estomago se inundar de bile, indago-o: **“O que você acha da arte na escola?”** Ele responde: “Bom pra mim varia muito. Muitas pessoas não admiram o grafite como arte, sim como vandalismo, como pichação, depredação. Como já aconteceu deu estar grafitando, fui contratado pra grafitar no meio da rua, ‘Você vai fazer um grafite no meu muro’. Ai a polícia chega e diz ‘Cara tu tá pichando o muro dos outros, tu vai ser preso. A gente vai ter que ir na delegacia. Chama o rapaz, pegar documento com assinatura dele’. É muito constrangedor. Eu não expresso minha arte aqui no colégio, porque eu tenho medo de ser discriminado. Preconceito”. Torno a indaga-lo: **“Você não acha que com a pesquisa isso não foi desmistificado? Você não acha que seus amigos, os seus professores que lhe avaliaram enxergam isso de outra maneira após sua pesquisa?”** Então, responde: “Quem viu sabe o que a gente sente. Eu tentei mudar a cabeça das pessoas, mas tem algumas que não...” Ane complementa: “Mas a sociedade lá fora não sabe a diferença, que nunca viu, não sabe diferenciar o grafite da pichação”. Então, digo: “Aí você chega num ponto bom. No 2º ano geralmente a gente tem a possibilidade de fazer a

ação não é só no 3º ano. Neste vocês não fizeram por conta da greve, ficou muito turbulento, não daria, mas vocês terminaram. Então, vamos pensar assim: **se vocês tivessem a possibilidade de fazer a ação nas pesquisas de vocês, o que vocês fariam de ação na comunidade referente ao tema de vocês?**

Prontamente Valente responde: “Eu tentaria trazer o projeto pro colégio. Seria interessante!” **Pergunto se isso é possível, mesmo que não valha nota, e se ela acha interessante fazer isto?** Ela continua: “Eu acho que pintar o muro do colégio com grafite, eu acharia massa. Porque na minha turma teve um trabalho sobre arte urbana e pensaram em grafitar a escola”.

JB fala: “Pra mim, no meu caso eu vi um projeto num outro país que era uma escola pra grafite. Eles construíram, o rapaz construiu, ele se sentia muito humilhado, não tinha lugar para expor a arte dele. Ele pegou o quintal da casa dele, derrubou os muros que cobriam a casa dele. Ele fez muitas paredes paralelas, muitas, muitas, muitas... E começou a fazer uma escola de grafite e todo dia ele pintava de branco, a noite, deixava a tarde para os alunos pintarem. Só assim ele podia espalhar a arte dele. Hoje, infelizmente ele faleceu esqueci o nome dele, o grafiteiro, mas é obvio que não tenho dinheiro pra fazer isto que ele fez, mas eu tentaria falar com os dirigentes do colégio pra fazer algo parecido com isso. Uma parede só, se seu tivesse dinheiro pagava as tintas, o material pra fazer isto”. Buscando fechar este nosso estimulante diálogo desta etapa pergunto: **“Que mensagem você gostaria de deixar do grafite na escola?”** Ele diz: “Tipo, a frase que eu poderia falar é que tipo, pra mim um desenho vale mais que mil palavras, entendeu? Então, se tinha muitas coisas que eu queria falar que através de um desenho eu consigo falar. E de vez em quando com palavras a gente não é capa de descrever”. Suas palavras foram tão tocantes que Valente disse: “Falou pouco mais falou bonito”. Como fui desafiada a fazer meu desenho pelo JB o fiz e deixei para ser a última então falei deste caminhar até chegar nesta pesquisa atual sobre o Núcleo para mim, estudar o Núcleo é olhar para o meu caminho.

Fechando este breve momento, passamos para **a última etapa do roteiro de pesquisa, a criação da carta para o secretário de educação do estado do Ceará**. Eis que as primeiras perguntas chegam: “O que o secretário é responsável, pelo que?”, “Essa carta vai para ele mesmo?” e “Pode fazer reclamações?”. Pergunto “O que é pensar numa escola com a cara da juventude, já que o ensino médio está sendo reformulado, vocês sabiam disso?”

Prontamente JB fala o que pensa a respeito quase num tom de desabafo: “Pra falar a verdade eu acho isso uma baixaria. Muita gente acha que isso vai beneficiar porque vai

escolher o que vai estudar. Tipo você vai querer ser um arquiteto por exemplo, vai trabalhar com matemática e história e por exemplo, a Educação Física exclui. Mas não cara! No ensino médio é bom, o que seria perfeito seria você estudar tudo porque caso no futuro mude de ideia, você já tem a noção de tudo já. Aí você vai ter noção de uma parte e quando for lá na frente você mudar de ideia? Fazer tudo de novo?” Sem entender muito o que ele explanava Ane pergunta: “Mas isso é só na faculdade né não? Ele responde: “Não. No ensino médio agora. Na faculdade é, mas no ensino médio eu acho isso muito sei lá. Tipo.... por exemplo eu, eu não sei o que quero da vida, uma hora eu quero uma coisa outra hora outra, nem eu sei o que quero... e se lá no futuro eu mudar de ideia? Ai eu ‘Cara, era para ter escolhido aquilo’. Eu acho isso uma... sei lá. Buscando incentiva-los a fazer uma carta propositiva digo: “O que vocês buscam na escola, que vocês não têm? Fale sobre sua escola dos sonhos. Eles concluem rapidamente a atividade e os agradeço pelo auxílio deixando claro que entrarei em contato e que eles serão convidados para defesa da dissertação.

## ANEXO G - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM G04

**GRUPO 04 (JM - MANHÃ):** temas de trabalho e representantes (codinomes na pesquisa):

1. A influência do esporte no bairro Parangaba

Representantes: Bob Marley, Brisa, Dylan Marley e Miss Model.

**ENCONTRO:** realizado dia 03 de fevereiro de 2017, as 10:35h após o termino das provas de recuperação.

O caminho percorrido com este grupo seguiu os passos do roteiro utilizado para execução da entrevista em grupo com seus três eixos de ação. Comecei falando sobre a entrevista o uso do gravador de voz e a necessidade da transcrição, explicação do uso do pseudônimo para as atividades. A sala fica organizada com cadeiras formando um círculo com número exato de estudantes participantes e com uma mesa no meio para colocar folhas, lápis e gravadores, além de facilitar o envolvimento de todos.

Quando todos chegaram na sala de aula, pedi que sentassem nas cadeiras que havia organizado para explicar como ia ocorrer aquela entrevista com eles. Expliquei da seguinte maneira: **“Deixa eu explicar para vocês minha pesquisa.** Para que a gente possa começar a entrevista. Como eu disse sou formada em Educação Física e atualmente, eu faço mestrado na área de educação, eu escolhi, assim como vocês escolhem seu macro campo, o Núcleo. No entanto, o Núcleo é cheio de coisas que podem ser estudadas como os professores, os alunos, as aulas, e por aí vai. Eu resolvi escutar vocês, alunos, porque geralmente nas pesquisas a gente escuta mais o professor, pois é mais fácil ou a gestão da escola e como é um programa novo, um projeto novo o ideal é que eu escute vocês para poder saber como esse projeto está funcionando. Aí vocês, podem até perguntar ‘Porque a senhora escolheu a gente?’ Porque existem muitas pessoas na escola. Eu poderia ter escolhido outras pessoas. No entanto, na minha pesquisa escolhi jovens do 2º ano, que tenham desenvolvido pesquisas voltadas ao macro campo esporte e lazer. Então, quer dizer que vocês entram nesse critério. Somente estas pessoas. Nem todos estão participando, somente aqueles que convido e que querem participar. Porque se vocês não quisessem participar, vocês não seriam obrigados. Mas porque eu preciso de vocês nesse processo da pesquisa? Porque algumas respostas de vocês vão ajudar a gente a repensar algumas coisas. Porque depois que eu fizer minha pesquisa, eu pretendo trazer para escola e apresentar para os alunos e para os professores. E disso, desenvolver algum projeto futuro que vai partir dos jovens. Minha pesquisa

basicamente busca saber como são as aulas; se é bom e o que é bom; se é ruim e o que é ruim; o que vocês mudariam. Nesta hora Dylan Marley pergunta: “Do Núcleo ou do colégio todo?”. Respondo que “Do Núcleo de forma mais específica e vocês podem acrescentar outras coisas da escola porque é importante vocês fazerem esse relato, pois existem coisas da escola que interferem no Núcleo né? E, também como sou da área da Educação Física e minha pesquisa envolve pessoas que tenham projetos no esporte e no lazer, eu vou fazer um diálogo com alguns autores no meu referencial bibliográfico né? Falando um pouquinho sobre essa relação de vocês escolherem estes temas, o que vocês trazem de memórias da vida de vocês eu os fizera opta por essa temática. Porque a gente traz alguma de nossa vida. Então, quero identificar de vocês o que seria isso. Então, o que vocês acharem relevante para poder acrescentar podem falar porque tudo o que vocês falarem vai servir para pensar a respeito do meu projeto. Vocês têm alguma dúvida? Algo que vocês gostariam de saber sobre o projeto”?

Após está explicação iniciamos **a primeira etapa do roteiro de pesquisa, a fotografia do antes e depois do Núcleo**. Então, falo sobre: “A primeira coisa que eu gostaria que vocês fizessem é assim: eu vou entregar para vocês estas câmeras, vocês lidam bem com câmera fotográfica, ou não?” Dylan pergunta: “É pra tirar foto de quem?” Então, continuo: “O que vocês vão ter que fazer, vão ter que fazer em grupo, são duas fotos para cada um. Eu quero dizer que vocês vão fazer uma espécie de montagem de ‘Como eu era antes do Núcleo, no início dele? E a outra, como eu era após o Núcleo, após o termino das atividades do Núcleo?’ Aí, vocês vão ter que pensar numa imagem, como seria estas respostas em imagem? Para cada um. Por exemplo, como eu começo o ano com as atividades do Núcleo? E como eu termino após passar pelo projeto de pesquisa, oficinas, provas, tudo. Como eu chego nesse final? Sejam sinceros. Vocês não vão me dizer nada agora, vocês vão tirar a foto. E vocês podem ir para qualquer espaço da escola para tirar a foto. Surge a pergunta: “Tem que ser nossa?” Digo que pelo menos um do seu grupo na foto. Vocês tiram a foto e vem pra cá.

Quando retornam à sala, peço que se sentem e explico a próxima atividade. **A segunda etapa do roteiro**, sendo que a primeira só será concluída após esta fechar. Então, explico: “**Eu quero que vocês desenhem para mim o que na vida de vocês, no caminho de vocês, na trajetória de vocês conforme sua idade, o que vocês trazem da Educação Física que tem a ver com a escolha da temática de pesquisa? O que no caminho de vocês, o que aproxima vocês ao tema de pesquisa? Quais são os pontos da vida de vocês que fizeram optarem por esporte e não por economia ou cultura?**” Dylan diz que não entendeu. Então falo: “Coloca aí, o que vocês fazem ou quando vocês eram criança ou como agora. Existem

elementos da vida de vocês que estão relacionado ao esporte, pode ser com a família, ou com outras pessoas, escolas. Finalizo fechando a pergunta da seguinte maneira: **“O que da vida de vocês, das experiências que vocês já tiveram que podem justificar a escolha pela temática esporte para pesquisar?”** Falo que não tem um tempo determinado, mas que temos outras atividades, portanto, precisamos estar atentos.

Para minha surpresa Bob pede para colocar uma música e pergunta se conheço a banda de reggae chamada Ponto de Equilíbrio. E assim Dylan e Brisa perguntam se conheço outras bandas e se tenho tais músicas: “Você tem Tim Maia? A senhora tem ventania? A senhora tem Bob Marley? A senhora tem Raul Seixas?” Então, coloco aquela que tenho a banda “Soja”. Nesse momento há um certo encantamento e admiração. Quando coloco a banda “Natiruts” eles não gostam muito por ser meloso. Falo sobre a necessidade de criarem um pseudônimo para suas obras e que as colocassem como assinatura nos desenhos para assim usar dentro da pesquisa, mantendo seu anonimato. De repente surgiu uma pergunta inusitada feita para mim por Bob “Você usa maconha?”. Respondo que não embora tivesse muitas oportunidades para tal e que nunca tive interesse”.

O assunto cessa e volto a observá-los desenhando e começo a interagir perguntando que outras bandas são legais para que eu possa baixa-las. Houve a indicação de pelo menos umas cinco bandas totalmente desconhecidas por mim. Eis que coloco “A vida é um desafio” dos Racionais MC’s (Hip Hop/ Rap nacional) e mais uma vez gero estranheza nos seus olhares. Então, como forma de responder aos seus olhares digo que “Eu gosto de todo tipo de música, pois como danço a gente escuta todo tipo de música”. Então, Bob me pergunta se conheço um rapper internacional chamado “50 Cent”. Respondo que o conheço, mas muito pouco. Então, ele pergunta se assisti ao seu filme. Respondo que não e pergunto o que tem de bom nele. Brisa diz “Fique rico ou morra tentando, é o nome do filme dele. É contando a história dele”. Pergunto como foi a caminhada dele, então me diz que foi foda. E que a carreira dele começou dentro da cadeia.

Nesse processo dialógico pergunto se já foram presos, se repetiram de ano e se sempre costumam ficar de recuperação. Nos encontramos após suas provas de recuperação. Dylan diz que “Me desestimulei após as ocupações. Faltei bastante aula”. Pergunto o que aprenderam nesse período de ocupação sabendo que existem atividades e que muitos estudantes ficaram nas escolas. Ele responde dizendo que “Uma experiência de vida. Tinha coisa lá que eu tinha aprendido que nunca aprendeu em sala de aula”. Fala que houveram oficinas e que alguns professores se envolveram nesse processo.

De repente observo Bob e sinto vontade de fazê-lo uma pergunta, pois ele parecia tão preso ao desenho que mal interagia, parecia estar me observando com os ouvidos, então disse: Posso te fazer uma pergunta? E ele respondeu afirmativamente. Tu usou maconha? Mas tu usa? Ele parecia perplexo e disse que não. Daí Brisa diz “Tia como a senhora pode fazer uma pergunta dessa a ele? E eu respondi que da mesma maneira que ele me perguntou, então ele me deu o direito de fazê-la. Ele achou justo e deixamos isto para lá.

Lancharam enquanto desenhavam. Pergunto se eles têm uma boa relação com seus familiares. A Miss model sai de seu silêncio e diz que sim. E ouço somente o reggae tocando. Dou mais uns minutos para que concluam.

Posteriormente, explico como devem proceder para o **compartilhamento sobre o desenho**: “Na ordem que vocês quiserem vão mostrar seu desenho e falar sobre ele. Caso eu tenha alguma pergunta ou quem queira perguntar pode fazer, certo? Toda vida que alguém for falar vou colocar o gravador mais perto por conta do barulho do ar-condicionado da sala. Então, quem gostaria de começar?”

Miss model levantou a mão e começou dizendo: “Meu desenho é esse. É... Esse tema eu achei interessante porque o esporte sempre foi presente na minha vida. Não só na minha vida, mas na de amigos que eu tinha. Desde pequena eu sempre acompanhei isso porque o esporte trouxe muita coisa pra mim, muito benefício na minha vida. E esse tema eu achei super importante, bacana, curti muito. Porque através dele quando eu era bem pequena tinha problema de saúde e foi através do esporte que consegui me manter”. Pergunto **que problemas eram estes** e ela diz: “Eu tinha arritmia aí através da natação, vôlei, essas coisas... Educação Física ajudou bastante”. Pergunto sobre a escolha do tema e ela diz “A professora mostrou o macro campo e nós escolhemos. Aqui (mostrando seu desenho) é quando eu era bem pequenininha que eu fazia natação. Aqui é o incentivo do esporte que ajudou muito a me recuperar. Aqui é quando eu brincava na escola. As meninas e os meninos da outra escola brincavam juntos. Aí a gente brincava de vôlei, tudo que era atividade que tinha relação ao esporte a gente estava lá, curtindo muito”. Então, ela encerra.

Brisa pedi a palavra e diz: “Aqui é eu com meu tio. Meu tio sempre me influenciou nessa parte no esporte. Desde quando era pivete, pequeno mesmo. Ele sempre queria que eu jogasse. Só isso mesmo. Então começo um diálogo fazendo algumas perguntas: “Ele sempre quis que você jogasse? E seu pai”? Responde: Eu não conheço, moro só com minha mãe. Pergunto sobre sua família e ele diz: “Tenho dois irmãos um mais velho e outro mais novo”. Pergunto qual o esporte que ele mais gosta. Bob querendo brincar com ele diz

carimba, no entanto, ele responde que é o futebol. Pergunto se a escolha pelo pseudônimo de Brisa significa algo e diz que não. Pergunto como foi a escolha do tema para ele que diz: “Já pela questão do bairro da gente ser a Parangaba, lá tem uma quadra que a gente é acostumado a jogar e só isso mesmo. Aí como a gente acha mais fácil pra falar, aí nós escolhemos o esporte mesmo”. Pergunto se foi fácil e ele afirma que “A gente tirou de letra”. Pergunto o qual foi a maior dificuldade nesse processo e ele diz sucintamente que foi o questionário. E encerra sua fala.

Chegou a vez de Bob, mostra seu desenho e diz: “Desde de pequeno fui acostumado a ser... fui criado numa quadra de verdade”. Pergunto se joga na escola e diz que “Muito raramente, muito difícil”. Pergunto sobre a escolha do tema e ele diz que “Porque é como se fosse o que eu mais conheço. O que eu tenho mais concepção, o que eu sei mais, o que sou acostumado aqui”. Pergunto se quando começou a pesquisa se percebeu que sabia mesmo sobre o assunto e ele sucintamente diz que sim. **Pergunto se ampliou sua visão para o esporte** e ele responde: “Muitos benefícios, mas algumas crianças que poderiam estar usando drogas podiam estar jogando bola”. Pergunto se ele acha sua isso verdade e se “Isso acontece no seu bairro”? Ele responde que “No meu bairro as pessoas fazem os dois. Fuma primeiro e depois vai jogar”. Pergunto se tem muito adolescente que se droga e ele me corrige dizendo: “Se droga não. Fuma maconha”. Pergunto se ele não acha que isso é uma droga e ele diz: “Maconha não, mas o que os traficantes vendem é”.

Dylan acrescenta que maconha “É natural”. Assim continua e começa a falar sobre seu desenho: “Aqui é quando eu era pequeno e ficava jogando bola com os amigos na chuva, lá na rua. Jogava era de muito. Praticamente a gente foi criado numa quadra. O que eu mais gosto é de jogar bola”. Pergunto se ele sempre joga bola na escola e responde: “Todo dia tem racha na quadra”. Busco entender sua relação com tema e pergunto: **“E como foi para vocês escolher este tema”?** Ele responde: “Gostei logo. É que é mais em comum comigo, o esporte. Porque ano passado foi negócio de livro (falando sobre sua pesquisa do ano anterior), leitura e eu não sou muito bom de ler aí não tive um bom desempenho.

Agora não, já que é esporte, tive melhor desempenho, mais conhecimento”. **Pergunto se foi melhor a pesquisa nesse ano e o motivo** ele responde: “Foi, por causa do tema, é algo em comum”. Buscando saber mais detalhes das pesquisas pergunto o que foi feito nela e ele diz: “Aplicamos questionários, fomos na quadra, a nossa boa ação foi juntar toda a galera, comer biscoito. Tipo um torneiozinho”. Pergunto se todos participaram de pesquisas no primeiro ano e o que acharam de trazer este projeto para ser apresentado na



escola. Respondem que sim, que participaram de pesquisa no primeiro ano. Brisa diz que “Foi importante porque abriu tanto nossa cabeça pro conhecimento como do pessoal”. Peço que detalhe mais a ação do grupo então, ele diz: “Foi meio que um torneio. Nós reunimos crianças, alguns moradores lá de perto e uns amigos nossos nós chamamos pra fazer algo beneficente”. Bob acrescenta: “Pra conscientizar a galera”. Ele continua: “Tipo uma copinha ai quem ganhava merendava. Por incrível que pareça nosso time ganhou”.

Pergunto se escutaram as pessoas sobre esta ação, o que eles achavam. Miss model responde “As pessoas achavam legal, interessante. Uma coisa bem nova”. Bob acrescenta “Bem diferente”. Ela continua “Do que acontece na Parangaba, lá tem muita bala, muito tiro”. Pergunto que local é esse e Dylan diz que fica por trás do Shopping Parangaba, na pracinha que tem uma pista de skate”. **Pergunto de maneira bem geral, que mensagem vocês deixam para a juventude com relação ao trabalho de vocês?** Bob responde: “Que o esporte é muito importante. Traz muitos benefícios para sua vida. Mesmo que seja praticado ou como lazer”.

Sinto que posso extrair deles muito mais do que já vem me dizendo, então continuo a perguntar: **Porque vocês acham que os jovens estão se afastando do esporte?** Brisa responde “Sedentarismo e internet”. Pergunto se deixam de jogar para ficar na internet e Bob fala dos outros dois dizendo “Eles sim, da pra fazer disputa pra vê quem joga mais no celular de um colega nosso”.

Com isso, vamos para outra **etapa do roteiro de pesquisa**. Ver as fotos. Quando digo isso risos soam no espaço. Com eram somente um grupo, escolha muito influenciada pela entrevista na outra escola feita anteriormente, eles iam somente dizer o que significavam as fotos tiradas. Eles trouxeram duas fotos para cada um sendo como um processo uno.

Brisa inicia: “Antes do Núcleo só molecagem”. Bob acrescenta: “Quer dizer molecagem, que a gente não assistia aula” e finaliza Dylan “Ficava só passeando pelo corredor, andando na galeria como a gente sempre fica”. Bob brinca dizendo “Aí é desinteressado”! Passo para a terceira foto e Brisa diz: “Aí a gente tá mais concentrado nos estudos”. Passo para a outra foto e Brisa diz: “Aí é como se fosse no dia da ação da gente”. No entanto, buscando entender melhor suas fotos pergunto-os: E o que vocês querem me dizer com esta foto, além de que é o dia da ação? Bob responde: “Que a gente quer o esporte”. Peço para que cada uma faça uma síntese para mim das fotos o antes e o depois, Miss model começa: “Que no começo não dava muita importância”. Bob interrompe e diz: “Ano passado eu não tava nem vendo pra Núcleo eu”. Brisa reitera: “E nem no começo do ano (fazendo

referência ao ano atual). Aí eu comecei a me interessar”. Pergunto quando isso aconteceu e ele diz: “Depois da ocupação. Assim, teve um período que eu comecei a assistir aula, aí eu comecei a me interessar e não querer repetir”. Bob diz: “Mentira! Foi porque nós fizemos uma aposta de quem faltasse tinha que ‘botar’ uma tia (dar dinheiro). Aí ninguém nunca mais se instigou a não ir pro colégio. Todo mundo vinha todo dia”. Busco entender melhor e pergunto se depois da ocupação vocês mudaram o interesse pelo núcleo e Bob fala: “É porque o estudo ficou desinteressante depois da ocupação”. Dylan diz: “Depois da ocupação nós amadurecemos, a gente ficou um pouco mais responsável”. Pergunto sobre o que teve de diferente no período de ocupação e ele diz: “Tudo. Como se fosse manter um local pelo seu direito. Ocupar uma coisa porque o Estado não dá conta, tudo deteriorado. Aí nós ocupamos. Aí nós arca com tudo, alimento. Teve dia que a gente ficava sem comer. Passamos três meses dormindo na ocupação. Isso meio que gerou um meio de responsabilidade nas pessoas. Pergunto se eles voltaram para escola com outra cabeça e Brisa responde: “Teve umas oficinas que abriu mais nossa mente”. Pergunto quais foram e Dylan responde: “História, matemática, física...”. Acrescenta Bob: “Teve de matemática, uma matemática libertária, não essa aprisionadora que é do sistema”. Pergunto quem a deu e Dylan diz que foram estudantes da UECE e UFC. Bob retoma dizendo que “Tiveram professores de slack line, yoga, de gênero, transexualidade, transfobia.

Buscando retomar o assunto peço que me falem um pouquinho então de como começaram no Núcleo. Então, Bob diz: “Era chato demais mã. Um trabalhozão gigante”. Dylan diz: “Se bem que ele treina a gente pra sociedade. Ajuda, mas é trabalhoso”. Pergunto se tem algum momento que não é trabalhoso e Dylan (00:56:33): “Esse ano não foi muito trabalhoso. Que foi o tema que nós se encaixa, mas ano passado o tema foi muito mais difícil”. Pergunto se o tema do ano passado ele tinha escolhido ele diz “Não. Mas eu me arrependi”, demonstrando que houve a opção e ele aceitou, mas depois mudou de ideia. Brisa acrescenta: “Mas ano passado é dentro do colégio a pesquisa”. Dylan amplia “Já no 2º ano é fora do colégio da uma coisa melhor”. Pergunto se mesmo assim, se tivessem feito alguma escolha por algo que gostavam se não tinha dado certo e Dylan retoma: “É que a gente não fez uma escolha que desse muito certo”.

Pergunto se de 0 a 10 qual nota eles dariam ao Núcleo. Bob “8”; Brisa “8,5/9,0” e Dylan “2,0” de completa dizendo que tá brincando e muda para “8,75”. Pergunto porque eles dão esta nota e Bob diz: “Ele é muito trabalhoso mais ajuda muito na sua formação cidadã”. Parece dizer isto para me impressionar. Ninguém fala nada então torno a perguntar: “O que

tem de mais difícil na pesquisa”? Bob responde “Questionário. Você gasta muito dinheiro com banner, 40 conto pra você usar só uma vez” e Dylan opina: “A parte escrita”.

Pergunto se eles tivessem a opção de mudar o formato que é o Núcleo, como são feitas as coisas, o que mudariam? Bob responde: “A parte escrita”; Brisa diz “A pessoa poder escolher seu próprio tema, tipo o que a pessoa quiser falar”; Dylan diz: “A parte escrita também sem entregar, só falar o que entendeu. Não sei escrever. Mudaria o referencial teórico”; Bob torna a falar: “As apresentações muito formais. Tipo assim, como a gente tá se apresentando aqui. Como se a gente tivesse aqui apresentando um trabalho pra senhora, seria melhor, menos formal”. Dylan amplia dizendo que “Tem professor que faz debate”. Pergunto se preferem assim e Bob diz que sim. Buscando proposições deles pergunto: “O que vocês gostariam que incluíssem pra ficar bacana? Nas aulas, nas atividades...” Brisa diz que: “As atividades são legais”. Pergunto se as oficinas também. E Bob responde: “As da professora Jordana é. Agora as da Flávia ano passado... por isso que eu não fazia nada, eu odiava a Flávia. Porque ela pegava no meu pé”. Brisa faz sua leitura sobre e diz: “Ele não vinha pra aula”.

Pergunto que se pudessem mudar o que mudariam. Bob rapidamente diz: “Eu não mudaria a professora. Eu a deixaria. É muito boa a professora”. Pergunto também se o trabalho do Núcleo é interessante e Bob responde prontamente: “Muito porque a gente aprende a trabalhar em equipe. Mas é muito estressante né? Tinha vez que eu ia dormir 06:00h da manhã pra acordar as 06:30h pra vir pro colégio”.

Pergunto se eles acham que o Núcleo ajuda na vida deles. Bob mais uma vez prontamente diz: “Sim, mas também atrapalha”. Dylan acrescenta: “Porque tira seu lazer”. E Bob torna “Porque tira seu lazer e transforma numa coisa chata. Mas age na sua formação e na sua interação social com todas as outras pessoas do planeta terra”. Há um certo sarcasmo na sua resposta e os outros riem disso.

Por fim, vamos para a última etapa do roteiro de pesquisa: “Esta atividade é para vocês escreverem uma carta para o secretário de educação do estado do Ceará dizendo pra ele qual escola vocês querem. Com a cara da juventude. É como se vocês pudessem identificar os problemas que vocês passam, mas também que vocês dissessem saídas. Porque só dizer os problemas da escola não quer dizer que podem ser resolvidos”. Dylan diz que não vai fazer pergunto-o o motivo e ele diz: “Eu não sei não. Eu fiz uma redação e a professora mandou eu reescrever. Então, disse a ele que não o mandaria reescrever. Então, ele escreve. Bob pergunta se tem que ser formal e digo que escrevam livremente. A carta é sua, escreva.

Bob terminou em menos de dez minutos. Então para esperar os companheiros pega um gravador e brinca “Dia 02 do mês 05 de 1988 gravando (risos). Vish macho! Já tá gravando a 01:11’:45”’. Canta também uma música “Com a cabeça na mira de um HK... estraça o ladrão que nem papel... da muralha em pé, olha o cidadão José... Charles Downtown, você sabe o que eu desejo. Sabe o que eu penso. O dia tá chuvoso, hoje o clima tá... tenso. Vários tentaram fugir...” Após cantar pergunta sobre o gravador: “Esse negócio é de investigador criminal”? Mas isso pode ser usado em interrogatório?

Em quanto Dylan concluía perguntei que projetos eles gostariam dentro da escola e Brisa responde “Que voltasse o Mais Educação. Era bom demais. Tinha esporte”. Agradeço-os e encerramos as atividades após a entrega das cartas.

## ANEXO H - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM G05

GRUPO 05 (JM - TARDE): Guerrinha, Mike, Bianca e Miss Model\*.

TEMA DE PESQUISA: Limitações e possibilidades do lazer para os jovens no Bairro Montese.

ENCONTRO: realizado dia 03 de fevereiro de 2017, as 10:35h após o termino das provas de recuperação.

O caminho percorrido com este grupo seguiu os passos do roteiro utilizado para execução da entrevista em grupo com seus três eixos de ação. Comecei falando sobre a entrevista e suas etapas, o uso do gravador de voz e a necessidade da transcrição, explicação do uso do pseudônimo para as atividades. A sala fica organizada com cadeiras formando um círculo com número exato de estudantes participantes e com uma mesa no meio para colocar folhas, lápis e gravadores, além de facilitar o envolvimento de todos. Após organizar o espaço, materiais e todos se sentarem, início explicando a primeira etapa do roteiro da pesquisa.

Enquanto organizo os materiais eles lancham e assim, vamos conversando sobre a pesquisa. Após está explicação sobre a pesquisa iniciamos **a primeira etapa do roteiro de pesquisa, a fotografia do antes e depois do Núcleo**. Então, falo sobre: “A primeira coisa que eu gostaria que vocês fizessem é assim: eu vou entregar para vocês estas câmeras para que vocês tirem fotos que respondam essa pergunta: ‘Como eu era antes do Núcleo, no início dele? E a outra, como eu era após o Núcleo, após o termino das atividades do Núcleo? Sendo duas fotos, do antes e depois para cada um, ou para o grupo. Quando retornassem deveriam me dizer o critério escolhido. Eles ficam muito entusiasmados com as câmeras. E logo saem da sala. Assim, que retornam passamos para as outras atividades.

Início minhas coordenadas, referente a atividade da seguinte maneira: “Tem folha colorida na mesa. Vocês vão escolher a cor que vocês querem para que **vocês desenhem para mim o que no caminho de vocês, na vida, o quê que pode ser trazido em desenho, que possa justificar a escolha pela temática de pesquisa do Núcleo? Você vai desenhar o quê que na tua vida, na sua caminhada, pode justificar a escolha pelo seu tema de pesquisa?** Porque existem vários temas de pesquisa que você poderia muito bem ter escolhido como economia, mas não. Escolheu lazer ou esporte. Estou pegando alunos do 2º ano que tenham feito pesquisa nesse macro campo esporte e lazer, porque minha formação é em Educação

Física. Meu macro campo de pesquisa é o Núcleo. Só que dentro dele quero trabalhar escutando os jovens que tenham trabalhado com as temáticas esporte e lazer, que possam me justificar o motivo que escolheram esses temas. Saber que motivo é esse e como isso pode ser trazido para dentro da Educação Física. Esse é o diálogo que vou fazer com autores. Vocês vão trazer para mim as opiniões de vocês referente ao Núcleo e a escola. A vivência de vocês, que pode justificar a escolha do tema. Alguém pode ter escolhido por um motivo e outro por outro. É isso que a gente vai saber agora. Vocês vão desenhar e depois a gente vai fazer um diálogo sobre os desenhos. Enquanto vocês desenhavam eu vou colocar a imagem no computador para posteriormente a gente conversar sobre ela”.

Enquanto vão iniciando seus desenhos, algumas perguntas surgem. Sobre faculdade, mestrado. Falei sobre a banca e as similaridades com aquilo que eles fazem. Falamos sobre a liberdade dentro da universidade. Então, peço que comecem a desenhar. Enquanto mexia no computador, nas fotografias coloquei um *playlist* diversificado com Reggae, pop rock, música Havaiana, Rock pesado, MPB, instrumental e Jazz.

**Ao terminarem sus desenhos, convido-os ao compartilhamento.** Iniciamos pela **Bianca** que diz: “Meu desenho eu vou explicar o que é. Eu fiz... Por favor não fiquem rindo. Aqui é um bairro, no caso o Montese, aqui é a árvore, a casa e a mocinha. Uma jovem aqui e ela está pensando. Vou ler o pensamento dela ‘Fico triste em saber que no meu bairro não tem lugar para praticar o lazer’ Porque eu escolhi o tema lazer? Porque que aqui no bairro é muito difícil ter lugares pra gente praticar o lazer. Muitas pessoas têm que se deslocar da sua casa para outros bairros em busca disso e os que tem é mais quadra pros meninos e pras mulheres assim, tem Zumba que é uma prática de lazer, a dança né? E para as crianças também é muito difícil. De vez em quando é que tem um pula-pula lá na rua e tudo. Porque parque aqui mesmo não tem, é por isso que tem pessoas que tem que se deslocar de sua casa em busca do lazer, sendo que no seu bairro era pra ter né? É isso, o que representa porque escolhi o tema”. Então, pergunto: **“Agora assim, essa compreensão de que no teu bairro faltava isso, ela só veio por conta das aulas do Núcleo ou você já tinha pensado sobre isso?”** Ela responde: “Não tipo assim, eu pensava que não tinha lugar entendeu? Pra se praticar, mas depois do Núcleo que a gente se aprofundou mais, a gente pesquisou mais sobre o nosso bairro né? Que eu tive a certeza que não tem”. Pergunto novamente: **“Quando o professor propôs o tema de pesquisa, as possibilidades de macro campo, você já lembrou desta sua percepção, a falta de lugares para a prática de lazer”?** Ela diz: “Eu vou ser sincera. Eu lembrei disso que não tem e, também que eu achei fácil. Achei que ia ser fácil (risos pesados). E a mais difícil

foi a nossa”. Pergunto novamente: **“E o quê que tem de lazer na tua vida, já que você deu o exemplo das mulheres e a Zumba, as crianças e o pula-pula e os homens as quadras?”**

Ela diz: “Meu lazer é assim, a única coisa que eu tenho é ir ao shopping, que eu vou sempre. E eu também considero o colégio um lazer pra mim, eu tenho meus amigos né? Fico descontraída, eu converso, brinco e tudo. Porque em casa mesmo, o meu lazer é ouvir música, assistir filme, que é um tipo de lazer isso aí. Não é só você sair. Você pode praticar o lazer dentro de casa e é isso. Eu saio mais pra shopping e tudo. Porque com meus pais eu não saio mesmo”.

Posteriormente, **Guerrinha** fala sobre seu desenho: “Tentei fazer um desenho. Que eu não sei fazer desenho. Eu escolhi o tema lazer porque lazer é tudo de felicidade na vida. E eu me identifico com isso. Eu já queria isso desde o início do Núcleo, eu ia escolher ou cultura ou lazer. Porque no primeiro ano eu escolhi cultura. Aí eu quis investigar mais sobre o lazer. Porque o lazer é tudo de bom na vida. É alegria, felicidade, tudo. Tudo que nós pratica de lazer é bom”. Pergunto **“O que te levou a buscar este tema? Aconteceu algo no primeiro ano que te fez pensar nesta escolha do lazer? O que foi que aconteceu?”**

Respondeu da seguinte maneira: “Foi como ela disse, eu aprofundei mais no bairro Montese no primeiro ano. Aí eu vi que não tinha tantos lugares pra praticar lazer e o povo não sabia que era lazer, porque envolveu lazer e cultura no primeiro ano. Porque a cultura também envolve o lazer”. Torno a perguntar: **Mas no primeiro ano não é só dentro da escola?** Não, mas eu fui fazer negócio lá no Montese. Eu fui falar com o pessoal se sabiam mais de cultura. Fomos atrás de pessoas, e do fundador do negócio de cultura do Montese, só quando a gente descobriu um pouco”. Pergunto, meio que espantada: **Isso no primeiro ano? O que você fez de ação no 1º ano?** Então responde: “Não tem ação no primeiro. É só no segundo ano”.

Volto a perguntar: **“E a tua família, e a tua vida o que tem mais de lazer? Porque tu gosta tanto de lazer?”** Responde: “Aí, eu faço tudo de lazer. Tudo pra mim é lazer. Eu saí muito pra festa, pra shopping, também pratico lazer dentro de casa, danço muito dentro de casa, assisto filme, faço tudo de lazer. Tudo de lazer eu tô querendo fazer. A toda hora”. Pergunto sobre a

**ação deste ano** e ele diz: “Nós fizemos um momento de lazer no bairro Montese. Nós botamos pula-pula pras crianças, fizemos brincadeiras com os pais e as crianças, demos brindes aí foi no Pátio do Círculo Operário. Aí chamou a comunidade, era aberto pra comunidade, pras pessoas de outro bairro também. Fizemos momento de música, de dança, teve competições, algodão doce, pipoca, tudo pras crianças”. Pergunto **como foi a recepção das pessoas?** Ele diz: “O responsável pelo espaço né? Que ele cuida de lá, no pátio que é pra

comunidade. Ele queria que a gente viesse quase todo mês fazer esta ação. Disse que amou, que pessoas saíram contentes de lá muito bom a ação. Tava precisando daquilo lá. Porque não tava tendo há muito tempo. Lá no Pátio do Círculo Operário em frente a praça. Que tem a praça, o pátio e a praça do Círculo Operário no Montese. Fica lá pra banda do Montese chegando no Vila União”. **Pergunto o que foi mais gratificante nessa pesquisa? O que você conseguiu compreender com ela?** Um silêncio se fez. Então, amplio a pergunta: **“O que você consegue levar pra tua vida?”** Ele responde: “É penas ser feliz. Pronto!” Pergunto: **“O que o lazer influencia no bem-estar?”** Responde: “Justamente o lazer traz felicidade, alegria. Se a pessoa pratica o lazer, ela vai se sentir alegre, ela vai se divertir naquele momento”. Pergunto: **Você tem lazer dentro da escola?”** Diz: “Tenho muito. Conversando com os amigos, brincando toda hora”. **Pergunto se ele faz Educação Física e** me responde: “Eu só jogo carimba. Eu não gosto de futebol, nada disso. Só gosto de carimba, de esporte só isso mesmo. Conclui e assim damos prosseguimento para o próximo.

**Mike** fala sobre seu desenho: “Aqui é ele fazendo uma prática de lazer com seu animal de estimação, cachorro. Porque aqui no Montese não tem muito canto, mas tem poucos que ainda da pra fazer a prática, só que hoje, em dia, é muito perigoso. No Montese na quadra aqui os meninos marcaram de jogar bola pra assim sair da rotina de casa. A gente começou a jogar, na primeira partida houve uns três tiros, só que eu não sei pra onde foi. Aí a galera não bate racha por isso aí. Não joga bola por isso aí”. Tentando compreender o motivo de seu desenho o pergunto, **mas porque você quis desenhar especificamente este desenho?** Ele diz: “Porque assim, mesmo sendo perigoso você ainda pratica o lazer, mas tendo uma cautela, um cuidado, indo cedo, voltando cedo, não indo muito tarde, não demorando muito, não fica dando bobeira”. **Pergunto se ele acha importante o lazer e o que ele faz de lazer,** ele me responde: “Eu jogo bola, saíu com os amigos, saio por aí, saio pro shopping, pra beber, eu saio pra curtir com eles”.

Então, pegando gancho do que ele me traz pergunto a todos: **“O que é ser jovem”?**

**Mike** prontamente diz: “Aproveitar a vida da melhor maneira possível”. **Guerrinha** ressalta: “É alegria, mas também muita responsabilidade. Porque isso vai decidir seu futuro é a parte mais complicada da nossa vida”. E **Bianca** complementa: “É saber aproveitar né? Vários momentos de sua vida com responsabilidade. Você tem que aproveitar seu momento de ser criança que cada ano que se passa você vai crescendo, criando responsabilidade entendeu? E tudo muda. No momento de ser jovem em que saber curtir, mas



tem que pensar nos estudos, quando você tem 18 anos né? Tá, um adulto assim tem que pensar no trabalho. Mas nem por isso, você vai deixar de ter o seu lazer. Porque o lazer também é isso, sair da rotina, é você passar a semana inteira trabalhando e o lazer é uma forma de tirar você do estresse do dia-a-dia, entendeu? Pois é. A gente fala aí a pessoa pensa, é sair, é viajar, mas tem coisas que você pode fazer dentro de casa. Tipo pela nossa pesquisa um lazer que a gente ficou até um pouco assim, namorar. Foi muito citado pelas pessoas. Conversar, botar a cadeira de fora em frente sua casa, conversar com seus amigos, ouvir música, ler também é um tipo de lazer. Lazer não é só sair, não é só você viajar pra longe então, tem gente que pensa assim. Podendo aproveitar o momento que pode ser feito lazer na casa dela mesmo, mas não. A gente fez até um questionário perguntando né? Qual o tipo de lazer que frequenta. E tinha gente que nem sabia o que era lazer! (Fala isto de maneira espantada)”. **Miss model** diz a respeito: “É aproveitar a vida, não de maneira extrema demais, ter calma, pensar de acordo com aquilo que você realmente quer. Curtir, brincar, mas não sem responsabilidade”.

Ampliando nossos questionamentos faço outra pergunta: **“Vocês acham que a escola de ensino médio tem a cara da juventude”?** Bianca imediatamente responde: “Não. Porque eu acho que o ensino médio, negócio de juventude é pro fundamental. Fundamental a galera tá tipo ainda são crianças digamos assim, a partir do momento que você entra pro ensino médio, já não tem isso. Você pode brincar entendeu? Mas é isso. É mais responsabilidade, tem que pensar primeiro no seu futuro são (como eu posso dizer?) é o ENEM aí que o fundamental não faz, só o médio. Então, eu acho que não”.

Tendo em vista que mesmo na sua prontidão ela não respondeu de fato o que perguntei e com sua explicação a turma ficou calada, mas pensativa, então, tornei a perguntar: **“Se vocês pararem para pensar, vocês estão vendo que vai haver uma reformulação do ensino médio, já está acontecendo e o Núcleo é uma tentativa de mudança para o ensino médio, então se isso está sendo uma tentativa de mudança, isto está sendo bom? O que poderia acontecer para ser melhor ainda? O que falta dentro da escola de vocês? Vocês são jovens, então, o que falta dentro da escola para vocês”?**

Sinto nesse momento que encharquei-os com as perguntas e ficaram fervendo. Então, Miss model falou “Falta um pouco mais de liberdade”. **Pergunto em que sentido seria isso** e ela completa: “Deixar a gente mais a vontade, ter mais aula prática, sair mais, mais passeio”. Bianca interage: “Porque a gente também aprende passeando. Tem as aulas de campo [Que é uma vez no ano – diz Guerrinha]. As aulas de campo que é muito difícil ter. É

tipo assim, renovar porque o que a gente sabe o padrão. Exemplificando ela diz “Você pega um livro, lê. Professor ensina no quadro. Uma coisa que alguns professores fazem é aula de slide, muito melhor do que tá escrevendo na lousa, num sei o que. Aula de campo aqui não tem muita entendeu”? Guerrinha continua: “A prática de muitas aulas como física, poderia ter experimentos no laboratório, não tem. Não tem nenhum professor na prática de Educação Física. Nós estamos dispersos. Nós no 2º ano não teve Educação Física em nenhum momento, porque não tinha professor”. Relembro-os que a professora deles está passando por uma transição pois está se aposentando e pergunto se chegaram a coordenação para falar algo e Guerrinha diz: “Não, particularmente não”. Então, rapidamente começa a pensar e volta a falar: “Beleza. A gente poderia chegar na coordenação e falar, mas eu acho que tipo assim é uma coisa deles. Quem precisa é a gente né? Beleza. Então, quem precisa é a gente então, tem que correr atrás, mas acho que eles tem que pensar ‘Não eles estão aqui pra estudar e não tendo professor’ a culpa não é da gente. Eles pedem professor, como já explicaram muitas vezes”. Para um pouco e logo torna a falar: “Ainda bem que a gente não se prejudica assim. Porque na questão das notas, mas no conhecimento né? Porque a nota repetiu a do terceiro bimestre, ninguém tá com nota baixa com relação a isso. Mas se a gente pega um negócio de basquete, regra, a gente não sabe. Que era pra ter né? A gente não sabe de nada disso aí”.

Mike trazendo sua contribuição diz: “O colégio deveria se importar mais com o aluno, não só com a aula de Educação Física, mas outras matérias falta professor e eles não tão nem aí. Então, tipo deve saber ‘Deixa eles se virar’. Só que muitas vezes isso é ruim, porque a gente precisa dessas matérias perdidas. Outras matérias tipo a de informática, algumas pessoas sabem nem mexer tudim outras não e tem lá no nosso boletim o TIC. E como a gente faz se não tá tendo aula? Então, quando a gente ia nem era aula. Faça num sei o que, uma redação, num sei o que. A professora da TIC usava a aula de TIC pra falar de advocacia. Debate como se fosse um tribunal, nada a ver com TIC. Assuntos polêmicos que acontecem no mundo. Ela fazia isso, nada a ver com TIC”.

Ampliando mais ainda minha percepção sobre o Núcleo, pergunto-os: **“Vocês acham que conseguem fazer relação do Núcleo com as outras áreas, matérias da escola?”** Bianca diz: “É. O Núcleo é uma matéria que envolve todas as outras, mas o que a gente mais faz é ler texto. Agora eu acho legal que faz você pensar. Nas suas atitudes, no seu futuro, na sua identidade. Agora eu acho que não envolve todas as matérias, matemática não envolve. Agora muita leitura pra você pensar e tudo”. Guerrinha complementa: “Pensei agora em matemática, envolve aquela parte das tabulações, no trabalho né? (Uma resposta em tom

de pergunta). Porque quem fez na verdade isso foi o Caio, que faltou. Ele é o único a saber mexer mais com computação que nós então, ele quem fez a tabulação dos gráficos”. Como um despertar Bianca fala: “Tipo a história do lazer, a gente tem que saber. O significado de tudo. É bom. Envolve... (continua pensando em que mais)”.

Ainda seguindo a pergunta anterior, pergunto: **“Do Núcleo para fora, para as outras disciplinas. Agora, vocês enxergam esse movimento contrário das disciplinas para o Núcleo?”** Um exemplo o professor de geografia tá passando algum conteúdo e eu consigo pensar em alguma coisa pra minha pesquisa? Por exemplo, eu estou na aula de Inglês e tem alguma coisa que me instigue do tipo ‘Isso aqui me lembra o Núcleo’?”

Bianca e Guerrinha concordam que “Difícilmente. Até agora nada das outras matérias lembrou o Núcleo, não”. **Pergunto quem os orientou** e Bianca me responde: “Ninguém. Ela era muito ocupada. Ela é de Física [Não sei qual a matéria dela, nunca tive aula com ela - Guerrinha]. Ela é uma boa pessoa, só que ela não.... É assim, não deu muita atenção. E Miss model fala sobre seu orientador: “Orientação foi do ‘Tito’ e do mesmo jeito, sem tempo”.

Gabi ficou por último pois já havia apresentado seu desenho para um outro grupo de pesquisa, então disse: “Gente, esse é o meu desenho. Significa uma... Natação, representa o esporte, futebol. Eu não sei se eu disse pra vocês, mas eu sou apaixonada com tudo que tem a ver com Educação Física. E aqui na escola não tem Educação Física. Por isso eu não pratico, mas na outra escola que eu estudava praticava muito. O nosso tema, eu achei importante, escolher este tema que é o esporte. Por causa que além dele ter ajudado na minha vida, ele também trouxe muitas coisas novas pra gente, que a gente não sabia, no bairro também, isso foi muito interessante pra mim e pros meninos. Alguma pergunta”? Como ela abriu espaço sem mesmo eu pedir solicitei que alguém a fizesse alguma pergunta.

Então, Bianca inicia: “O que foi que tu achou do teu trabalho? Tem esporte no teu bairro? E Guerrinha complementa: “O que vocês descobriram a partir deste trabalho”? Ela responde: “Não. Esporte no nosso bairro não tem. Devido a assaltos, roubos, que tem demais e as pessoas ficam com medo de praticar esportes nas quadras que tem, por isso”.

Enquanto dialogavam entre si fui ao computador para apresentar as fotos em projeção, por meio do Datashow e quando senti que Miss model tinha concluído abri a lente então risos ecoaram, riram bastante. Eles gostam de fotos e gostam de si ver, mas a construção da foto e suas significações trazem esses risos. Conforme explico a atividade sobre a composição das fotos deixo claro que quero um antes e um depois da passagem pelo Núcleo,

duas fotos para cada um e caso pensem iguais podem fazer duas para o grupo. No entanto, eles muitas vezes criam suas possibilidades.

Nesta turma eles criaram duas fotos para cada um sendo que Miss Model não fez um antes e depois por ter ajudado o grupo de pesquisa no dia anterior, no entanto, não disse que não podia. Portanto, fecharam em sete fotos, sendo a última uma brincadeira que eles fizeram colocando os líderes dos grupos na frente da sala de Núcleo. Dessa maneira peço que expliquem cada foto.

Então, Bianca inicia: “Essa minha foto... Antes do Núcleo eu era desinteressada. Tipo assim, não tinha o Núcleo e eu não tava nem aí. As matérias normais de sempre, beleza né? Tinha mesmo que estudar pra alcançar a média e tudo, beleza”. Pergunto se o que ela diz é igual para todos e em uníssono respondem que sim. Bianca agora fala sobre sua segunda foto: “Depois que entrou a matéria do Núcleo ‘Minha filha! Mudou tudo’. Porque descobri que o Núcleo iria ajudar nas outras matérias. Se eu tivesse uma boa nota no Núcleo com certeza teria uma boa nota também na média. Só que a gente não pode pensar ‘Ah, beleza. Eu tiro dez e fico com dez nas outras matérias’. Você também tem que tirar notas boas nas outras matérias. Matemática e tudo. Isso ajuda um pouco. E eu me interessei muito mais. Fora que isso é tipo um preparatório. Quando você entrar na faculdade porque tem apresentações e tudo. Esse trabalho de pesquisa que a gente encontra na faculdade. A partir do 1º ano que começou a ter eu me dediquei mais”.

Posteriormente, entramos na terceira foto que era do Mike que disse timidamente: “Desinteressado. Não quer saber de nada da vida”. Um silêncio quer se fazer presente então passo para a outra foto e ele diz: “Essa daí foi depois do Núcleo, depois que eu descobri né? Ai... é isso aí (risos tímidos). Eu tive que me interessar mais porque o Núcleo, ela exige de todas as matérias. Todas as matérias exige dela na verdade. Aí você tem que se esforçar mais, aí como eu antes era desinteressado tô aprendendo agora a estudar por causa do Núcleo”. **Pergunto se ele se interessou mais quando fez um projeto com aquilo que ele gostava** e me responde positivamente. Busco saber se ele fez pesquisa no primeiro ano sendo que ele não estudava nesta escola. Acaba soltando que “Tinha muita dificuldade de falar”, nos remetendo ao processo de apresentação novo para ele.

Com isso, Guerrinha inicia sua fala sobre sua foto: “Primeira foto foi antes do Núcleo. Cheguei aqui no 1º ano, já tinha o Núcleo. Antes do Núcleo eu era um pouco antissocial e também como ele disse, eu era bem desinteressado. O Núcleo ajudou mais, eu era bem desinteressado e antissocial e tinha muita timidez na frente do público [Bianca brinca

e diz ‘Nem parece’]. Com o Núcleo ‘Eu sou de todos (risos)’. É... Tenho amizade com todo mundo, não tenho inimizade com ninguém, eu falo com todo mundo pode ser inimigo eu falo oi. Falo com todo mundo, não tenho mais isso. A timidez perdi total, porque o Núcleo ajudou muito, foi ele que tirou a timidez. Eu apresento tranquilo, porque perdi a timidez. E me interessei mais pelos estudos”. Então chegamos na última foto e pergunto o que seria ela. Sendo que ele já havia falado tudo anteriormente então, Bianca diz: “É nós. Adoramos o Núcleo. Os representantes dos grupos que veio né”?

Assim fomos para o passo seguinte do roteiro de pesquisa, a escrita da carta. Então, digo: “Como a gente começou a falar um pouquinho sobre essa escola com a cara da juventude, o que eu vou pedir a vocês. Que vocês peguem uma folha aqui, um lápis ou caneta e escrevam uma carta pedindo o secretário de educação do Ceará... [Guerrinha interrompe e pergunta não acreditando na possibilidade: Vai pra mão dele? Balanço a cabeça e continuo, O que vocês vão dizer nessa folha, o que vocês gostariam na escola de vocês. Vocês podem elencar os problemas, mas digam o que é possível fazer para que a escola de vocês tenha a cara da juventude? Porque ele não é jovem, ele não sabe. Então, o jovem tem que dizer para ele o que se espera nessa escola. Eles me perguntam como devem se portar ao escrever uma carta para o secretário se usam senhor ou outra forma de tratamento. Bianca tira dúvida sobre arte pois não queria dizer teatro ou dança queria falar de modo geral, como necessidade de sua escola. Gabi como já havia feito anteriormente deixa a sala. Aos poucos vão terminando, mas como são muito amigos esperam os outros e ficam conversando. Mike timidamente usa o gravador dizendo a hora em voz baixa. Achei oportuno perguntar para Bianca e Guerrinha que se mostraram solícitos em organizar meu material o que haviam achado do roteiro da pesquisa e ela disse: “Bem interessante. É a primeira vez que isso acontece. De alguém querer saber sobre o nosso trabalho” e Guerrinha diz: “Achei bem criativo”. Os agradei pela paciência e tornei da dizer sobre a apresentação da dissertação que os convidaria.

Obs: Miss Model\* fez parte de suas atividades com G04 e neste grupo.

**APÊNDICE A - CARTA DE APRESENTAÇÃO DA PESQUISADORA A  
E.E.F.M.W.S.C.**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Departamento de Educação  
Programa de Pós-Graduação em Educação  
Rua Waldery Uchôa, Benfica  
Fortaleza/ce - CEP 60.020-180  
(85)3366-7679 - URL: <http://www.facedpos.ufc.br>

Francisco José de Souza Silva  
Diretor-Escolar  
D.O.E. 26/06/2016

**CARTA DE APRESENTAÇÃO DO PESQUISADOR**

Senhor(a) diretor(a) Francisco José de Souza Silva

representante da Escola de Ensino Fundamental e Médio Walter Sá Cavalcante. Por meio desta apresentamos a acadêmica **Klertianny Teixeira do Carmo**, do 2º semestre do mestrado em Educação Brasileira, devidamente matriculada nesta instituição de ensino, que está realizando a pesquisa intitulada **"PRÁTICAS CORPORAIS NO ENSINO MÉDIO: EM BUSCA DE CAMINHOS PARA FORMAÇÃO HUMANA DESCOLONIALIZANTE A PARTIR DAS AULAS DO NTPPS E DA EDUCAÇÃO FÍSICA EM DUAS ESCOLAS EM FORTALEZA-CE."**

Na oportunidade, solicitamos autorização para que realize a pesquisa através da coleta de dados (questionário/entrevista/observação). Queremos informar que o caráter ético desta pesquisa assegura a preservação da identidade das pessoas participantes.

Uma das metas para a realização deste estudo é o comprometimento da pesquisadora em possibilitar, aos participantes, um retorno dos resultados da pesquisa. Solicitamos ainda a permissão para a divulgação desses resultados e suas respectivas conclusões, em forma de pesquisa, preservando sigilo e ética, conforme termo de consentimento livre que será assinado pelo participante. Esclarecemos que tal autorização é uma pré-condição.

Agradecemos vossa compreensão e colaboração no processo de desenvolvimento deste trabalho. Em caso de dúvida você pode procurar a coordenação da FAGED.

Atenciosamente,



Maria Eleni Henrique da Silva

**Profa. Maria Eleni Henrique da Silva**

Profª Dra Maria Eleni H. da Silva  
Coordenadora de Programas Acadêmicos  
Instituto de Educação Física e Esportes  
IEFES/UFC

**APÊNDICE B - CARTA DE APRESENTAÇÃO DA PESQUISADORA A  
E.E.F.M.J.M.**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Departamento de Educação  
Programa de Pós-Graduação em Educação  
Rua Waldery Uchôa, Benfica  
Fortaleza/ce - CEP 60.020-180  
(85)3366-7679 - URL: <http://www.facedpos.ufc.br>

**CARTA DE APRESENTAÇÃO DO PESQUISADOR**

**E.E.F.M. JOÃO MATOS**  
Laudenise Fonseca Botelho  
Diretora Escolar - D.05/05/13

Senhor(a) diretor(a) Laudenise Fonseca Botelho Damasceno

representante da Escola de Ensino Fundamental e Médio João Matos. Por meio desta apresentamos a acadêmica **Klertianny Teixeira do Carmo**, do 2º semestre do mestrado em Educação Brasileira, devidamente matriculada nesta instituição de ensino, que está realizando a pesquisa intitulada **"PRÁTICAS CORPORAIS NO ENSINO MÉDIO: EM BUSCA DE CAMINHOS PARA FORMAÇÃO HUMANA DESCOLONIZANTE A PARTIR DAS AULAS DO NTPPS E DA EDUCAÇÃO FÍSICA EM DUAS ESCOLAS EM FORTALEZA-CE."**

Na oportunidade, solicitamos autorização para que realize a pesquisa através da coleta de dados (questionário/entrevista/observação). Queremos informar que o caráter ético desta pesquisa assegura a preservação da identidade das pessoas participantes.

Uma das metas para a realização deste estudo é o comprometimento da pesquisadora em possibilitar, aos participantes, um retorno dos resultados da pesquisa. Solicitamos ainda a permissão para a divulgação desses resultados e suas respectivas conclusões, em forma de pesquisa, preservando sigilo e ética, conforme termo de consentimento livre que será assinado pelo participante. Esclarecemos que tal autorização é uma pré-condição.

Agradecemos vossa compreensão e colaboração no processo de desenvolvimento deste trabalho. Em caso de dúvida você pode procurar a coordenação da FAGED.

Atenciosamente,



Maria Eleni Henrique da Silva

**Profa. Maria Eleni Henrique da Silva**  
Professora  
Coordenadora de Programas Acadêmicos  
Instituto de Educação Física e Esportes  
IEFES/UFC

## APÊNDICE C - CARTA CONVITE PARA OS(AS) PROFESSORES

Fortaleza, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

Att. Professor(a), \_\_\_\_\_

Prezado(a) professor(a): \_\_\_\_\_

Encaminhamos esta carta com a finalidade de convidá-lo a participar de um projeto de pesquisa proveniente de um trabalho de dissertação de mestrado da Universidade Federal do Ceará (UFC). O projeto de pesquisa intitulado: **“NARRATIVAS CORPORAIS NO ENSINO MÉDIO: EM BUSCA DE CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO (FÍSICA) COM SENTIDO E SIGNIFICADO EM DUAS ESCOLAS EM FORTALEZA-CE”** está sendo conduzido pela mestranda Klertianny Teixeira do Carmo e pela professora Doutora Maria Eleni Henrique Silva.

Para tanto, necessitamos de sua aceitação voluntária para observação de suas aulas e posteriormente uma entrevista inicial que abordará assuntos pertinentes ao tema de pesquisa: inclusão do NTPPS na escola, relação professor e estudante, pesquisa na escola e juventude tendo como eixo de ação as aulas de Desenvolvimento Práticas Sociais e Pesquisa (DPS/P) do Núcleo de Trabalho, Pesquisas e Práticas Sociais (NTPPS). As observações serão discutidas conforme seu horário e a especificidade do estudo, estima-se o prazo de mínimo de três meses. Teremos uma entrevista abordando assuntos que dizem respeito às observações e a reflexão teórica. A sua participação será concretizada mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (verso), documento na qual informa e informa e esclarece sobre a sua participação na pesquisa.

Garantimos o total anonimato da sua participação voluntária durante toda a pesquisa e os procedimentos metodológicos em nenhum momento colocarão você em risco físico ou emocional, tendo o respaldo os princípios éticos que norteiam a pesquisa.

Sendo o que tínhamos para o momento, agradecemos antecipadamente a atenção dispensada.

---

Klertianny Teixeira do Carmo

---

Maria Eleni Henrique Silva



## APÊNDICE D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PROFESSORES(AS)

Convidamos o(a) Senhor(a) a participar do projeto de pesquisa “NARRATIVAS CORPORAIS NO ENSINO MÉDIO: EM BUSCA DE CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO (FÍSICA) COM SENTIDO E SIGNIFICADO EM DUAS ESCOLAS EM FORTALEZA-CE” que se refere a um projeto de mestrado, sob a responsabilidade da pesquisadora Klertianny Teixeira do Carmo. O projeto está sendo desenvolvido no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará.

O objetivo desta pesquisa é compreender como a disciplina de Desenvolvimento Práticas Sociais e Pesquisa (DPS/P) do Núcleo de Trabalho, Pesquisas e Práticas Sociais (NTPPS) pode contribuir para apontar caminhos para uma Educação (Física) com sentido e significado voltada a formação humana, a partir das narrativas de professores de DPS/P e jovens do 2º ano do ensino médio, que desenvolveram projetos de pesquisa, em 2016, voltados ao macro campo Esporte e Lazer em duas escolas públicas em Fortaleza-CE.

O(a) senhor(a) receberá todos os esclarecimentos necessários antes e no decorrer da pesquisa e lhe asseguramos que seu nome não aparecerá sendo mantido o mais rigoroso sigilo pela omissão total de quaisquer informações que permitam identificá-lo(a).

A sua participação se dará por meio de uma entrevista individual. Sua participação é voluntária, sigilosa e sem custo ou risco para a sua instituição. Você poderá sentir-se constrangido ao participar da entrevista e terá o direito de desistir a qualquer momento sem que isso lhe cause prejuízo ou punição. Suas dúvidas serão sanadas sempre que for necessário, a entrevista será individual será realizada na própria instituição de ensino no horário combinado com a pesquisadora, para não haver prejuízos para sua profissão ou instituição, em uma data combinada com um tempo de aproximadamente uma hora para sua realização, podendo se estender dependendo do nível de diálogo.

Os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa são as possibilidades de surgirem perguntas novas durante a conversa (entrevista) que possam ser direcionadas para assuntos polêmicos e visões/opiniões políticas. No entanto, não é objetivo da pesquisa julgar opiniões. E caso você sintase incomodado poderá não responder ou desistir a qualquer momento da entrevista sem que isso lhe cause prejuízo ou punição. Se você aceitar participar, estará contribuindo para o debate e reflexão a respeito dos dilemas que emergem nas narrativas corporais no ensino médio e nos ajudará a apontar caminhos para uma Educação (Física) para juventude mais humana e significativa.

O(a) Senhor(a) pode se recusar a responder (ou participar de qualquer procedimento) qualquer questão que lhe traga constrangimento, podendo desistir de participar da pesquisa em qualquer momento sem nenhum prejuízo para o(a) senhor(a). Sua participação é voluntária, isto é, não há pagamento por sua colaboração.

Todas as despesas que você tiver relacionadas diretamente ao projeto de pesquisa (passagem para o local da pesquisa, alimentação no local da pesquisa ou exames para realização da pesquisa) serão cobertas pelo pesquisador responsável.

Caso haja algum dano direto ou indireto decorrente de sua participação na pesquisa, você poderá ser indenizado, obedecendo-se as disposições legais vigentes no Brasil. Os resultados da pesquisa serão divulgados na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará podendo ser publicados posteriormente. Os dados e materiais serão utilizados somente para esta pesquisa e ficarão sob a guarda do pesquisador por um período de cinco anos, após isso serão destruídos.

Se o(a) Senhor(a) tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, por favor telefone para: **Klertianny Teixeira do Carmo**, telefones: pessoal (85) 99726.8662 e institucional da Faculdade de Educação Física no 3366.7679 (no horário de 08:00 às 12:00 e 14:00 às 18:00, de segunda a sexta-feira). Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o pesquisador responsável e a outra com o Senhor(a).

---

Nome / assinatura

---

Pesquisador Responsável

Fortaleza, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

## APÊNDICE E - NOTAS DE OBSERVAÇÃO E.E.F.M.W.S.C.

Nº	DIAS	ATIVIDADE
1º	13/10/2015	NOTA 1: Ida à escola para conversar com diretor e profa. DPS/P
2º	27/11/2015	NOTA 2: I Feira do NTPPS
<b>GREVE DE PROFESSORES E ESTUDANTES (25/04/2016 – 09/08/2016)</b>		
3º	22/09/2016	NOTA 3: Ida a escola para fechar compromisso mediante assinatura de autorização (gestão e professores) para pesquisa e conversa com todos os professores de DPS/P
4º	24/10/2016	NOTA 4: Participei de uma aula do 1º ano com profa. Luna*
5º	31/10/2016	NOTA 5: Banca avaliadora de trabalhos da turma 1º A
6º	22/11/2016	NOTA 6: Aula da pesquisadora na turma 2º A, B e E
7º	23/11/2016	NOTA 6: Aula da pesquisadora na turma 2º C, D e F
8º	24/11/2016	NOTA 6: Aula da pesquisadora na turma 2º A, B e E
9º	25/11/2016	NOTA 6: Aula da pesquisadora na turma 2º C, D e F
10º	11/01/2017	NOTA 7: Entrevista pré-teste com os jovens (pela tarde)
11º	12/01/2017	NOTA 8: Entrevista pré-teste com professora Kátia*
12º	18/01/2017	NOTA 9: Entrevista pré-teste com professora Luna* e prof. PJ*
13º	19/01/2017	NOTA 10: Visita a escola e conversa com jovens no pátio
14º	27/01/2017	NOTA 11: II Feira NTPPS (fotografando o evento e vendo alguns trabalhos) e convite para pesquisa e entrega do TCLE aos jovens
15º	03/02/2017	NOTA 12: Entrevista em grupo G02(manhã) e G03 (tarde)

Fonte: autoria da pesquisadora com base nas notas de observação

### **16/10/2015** NOTA 1: Ida à escola para conversar com diretora e professora NTPPS

Após fazer o contato por telefone para saber a diretora estava na escola, fui até lá. Chegando fui ao seu encontro e conversamos sobre a pesquisa que ainda estava se consolidando por ainda não ter passado pela qualificação. Fui muito bem recebida. Fui apresentada a escola até comentei com a diretora que achava aquela escola parecida com uma casa e ela disse que ali foi um terreno de um sítio que foi comprado para fazer a escola, então, se utilizou do que havia para construir a escola.

Embora tenha sido indagada do motivo de ter escolhido aquela escola se haviam outras que também tinham NTPPS, principalmente, pela professora coordenadora que me falou de uma outra escola tida como “modelo NTPPS” a E.E.F.M.J.M. Falei que escolhi principalmente pela proximidade com o bairro que morava. Mesmo tendo uma resposta positiva fui levada a professora coordenadora do NTPPS na escola que também aceitou fazer

parte da pesquisa e logo me fez o convite para ficar na escola. Não tinha nada programado então, acabei ficando. Neste mesmo dia, tive a oportunidade de conhecer mais aquela professora de fisionomia tão dura, mas de olhar doce.

Como era dia de planejamento, não assisti aula, mas tive a oportunidade de me deparar com uma situação ruim, mas extremamente favorável a pesquisa. A professora estava bastante sobrecarregada com as atividades de pesquisa dos alunos e com outras questões que a impediam de exercer sua função e, quando ela recebeu a visita de dois avaliadores do Instituto Aliança começou a chorar. Parecia estar vendo uma espécie de “Deus na terra” que a salvaria do mal que lhe assolava. Eu não entendia nada e sem intimidade para fazer qualquer questionamento me colocava sempre em posição de escuta. Fomos para uma sala da coordenação, lá estávamos eu, a professora e os dois avaliadores do NTPPS.

Como a professora começou a chorar, achei que deveria ficar e não fui impedida. Assim, eles começaram seu dialogo amparando-a e conversando sobre as questões de modo quase que usando símbolos, no entanto, percebi que existiam problemas entre professores, ela estava sobrecarregada com oito turmas e praticamente sendo orientadora da maioria dos grupos. Sendo que as turmas têm em média cinco trabalhos de pesquisa, com grupos compostos no mínimo por cinco jovens.

Os avaliadores disseram que iam conversar com a gestão e iam procurar meios para mudar a realidade. Fiquei muito mexida com isso e ficava me perguntando o que tinha acontecido, mas esperando o momento certo. Encerrando o dia, ao me despedir ela retoma o assunto e diz que provavelmente eu não iria voltar por conta do que tinha visto, mas disse que o que tinha visto, tinha me deixado com mais vontade. Que logo retornaria para ajustar os horários já que tinha anotado seus horários. Então, foi feito o convite para vir no dia da Feira NTPPS que naquele ano ia ser diferente na quadra com todas as turmas, no dia 27/11/2015.

*Meu primeiro indício:* existia um mal-estar ente professores que estava dificultando as atividades do NTPPS, era importante investigar, levando em consideração que existe uma escola que desenvolve NTPPS e, é tida pelos professores como “modelo”, isso me fez refletir sobre o que essa escola tem que essa outra não tem?

**27/11/2015** NOTA 2: Primeira feira do NTPPS

Um dia muito interessante. Cheio de novidades. Estava com muita vontade de assistir a apresentação do grupo que a professora falou sobre o tema esportes na escola, um grupo do 1º ano. Cheguei fui tentando auxiliar a organização do evento que teve pouca participação dos professores da escola, por não quererem participar. Motivos que ainda não estavam explícitos para mim. Neste dia, fiquei muito atenta a tudo principalmente, observando os jovens. Eu estava maravilhada com a produção do conhecimento sendo incentivada dentro de uma escola pública. Sem falar trazendo temas de minha paixão: esportes, arte e dança.

Quatro fatos aconteceram nesse dia que me chamaram muita atenção: *primeiro fato*, os jovens desistindo no dia da apresentação de apresentar porque não conseguiram ou porque não tinham impresso o banner da apresentação, sendo que a professora conseguiu reverter o último caso, realocando a apresentação junto com as turmas da tarde.

*Segundo fato*, um professor que fui acompanhando enquanto ele avaliava um grupo de alunos e ao concluir me disse que não sabia que o núcleo era daquele jeito e que queria participar no outro ano.

*Terceiro fato*, a apresentação de um trabalho sobre a higiene do bebedouro que as alunas disseram ter buscado fazê-lo por conta que achavam que a água era imprópria para ser tomada. Elas com o auxílio do professor de biologia, que levou a água para análise, mostraram que a água era própria para ser tomada, que a limpeza também não era feita regularmente e que se mantinha sujo externamente por conta dos estudantes que contribuíam sujando.

Daí elas fizeram como ação a criação de panfletos tentando conscientizar os jovens de sua parte e, mais ainda, apresentaram para a diretora, que esteve presente na Feira vendo todos os trabalhos. Elas falaram da necessidade de regularizar a limpeza do mesmo e a diretora disse que ia resolver isto. Nessa hora, eu fiquei pensando sobre a força que aquela pesquisa tinha naquele meio e percebi no semblante da diretora que ela reconhecia a importância.

*Quarto*, após tudo ter acabado quando guardávamos tudo ao final do dia, a diretora falou sobre um trabalho sobre drogas em que uma aluna deu seu depoimento e fez todos se comoverem da importância de não entrar nesse caminho. Ainda neste dia tive a oportunidade de conhecer um professor de Química, da escola, que estava fazendo mestrado falando sobre o NTPPS da “Escola modelo”, disse que tinha escolhido assim para não misturar as coisas, deixando subtendido que a forma como era feita naquela escola não seria

legal ser estudada, acabou me incentivando a ler a monografia da professora-coordenadora da “escola modelo NTPPS” como também a ir lá.

*Indícios:* a necessidade da mediação do professor dentro do processo investigativo uma flexibilidade propulsora; a importância de ampliar a visão do corpo docente para a entrada de uma proposta de mudança curricular; a importância da pesquisa como atitude para transformação social e espaço de sensibilização do humano para questões que afligem o outro que se encontra muitas vezes ali na mesma turma e não se sabe quem é.

**22/09/2016** NOTA 3: Ida à escola para fechar compromisso mediante assinatura de autorização para pesquisa e conversa com todos os professores de NTPPS

Depois de algum tempo, após ajustes entre as obrigações acadêmicas e a greve dos professores e estudantes de escolas públicas, retornei à escola para reatar os laços. A escola tinha passado por mudanças na gestão e com isso foi necessário conversar novamente para solicitar a autorização agora por assinada. Nisso tive a oportunidade de falar em conjunto com todos os professores de NTPPS da escola, os quatro. Peguei seus horários, falei do motivo da pesquisa que estava prestes a ser qualificada, pedindo a autorização de cada uma para em breve visitar suas aulas. Este foi um momento muito importante, pois tive a oportunidade de conhecer os novos professores e ter uma boa conversa sobre os desafios que vem sendo enfrentados na busca de colocar o projeto para funcionar. A resistência de um grupo de professores que se opõe a ter as notas do NTPPS somada as de suas respectivas matérias. Colocando os alunos contra os próprios professores conforme a fala da professora coordenadora “os meninos querem receber nota pelo que fazem, eles não fariam se não fosse assim embora a utopia do Instituto Aliança diga para gente que devemos incentivar os alunos a isso”. Acredito que os professores do NTPPS acreditam na pesquisa como algo que motiva a aprender, mas dentro desta lógica que a escola está pautada, como é possível sensibilizar esse novo olhar? Nesta breve reunião compreendi que a partir da fala da professora-coordenadora que há outros preconceitos sobre sua “figura”, sobre seu posicionamento pessoal como ela mesmo disse. A mesma levantou que há muito preconceito com relação a sua orientação sexual e os trabalhos desenvolvidos no 1º ano sobre sexualidade, que geram inúmeros trabalhos com relação a temática da homossexualidade. Senti nos olhos desta professora todo o dissabor que a mudança causa naqueles que buscam enfrentar e encontrar meios para isso. Dois professores mais novos entraram nesse segundo semestre após a greve e já começaram a

sentir os primeiros enfrentamentos, no entanto, tem uma nova compreensão sobre o que podem e devem fazer, como eles mesmos disseram “a gente sai da capacitação do IA com vontade de mudar o mundo e quando chega na realidade encontra tantos desafios”.

*Indícios:* quem coordena precisa ter uma “figura” mais mediadora não só para com o jovem, mas com o corpo docente formado por visões de mundo diferentes. Mas me pergunto, a quem caberia está empreitada? Acredito que somente partindo dos professores do NTPPS não é possível, existe relações que precisam ser ressignificadas.

**24/10/2016** NOTA 4: Participei de uma aula do 1º ano com professora Luna

Cheguei a escola e a professora-coordenadora não estava em sala então, fui em busca daquele que estivesse dando aula e minha intuição foi ir para a professora do primeiro ano, a Luna. Cheguei a aula estava acontecendo fui convidada a sentar na roda, e a professora fez uma breve apresentação. Senti mudança no ar quando cheguei. Mas tentei não me posicionar como pesquisadora, mas como uma estudante. Já que muitos diziam que eu me parecia com uma. Assim, a professora falou que estava fazendo uma atividade de perguntas e respostas com o grupo sobre o tema afetividade e sexualidade. Dentro da caixinha que estava em seu colo existiam vários papéis com perguntas ligas a temática, feitas pelos estudantes em se identificar. No entanto, sempre quando caía algo referente ao sexo, em sua grande maioria, era um rebuliço. Tinham muitas dúvidas básicas e como todos tinham que opinar fui evocada pelos jovens, chegou a minha vez, era sobre sexo “se eu gostava de sexo” respondi sem titubear que sim, mas tive de aprender a fazer isso de forma segura. Então, outras pessoas começaram a fazer outras perguntas para outras pessoas dentro do mesmo tema. Todos queriam falar ao mesmo tempo, era difícil controlar a vivacidade deles, mas era instigador. Aquele pouco tempo ali, percebi que eles eram muito “verdinhos”, tanto na vida como na pesquisa. No entanto, eles traziam inquietações sobre a vida, sobre o sexo seguro, sobre gravidez na adolescência, sobre namoro na escola, sobre amizade entre homem e mulher, sobre suas diferenças, sobre homossexualidade, enfim, sobre a vida.

*Indícios:* comecei a me indagar se estes jovens poderiam me trazer reflexões mais aprofundadas sobre o NTPPS, já que eles estavam ainda aprendendo sobre si mesmos, para aprender a pesquisar. É como se a pesquisa fosse a vida diluída em etapas. É possível pesquisar algo sem se conhecer? Lembrei de Sócrates “conhece-te a ti mesmo”.

**31/10/2016** NOTA 5: Banca avaliadora de trabalhos da turma 1º A

Pude avaliar três trabalhos do primeiro ano e ver a intervenção da avaliadora do Instituto Aliança sobre o trabalho dos alunos. Os temas foram: As influências das drogas no ambiente escolar; Bullying na adolescência. Foi muito rápido, mas muito interessante por um minuto pude voltar no tempo e me lembrei da minha primeira apresentação nos Encontros Universitários da UFC, coração batendo muito rápido, a ansiedade tomando de conta, mas tudo sendo executado como deveria. Imaginava o que eles estava passando e era nítido, tanto é que fiz questão de deixá-los mais à vontade falando de minha experiência e dizendo que estava ali para ajudá-los a melhorar. Interessante a intervenção da avaliadora do IA, se mostrava extremamente conhecedora do processo de pesquisa pedindo a professora para passar outra atividade para ajudar a definir melhor os objetivos como a descrição deles. Ali, não era um momento fácil.

**22/11/2016 – 23/11/2016 – 24/11/2016 – 25/11/2016** NOTA 5: a experiência de ser professora NTPPS por três dias

Na semana anterior, tinha entrado em contato com a professora do NTPPS para avisar sobre minha ida a escola, no entanto, ela me deu a notícia que estava saindo da escola. Assim, fui na escola no dia 18/11/2017 para fazer uma entrevista por solicitação dela. Após, o resultado tive a oportunidade de conversar com ela sobre a vida e sobre aquele momento que chegará para nós, o “fim” para uma e o início para outra. Acertamos para além dos conteúdos a serem continuados. Mas senti sua saída com muito pesar, pois ela levava aquilo com muito amor e dedicação. Assim, fiquei na escola. No primeiro dia, o diretor me apresentou na sala dos professores, lugar que eu abomino desde graduação, e tive o desprazer de ver uma cena patética, um professor falar alto “Graças a Deus” pela saída da professora. Isso sem a menor cerimônia. Fiquei aturdida. No entanto, já sabia que aquele terreno tinha problemas, extremamente enraizados. Foi neste espaço que tive o prazer de dar minha primeira aula sozinha para uma turma de ensino médio. Antes tive outras experiências, mas com projetos numa escola deste nível de ensino sempre acompanhada por pelo menos dois outros amigos estagiários e no ensino fundamental. Amei o desafio. Em minha última conversa com a professora ela me deu a dica de uma atividade para começar, mas que todo passo a passo

estava o livro era só seguir. Assim, fui para as salas de aula: comecei com minha breve apresentação e solicitei que eles se apresentassem dizendo para mim, seu nome e o que mais gostavam de fazer. Anotei um por um, eles diziam: malhar; sair; jogar bola; interpretar; gosta de forró, mas não dança; não gosta de estudar e acha difícil o NTPPS; comer; ficar em casa; ler poemas; olhar a lua; k-pop; videogames; hipismo; cavalo; entre tantas outras coisas. Assim, fomos quebrando o gelo e interagindo, então, passei a atividade para produzirem uma bula. Como em cada turma tinha duas aulas, na segunda aula que sempre era no dia posterior, nos reencontramos e foi feita a apresentação e entrega das bulas dos seus remédios: “respeitoflex”; “inteliflex”; “comunicazol”; “dialcox”; “unitril”; “curtitrilado de pivetriu”; “sérieocetamol”; “felicetina”. Remédios indicados para melhorar o respeito; a inteligência; a comunicação; o diálogo; a união; a curtir a vida; a assistir mais seriados; a ser mais feliz. Muita criatividade junta. E depois partimos para segunda tarefa que era o jogo dos papéis (VER ANEXO - planos de aulas, p.103). Essa foi uma atividade intensa onde nós sempre perdíamos a noção de tempo. Foi feita uma adaptação simples ao invés de usarmos a brincadeira fizemos um debate acerca do tema, o papel social do homem e da mulher. Fiz uma breve introdução sobre os papéis sociais e fui trazendo as características que tinham escritas no livro para enquadrarmos o que achávamos ser referente aos homens ou as mulheres. Isso gerou muita polêmica. Pois todos se posicionavam traziam questões familiares. Todos acabavam falando. Uns queriam passar por cima do que os outros falavam. Falamos sobre educação dos filhos, orientação sexual, sensibilidade, romantismo, choro, uso de cosméticos. Muitas vezes uns ficavam horrorizados com o que o outro falava, isso foi nítido quando uma menina disse que queria “um homem rico para casar” muitos ficaram perplexo, mas aí estava a beleza do processo de mediação fazê-los refletir sobre o respeito ao outro. Isso foi tão chamativo que no meu último dia de aula, um professor faltou de outra turma, e os alunos pediram para participar da minha aula, assim ficamos com duas turmas numa sala. Colocamos todas as carteiras perto da parede em forma de círculo e as mesas no meio, enquanto circulava dentro da sala traziam temas sobre os papéis sociais para refletirmos. Eu lendo a atividade achei ela muito “fofinha” e nem sempre é bacana, principalmente, vindo de outra atividade que foi também uma brincadeira. E olha, que digo isso por mim e pelo tempo que trabalhei com projetos. Brincar é legal, mas o tempo todo se torna muito infantil. E os jovens, não querem ser tratados como crianças, querem ser jovens. Infelizmente não pude continuar devido problema de saúde, fiquei somente quatro dias, embora tivesse me (re)encontrado ali.



Foram dias muito especiais para mim. Mas, meu corpo me abandonou, tive de reconhecer isso. Ou melhor, eu abandonei meu corpo.

*Indícios:* a mediação do professor necessita de mais alteridade, portanto, de reconhecimento do outro no caso, o jovem do Ensino Médio, e da interdependência dele para que se consiga proporcionar um momento de aprendizagem efetivo. O caminho está dado (na apostila), mas ele precisa ser refletido e ser reorganizado, levando em consideração quem são os jovens de hoje. Nesse caso, eu me sinto jovem ainda. Será se todo professor que se endureceu foi porque perdeu sua juventude?

#### **11/01/2017** NOTA 6: Entrevista pré-teste com os jovens (pela tarde)

Ainda sob influência da rica experiência com os jovens no 2º ano, fiquei balanceada com a possibilidade de trabalhar com os três anos. Foi que em orientação tive a oportunidade de pensar em fazer uma entrevista-teste trazendo perguntas relativas aos aspectos positivos e negativos do NTPPS; a escolha do tema de pesquisa; relação professor e estudante; relação NTPPS e Educação Física (e com outras áreas) e sobre o trabalho em grupo. No entanto, percebi que fazendo a entrevista com um jovem de cada ano havia uma discrepância nas falas. Claro que foi percebido uma maior articulação daqueles que se encontravam no terceiro e no segundo ano, no entanto, os do terceiro estavam vivendo o NTPPS tendo como base o tema trabalho e sua pesquisa não tinha ação.

Algumas partes dos relatos foram muito significativas para mim: *o jovem do 1º ano* que estava bem nervoso por eu ter chamado ele para participar disse que nunca tinha sido tão abraçado por uma escola quanto a que estava no momento e percebia isso na escola; tinha dificuldade em matemática; disse ter que aprender a estudar pois não sabia; seu tema de pesquisa era sobre homofobia pois ele percebia que na escola havia muito preconceito com quem era *gay* e ele disse “um gay é um ser humano como nós todos”; disse reconhecer que o que falta para os estudantes é o cuidado dos pais que não sabem nada do filho que muitas vezes gaseia (mata) aula e até perde o ano; e diz que com o Núcleo aprendeu a “amar o próximo”, a conversar, desabafar, ser amigo da outra pessoa.

*O jovem do terceiro ano*, falou sobre a o Núcleo ser uma nova matéria que aproxima da pesquisa onde se tem a oportunidade de se aproximar da comunidade e assim

somar com uma nota; ser mais fácil mais ainda ter dificuldade com pesquisar no 3º ano por conta da experiência; falou ser ruim a questão da formação dos grupos para se encontrarem por conta da distância; falou também que tanto o Núcleo ajuda quando se tira boa nota, mas também como atrapalha caso você tire nota baixa, já que é somado as outras disciplinas; disse ter se identificado por conta que gosta da pesquisa e quer ser pesquisador; gosta das oficinas pois tem coisas que ele aprendeu que nunca tinha visto; e finaliza dizendo que ter projetos na escola como o Núcleo é importante.

*A jovem do 2º ano*, já trouxe muitas outras coisas conseguiu dar maior densidade ao que foi perguntado: falou que os pontos positivos do Núcleo era que ajudava nas outras disciplinas, a fazer trabalhos das outras disciplinas; que era ruim a relação com a professora que havia saído, se comparando com a do ano anterior porque “ela queria tudo do jeito dela”, e acrescenta “ela não sabia entender a gente e faz uma reflexão referente aos professores da escola diz que “cada professor tem uma maneira de conquistar a gente”.

Falou que sua escola estava longe de ser uma escola com a cara da juventude, nessa hora uma amiga que estava com ela acabou contribuindo na sua fala dizia algumas coisas e ela complementava, disseram necessitar: de esporte, artes, aulas de dança, cursos, laboratório, merenda melhor já que tem gente que vem para escola para merendar por que não tem em casa. Diz que não são ouvidos na escola os “professores são autoridades” e quando se vai argumentar sempre o aluno está errado.

Fala sobre as oficinas serem interessantes e consegue percebê-las como “complemento da pesquisa”, deixando claro que somente se o professor colaborar para isso. Perguntei sobre as aulas de Educação Física e disseram não ter, quando tinha era carimba, e outra coisa para os meninos, além de informar que a quadra estava parada. Conseguem enxergar a relação com as áreas de Português, História e Matemática com o Núcleo e nos revelou que aprendeu porcentagem por causa da pesquisa, algo que na aula de matemática não havia. Além de revelar que as relações com as áreas não são feitas pelos estudantes por conta da “falta de atenção”.

Com relação a ação trouxe a lembrança do 1º ano no tema sobre saúde na adolescência trazendo os temas gravidez e DST'S que acabou servindo para ela aprender a se preservar e ajudar os amigos. Disse que ser jovem era: “ser livre e deixar a criatividade fluir”, “não seguir padrões” além de ser “batalhadora, nunca desistir”. Algo muito importante foi ressaltando quando perguntei o que faltava para ser melhor a escola: falou sobre a melhoria da estrutura, o diálogo e principalmente, a presença que significa observar se está vindo a aula,

suas notas e buscar entender os motivos “o que pode melhorar” porque tem gente que tem vergonha de dizer se está com dificuldade, se assemelhando a um psicólogo.

**12/01/2017** NOTA 7: Entrevista pré-teste com professora Kátia\*

Foi um dia cansativo para professora que após a saída da professora-coordenadora acabou tendo que auxiliar os outros professores. Fizemos a entrevista na sala utilizada para armazenamento de provas e materiais do NTPPS, e algumas vezes como espaço de conversa com os alunos e, também como “sala de professores” de uma parte daqueles que não se sentem à vontade para estar na sala de professores da escola. Local calmo, que fica próximo a sala da coordenação e da direção. Naquele momento se encontrava a professora de Espanhol e o professor de História sentados na mesa que fica no centro da sala. Conversamos sobre muitas questões: sobre o desenvolvimento dos alunos no processo, já que quando se pega uma turma no 1º ano você fica com ela até o 3º ano, algo específico dessa escola. A criticidade que eles adquirem com a pesquisa e o conhecimento de si devido as oficinas. A percepção dos desafios que são diferentes a cada ano para o 1º e 2º anos, referente os questionários e com os do 3º ano o referencial teórico. As dificuldades com as orientações já que é por adesão, além de falar da resistência existente dentro da escola, que segundo ela estava na personificação do Núcleo, a professora-coordenadora que saiu e não tinha uma boa convivência com um grupo de professores. E, o mais importante, foi ela dizer que já havia falado com a gestão da necessidade de sensibilizar os professores sobre o Núcleo na semana pedagógica da escola de 2017.

**18/01/2017** NOTA 8: Entrevista pré-teste com professora Luna e professor PJ

Fui à escola especificamente para fazer a entrevista com os professores PJ e Luna, professores novatos no NTPPS. Tive que aguardar uma “janela” antes do intervalo, na segunda aula e após o intervalo fiz com a professora Bruna.

Com relação ao *professor PJ*, falamos sobre: a avaliação do NTPPS na visão dele é uma forma de motivar para pesquisa mas não era para ter nota e a forma como ele avalia conta com quesitos de participação nas oficinas, engajamento e a pesquisa propriamente dito (projeto, relatório e apresentação); não trabalha com auto avaliação deles embora utilize isso na disciplina de Formação Cidadão (Professor Diretor de Turma) e a partir da minha pergunta

pensou sobre isso como uma possibilidade; afirma que tanto os professores como os alunos, até os que tem potencial imenso, tem dificuldade com a mudança; no entanto, deixa claro, que há um problema sério na escola de relacionamento.

Aponta como positivo a iniciação a pesquisa; as descobertas pessoais; contribuição para construir a aceitação da diferença, a parceria, o respeito e o trabalho em grupo. Fala da disciplina com as seguintes características: ser responsável pela “reconstrução dos laços”, “ampliação do horizonte de conhecimentos além da escola” referindo a isso ele disse que argumenta com os alunos que eles “vivem dentro de uma bolha” dentro da escola e com o Núcleo eles tem condições de sair. Vê como problemas que emperram no funcionamento do Núcleo “os relacionamentos extra sala”.

Fala também que o Núcleo tem a cara da juventude pela possibilidade de se trabalhar temas variados como futuro profissional, sexualidade, relacionamento com família e reitera “acho que o Núcleo é uma disciplina de relacionamentos” e que cabe ao professor ter a sensibilidade para a juventude já que ela é múltipla e diferenciada, portanto, ser “aberto as múltiplas juventudes”. Falando sobre a escolha dos temas de pesquisa diz que incita os jovens que “busquem algo que te dê prazer”.

Além de afirmar positivamente que a relação professor-aluno a partir do Núcleo possibilitou conhecer eles de forma mais particular” gerado cumplicidade e parceria (cria-se um elo muito forte”, mais que na disciplina de Formação Cidadã. Ele afirma “eu gosto de me aproximar e compreender o mundo deles”. Relata que seu período de adaptação foi difícil por conta de uma turma que teve uma experiência muito ruim com o Núcleo no ano anterior, já que, na escola o professor fica com a mesma turma durante os três anos do Ensino Médio. Nesse período afirma ter sido necessário ganhar a confiança dos alunos porque “eles não davam” lembrando que isso exigiu dele adaptação nos planos de aula fala sobre essa “capacidade de adaptação” que o professor tem que ter diante das demandas de cada turma pois são muito diferentes.

Consegue fazer sua auto-avaliação crítica com relação ao processo de orientação não ter sido satisfatório devido sua inexperiência para chegar nos professores como também de ensinar os alunos a chegarem nos professores. Ressalta a importância de se pensar em uma maneira de motivar o professor que não é da disciplina a ajudar na disciplina. Percebe que diante dessa desagregação de professores referente a proposta tem impossibilitado os alunos de fazerem relação do Núcleo com as outras áreas de conhecimento.

Ressalta que ele tem percebido uma certa aproximação com aqueles que eram mais avessos ao Núcleo dizendo que “por ser uma cara diferente eles não têm ranço comigo, eles começam a olhar um pouquinho diferente”. Fala da necessidade de união entre gestão, corpo docente e alunos darem um voto de confiança, “fé no trabalho” que as coisas começam a ser melhores. Fala sobre as formações que são muito boas, mas que não pode participar efetivamente devido trabalhar em outras escolas, da aparente abertura do Instituto Aliança em receber feedbacks com relação as atividades e, também de apoiar nas dificuldades. E finaliza falando sobre o que ele considerava ser a característica da juventude: “plural, gosto de dizer juventudes” pois tem 7 anos de experiência e percebe essa pluralidade dizendo que “você não pode negar” as habilidades que cada um tem, mas diz que isso não é fácil, mas que só em perceber isso é um primeiro passo para entender porque muitas vezes eles não são compreendidos e, acrescenta que eles também precisam reconhecer isso nos professores.

*Com relação a professora Luna*, aos aspectos positivos do Núcleo, a mesma disse reconhecer ser uma experiência fantástica, principalmente, pelo incentivo a pesquisa e a questão social. Percebe uma grande diferença entre a escola pública e a particular, pois a segunda não trabalha questões sociais dentro da escola e isso precisa ser trabalhado. Uma reflexão importante nos faz sobre ter uma turma cheia de alunos novatos então, se pergunta como fazer com que alunos interajam e trabalhem em grupo embora “todas as disciplinas propõem seminário, trabalho em grupo ou atividade em dupla, mas não ensinam como um aluno se aproximar um do outro”, é muito difícil trabalho em grupo, lidar com conflitos, até mesmo dentro do Núcleo. Já que vivemos numa sociedade que está num momento muito individualista. Onde escolas fomentam a meritocracia e o individualismo. Algo muito importante, foi levantado com relação as turmas de primeiro ano, as quais ela trabalha, os alunos não entendem a importância desse trabalho, não tem maturidade, mas quando estão aplicando o projeto se empolgam, ampliam sua visão com a participação nas coletas, acha chato escrever.

Referente aos aspectos negativos, fala sobre a forma como é trabalhada na escola dizendo “Acho que infelizmente a forma como a escola conduz atrapalha os processos dentro da disciplina”, ressaltando a questão da “moeda de troca” existente na escola para fazer os alunos participarem que é a nota. Embora na formação do Instituto Aliança seja solicitado que aguarde o tempo do aluno, então a professora se depara com a realidade onde se tem que exigir de um aluno algo que nem sequer ele consegue atribuir uma importância, pela sua falta de maturidade.

Fala sobre a questão da nota quem pelo que ouviu falar dos professores mais antigos era diferente, no entanto, o que está vigente foi acordado com o colegiado da escola que a nota do Núcleo valeria como uma nota para todas as disciplinas sendo que por problemas pessoais, nas relações sociais por incrível que pareça, o que acontece é que a nota não consegue ser aplicada, somente uma parte dos professores sem falar nas orientações, dizem que não é pronto. Fala de sua realidade com seis turmas de 1º ano, cada turma com 5 grupos, sendo somente uma com três grupos, são 30 projetos para orientar e que acaba que a maioria é orientado por ela.

Algumas exceções, alguns professores acabam ajudando, e geralmente, são aqueles que os alunos mais gostam e sente segurança, pois eles se permitem. Em sua percepção, diz que o Núcleo só funciona se “alguém pega para si”, como acontece nas escolas que dão certo esta proposta um exemplo a E.E.M.J.M. E afirma que na escola só está acontecendo porque os professores os professores do Núcleo “pegaram para si”. Fala sobre a falta de apoio da gestão que também pegou o mandato no meio e não quis se posicionar esperando chegar ao final do ano, apostando numa melhora no início do outro ano, no caso 2017.

Relata sobre a Escola João Mattos na figura da professora Nobre que conseguiu trazer uma boa adesão por transformar o núcleo em algo pedagógico na escola, percebido durante as formações onde há o contato com outros professores e suas experiências. Uma experiência bacana, mas sem continuidade pois afirma, que recebeu formação por ser novata no Núcleo, mas quando for o ano seguinte para turma de 2º ano, provavelmente não terá formação pois está ocorrendo desta maneira, possivelmente por corte de verbas. Quando perguntei se o Núcleo tinha a cara da juventude ela respondeu: sim, pela abertura dos alunos diante de temas tão pessoais como sexualidade; sem falar por ser um espaço onde eles têm voz, o direito de opinar e relembra o que uma jovem disse a ela sobre “Poxa professora! Eu nem sabia que eu tinha uma opinião”. Outra coisa, a questão da mudança no layout da sala, o formato em círculo que no início eles acham ruim, mas com o passar do tempo quando não é feito eles pedem “eles gostam desse momento”. Com relação a relação professor-aluno, reflete sobre sua formação para ensinar que não existe dizendo que o que existe é você estagiar e aprender com a experiência do outro, reproduzindo métodos.

Falou que sentia uma certa insatisfação com sua aula, pela experiência com outras questões como a acessibilidade e o teatro, disse que quando voltar para lecionar Português com certeza não será a mesma. Fala que gosta de “estabelecer laços” e que “o aprendizado só

acontece a partir desse vínculo com o aluno” nos induz a uma fórmula para aprendizagem: laço (proximidade) somado ao diálogo. Referente a escolha dos temas de pesquisa, fala do resgate de todos os temas trabalhados na oficina já que giram em torno da saúde na escola (bullying, sexualidade, drogas, questões ambientais) no entanto, deixa livre para os alunos escolherem aqueles como também sugere outros que não foram trabalhados como acessibilidade.

Fala da correria do final do ano por conta da greve que sacrificou algumas oficinas importantes como a de projeto de vida. Fala que o engajamento dos jovens nunca será 100% por conta que isso se refere as afinidades deles com o processo, uns gostam de matemática outros de português, assim, uns gostam das oficinas, mas não gostam da pesquisa, gostam apenas de uma parte da pesquisa e me faz refletir com essa afirmação, uns se sentem obrigados por conta da nota. Fala sobre a avaliação dela como professora ou até mesmo da disciplina somente na turma de PDT, mas não no Núcleo. Além disso, fala sobre o material e a necessidade de atualização, que já é feita no cotidiano, principalmente das mídias (filmes e músicas). E finaliza falando que enxerga os jovens com um enorme potencial e que “eles precisam ser conquistados com essa nova forma de ensino”.

**19/01/2017** NOTA 9: Visita a escola e conversa com jovens que passavam por ali (tarde)

Cheguei a escola e percebi que a professora do 3º ano, não estava afim de ter minha presença próxima, então fui para o pátio da escola sentar numas cadeiras que foram colocadas lá, com mesas. Tinham alguns jovens lá conversando. Ficava próximo a sala de TIC, a sala que naquele período, próximo a entrega dos projetos ficava lotada já que eles utilizavam conforme sua necessidade e agendamento. Parei algum tempo ali para contemplar a juventude e uma jovem que acabara de sair da sala de TIC senta próximo a mim com um semblante aflito, então pergunto o que estava acontecendo se podia ajuda-la então, ela desabafa a respeito da sobrecarga excessiva de responsabilidade, já que era a líder do grupo e tudo estava “em cima dela”, devido à falta de compromisso de alguns do grupo. Conversamos e assim, uma menina do seu grupo veio até ela e eu falei da necessidade de se ajudarem para concluírem a atividade, mostrei meios para se fazer o que restava fazer. Então, foram menos pesadas para sala de aula. Aqui eu comecei a pensar sobre a dificuldade que é trabalhar em grupo e me lembrei da faculdade, muitas vezes fazendo trabalho sozinha. Algumas coisas não mudam.

**27/01/2017** NOTA 10: Feira NTPPS (fotografando o evento e vendo alguns trabalhos) e convite para pesquisa com a entrega do TCLE aos jovens

Não pude participar avaliando, mas fui em todas as salas para tirar fotos de todos os trabalhos. Foi bom ver tudo aquilo junto. Os jovens alguns felizes outros nem tanto, mas o percurso tinha terminado. Os professores se empenharam bastante na organização das salas e na divisão por professor. Deu para perceber que os alunos se sentiam muito tranquilos em apresentar, alguns casos como uma aluna do segundo ano que chorou após terminar a apresentação, pois achava que o trabalho não estava bom e que sua apresentação tinha sido ruim, deu alguns brancos, mas apresentou muito bem. As emoções eram intensas.

Tive a oportunidade de ir também nas salas com trabalhos do 3º ano, lá pude parar e fazer algumas perguntas principalmente porque eles estavam esperando serem avaliados ainda, então, perguntei o que eles achavam do Núcleo, primeiro foi um monte de gente falando ao mesmo tempo, depois pedi que fosse um de cada vez então somente uma menina falou: disse que importante por preparar para faculdade; ajudar no desenvolvimento par as apresentações, a como se comportar diante dos avaliadores (professores); as atividades voltadas para eles mesmos (oficinas de autoconhecimento); ficou mais puxado no 2º ano mas o apoio da professora foi fundamental; no terceiro ano tinham mais maturidade, mais profissionalismo falou novamente sobre o apoio da professora que sempre esteve presente, e falou que o que faltava eram os alunos se empenharam mais.

Um outro grupo de alunos, de uma outra sala falaram não ter gostado das atividades do primeiro bimestre que eram muito infantis como desenhar, fazer caça palavra que queriam ter focado mais na pesquisa assim apresentariam mais cedo não deixando para o final do ano, já que tinham que se preocupar com o ENEM. Outra coisa que ressaltaram, foi a questão da nota que é somada as outras disciplinas fazendo com que se sintam obrigados a fazer parte do Núcleo sendo que dizem que podemos escolher não participar, sendo que não podem optar. Mas uma jovem reflete sobre a sensação boa que sentem quando concluem e apresentam, sensação de “trabalho concluído”. Nessa passagem por todas as salas pude me certificar dos trabalhos que fariam parte do grupo a ser pesquisado, jovens com temas de pesquisa voltado ao macro campo Esporte e Lazer, no 2º ano. Assim, pude conversar diretamente com eles, explicar a pesquisa, entregar o TCLE para ser trazido no dia combinado.



**03/02/2017** NOTA 11: Entrevista em grupo G02(manhã) e G03 (tarde)

Informações na transcrição dos grupos. Resolvi usar minhas notas para fluidez do texto.

## APÊNDICE F - NOTAS DE OBSERVAÇÃO DA E.E.F.M.J.M.

Nº ENC.	DIAS	ATIVIDADES
1º	22/09/2015	NOTA 1: Fui a escola para falar com professora-coordenadora do NTPPS na E.M.M.J.M. para solicitar a sua monografia de especialização referente ao NTPPS e possível entrevista.
2º	20/09/2016	NOTA 2: Ligação para o novo coordenador NTPPS para marcar o melhor dia a ir na escola para assinatura do termo de autorização para pesquisa
3º	22/09/2016	NOTA 3: Ida a escola para fechar compromisso mediante assinatura de autorização para pesquisa
<b>GREVE DE PROFESSORES E ESTUDANTES (25/04/2016 – 09/08/2016)</b>		
4º	10/01/2017	NOTA 4: Acompanhei professora Fátima* em um dia de aula
5º	11/01/2017	NOTA 5: Entrevista pré-teste com os jovens. Assinatura do TCLE e entrevista com professora Fátima* (pela manhã)
6º	12/01/2017	NOTA 6: Assinatura do TCLE e entrevista com professores: Joyce* e Ed* Banca de uma turma do professor Ed
7º	17/01/2017	NOTA 7: Banca de uma turma professora Fátima*
8º	19/01/2017	NOTA 8: Entrevista pré-teste com professora: Rita e banca de uma turma professora Joyce (manhã)
9º	24/01/2017	<i>NOTA 9: Conversa com jovens em sala de aula para convite para pesquisa e entrega do TCLE</i>
10º	26/01/2017	<i>NOTA 9: Conversa com jovens em sala de aula para convite para pesquisa e entrega do TCLE</i>
11º	02/02/2017	<i>NOTA 10: Entrevista em grupo com jovens G01 (tarde)</i>
12º	06/02/2017	<i>NOTA 10: Entrevista em grupo com jovens G04 (manhã)</i>
13º	07/02/2017	<i>NOTA 10: Entrevista em grupo com jovens G05 (manhã)</i>

Fonte: autoria da pesquisadora com base nas notas de observação.

**22/09/2015** NOTA 3: Fui a escola para falar com professora-coordenadora do NTPPS na E.M.M.J.M. para solicitar a sua monografia de especialização referente ao NTPPS e possível entrevista.

Fui a escola para falar com a professora-coordenadora pois precisava entender qual era a diferença entre essas duas escolas, ambas piloto do projeto, mas com grandes diferenças, que são perceptíveis pelos próprios professores, como relatado na NOTA 2 da E.E.F.M.W.S.C. Primeira vez naquele ambiente, fui até a sala da coordenação onde estava ocorrendo uma reunião com os professores de NTPPS e ela. Aguardei sua saída, embora quisesse entrar, mas sabia dos limites que precisa ter. Enquanto a esperava ficava olhando em

volta, mapeando o espaço, olhando para cada detalhe. Então, ela veio falei sobre a pesquisa e ela se mostrou muito solícita até falou da pesquisa do professor de química da outra escola. Assim, ficamos com o contato uma da outra. Ela me passou no mesmo dia o e-mail com seu trabalho de especialização.

**20/09/2016** NOTA 4: Ligação para professora Nobre para marcar o melhor dia a ir na escola para assinatura do termo de autorização para pesquisa

Juntamente com minha orientadora percebemos a necessidade de olhar para essa "Escola Modelo NTPPS", pois já havia refletido sobre a pesquisa de um professor de outra escola que tem NTPPS trabalhar com ela, e também esta mesma escola uma professora de NTPPS ter falado sobre a gestão desta escola (NOTA 8 E.E.F.M.W.S.C.). Como tinha o contato da mesma falei com ela, no entanto, tive a surpresa que ela tinha sido remanejada para SEDUC/CE, e que outra pessoa estava em seu lugar, mas me deu o contato e disse que me ajudaria caso fosse necessário. Assim, falei com este novo coordenador que pediu que viesse a escola para entregar o termo assim aproveitei e já vi a possibilidade de retornar a escola para falar com a professora mais antiga do NTPPS.

**22/09/2016** NOTA 5: Ida a escola para fechar compromisso mediante assinatura de autorização para pesquisa

Fui a escola e ela estava praticamente sem funcionar por conta que estavam se organizando para o retorno após a greve. Falei rapidamente com o novo coordenador uma pessoa solícita e aberta a conversar. Pediu a diretora para assinar e disse que me aguardava no retorno as aulas.

**10/01/2017** NOTA 6: Acompanhei professora Flávia em um dia de aula

Neste dia ela estava somente revisando os gráficos, tabelas, questionários dos alunos. Quando entrei na sala todos ficaram muito envergonhados, mas aos poucos fui interagindo. A professora sabendo de meu interesse por grupos voltados ao esporte e ao lazer me mostrou um grupo que estava trabalhando com tema esporte na escola e perguntei a eles o motivo de terem escolhido essa temática, e todos gostavam de esportes, praticavam ou queriam praticar. Estavam juntos em um pequeno círculo conversando, sendo que uns

trabalhando no computador outros conversando. Dando para perceber a dificuldade do trabalho em grupo. Dei uma volta na sala perguntando e precisavam de ajuda, pois percebi no semblante da professora que se era chamada tantas vezes seguidas pelos cinco grupos que existiam naquela sala sempre pedia para aguardar e demorava, pois, as dúvidas eram muitas acabava que não dava tempo de atender a todos com qualidade. É nessa hora que a orientação faz falta.

**11/01/2017** NOTA 7: Entrevista pré-teste com os jovens e entrevista com professora Flávia (pela manhã)

Sentei no banco de alvenaria próximo a portaria, bem na entrada da escola e fiquei observando aqueles que ali chegavam e sentavam, me aproximei perguntando da possibilidade de me ajudar com a pesquisa respondendo algumas perguntas. Fortaleceu a ideia de que o jovem conforme ele está inserido na temática geral do Núcleo mais ele traz elementos referentes a esta temática (saúde/ autoconhecimento, comunidade, trabalho). Embora tenha identificado nesta escola na aluna do primeiro ano uma melhor articulação eles tendem a ser bem breves nas respostas. Vale ressaltar, a importância para ele do autoconhecimento. O jovem do 2º ano tinha como pesquisa lazer mas aparentava não querer participar, pois suas respostas eram muito breves. Falou sobre a dificuldade da ação e da pesquisa com pessoas na rua. O jovem do 3º ano já consegui articular muito bem suas respostas, e fala sobre o aspecto negativo da quantidade de matérias que tem, porque diz que o Núcleo requer mais tempo pois ele acaba atrapalhando “focar” em outras disciplinas, lançando a proposta de ter uma divisão somente para Núcleo e outras por ele exigir mais que as outras e assim. Falou sobre se sentir sobrecarregado.

**12/01/2017** NOTA 8: Entrevista pré-teste com professores: Joyce e Edi / Banca de uma turma do professor Edi (pseudônimos).

Joyce contribuiu demais para pensar sobre o NTPPS na escola, principalmente pela sua formação ser nas três turmas, além de trazer reflexões pertinentes com relação aos aspectos positivos principalmente, para os alunos, ressaltando a dificuldade com as orientações (VER ANEXO 2). Fui convocada para assistir e avaliar os trabalhos da turma de 1º ano do professor Ed, temas sobre: aborto, drogas, gravidez e uma pesquisa sobre o Núcleo.

Os alunos investigando o que entre eles achavam da experiência, e eles identificaram que entre os alunos dos 1º anos da manhã, gostavam e viam os benefícios. Falando muito sobre a questão do autoconhecimento, conhecer a si e aos outros. Algo que é marcante para eles. Não consegui pegar este trabalho porque ainda aí ser feito o relatório e pela mudança no foco do estudo acabei não querendo resgatar. O mais importante de escutar esse professor foi perceber nas suas palavras a vontade de ensinar, ele era recém-chegado no Núcleo seu primeiro ano, disse que estava gostando por ser um desafio e ele diz que Núcleo funciona como uma “fuga da sala” porque eles querem liberdade, encarando ela como diversão. Aponta para a questão da nota como um mecanismo de cobrança. Diz ter aprendido a trocar experiências”, pois as emoções são fortes devido a intensidade da juventude. Fala dessa relação dos jovens com a arte, música e o lúdico, diz que eles reivindicam mais humanidade. Fala sobre o que tem aprendido: participar, escutar, se colocar no lugar, “dar a cara a tapa”. Ressalta a necessidade de atualização no material. Uma conversa muito amorosa.

**17/01/2017** NOTA 9: Banca de duas turmas professora Fátima (pseudônimo).

Os trabalhos foram das turmas 1º B e 1º C. Ele conseguiu juntar as duas turmas para aproveitar a minha presença para banca pois não tinha quem mais chamar e o outro professor Ed, que também é de Núcleo só poderia ficar para uma turma. Foi muito bacana assistir os trabalhos. Os temas forma sobre: abuso sexual intrafamiliar; novos rearranjos familiares; homofobia; homossexualidade; discriminação; leitura paradidática e atividades esportivas. Trabalhos riquíssimos, pois trazem sempre pessoas que se sentem tocadas pelas oficinas desses temas que resolvem aprofundar. O que eu mais gostei foi de ouvir de um jovem que foi quando disse que gostava muito de esporte e não tinha na sua escola. Busquei saber o motivo e a professora que era responsável pela Educação Física estava para se aposentar e por conta da greve estava somente “pagando” suas horas. Não a culpo. Mas percebo que isso gera muita insatisfação. Conversei rapidamente com ela e ela mesma explicou sua situação. E eu sabia que lá havia PIBID de Educação Física e sei o quanto poderia ajudá-la a terminar seus últimos dias, mas como busquei saber pela coordenadora do programa ela não aceitou a participação dos estagiários. Sem dúvida compreendia cada vez mais a pesquisa como uma rica ferramenta para transformação desses jovens.

**19/01/2017** NOTA 10: Entrevista pré-teste com professora: Rita (pseudônimo) e banca de uma turma professora Jordana (manhã)

Acho importante trazer o relato desta professora, pois ela traz uma visão ampla do processo que sua escola estava passando com relação a greve de professores e a ocupação da escola pelos estudantes como ela também por seu afastamento temporário, além de trazer a mudança de coordenação que impossibilitou o apoio efetivo pela falta de conhecimento formativo do processo que os professores de NTPPS. Portanto, visto por essa professora como empecilhos que atrapalham a evolução do projeto, já que para ele os aspectos negativos estão dentro deste contexto e também no processo de apoio do Instituto Aliança que tem diminuído, se comparado quando a proposta foi lançada. Isso tudo gerou insatisfação até na maioria dos estudantes pois começaram as aulas em fevereiro/2016, greve iniciou abril/2016 – tendo seu fim em agosto/2016, tendo cinco meses a frente para concluir tudo que era para ser visto durante um ano. Falou do movimento que o Instituto Aliança fez fazendo vindo a escola e auxiliando na reorganização do calendário, no entanto, retirando aquilo que é mais significativo para os alunos que são as oficinas voltadas as questões pessoais em detrimento de concluir a pesquisa, contribuindo assim para um “mal-estar” dos alunos com a disciplina.

Algo que pode ser observado no trabalho de alunos do 2º ano C, que tive a oportunidade de conseguir com sua respectiva professora cujo título é “O que o NTPPS mudou no seu desempenho escolar”, mostrando que 68% dos alunos dizem ter melhorado seu desempenho escolar e 17% não. Quando foram perguntados sobre retirar do curricular o NTPPS 65% responderam que manteriam; 30% disseram que não e 5% não opinaram. Outra questão importante, foi a mudança dela em relação ao processo de ensinar e aprender que ela mesmo disse que não se preocupava com o aluno, que antes tachava sem ao menos saber o que se passava, então começou a mudar graças a formação que reverberou na sua maneira de dar aulas na disciplina que leciona fora, ao Núcleo. Sem falar nesse processo de mediação para encontrar a pesquisa que mis se encaixe com o perfil dos alunos. Ela disse que o NTPPS é um projeto que une, ou pelo menos tenta unir, tem papel fundamental nas relações. E que o professor tem que ter “jogo de cintura” para as resistências. E os problemas que assolam não dizem respeito a disciplina em si, mas na forma que vem sendo estruturada na escola.

**24/01/2017 e 26/01/2017** NOTA 11: Conversa com jovens em sala de aula para convite para pesquisa e entrega do TCLE

Estes foram dias interessantes, pois pouco tive contato com as turmas de 2º ano nesta escola, acredito que pela postura da professora que eu não sentia tão aberta das vezes que conversamos. Então, acabei me restringindo. No entanto, quando fui nestes dois dias fui para conhecer minimamente os jovens e seus respectivos grupos, já que a mesma estava recebendo os relatórios finais e fazendo uma oficina de integração entre eles pude ficar um pouco e falar com eles, me apresentar e assim explicar e entregar o TCLE para que no dia da entrevista em grupo pudessem me entregar, pedindo aqueles que pudessem ficar após as provas finais.

**02/02/2017 - 06/02/2017 - 07/02/2017** NOTA 12: Entrevista em grupo G01 (tarde); G04 (manhã) e CD05 (manhã). Informações na transcrição dos CDs. Resolvi usar minhas notas para fluidez do texto (VER ANEXO D; H; I).

## **APÊNDICE G - ROTEIRO DE ENTREVISTA-TESTE COM JOVENS**

1. Qual o sentido/significado do Núcleo na sua vida estudantil?
2. Há relação do Núcleo e a vida?
3. A sua escola tem a cara da juventude?
4. O que você proporia de mudança na proposta do Núcleo desenvolvida dentro da escola para torná-la a cara da juventude?
5. Vocês são ouvidos?
6. O processo de pesquisa e das oficinas são interessantes para a juventude?
7. Como são suas aulas de Educação Física?
8. Qual a relação do NTPPS com as disciplinas?
9. O que você acha do processo de ação após concluir a pesquisa?
10. O que é ser jovem?



## **APÊNDICE H - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA MENORES DE IDADE**

Caro(a) responsável/representante legal, gostaríamos de obter o seu consentimento para o \_\_\_\_\_, participar de um projeto de pesquisa "NARRATIVAS CORPORAIS NO ENSINO MÉDIO: EM BUSCA DE CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO (FÍSICA) COM SENTIDO E SIGNIFICADO EM DUAS ESCOLAS EM FORTALEZA-CE" que se refere a um projeto de mestrado, sob a responsabilidade da pesquisadora Klertianny Teixeira do Carmo. O projeto está sendo desenvolvido no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará.

O objetivo desta pesquisa é compreender como a disciplina de Desenvolvimento Práticas Sociais e Pesquisa (DPS/P) do Núcleo de Trabalho, Pesquisas e Práticas Sociais (NTPPS) pode contribuir para apontar caminhos para uma Educação (Física) com sentido e significado voltada a formação humana, a partir das narrativas de professores de DPS/P e jovens do 2º ano do ensino médio, que desenvolveram projetos de pesquisa, em 2016, voltados ao macro campo Esporte ou Lazer em duas escolas públicas em Fortaleza-CE.

O(A) menor receberá todos os esclarecimentos necessários antes e no decorrer da pesquisa e lhe asseguramos que seu nome não aparecerá sendo mantido o mais rigoroso sigilo pela omissão total de quaisquer informações que permitam identificá-lo(a).

A sua participação se dará por meio de uma entrevista em grupo sendo que posteriormente um do grupo será chamada para entrevista individual para aprofundamentos. Sua participação é voluntária, sigilosa e sem custo ou risco para a sua instituição. Você poderá sentir-se constrangido ao participar da entrevista e terá o direito de desistir a qualquer momento sem que isso lhe cause prejuízo ou punição. Suas dúvidas serão sanadas sempre que for necessário, a entrevista em grupo como a individual serão realizadas na própria instituição de ensino no horário diferente do que está matriculado, para não haver prejuízos para sua aprendizagem, em uma data combinada com um tempo de aproximadamente duas horas para sua realização, podendo se estender dependendo do nível de diálogo.

Os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa são as possibilidades de surgirem perguntas novas durante a conversa (entrevista) que possam ser direcionadas para assuntos polêmicos e visões/opiniões políticas. No entanto, não é objetivo da pesquisa julgar opiniões. E caso você sinta-se incomodado poderá não responder ou desistir a qualquer momento da entrevista sem que isso lhe cause prejuízo ou punição. Se você aceitar participar, estará contribuindo para o debate e reflexão a respeito dos dilemas recorrentes nas narrativas corporais no ensino médio e nos ajudará a apontar caminhos para uma Educação (Física) para juventude mais humana e significativa.

O(a) menor pode se recusar a responder (ou participar de qualquer procedimento) qualquer questão que lhe traga constrangimento, podendo desistir de participar da pesquisa em qualquer momento sem nenhum prejuízo para o(a) senhor(a). Sua participação é voluntária, isto é, não há pagamento por sua colaboração.

Todas as despesas que você tiver relacionadas diretamente ao projeto de pesquisa (passagem para o local da pesquisa, alimentação no local da pesquisa) serão cobertas pelo pesquisador responsável. Caso haja algum dano direto ou indireto decorrente de sua participação na pesquisa, você poderá ser indenizado, obedecendo-se as disposições legais vigentes no Brasil.

Os resultados da pesquisa serão divulgados na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará podendo ser publicados posteriormente. Os dados e materiais

serão utilizados somente para esta pesquisa e ficarão sob a guarda do pesquisador por um período de cinco anos, após isso serão destruídos. Se o(a) Senhor(a) tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, por favor telefone para: **Klertianny Teixeira do Carmo**, telefones: pessoal **(85) 99726.8662** e institucional da Faculdade de Educação Física no 3366.7679 (no horário de 08:00 às 12:00 e 14:00 às 18:00).

Eu, \_\_\_\_\_, portador do RG nº \_\_\_\_\_, confirmo que Klertianny Teixeira do Carmo explicou-me os objetivos desta pesquisa, bem como a forma de participação. As alternativas para \_\_\_\_\_ a participação do \_\_\_\_\_ menor \_\_\_\_\_ também foram discutidas. Eu li e compreendi este termo de consentimento, portanto, eu concordo em dar meu consentimento para o menor participar como voluntário desta pesquisa.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o pesquisador responsável e a outra com o Senhor(a).

\_\_\_\_\_  
Nome / assinatura

\_\_\_\_\_  
Pesquisador Responsável

Fortaleza, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

## **APÊNDICE I - ROTEIRO DE ENTREVISTA-PERFIL DOS JOVENS**

Sou a pesquisadora que foi até sua escola e fez uma entrevista no início deste ano (2017), estou fechando a redação da minha dissertação de mestrado, a qual você contribuiu de maneira muito importante. Gostaria de, nesta fase final, convidá-lo para uma conversa com os outros participantes da pesquisa para fazermos ou um projeto ou um passeio cultural ou o que vocês levantarem de possibilidades e seja viável para mim também. Na próxima semana estarei indo a sua escola e assim fecharemos da melhor maneira. Gostaria de lhe pedir também alguns dados que faltaram para durante a pesquisa:

- 1) qual a profissão de seus pais (pai e mãe)?
- 2) quando tempo estuda na (NOME DA ESCOLA)?
- 3) mora em que bairro?
- 4) Sua idade (no ano em que fez o 2º ano)?
- 5) você já foi reprovado(a)? Qual série?
- 6) que tipo de música você mais gosta?
- 7) qual sua orientação religiosa?
- 8) qual seu sonho?

Aguardo seu retorno,  
Klertianny Teixeira.

## APÊNDICE J - FICHA DE ANÁLISE SEMIOLÓGICA - FOTO SUB-G01.1

FICHA DE ANÁLISE SEMIOLÓGICA				
ELEMENTOS DO MATERIAL: <b>FOTOGRAFIA 01- CD01.1</b>			INVENTÁRIO DENOTATIVO	INVENTÁRIO CONOTATIVO
TEXTO	LINGUÍSTICO	PALAVRAS	E.E.F.M JOÃO MATTOS (letra de cor verde)	Iniciando na cabeça do sujeito masculino
			50 anos (letra cor marrom)	Mais próximo as três figuras femininas
	VISUAL	TIPOGRÁFICO	Estilo grafiteart	Proximidade com a juventude
		ESPACIAL	No centro mais próximo a borda superior	Sobre a cabeças das jovens
IMAGEM	<b>QUADRO GERAL</b>	PORTA E GRADES	Na borda lateral direita (cor marrom com detalhes) e outra na esquerda (cor preta lisa)	Cerceamento cotidiano - cor marrom mais próxima ao que se tem em casa, porta que leva para o NTPPS e a outra de cor preta e lisa mais próxima a neutralidade que se busca cientificamente porta da sala de TIC.
		PAREDE	Cor branca	Ela reflete todas as luzes e todos os jovens são luzes nesse espaço.
		CORAÇÃO	Falta um pedaço que se amplia como continuação da porta e da grade - próximo a porta direita	Uma tentativa de trazer para esse espaço as emoções.

		FIGURAS HUMANAS	Quatros jovens: um do sexo masculino (na esquerda da foto) e três do sexo feminino (unidas) do centro para direita da foto separadas do rapaz por um espaço em branco	Relações pacíficas, mas ainda necessário mais diálogo a respeito das diferenças
	<b>FIGURA MASCULINA 1</b>			
	POSTURA	CORPO	Lateralmente no canto esquerdo da foto entre a porta da sala NTPPS e o nome da escola	Uma postura de quem faz parte do NTPPS, mas olha para escola se perguntando o que mais pode vir deste lugar (o que esperar?)
		OLHAR	Voltado para frente olhando para o nome da escola de costas para a câmera	Admiração preocupada
		PERNAS	Firmes com o corpo totalmente sobre as duas pernas	Posição de espera inevitável. Postura firme normalmente utilizada pelas pessoas de gênero masculino
		BRAÇOS	Braço esquerdo segurando o cotovelo direito que direciona a mão próximo a boca	Braço direito → braço esquerdo → boca → cabeça → nome da escola se delineando como contínuo a escola. Ou a espera dessa continuidade após concluir o EM.
	VESTIMENTA	CARACTERÍSTICAS	Sem fardamento e blusa cor laranja e calça jeans	Vontade de estar diferente e/ou possivelmente não ter blusa da farda limpa para ir à escola.
	<b>UNIDADE DE SIGNIFICAÇÃO CORPORAL</b>			<b>CORPO-PREOCUPAÇÃO</b>
	<b>FIGURA FEMININA 1</b>			

	POSTURA	CORPO	Em posição recuada toda voltada para o lado direita	Uma certa desconfiança
		OLHAR	De lado, mas voltado mais para cima	Querendo ver mais além
		PERNAS	Peso do corpo na perna direita	Segura daquilo que se tem, mas não se posiciona com incerteza diante do mundo-escola
		BRAÇOS	Direito segurando na cintura e esquerdo rente ao corpo, mas posicionado à frente	Algumas dúvidas.
	VESTIMENTA	CARACTERÍSTICAS	Blusa da farda e calça jeans preta	Não parece ser farda pois quando olhamos para suas costas, seu cabelo por ser grande modifica nosso olhar, esconde o nome da escola.
	<b>UNIDADE DE SIGNIFICAÇÃO CORPORAL</b>			<b>CORPO-DESCONFIANÇA</b>
	<b>FIGURA FEMININA 2</b>			
	POSTURA	CORPO	Pernas para frente, mas cabeça para o lado direito	Horizonte determinado e um horizonte que tenho receio.
		OLHAR	Voltado para lateral direita	Amparada pelo que se encontra a sua direita, suas certezas: suas amigas e a relação afetuosa com elas que finaliza e se comunica com o espaço a partir do desenho do coração. Como também a possibilidade de olhar para as TIC's de outra maneira, esse mundo ainda muito duvidoso dentro da

			escola.
	PERNAS	Voltadas para frente com peso do corpo sobre a perna esquerda e perna direita levemente flexionada	Seu horizonte está no futuro incerto
	BRAÇOS	Abertos lateralmente com cotovelos para baixo e mãos com palmas voltadas para cima; visibilidade somente do braço direito que está sombreando o lado esquerdo de sua amiga (do lado direito) e se comunicando com o braço esquerdo de sua amiga; dedos justapostos	Dúvida que parece diminuir no contato com o outro que também tem dúvida.
VESTIMENTA	CARACTERÍSTICAS	Blusa da farda calça jeans azul mais claro	Cabelo de tamanho mediano voltado para o lado esquerdo quer dar visibilidade a escola
<b>UNIDADE DE SIGNIFICAÇÃO CORPORAL</b>			<b>CORPO-DÚVIDA</b>
<b>FIGURA FEMININA 3</b>			
POSTURA	CORPO	Em união com o coração e totalmente voltado para frente, ereto.	Decidida com relação ao caminho.
	OLHAR	Para frente	Avistando o horizonte com solidez
	PERNAS	Juntas e retas	Firmeza para caminhar ou para estar da forma como está sendo
	BRAÇOS	Abertos lateralmente com cotovelos para baixo e mãos com palmas: direita voltada para cima e esquerda voltada	Dúvidas que não estão na base, mas sobre as possibilidades colocadas.

			mais para o corpo e ambas as mãos com dedos fora de justaposição	
	VESTIMENTA	CARACTERÍSTICAS	Blusa vermelha com mangas e com o centro das costas parcialmente visível e calça jeans azul mais escuro	Muita energia para fazer.
	<b>UNIDADE DE SIGNIFICAÇÃO CORPORAL</b>			<b>CORPO-DÚVIDA</b>
<b>SÍNTESE PARA CARTÃO- POSTAL</b>	<p>“Juntos olhamos para um horizonte de incertezas que não estão na base, mas nas possibilidades colocadas, que por hora estão em cima de nossas cabeças. Temos energia, mas está represada, querendo continuar seu fluxo. Queremos ver (ir) além, precisamos caminhar...”</p>			



**APÊNDICE K - FICHA DE ANÁLISE SEMIOLÓGICA - FOTO SUB-G01.2**

IMAGEM ANALISADA:			
FICHA DE ANÁLISE SEMIOLÓGICA			
ELEMENTOS DO MATERIAL: <b>FOTOGRAFIA 01- G01.2</b>		INVENTÁRIO DENOTATIVO	INVENTÁRIO CONOTATIVO
<b>TEXTO</b>			
LINGUÍSTICO	PALAVRAS	Palavras que não são possíveis de compreender	Distanciamento com as palavras dita pelo outro
VISUAL	TIPOGRÁFICO	Parecem com letras usadas no grafite	Um traço marcante da juventude que busca ressignificar a palavra tornando-a sua
	ESPACIAL	Distante e opaca em relação a figura humana	Distanciamento com as culturas juvenis com a linguagem, como o modo de ser, de lidar com o que é externo e consigo.
<b>IMAGEM</b>			
<b>QUADRO GERAL</b>	PAREDE	Verde uma parte limpa e outra com palavras rabiscadas	Esperança que inunda o espaço e ampara o corpo da jovem
		Rosa	Culturalmente associada as mulheres, ligada a ingenuidade
	ÁRVORE	Está ao fundo no meio das duas paredes, mas mais voltada para o lado verde	Incide seu movimento para a verde da parede, intenciona a esperar.
	HASTES DE	Duas; separadas; localizads a frente da jovem	Exercem uma possibilidade 3D onde se olhar e

	FERRO		enxerga aquilo que quer ver; projeção futura, um portal.
	CERCA DE ARAME FARPADO	Em cima da parede verde	Proteção que vem de cima.
	FIGURAS HUMANAS	Uma jovem sentada no chão sozinha	Indica necessidade de acolhimento, de pertencimento pois está mais próximo ao chão, a terra
FIGURA-CONJUNTO			
POSTURA	FIGURA FEMININA	Corpo sentado com olhar voltado para cima; perna direita apoiando o cotovelo direito e perna esquerda flexionada apoiando a mão direita; Braços parcialmente cruzados sem se tocar e mãos esquerda entre as pernas. Vestimenta blusa cor preta e calça jean preta com desenho pontinhos de cor verde	Espera paciente mas parcilamnete incomodada visando um futuro que ultrapassa o recorte da foto. Na ausência de cor evocada pelo preto denota isolamento, medo solidão. Existem pequenos pontos verdes que denotam fios de esperança e liberdade.
UNIDADE DE SGNIFICAÇÃO CORPORAL			CORPO-(NO)MUNDO
SÍNTESE PARA CARTÃO- POSTAL	“Sozinha... (im)paciente... buscando um futuro que ultrapassa os limites da visão. Estou entre um mundo de esperança fincado nas minhas experiências, mas estou na iminência de descobrir outros espaços... um pouco distante do que conheço preciso de proteção, acolhimento para passar...”		
FICHA DE ANÁLISE SEMIOLÓGICA			

ELEMENTOS DO MATERIAL: <b>FOTOGRAFIA 02- G01.2</b>		INVENTÁRIO DENOTATIVO	INVENTÁRIO CONOTATIVO
<b>TEXTO</b>			
LINGUÍSTICO	PALAVRAS	Traços de codificações	Possivelmente a demarcação de um território
VISUAL	TIPOGRÁFICO	Pichação rabiscos que parecem assinaturas pessoais de uma única cor (preto)	Transgressão
	ESPACIAL	Por detrás das figuras masculinas	Visibiliza o jovem e suas culturas provocativas nos informando que a base também deve ser composta pelo que os jovens trazem
<b>IMAGEM</b>			
QUADRO GERAL	PAREDE	Visível somente a cor verde	Esperança deve ser maior que tudo. Principalmente quando ancorada em bases
	ÁRVORE	Visível a difusão de suas folhas para fora com poucas para dentro	Induz nosso olhar para algo que tem bases dentro, mas que se direciona para fora
	HASTES DE FERRO	Somente um pedaço da base visível	Sonhar é uma base importante que não pode deixar de existir.
	CERCA DE ARAME FARPADO	Mais visível e mais presente no contexto	Proteção maior de si pela construção do sujeito que está no centro cerceado por tantas possibilidades
	FIGURAS HUMANAS	Interagindo simultaneamente	A necessidade do outro.
<b>FIGURA-CONJUNTO</b>			

POSTURA	FIG MASC 1	Corpo que incide lateralmente ao centro com pés firmes no chão tendo a sua frente o pé esquerdo. Braço esquerdo que pega por cima na articulação que dá movimento a mão. Vestimenta de base preta (sapato e calça) e blusa da farda azul e branco.	Uma postura amigável, mas séria. Que busca dar movimento a partir da base. Vestimenta que induz introspecção, autoanálise que está ocorrendo do centro para esquerda ou da esquerda para o centro. Buscando uma experiência que pode refletir em tudo de outras maneiras.
	FIG MASC 2	Corpo que incide lateralmente com leve inclinação do tronco ao centro. Olhar e boca gesticulam ao centro. Mãos que convidam e apoiam. Vestimenta de base preta (sapato e calça) e blusa da farda azul e branco.	Uma postura de ir ao encontro fazendo convite, mas também apoiando. A um reforço da base de autoanálise, no entanto, privilegiando o contato mais íntimo e pela firmeza do convite para a experiência
	FIG FEM 1	Corpo ancorado no pé esquerdo e pé direito apoiado no calcanhar; braços abertos com mãos que buscam agarrar; olhar voltado para o lado esquerdo situando dois outros corpos. Vestimenta preta com detalhes verdes.	Mesmo com profundas incertezas pode seguir pois existem meios, pessoais e formas de caminhar. Vestimenta que induz a um processo de autoanálise profundo, mas dinâmico.
	FIG FEM 2	Corpo ancorado no pé direito voltado ao centro e pé esquerdo voltado para o horizonte que se divide estando também fora do centro. Braços direito aberto com mão direita que pega lateralmente e braços esquerdo retilíneo delineando lateralmente o corpo. Tronco firme, mas cabeça levemente inclinada para o centro.	Apoia, levanta e conduz ao horizonte. Vestimenta que induz unidade e leveza entre o ideal e o sonho.

UNIDADE DE SIGNIFICAÇÃO CORPORAL			CORPO-BASE CORPO-CONVITE CORPO-(AUTO)ANÁLISE CORPO-HORIZONTE
SÍNTESE PARA CARTÃO- POSTAL	“Passagem... agem... movimentos que convidam pelo apoio e pelo contato. Mesmo com profundas incertezas alguns braços esperançosos se direcionam para dentro solicitando movimento para fora, estão em busca de agarrar o sonho que vive neste território de passagem que precisa somente de condução a um horizonte uno, mas múltiplo de possibilidades entre o ideal e o sonho”.		
FICHA DE ANÁLISE SEMIOLÓGICA			
ELEMENTOS DO MATERIAL: FOTOGRAFIA 03 - G01.2		INVENTÁRIO DENOTATIVO	INVENTÁRIO CONOTATIVO
TEXTO			
LINGUÍSTICO	PALAVRAS	50 anos educando com amor – sendo 50 anos com amor cor marrom mais voltado para o vermelho	Local que ensina tendo como foco a relação afetuosas.
VISUAL	TIPOGRÁFICO	Grafiteart	Busca de entrar no mundo dos jovens.
	ESPACIAL	No centro da foto sobre a cabeça dos jovens	As reflexões que os jovens fazem sobre a escola cotidianamente
IMAGEM			
QUADRO GERAL	PAREDE	Branca	Buscando refletir tudo principalmente as luzes individuais de cada jovem

	PORTAS E GRADES	Porta da esquerda fechada com grade aberta e porta e grade da direita fechadas	Sempre haverá algum espaço aberto para eles bastam que procurem “batam na porta”
	FIGURAS HUMANAS	Sentadas, de joelhos ou acorados	Revelam o processo: primeiro estar sentado fechado, depois submisso ao que está posto depois volta a sentar-se, mas mais aberto e finda querendo sair do chão, no entanto, ainda compreendendo a necessidade de mais aprofundamentos, questionamentos e reorganizações constantes.
<b>FIGURA-CONJUNTO</b>			
POSTURA	FIG MASC 1	Corpo sentado no chão; rodeado por uma aureola amarela que busca cobrir o corpo. Pés cruzados. Mão direita no queixo e mão esquerda juntando as pernas; olhar para um horizonte lateral. Mais próximo a porta que está com a grade aberta.	Uma postura serena e confiante, mas desafiadora e provocativa que mesmo envolvida pelo processo se encontra fechada, pois parece querer algo bem diferente do que o horizonte posto, quer o que o transversaliza, no entanto, reconhecendo a necessidade de estar nesse processo.
	FIG MASC 2	Corpo acorado com calcanhar esquerdo fora do chão. Nádegas parcialmente encostada na parede. Olhar inquieto voltado para lateral e em sua cabeça tem o encontro com a palavra educando desenhada na parede. Braço direito voltado a face, ao queixo e o esquerdo segurando amplamente uma perna.	Posição que incita a uma reflexão curta e posterior saída do local onde se encontra buscando algo que está a diante e que o transversaliza.
	FIG FEM 1	Corpo encostado na parede (nádegas, costas e cabeça). Braço direito entre as pernas. Braço esquerdo com mão	Postura que no induz a pensar que está num processo parcial de submissão que possibilita

		no queixo. Cabeça levemente inclinada para direita.	refletir, sonhar.
	FIG FEM 2	Corpo sentado encostado na parede pernas flexionadas a direita com joelhos para cima e a esquerda perna no chão. Braço esquerdo entre as pernas e braço direito com dedos no queixo e na bochecha.	Postura flexível, mas parcialmente aberta e pronta para sair da posição em que se encontra.
<b>UNIDADE DE SIGNIFICAÇÃO CORPORAL</b>			CORPO-(TRANS)VERSO CORPO-SUBMISSÃO CORPO-FLEXÍVEL
<b>SÍNTESE PARA CARTÃO- POSTAL</b>	Quando abro a porta, eu me fecho, eu me abro (eu-submisso). Shiiiiiii... silêncio! É preciso ir mais (para o) fundo. Sugiro que não vá em linha reta. [Alguém grita lá no fundo: transversalize-se!]		

**APÊNDICE L - FICHA DE ANÁLISE SEMIOLÓGICA - FOTO SUB-G02.1**

FICHA DE ANÁLISE SEMIOLÓGICA			
MATERIAL: <b>FOTOGRAFIA 01- G02.1</b> (Olhar da esquerda para direita)			
ELEMENTOS DO MATERIAL:		INVENTÁRIO DENOTATIVO	INVENTÁRIO CONOTATIVO
<b>TEXTO</b>			
LINGUÍSTICO	PALAVRAS	SEM PALAVRAS	SEM OBSERVAÇÕES
VISUAL	TIPOGRÁFICO	SEM PALAVRAS	SEM OBSERVAÇÕES
	ESPACIAL	SEM PALAVRAS	SEM OBSERVAÇÕES
<b>IMAGEM</b>			
QUADRO GERAL	PAREDE	Dividida em duas partes uma pintada (cor azul claro) e outra com piso (quadrados cinzas com branco).	Espaço composto por neutralidade (do chão para a metade da sala) e por sonhos e ideais (da metade para a parte de cima). Portanto, local que induz a pensar por si.
	CADEIRAS E MESAS	Cadeiras azuis escuro e mesas cinzas	Composição das cadeiras conforme se utiliza diariamente nas aulas de NTPPS
	FIGURAS HUMANAS	Três – uma jovem e dois jovens sentados nas cadeiras um ao lado do outro	Cotidiano igualmente enfadonho
<b>FIGURAS-CONJUNTO</b>			
POSTURA	FIC FEM 1	Sentada na cadeira com braços dispostas em cima da mesa segurando a cabeça que se põe numa posição para dormir. Vestindo fardamento da escola e calça	Postura de isolamento.



		jeans azul mais escuro.	
	FIG MASC 1	Sentado na cadeira com braço direito em cima da mesa e braço esquerdo segurando a cabeça levemente inclina que direciona o olhar para cima. Vestindo fardamento da escola e calça jeans azul mais escuro.	Postura de que pensa em outra coisa talvez um sonho, exceto no que está ocorrendo no momento.
	FIG MASC 1	Sentado na cadeira com braço em cima da mesa segurando um copo e o braço esquerdo segurando o rosto ereto que olha para câmara com leve sorriso. Vestindo fardamento da escola e calça jeans azul mais escuro. Blusa com rasgado bem no ombro.	Está olhando para o agora acontecendo com olhar de insatisfação, mas aceitando.
UNIDADE DE SIGNIFICAÇÃO CORPORAL			CORPO-ISOLAMENTO CORPO-SONHO CORPO-AGORA
SÍNTESE PARA CARTÃO-POSTAL	“Passei um tempo isolado, buscando ao longe o que de fato estava tão perto. Era necessário ser feito agora, mudar...”		
FICHA DE ANÁLISE SEMIOLÓGICA			
MATERIAL: FOTOGRAFIA 03- G01.2 (Figuras-conjunto conforme foto 01)			
ELEMENTOS DO MATERIAL:		INVENTÁRIO DENOTATIVO	INVENTÁRIO CONOTATIVO
TEXTO			
LINGUÍSTICO	PALAVRAS	Sem palavras	SEM OBSERVAÇÕES
VISUAL	TIPOGRÁFICO	Sem palavras	SEM OBSERVAÇÕES

	ESPACIAL	Sem palavras	SEM OBSERVAÇÕES
IMAGEM			
QUADRO GERAL	PAREDE	Dividida em duas partes uma pintada (cor azul claro) e outra com piso (quadrados cinzas com branco).	Espaço composto por neutralidade (do chão para a metade da sala) e por sonhos e ideais (da metade para a parte de cima). Portanto, local que induz a pensar por si.
	CADEIRAS E MESAS	Reposicionados em forma de círculo	Espaço mais favorável para aprendizagem
	FOLHAS DE PAPEL COLORIDA	Todos com folhas nas mesas	Simbolizando atividades que são feitas em grupo e em sala de aula.
	FIGURAS HUMANAS	Agora conseguem se enxergar uns aos outros	Riem dialogando sobre alguma atividade proposta em sala.
<b>FIGURAS-CONJUNTO</b>			
POSTURA	FIG FEM 1	Na ponta esquerda da foto sentada na cadeira olhando para quem está a sua esquerda; segurando folhas de papel na mão cujos braços estão em cima da mesa.	Interação dinâmica e produtiva.
	FIG MASC 1	Sentado na cadeira ao centro da foto rindo e olhando para a jovem sentada a sua direita. Distribuindo papeis que estão nas suas duas mãos. Perna direita cruzada no pé direito da cadeira.	Divisor de atividades e da dinâmica do processo. No entanto, demonstra uma certa insegurança.
	FIG MASC 2	Na ponta direita da foto, sentado na cadeira olhando	Não demonstra preocupação com a

		para o jovem que está a sua direita e sorrindo levemente. Braços em cima dos papéis que estão em sua mesa. Corpo mais inclinado para frente.	atividade, mas com a interação com os outros.
<b>UNIDADE DE SIGNIFICAÇÃO CORPORAL</b>			CORPO-PRODUÇÃO CORPO-(NO)PROCESSO CORPO-INTERAÇÃO
<b>SÍNTESE PARA CARTÃO -POSTAL</b>	“Mudar... o jeito de estar com os outros, interagir, dividir atividades, dar dinâmica ao processo”.		

## APÊNDICE M - FICHA DE ANÁLISE SEMIOLÓGICA - FOTO SUB-G02.2

<b>FICHA DE ANÁLISE SEMIOLÓGICA</b>			
<b>MATERIAL: FOTOGRAFIA 01- G02.1</b> (Olhar da esquerda para direita)			
<b>ELEMENTOS DO MATERIAL:</b>		<b>INVENTÁRIO DENOTATIVO</b>	<b>INVENTÁRIO CONOTATIVO</b>
<b>TEXTO</b>			
LINGUÍSTICO	PALAVRAS	SEM PALAVRAS	SEM OBSERVAÇÕES
VISUAL	TIPOGRÁFICO	SEM PALAVRAS	SEM OBSERVAÇÕES
	ESPACIAL	SEM PALAVRAS	SEM OBSERVAÇÕES
<b>IMAGEM</b>			
QUADRO GERAL	PAREDE	Totalmente azul claro	Espaço de sonhos
	CELULAR	Dois nas mãos das jovens	Eles são o foco da interação, troca de assuntos mais importantes.
	FIGURAS HUMANAS	Duas – uma ao lado da outra no corredor da escola	Lembra o intervalo onde é possível estar com o celular objeto mais atrativo que permite interação. Pode ser um contraponto ou crítica ao espaço escolar que não sabe utilizar esses meios de tecnologias da comunicação em sala.
<b>FIGURAS-CONJUNTO</b>			
POSTURA	FIC FEM 1	Encostada na parede quase que sentada	Postura de proteção escondendo o

		segurando o corpo com uma mão (esquerda) sobre a perna e a outra com celular (direita). Cabeça próximo a cabeça da outra jovem. Olhar fixo para tela.	celular entre os cabelos e de felicidade por estar fazendo algo satisfatório.
	FIG FEM 2	Encostada na parede quase que sentada. Duas mãos segurando o celular. Cabeça próximo a cabeça da outra jovem. Olhar fixo para tela.	Postura de proteção escondendo o celular entre os cabelos e de felicidade por estar fazendo algo extremamente satisfatório. Pois seu corpo voltou-se para a atividade com todos os sentidos.
<b>UNIDADE DE SIGNIFICAÇÃO CORPORAL</b>			CORPO-INTERESSE CORPO-INTERESSE
<b>SÍNTESE PARA CARTÃO-POSTAL</b>	“Cotidianamente estou contigo, em (com) todos os sentidos. Tú és meu refúgio. Quero guarda-te junto a mim para que eu não te perca. Estar contigo é mais que interagir”.		

**APÊNDICE N - FICHA DE ANÁLISE SEMIOLÓGICA - FOTO SUB-G03**

FICHA DE ANÁLISE SEMIOLÓGICA			
MATERIAL: <b>FOTOGRAFIA 01 e 02- G03</b> (Olhar da esquerda para direita)			
ELEMENTOS DO MATERIAL:		INVENTÁRIO DENOTATIVO	INVENTÁRIO CONOTATIVO
TEXTO			
LINGUÍSTICO	PALAVRAS	AX (marca do boné Armani Exchange) e ARMADA (nome na frente da camisa)	SEM OBSERVAÇÕES
VISUAL	TIPOGRÁFICO	Caixa alta Arial e o segundo em negrito	SEM OBSERVAÇÕES
	ESPACIAL	Na frente do boné e próximo ao peito no centro da blusa	SEM OBSERVAÇÕES
IMAGEM			
QUADRO GERAL	PAREDE	O azul afunilando da esquerda para direita deixando mais evidente os quadrados	Espaço de sonhos se afunilando e espaço de neutralidade aumentando.
	CADEIRA E MESA	Cadeiras com encosto de assento de cor azul escura e mesa cor cinza disposto diferente das cadeiras e mesas ao redor	Fluxo necessário do aprender mudar e realinhar o espaço.
	FIGURAS HUMANAS	Duas – uma de frente para a outra	Interação necessária e insistente.
FIGURAS-CONJUNTO (FOTO 1)			
POSTURA	FIG FEM 1	De costas para a câmera, sentada numa cadeira e braços apoiado na mesa e de frente para o jovem explicando uma atividade pois a caneta que segura na mão direita aponta para o papel. Vestida com blusa da farda e calça	A foto parece ter o olhar da pessoa que ensina, a jovem, apontando e explicando.

		jeans. Cabelo amarrado. Olhar voltado para o rapaz.	
	FIG MASC 2	Jovem sentado na cadeira, pés cruzados. Braço esquerdo apoiado na mesa. Braço direito segurando uma caneta que está na boca. Olhar atento para o papel em cima da mesa. Vestimenta blusa preta e calça preta. Boné preto com duas letras	O jovem atento ao papel e as explicações, no entanto, com certa proteção.
<b>FIGURAS-CONJUNTO (FOTO 2)</b>			
POSTURA	FIG FEM 1	Sentada na metade da frente da cadeira com olhar voltado para o papel exposto pelo jovem. Duas mãos com punhos fechados em cima da mesa. Pernas indo de encontro ao jovem que está a sua frente.	A necessidade de olhar de outra maneira, uma visão mais distante. Postura de expectativa da jovem diante do que vem sendo exposto, uma certa insegurança.
POSTURA	FIG MASC 1	Sentado mais na parte da frente da cadeira sem encostar as costas apresentando o papel para a jovem com olhar voltado para o papel.	Situação de expectativa sobre o que apresentou numa postura que não acredita no que expos. Precisa de uma certeza a qual ele não tem.
<b>UNIDADE DE SIGNIFICAÇÃO CORPORAL</b>			<b>CORPO-EXPECTATIVA</b> (PROFESSOR) <b>CORPO-EXPECTATIVA (JOVEM)</b>
<b>SÍNTESE PARA CARTÃO-POSTAL</b>	“É pelo olhar do outro que aponta e explica que sinto necessidade de realinhar-me. Um movimento insistente e necessário que me coloca em expectativa. Precisamos ver de outros ângulos...”		

## APÊNDICE O - FICHA DE ANÁLISE SEMIOLÓGICA - FOTO SUB-G04

FICHA DE ANÁLISE SEMIOLÓGICA			
MATERIAL: <b>FOTOGRAFIA 01, 02, 03 e 04 - G04</b> (Olhar da esquerda para direita)			
ELEMENTOS DO MATERIAL:		INVENTÁRIO DENOTATIVO	INVENTÁRIO CONOTATIVO
TEXTO			
LINGUÍSTICO	PALAVRAS	Sem palavras	SEM OBSERVAÇÕES
VISUAL	TIPOGRÁFICO	Sem palavras	SEM OBSERVAÇÕES
	ESPACIAL	Sem palavras	SEM OBSERVAÇÕES
IMAGEM			
QUADRO GERAL	PAREDE	Metade no cimento com cor verde claro e metade no piso cheio de quadrados grandes	Cor Verde remete-nos ao crescimento e quadrados a perfeição
	BANCO	A continuação da parede com pisos quadrados	Espaço de encontro
	PAPEL DE AVISO	Na parte verde dentro de um papel amarelo para destaque	Informes escolares cotidianos.
	QUADRO DE CONCLUDENTES	QUADRO COM OS FORMANDOS DO 3º ANO DE ALGUM ANO ESPECÍFICO	A vitória em chegar no fim do processo de educação básica e a transição para outros espaços (para o trabalho ou para faculdade ou para “vida”).
	FIGURAS HUMANAS	Três – sentados um ao lado do outro na mesma postura	Comungando da mesma vontade de estar num outro espaço que não a



			sala de aula.
<b>FIGURAS-CONJUNTO (FOTO 1)</b>			
POSTURA	FIG MASC 1	Sentado em posição confortável no banco, pernas abertas, braço esquerdo fazendo sinal de “curti” e o braço direito em cima da perna. Olhando para câmera com leve sorriso. Vestindo calça jeans preto mais voltada para cor cinza, blusa da feira de ciências da escola (da sua turma) usando chinelo de dedo (tipo Havaianas) cor branca. Pés quase se conseguir tocar o chão. Corpo ereto.	Postura de <b>indiferença</b> a forma como é estruturada a escola, encontrando noutro lugar um espaço afetivo propicio ao encontro e ao diálogo.
	FIG MASC 2	Sentado em posição confortável no banco, pernas abertas, braço direito e esquerdo fazendo sinal de “curti” para as laterais deixando o rosto dentre as duas mãos. Cabeça inclina para trás. Olhando para câmera com leve sorriso. Vestindo calça e blusa de cor preta com desenho que não dá para saber o que é. Usando chinelo de dedo cor branca. Pés tocando somente a ponta da frente da chinela no chão. Corpo inclinado para direita.	Postura de <b>indiferença</b> a forma como é estruturada a escola, encontrando noutro lugar um espaço afetivo propicio ao encontro e ao diálogo.
	FIG MASC 3	Sentado em posição confortável no banco, pernas abertas, braço direito e esquerdo fazendo sinal de “curti” para as laterais deixando o rosto dentre as duas mãos, face ereta, mas corpo inclinado para esquerda. Olhando para câmera com sorriso fechado. Vestindo calça jeans voltada para cor cinza, camisa vermelha. Usando chinelo de dedo sola cor vermelha e cabresto cor preta. Pés totalmente firmes no chão.	Postura de <b>indiferença</b> a forma como é estruturada a escola, encontrando noutro lugar um espaço afetivo propicio ao encontro e ao diálogo, mas com pés firmes em algo que o movimenta nesse espaço.
<b>UNIDADE DE SIGNIFICAÇÃO CORPORAL</b>			<b>CORPO-INDIFERENÇA</b>

<b>FIGURAS-CONJUNTO (FOTO 2)</b>			
POSTURA	FIG MASC 2	Sentado no outro banco mais próximo a ponta mais próximo dos outros. Pernas cruzadas. Sorriso contido. Olhando para câmera. Apontando dois dedos indicadores para frente (para câmera) como se apontasse um revolver. Mesma vestimenta desenho da blusa identificado o rosto de uma mulher com olhos fechados.	Arma aqui se liga a sentimentos de poder.
POSTURA	FIG MASC 4	Sentado no banco e não estava presente na foto anterior. Olhar de “está tudo legal” fazendo sinal de paz nas duas mãos, mas não voltados para cima, os dedos voltados para frente. Sorriso leve. Cabeça inclinada para trás. Pés no chão. Vestimenta blusa azul clara (da feira de ciências) tema direitos humanos e meio ambiente. Calça azul escuro. Chinelo do tipo Rider com cobertura somente na frente do pé (cor cinza) com pequenos furos.	Paz armada.
POSTURA	FIG MASC 3	Sentado no outro banco mais próximo dos outros, mas sempre no mesmo lugar. Pernas abertas com pés que quase se encontram pelos calcanhares. Sorriso contido. Olhando para câmera. Apontando dois dedos indicadores para frente (para câmera) como se apontasse um revolver, e dedos abertos. Olhar definindo um alvo pois se encontra com o dedo indicador.	Arma aqui se liga mais ao a sentimento de proteção de si e dos seus. E o alvo que o ameaça sempre está à frente.
<b>UNIDADE DE SIGNIFICAÇÃO CORPORAL</b>			<b>CORPO-(IN)TENSÃO</b>
<b>FIGURAS-CONJUNTO (FOTO 3)</b>			
POSTURA	FIG MASC 1	Corpo parcialente visível, mas em postura deitado no banco. Dois braços atrás da cabeça com olhar voltado para o outro banco.	Postura de quem observa e faz o que os amigos fazem.

	FIG MASC 3	Corpo deitado com barriga para cima e perna direita semiflexionada e braço escondendo o rosto da luminosidade	Postura de desligamento do mundo.
	FIG MASC 4	Corpo deitado lateralmente no banco cobrindo o rosto com o braço	Postura de desligamento do mundo.
<b>UNIDADE DE SIGNIFICAÇÃO CORPORAL</b>			<b>CORPO-DESLIGAMENTO</b>
<b>FIGURAS-CONJUNTO (FOTO 4)</b>			
POSTURA	FIG MASC 3	Foto em aproximação (zoom) mostrando o tronco e a cabeça do jovem deitado dormindo	
<b>UNIDADE DE SIGNIFICAÇÃO CORPORAL</b>			<b>CORPO-RESISTÊNCIA</b>
<b>SÍNTESE PARA CARTÃO-POSTAL</b>	“Estou num espaço de encontro e não me encontro. O que falta? Não quero diálogo. Desligo-me na (in)tensão do choque.”		

**APÊNDICE P - FICHA DE ANÁLISE SEMIOLÓGICA - FOTO SUB-G05**

FICHA DE ANÁLISE SEMIOLÓGICA			
MATERIAL: <b>FOTOGRAFIA 01, 02, 03 e 04 - G05</b> (Olhar da esquerda para direita)			
ELEMENTOS DO MATERIAL:		INVENTÁRIO DENOTATIVO	INVENTÁRIO CONOTATIVO
<b>TEXTO</b>			
LINGUÍSTICO	PALAVRAS	SEM PALAVRAS	SEM OBSERVAÇÕES
VISUAL	TIPOGRÁFICO	SEM PALAVRAS	SEM OBSERVAÇÕES
	ESPACIAL	SEM PALAVRAS	SEM OBSERVAÇÕES
<b>IMAGEM</b>			
QUADRO GERAL	PAREDE	Metade no cimento pintado de verde claro e metade com piso em quadrados	
	CADEIRAS E MESAS	Organizadas em fileiras	Visibilidade da organização da sala
	QUADRO BRANCO	Na frente das fileiras	Organização da sala
	TRABALHO EM CARTOLINA	Nas mãos dos jovens como nas paredes	As atividades constantes
	FIGURAS HUMANAS	Quatro – duas jovens e dois jovens sendo que uma jovem participou desta mesma atividade com outro grupo	Sem haver interações aqui remetia a uma visão individual de cada integrante.
<b>FIGURAS-CONJUNTO (FOTO 1)</b>			
POSTURA	FIG FEM 1	Jovem sentada na última cadeira da fila, no canto	Embora esteja num espaço que é determinado por

		da parede, corpo sobre a mesa descansando a cabeça em cima dos braços. Cabeça voltada para a parede. Pernas cruzadas. Vestimenta calça jeans azul e blusa cinza.	regras é difícil manter a postura exigida e uma saída é desligar-se e conectar-se a um espaço que está nos sonhos e não na realidade.
<b>UNIDADE DE SIGNIFICAÇÃO CORPORAL</b>			<b>CORPO-DESLIGAMENTO</b>
<b>FIGURAS-CONJUNTO (FOTO 2)</b>			
POSTURA	FIG MASC 1	Jovem sentado na cadeira na última cadeira da fila. Corpo ereto. Braços flexionados com mãos as duas mãos voltadas para cima fazendo sinal de “paz de amor”. Pernas abertas. Vestimenta calça jeans voltada para cor cinza e blusa cinza.	Postura que nos faz refletir sobre a postura que mesmo acordada não está em conexão com o que ocorre. Refletindo num maior distanciamento mas tendo a percepção de tudo ao redor.
<b>Unidade de significação corporal</b>			<b>CORPO-INDIFERENÇA</b>
<b>Figuras-conjunto (foto 3)</b>			
POSTURA	FIG MASC 2	Jovem sentado em cima da mesa da última cadeira da fila. Corpo voltado para lateral. Braço esquerdo segurando braço direito cuja mão está no queixo. Olhar voltado para o chão. Vestimenta calça jeans e blusa com caveiras coloridas.	Postura que nos remete a inconformação com o espaço que tem e até mesmo consigo neste espaço. Para isso se isola a fim de não ser percebida ou quer ser percebida.
<b>UNIDADE DE SIGNIFICAÇÃO CORPORAL</b>			<b>CORPO-ISOLAMENTO</b>
<b>SÍNTESE PARA CARTÃO-POSTAL</b>	“Acordada ou dormindo não me sinto em conexão. Estou não estando. Tudo ao meu redor é vazio. Refugio-me às margens, no fundo (de mim). Por favor, percebam-me! ”		

## APÊNDICE Q - FICHA DE ANÁLISE SEMIOLÓGICA - DESENHOS G01

FICHA DE ANÁLISE SEMIOLÓGICA		
MATERIAL: <b>DESENHO G01 - NAY</b>		
DESENHO	<p>As palavras presentes do desenho estão sempre escritas da esquerda para direita de forma lateral aos desenhos, somente uma palavra está escrita lateralmente, mas em cima do desenho, a palavra “<i>conhecimento</i>”. Sua composição conta com cinco pessoas, sendo quatro uma do lado da outra intercalando sexo masculino e sexo feminino, possível fazer a distinção pela cor do cabelo e o tamanho e pelo uso de vestido de cor igual ao corpo da figura feminina que se encontra distante do grupo. Isso nos mostra questões em relação ao gênero pois a figura feminina que se encontra sozinha tem o corpo da mesma cor que o vestido das outras figuras femininas e mesma cor e tamanho de cabelo, no entanto, não veste vestido, é diferente. Ela está situada entre o trabalho em grupo e a necessidade de chegar ao final do caminho com o grupo que ela não se sente parte, pois a seguinte frase está ao lado do desenho “<i>percorrer todo um caminho com visão de grupo</i>”, mas sabe que ao final há o conhecimento sobre esporte na comunidade esperando-a, sendo representado pela bandeira com pouca visibilidade e com cor de lápis (cinza) com leve sombreado azul, nos remetendo ao sonho e algo muito distante quando se está no processo.</p> <p>OBS: FOLHA VERDE</p>	
UNIDADE DE REGISTRO DE REPRESENTAÇÃO:		<b>CORPO-GRUPO</b>
FICHA DE ANÁLISE SEMIOLÓGICA		
MATERIAL: <b>DESENHO G01 - CIDA</b>		
DESENHO	<p>Palavras “<i>Por mora em um bairro muito carente em relação ao esporte, e ver muitas crianças, e adolescentes se perdendo nessa vida e o poder público, não fazer nada, porque no bairro tem sim quadras, campo e luga para fazer alguma atividade física e esporte, mais todos em mal estrutura</i>” e o “<i>Esporte pode sim muda nossa vida</i>”. Estas frases nos induzem a perceber que existe uma relação com uma visão mais geral do bairro que é transmitida pelo desenho do cotidiano dois jovens brincando de bola no meio da rua ao invés de estarem nas quadras que o bairro disponibiliza pois não tem manutenção adequada para uso. Sem falar numa</p>	

	visão sobre o esporte muito presente na mídia que ele muda vidas, resgata pessoas das drogas. Algo que poderia ser problematizado a fim de possibilitar uma maior conscientização. Transpor o olhar ingênuo para um olhar mais epistemológico.
UNIDADE DE REGISTRO DE REPRESENTAÇÃO: <b>CORPO-UNIDADE</b>	
FICHA DE ANÁLISE SEMIOLÓGICA	
MATERIAL: <b>DESENHO G01 - IARA</b>	
DESENHO	<p>Desenho de uma menina com um balão em formato de coração e com uma bola de futebol nos pés, no meio de uma rua de terra durante o dia. Escreveu a seguinte frase no canto superior esquerdo do desenho: “O tema escolhido foi procura saber o que havia ou não no meu bairro e dizer que a palavra esporte não pode ser usada somente pelos homens e sim por pessoas de todas as idades”. Vale ressaltar a evidência dada ao nome esporte nos induzindo a pensar de forma ampla ao acesso e não somente ao futebol. Sem falar que a cor laranja nos desperta a criatividade ou seria o esporte um espaço vasto para auxiliar na criatividade? Visualmente o desenho traz a marca da contradição entre ser do sexo feminino, gostar de coisas delicadas e jogar futebol. Há uma reivindicação de igualdade a prática de esportes principalmente, o futebol pelo sexo feminino pois se iguala aos meninos que cotidianamente estão jogando bola na rua.</p>
UNIDADE DE REGISTRO DE REPRESENTAÇÃO: <b>CORPO-DIVERSO</b>	
FICHA DE ANÁLISE SEMIOLÓGICA	
MATERIAL: <b>DESENHO CD 01- VIDA</b>	
DESENHO	<p>Algumas frases estavam dentro do desenho sendo:</p> <p>Primeira frase “Nada no começo me convenceu com o esporte, escolhi o tema por achar mais fácil mais vi que não era isso o que o esporte trazia para nossas vidas”.</p> <p>Segunda frase: “Assim como toda modalidade esportiva existe regras o esporte nos ensina também a ter um certo limite para cada coisa...” Terceira frase: “O lazer que foi comentado com a equipe, era proporcionar uma melhor estrutura para o bairro. Para as crianças, jovens, etc... tivessem algo para se distrair e ocupar a mente com coisas boas”.</p>

	<p>Quarta frase, proferida pelo jovem camisa 10 desenhado: “Nunca desista de seus sonhos”.</p> <p>O esporte que está sendo retratado é o proposto para comunidade já que a imagem remete a um ambiente aberto sobre a sombra das nuvens e sem o sol, e um chão cheio de mato, podendo ser um campo de bairro. Vale ressaltar o nome esporte entre aspas inclinado em direção ao céu com a mesma cor das nuvens como se isso fosse um sonho que segundo o próprio jogador de futebol desenhado, o camisa 10 que é representado por quem é craque da equipe, o ícone da liderança e do talento, dizendo “Nunca desista de seus sonhos” como se um dia ele tivesse sonhado em ser jogador e conseguiu e ela como pessoa que quer o esporte para todos e atribui um valor positivo ao mesmo para a vida, é possível de conseguir. Mas não falou como. Nos remete a pensar que eles não enxergam o como, a superação de uma situação-limite. E uma metodologia que trabalha com pressupostos Freireanos deveria alçar nesta perspectiva para fazer realmente eles acreditarem nas possibilidades.</p>
UNIDADE DE SIGNIFICAÇÃO DE REPRESENTAÇÃO: <b>CORPO-SONHO</b>	
FICHA DE ANÁLISE SEMIOLÓGICA	
MATERIAL: <b>DESENHO G01_SARADO</b>	
DESENHO	Uma folha praticamente utilizada do centro para cima, onde ao meio tem uma máquina de musculação chamada leg press 45° com uma pessoa sentada fazendo o exercício enquanto outra, em pé, toda de preto, numa proporção maior que a pessoa fazendo exercício, fazendo-nos perceber que a pessoa em pé é um professor ou instrutor de academia cuja cor simboliza respeito, algo que ele demonstra ter pelo fato de ser uma profissão que ele deseja segundo a frase no desenho: “O tem foi escolhido por conta do meu grande interesse pelo esporte e ser a área da minha vida na qual quero trabalhar”.
UNIDADE DE REGISTRO DE REPRESENTAÇÃO <b>CORPO-ENSINO</b>	
FICHA DE ANÁLISE SEMIOLÓGICA	
MATERIAL: <b>DESENHO G01 - MOTA</b>	
DESENHO	No centro da folha um jovem rapaz em pé e ao seu redor formas de se praticar atividade física: natação, bicicleta, skate, corrida/caminhada, vôlei, artes marciais, academia e basquete. No remete a pensar nas inúmeras possibilidades que ele enxerga e



	possivelmente tenha praticado ou tem vontade de praticar.
UNIDADE DE REGISTRO DE REPRESENTAÇÃO	
CORPO-ESCOLHA	
FICHA DE ANÁLISE SEMIOLÓGICA	
MATERIAL: <b>DESENHO G01 - PAIXÃO</b>	
DESENHO	Uma pessoa na metade de um caminho que termina mesmo antes de chegar ao ponto final, uma placa que está fincada no espaço com o nome paixão, de cor marrom. Ela não está no caminho, mas ele tem a projeção, o sonho de chegar nesse lugar que ele conhece e acredita ser seguro e confortável. O caminho parece não ser fácil pois vai sumindo ou se desfazendo, no entanto, o “ponto final” visto com muita nitidez.
UNIDADE DE REGISTRO DE REPRESENTAÇÃO	
CORPO-BUSCA	
FICHA DE ANÁLISE SEMIOLÓGICA	
MATERIAL: <b>DESENHO G01 - BONECA</b>	
DESENHO	Um espaço aberto onde se percebe as nuvens, mas sem o sol, com uma árvore e flores e nesse lugar quatro crianças, duas jogando vôlei com uma bola vermelha divididos por uma rede, uma menina loira de vestido marrom e um menino sem maiores distinções. Próximos a árvore uma menina de cabelos pretos e longo com vestido de cor rosa com uma bola colorida ao lado do menino de macacão marrom, no entanto, ela parece estar olhando para outro lugar enquanto que o menino está olhando para ela tentando interagir. Como se ela mostrasse que não faz parte dos esportes e busca outras coisas que não estão ali. Ela se diferencia da outra menina em tudo, no fazer esporte e ela não; na cor da roupa; no espaço que compartilha com o outro. Possivelmente um desejo de aprender a dominar esse código social que é o esporte. Mesmo os dois grupos estando praticamente sobre o mesmo céu os espaços são diferentes. O brincar é mais colorido mais feliz enquanto que o esporte é algo mais cinzento, opaco. Como se tivesse algo ocorrido em sua vida que fizesse possivelmente não gostar e atribuir um valor negativo ao esporte para si mas não para os outros como pode ser visto no seu relato.

UNIDADE DE REGISTRO DE REPRESENTAÇÃO	<b>CORPO-MARCA</b>
--------------------------------------	--------------------

## APÊNDICE R - FICHA DE ANÁLISE SEMIOLÓGICA - DESENHOS G02

FICHA DE ANÁLISE SEMIOLÓGICA		
MATERIAL: <b>DESENHO G02 - LÚCIA</b>		
DESENHO	Um caminho formado por pegadas no chão, que começam espaçadas e vão ficando cada vez mais próximas como se estivesse numa fila. Esse caminho bifurca em para dois lugares identificados por placa: a do sedentarismo e da sua companheira a gordura, a direita e o da qualidade de vida com emoji sorrindo. O caminho do sedentarismo é mais largo, mas sem atrativos. Enquanto que o da qualidade de vida é cheio de práticas voltadas basquete, futebol, musculação, vôlei e bicicleta. Vale ressaltar que as pegadas seguem o caminho sem sair dele para chegar ao final no nome lazer como se todas as atividades voltadas ao lazer estivessem para todos mas era necessário ir em busca. O primeiro desenho é a tabela do basquete e ela se assemelha com as placas em sua base, fazendo-nos perceber que é um meio-caminho possível. Caminho iluminado pelo sol.	
UNIDADE DE REGISTRO DE REPRESENTAÇÃO		<b>CORPO-ESCOLHA</b>
FICHA DE ANÁLISE SEMIOLÓGICA		
MATERIAL: <b>DESENHO G02 - FLOR DE LIZ</b>		
DESENHO	Uma mulher de saia azul e blusa verde mostrando suas pernas e barriga, com cabelos longos pretos, braço direito por detrás das costas e braço esquerdo por detrás dos cabelos. Uma caixa de som com notas musicais grandes saindo dela ao encontro da mulher que funde seus pés ao caminho, os pés são o caminho e o caminho que ela quer tem música.	
UNIDADE DE REGISTRO DE REPRESENTAÇÃO		<b>CORPO-ESCOLHA</b>
FICHA DE ANÁLISE SEMIOLÓGICA		
MATERIAL: <b>DESENHO G02 - ROSA</b>		

DESENHO	Um espaço ao ar livre com nuvens e sol aberto. Uma menina brincando no balançador e um menino brincando com uma bola de futebol e no meio uma mulher, com o mesmo formato de cabelo da menina e mesma cor de roupa da menina, lembra a figura de uma mãe que observa atentamente seus filhos brincando no parquinho. E um escorregador próximo a eles. Talvez um recorte da infância.
UNIDADE DE REGISTRO DE REPRESENTAÇÃO	
CORPO-MARCA	
FICHA DE ANÁLISE SEMIOLÓGICA	
MATERIAL: <b>DESENHO G02- ARI</b>	
DESENHO	Um Caminho que começa no canto direita da folha e bifurca já bem no início do lado esquerdo é o caminho que o ônibus faz. Tem um garoto a espera do ônibus que tem pessoas que aparentemente são iguais, no entanto, mudam de cor no desenho. São iguais naquilo que pensam pois há um balão de pensamento que sai do ônibus com diversos asteriscos, como se o que falassem fosse ruim, e todos concordassem. Elas estão no ônibus olhando para fora para ver quem entra e sai. O garoto que espera ou desceu do ônibus está com um balão de pensamento dizendo “Tenho que emagrecer”. Toda essa paisagem cotidiana tem uma conotação ruim, pois o preto está em todo o espaço ao redor da pista e o garoto parece estar dentro desse espaço escuro, fechado. No canto superior há a palavra “dúvida” acredito ser desse processo que o faz sofrer pois seus pensamentos tem a cor preta na escrita e o vermelho sombreando. O caminho parece começar e terminar em vários locais, mas ele parece estar perdido sem saber para onde ir.
UNIDADE DE REGISTRO DE REPRESENTAÇÃO	
CORPO-QUALIDADE DE VIDA	
FICHA DE ANÁLISE SEMIOLÓGICA	
MATERIAL: <b>DESENHO G02 - IRMÃ DO JOREL (ELÉTRIKA)</b>	
DESENHO	Uma caixa de som, um letreiro em cima destacado o nome ZUMBA om quadrado rosa e amarelo e acima o nome CASTELÃO de lápis. Três mulheres de idades diferentes dançando ao som de alguma música latina que sai da caixa de som. Um espaço de diversidade e de alegria para todos. As mulheres jovem e adulta com músculos bem torneados e roupas iguais, uma com cabelo solto e outra com cabelo amarrado. E uma senhora com uma bengala e escrito em sua blusa MELHOR IDADE. Acredito que a possibilidade de vários tipos de pessoas fazerem parte do mesmo espaço e se sentirem bem faz com que ela se sinta parte.
UNIDADE DE REGISTRO DE REPRESENTAÇÃO	
CORPO-QUALIDADE DE VIDA	

FICHA DE ANÁLISE SEMIOLÓGICA		
MATERIAL: <b>DESENHO G02 - MAJÚ</b>		
DESENHO	Um desenho com dois momentos que se abarcam num só: primeiro mais nova e bem gordinha, comendo coxinha algo que gosta, e fez uma seta ligando está garota a uma mulher mais na frente dançando com meninas mais novas perto de uma caixa de som próximo a rua. Uma frase escrita nessa seta em cima da cabeça da mulher “melhoria de vida”, nos induz a pensar na possibilidade da prática da Zumba por todas as idades e ela percebi isso como importante até para seu futuro. Sem falar no hábito pouco saudável de comer coxinha entre outros salgados quando se é mais jovem e pouco se liga para saúde. O nome Majú faz referência “a mulher do tempo” da rede de tv Globo. Aqui a relação está na significação de melhoria na qualidade de vida para os praticantes de zumba.	
UNIDADE DE REGISTRO DE REPRESENTAÇÃO		<b>CORPO-QUALIDADE DE VIDA</b>
FICHA DE ANÁLISE SEMIOLÓGICA		
MATERIAL: <b>DESENHO G02 – MULEKE</b>		
DESENHO	Espaços de lazer que gosta de estar no Lago Jacaré e jogando futebol. Sendo que pela forma como ele enfatiza o campo na parte superior do desenho em cima do Lago, mostra que a significação maior de lazer para ele está em jogar futebol.	
UNIDADE DE REGISTRO DE REPRESENTAÇÃO		<b>CORPO-ESPAÇO</b>
FICHA DE ANÁLISE SEMIOLÓGICA		
MATERIAL: <b>DESENHO G02 - GABIRU ALADO</b>		
DESENHO	Espaço rodeado por verde e na borda inferior uma espécie de grades ou pode ser também muro, no meio da foto uma espécie de pracinha com parquinho com balançador, escorregador e gangorra rodeado por árvores grandes. Parece querer nos mostrar um espaço que julga ser o ideal para o lazer. No entanto, não se colocou no desenho e nem outras pessoas, sugerindo que isso é algo que ele entende por lazer.	
UNIDADE DE REGISTRO DE REPRESENTAÇÃO		<b>CORPO-ESPAÇO</b>

## APÊNDICE S - FICHA DE ANÁLISE SEMIOLÓGICA - DESENHOS G03

FICHA DE ANÁLISE SEMIOLÓGICA		
MATERIAL: <b>DESENHO G 03 - JANE</b>		
DESENHO	Um dia normal na cidade, carro passando na rua. Na calçada, mãe e filha andando de mãos dadas pareciam não gostar ou serem indiferentes ao que o jovem fazia pois possivelmente acabaram de passar em frente. Podemos notar a discriminação que sofrem os artistas de rua. E do outro lado da calçada um jovem fazendo sua arte num muro. Grafitando com jatos de tinta spray o rosto de uma mulher que parece estar sendo enquadrada por linhas tão finas que horas parece alguém atrás das grades de uma prisão chorando, horas parece que está sendo um esboço que será retirado as linhas que auxiliam na sua espacialização. Seus cabelos espalhados que saem de dentro da prisão ou enquadramento numa intensidade que parece ter mais vida que sua face.	
UNIDADE DE REGISTRO DE REPRESENTAÇÃO		<b>CORPO-EXPRESSÃO</b>
FICHA DE ANÁLISE SEMIOLÓGICA		
MATERIAL: <b>DESENHO G03 - ANE</b>		
DESENHO	Parece contar uma história de alguém que sofreu discriminação por fazer grafite na rua. Foi autuado como vandalismo e levado para delegacia para prestar esclarecimento. E foi indiciado a fazer a limpeza do muro deixando na cor que se encontrava antes de fazer sua pintura. Enquanto pintava de branco o muro passava ali perto um carro com letreiro em sua lateral dizendo “Grafite é arte”, demonstrando a contradição entre a realidade e o que é veiculado pela mídia. Então, aquele rapaz que grafitava e passou por tudo isso, ganha o direito de usar o grafite e deixa sua mensagem de uma pessoa se defendendo falando que “ <i>Não é que eu seja diferente</i> ” e num tom de indiferença “ <i>até porque não sou igual a você</i> ”, duas fisionomias bem marcadas. Existem questões profundas que remetem a histórias de vida do componente do grupo ou de alguém muito próximo.	
UNIDADE DE REGISTRO DE REPRESENTAÇÃO		<b>CORPO-EXPRESSÃO</b>

FICHA DE ANÁLISE SEMIOLÓGICA		
MATERIAL: <b>DESENHO G03 - JB</b>		
DESENHO	Um jovem desenhando suas iniciais no muro de uma ponte que fica próximo a um lago. Parece mostrar os espaços possíveis para se praticar algo que tem um valor para si, mas que para os outros pode ter um valor contrário. É necessário o isolamento. A proximidade do grafite com a natureza pela tranquilidade que ambas possibilitam. A água que se aproxima trazendo força para continuar. Uma ponte como um local de ligação pode trazer maior visibilidade.	
UNIDADE DE REGISTRO DE REPRESENTAÇÃO		<b>CORPO-ESPAÇO</b>
FICHA DE ANÁLISE SEMIOLÓGICA		
MATERIAL: <b>DESENHO G03 - VALENTE</b>		
DESENHO	Quatro jovens indo ao encontro da música num espaço que para eles é cheio de amor por ter as amizades e a alegria compartilhada. Do lado esquerdo da pista tem um coração que dentro tem uma pessoa saindo e do lado direito da pista de dança tem outro coração limpo, vermelho como o outro sendo que sem ninguém. Notas musicais de diferente tamanhos e cores saindo de um paredão de som (três caixas de som empilhadas) ao fundo. Nos remete a pensar na juventude e nos dilemas que vivem principalmente no amor, na busca pelas amizades para se divertir e esquecer um coração ferido. Dançar e estar com amigos é o suficiente para ser feliz e voltar a amar.	
UNIDADE DE REGISTRO DE REPRESENTAÇÃO		<b>CORPO-ESCOLHA</b>

## APÊNDICE T - FICHA DE ANÁLISE SEMIOLÓGICA - DESENHOS G04

FICHA DE ANÁLISE SEMIOLÓGICA		
MATERIAL: <b>DESENHO G04 - BOB MARLEY</b>		
DESENHO	<p>Campo de futebol com duas cores bem diferentes preto e laranja. Laranja no centro, nos cantos e no gol. Entrar em campo quer dizer estar aberto a tudo que vem, a saber lidar com o passe, com a tensão, com o desejo do time contrário, o desejo de uma classificação. Existem sentimentos diversos que podem invadir uma pessoa numa situação de “entrar em campo”, se levarmos em conta a pesquisa e seus desafios ela pode deixar meio-de-campo escuro sem possibilidades para jogar dependendo da marcação. Pode significar que um espaço como esse está contribuindo para absorver mais questões que o faz se isolar. No entanto, enxerga algumas possibilidades de alegria como quando está a bater um escanteio, “batendo o centro” ou próximo ao gol, mas parece que esses momentos são pequenos e tem picos, no entanto, o maior espaço é aquele que remete a seriedade ao distanciamento.</p>	
UNIDADE DE REGISTRO DE REPRESENTAÇÃO		<b>CORPO-(DE)MARCA</b>
FICHA DE ANÁLISE SEMIOLÓGICA		
MATERIAL: <b>DESENHO G04 – BRISA</b>		



DESENHO	<p>Uma paisagem de um campo de futebol de bairro num dia ensolarado com algumas nuvens que tentam cobrir o sol ou melhor “fechar o tempo” a qualquer momento. Alguns pássaros voando, como se descessem do céu próximo do sol ou do local onde ele se apresenta, indo em direção ao campo, próximo ao homem da direita, parecem simbolizar o desejo do voo deste. Uma grama verde ou mato alto, uma trave simbolizando um campo de futebol de bairro, aberto. Um homem e um jovem no meio do campo. O jovem sendo o goleiro devido as luvas na mão e o mais velho o que vai fazer a tentativa ao gol. Os dois estão com mesmo uniforme blusa e chuteira da marca Nike, uma marca que lembra a deusa grega da vitória. A bola que se encontra mais próximo ao jovem tem cinco símbolos Nike. A roupa do jovem tem símbolos Nike na blusa, nas luvas, na chuteira enquanto que a do homem somente na blusa, embora os desenhos e as cores sejam bem parecidos. O homem neste cenário parece olhar para outro lugar que não onde o jovem se encontra, ele se encontra distante da bola e distante do gol. Enquanto que o jovem tem os olhos negros o mais velho tem os olhos bem delineados. O cabelo do jovem é igual ao do homem, até com uma espécie de topete para o mesmo lado.</p> <p>Este desenho nos remete ao pai ou alguém muito especial que esteve junto deste jovem jogando bola ou ensinando a viver, que não conseguiu voar, ir para outros lugares, sempre teve esse sonho, mas acabou se distanciando. Uma pessoa que se tem como ídolo.</p>	
UNIDADE DE REGISTRO DE REPRESENTAÇÃO		<b>CORPO-MARCA</b>
FICHA DE ANÁLISE SEMIOLÓGICA		
MATERIAL: <b>DESENHO G04 - DYLAN MARLEY</b>		

DESENHO	<p>Obs: A cor negra da bandeira simboliza uma negação e repulsa a todas as formas de estruturas e organizações opressivas.</p> <p>Uma paisagem de um campo de futebol de bairro, onde se pode ver o céu cheio de nuvens e num dia chuvoso. O sol está representado pelo símbolo anarquista pela posição em que o colocou próximo as nuvens. Como se a luz que devesse refletir para todos seria a da Anarquia, a ausência de governo. No meio do campo entre as duas traves sem rede estão duas pessoas, dois jovens e entre eles uma bola de futebol com o nome Nike bem definido juntamente com o símbolo. Eles parecem estar se organizando para jogar bola. A chuva não toca ainda eles, fica até a marca do teto da trave, na iminência de tocá-los, parece um momento petrificado, guardado na memória. O jovem da esquerda está vestido com o um short que rapaz o símbolo do time de futebol Corinthians, patrocinado pela Nike e provavelmente o time que torce. Na camisa do jovem do lado direito está o número um.</p> <p>Esta foto traz o laço de amizade, a brincadeira de jogar bola sem compromisso só para se divertir. Algo feito no cotidiano e sem preocupação. A parceria e a necessidade do outro para pelo menos trocar passes.</p>	
UNIDADE DE REGISTRO DE REPRESENTAÇÃO		CORPO-MARCA
FICHA DE ANÁLISE SEMIOLÓGICA		
MATERIAL: DESENHO G04 - MISS MODEL		

DESENHO	<p>Num panorama geral ela traz a iluminação das seguintes palavras escritas dentro de dois balões de pensamento: <i>“apaixonada pelo esporte. Todos os tipos de esporte. Aprovo e respeito”</i> e <i>“diversos tipos de esportes...”</i> uma seta voltada para a reticências, como se chamasse atenção para sua afeição por todos os tipos de esporte. Dentro de painel cheio de momentos da vida ela traz: a infância dizendo em cima de um desenho de uma criança loira dentro da água <i>“Bem pequena”</i> e uma seta indo para outra palavra e um outro momento da vida dizendo <i>“Educação Física me ajudou”</i> fazendo-nos pensar sobre algo que aconteceu na infância que precisou de auxílio. Mais acima, ela dentro da água numa piscina com um balão de coração e duas palavras que emergem da água para fora entre aspas: <i>“esporte”</i> (de cor verde) e <i>“natação”</i> (com sublinhado verde e aspas verdes) a esperança estava no esporte e também na natação, mas de formas diferentes. Ao lado direito da folha, entre o desenho da piscina tem um balão de formato de coração cinza mostrando a diferença entre seu gostar. E ao seu lado tem várias meninas e meninos jogando bola, numa espécie de pátio escolar com uma bola preta. Percebemos a distinção entre os sexos pela forma que se reporta as meninas, todas de cabelo longo com corpo delgado em formato de letra ‘i’ minúscula, e os meninos com roupas azuis e cabelo curto.</p> <p>Neste desenho temos a presença de uma identificação em várias partes de sua vida, como se fosse uma espécie de iluminação para algo que se mostrava como sombrio, uma doença.</p>
UNIDADE DE REGISTRO DE REPRESENTAÇÃO	
CORPO-MARCA	

## APENDICE U - FICHA DE ANÁLISE SEMIOLÓGICA - DESENHOS G05

FICHA DE ANÁLISE SEMIOLÓGICA		
MATERIAL: <b>DESENHO G05 - BIANCA</b>		
DESENH O	<p>O quadro que forma este desenho é uma paisagem natural. Um dia de sol, com nuvens e pássaros voando ao céu. A esquerda uma árvore, grama e três flores de cor rosa. Ao lado uma casa de número 100 com uma janela e bem pequena. E ao lado da casa, na parte e fora uma mulher de vestido abaixo do joelho e salto alto, com lágrimas nos olhos pensando está seguinte frase: “Fico triste em saber que meu bairro não tem lugar para praticar LAZER”.</p> <p>A parede e o telhado da casa, partes da árvore, e o delineamento do corpo tem a mesma cor ou tons bem próximos de marrom pode estar relacionado com a natureza ou com a melancolia.</p>	
UNIDADE DE REGISTRO DE REPRESENTAÇÃO		<b>CORPO-EMOÇÃO</b>
FICHA DE ANÁLISE SEMIOLÓGICA		
MATERIAL: <b>DESENHO G05 - MIKE</b>		
DESENH O	<p>Uma paisagem natural num dia ensolarado. Um parque com árvores grandes e frondosas que impedem até a passagem dos raios do sol. Entre as árvores um homem e um cachorro como se estivessem passeando nesse espaço. E um pensamento sai deste homem: “<i>Olá! Eu sou o Mike. Fico feliz em descobrir que eu posso praticar lazer com meu cachorro</i>”. Momentos cotidianos compartilhados com um animal especial. Árvore nos remete a vida em ascensão, em crescimento no caso dele voltado ao conhecimento do que o lazer faz com ele e como ele transforma o espaço sabendo mais sobre o lazer.</p>	

UNIDADE DE REGISTRO DE REPRESENTAÇÃO		CORPO-EMOÇÃO
FICHA DE ANÁLISE SEMIOLÓGICA		
MATERIAL: <b>DESENHO G05 - GUERRINHA</b>		
DESENHO	Um desenho onde estão cinco pessoas diferentes e com diferentes cores de camisas e tamanhos que nos remete a idades diferentes.	
O	Da esquerda para direita, um menino e seus braços não aparecem e acima de sua cabeça escrito “zzz” remetendo quando se está com sono; ao seu lado uma mulher com cabelos emaranhados e de blusa amarela com braços erguidos, muito feliz; ele ao centro por ser a cor que chama mais atenção e por ter a frente uma espécie de mureta ou bancada escrito “ <i>Apenas ser feliz</i> ” que deixa visível somente a parte superior do corpo, da cintura para cima. Depois uma menina de cabelo longo blusa amarela e braços voltados para baixo, mas com mãos visíveis e por último uma menina pequena com cabelo amarrado e dois corações pequenos saindo de sua cabeça, com blusa cor vermelha. Todas as cores das camisas são diferentes em algum aspecto, principalmente no seu delineamento. Olhado somente para eles percebemos um túnel, uma corrente de energia de diversas cores que estão acima de suas cabeças como na frente de seus corpos, uma mureta energética.	
UNIDADE DE REGISTRO DE REPRESENTAÇÃO		CORPO-EMOÇÃO

